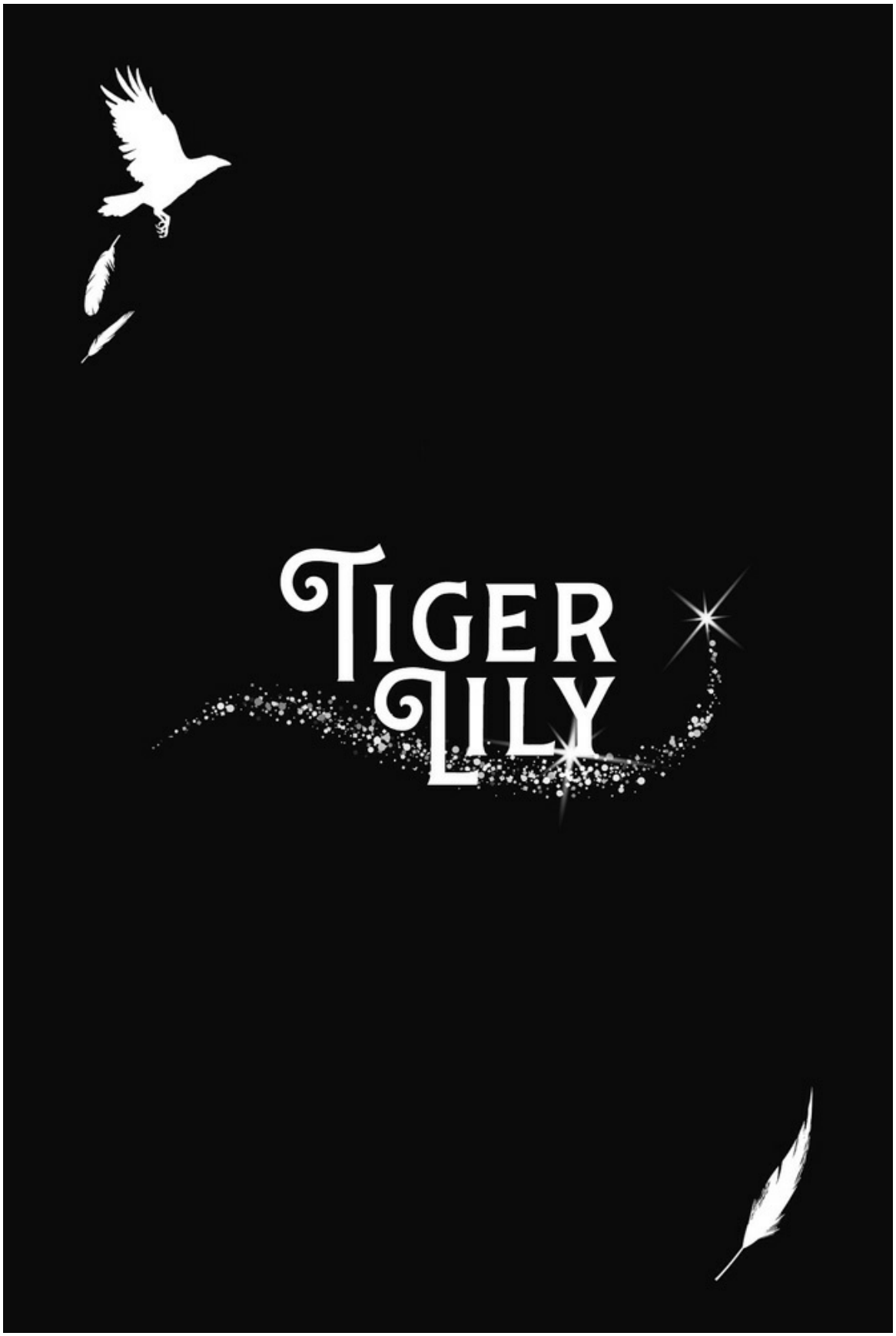
UM DOS CEM MELHORES LIVROS YOUNG ADULT
DE TODOS OS TEMPOS - TIME MAGAZINE

TIGER LILY



Jodi Lynn Anderson


TIGER
LILY



Jodi Lynn Anderson

TIGER LILY





MORROBRANCO
EDITORA



SUMÁRIO

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Agradecimentos
Sobre a autora
Créditos



Jodi Lynn Anderson

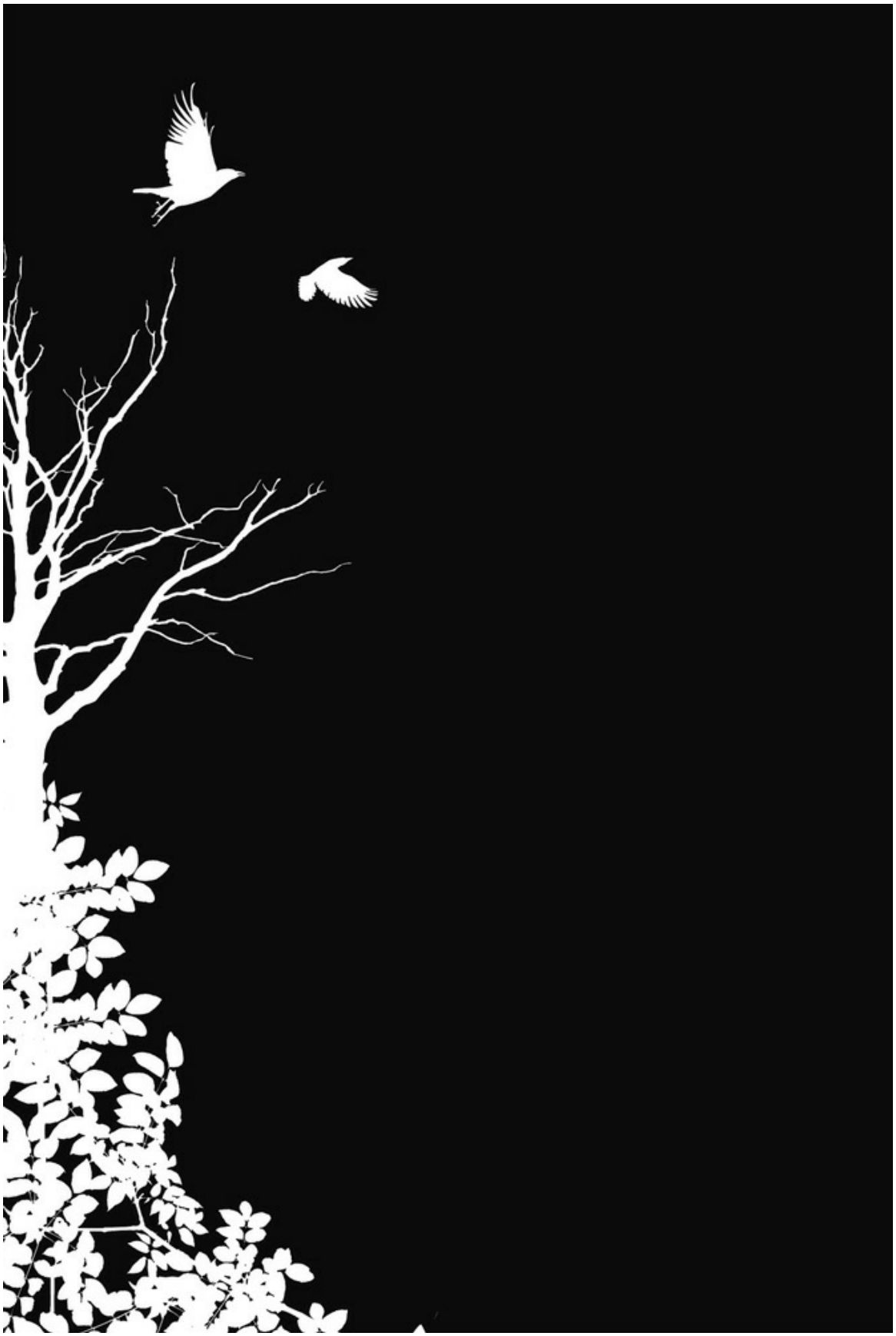
TIGER LILY

Tradução
Cláudia Mello Belhassof

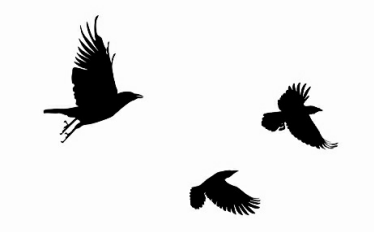
MORROBRANCO
EDITORA



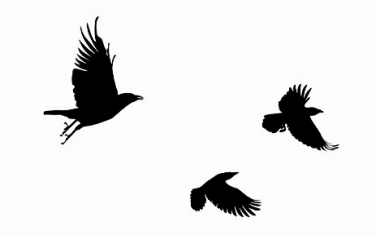




Para as meninas com cabelos bagunçados e corações sedentos

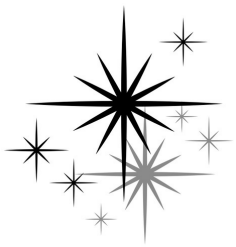






Eu não devo falar com você, devo pensar em você quando sentar-me sozinho ou acordar sozinho à noite,
Eu devo esperar, não duvido que lhe reencontrarei,
Devo garantir que não vou perder-te.

WALT WHITMAN, A UM ESTRANHO



PRÓLOGO

Ela está de pé no penhasco, perto da antiga casa de pedra em ruínas.

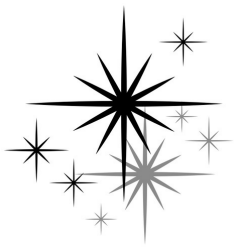
Não há mais nada na casa, exceto uma mesa de pernas para o ar, uma concha e uma tigela de barro. Ela fica ali por mais de uma hora, sentindo arrepios e tremores. Nesses momentos, não se abre comigo. Passa as mãos sobre o corpo, como se verificasse que ainda está ali, com o coração pulsando e batendo. Os membros são macios e fortes, finos e vigorosos, os cabelos compridos, pretos, desordenados e brilhosos, apesar da sua idade. Você não saberia, ao vê-la, que ela viveu por tempo suficiente para procurar pelo que está do outro lado da água. Oitenta anos depois, ela ainda tem quinze anos.

Hoje em dia, não existe um mundo novo. Os mapas há muito foram criados e continuam iguais. As pessoas conhecem as formas da África, da Ásia e da América do Sul. Sabem quais animais eram míticos e quais não eram. Peixes-boi são reais, sereias não são. Rinocerontes existem, monstros marinhos não. Não há mais serpentes marinhas protegendo redemoinhos mortais. Existem piratas, sim, mas não há nada de romântico neles. O resto é história, e as histórias foram colocadas em seu devido lugar.

Agora, os forasteiros ficam de olho em seus próprios litorais, e nós no nosso. Distantes demais da rota, fomos ignorados, e a maioria de nós não pensa no mundo lá fora. Só ela e eu somos diferentes. Todo mês, mais ou menos, ela vem aqui e olha para o mar, e todas as crianças da aldeia sussurram sobre ela, até as dela. Isso se tornou um ritual.

E, quando emerge de seu sonho, ela me chama pelo meu antigo nome, embora ninguém mais o use. E ela vira para mim, os cílios batendo devido ao brilho que me rodeia, e sussurra uma única palavra.

— Sininho.



CAPÍTULO 1

Deixe-me contar uma coisa logo de início. Esta é uma história de amor, mas não como as que já ouviu. O menino e a menina estão longe de ser inocentes. Vidas amadas são perdidas. E o bem não vence. Em alguns lugares, existe, enfim, alguma coisa boa sobre finais. Na Terra do Nunca, esse não é o caso.

Para entender o que é ser uma fada, alta como uma noz e geneticamente dotada de asas – e que acabou por testemunhar essa série de eventos –, você primeiro precisa entender que todas as fadas são mudas. Em algum ponto da nossa evolução, na longa e tortuosa jornada de ameba a libélula e a fada, a natureza deve ter decidido que a fala não era necessária para que pudéssemos sobreviver. É bom, de certa forma, não ter uma língua. Faz com que você veja coisas. Você não volta sua atenção para balbuciar sobre si mesmo, transmitindo os seus pensamentos e as suas opiniões a todos que estejam ao alcance do ouvido – como as pessoas costumam fazer –, mas para observar. Foi assim que as fadas se tornaram tão empáticas. Estamos tão sintonizadas com a batida de um coração, com o toque variado de um pulso, com os zunidos das sinapses de um cérebro, que quase entramos na mente dos outros. A maioria das fadas desliga isso ao passar seu tempo apenas com outras fadas. Elas fazem colônias em tocos de árvores e mal se arriscam a sair, exceto para caçar mosquitos. Fico entediada com isso. Gosto de voar e de ficar de olho nas coisas. Foi assim que eu vi tudo, desde o início. Alguns poderiam me chamar de enxerida. É o que minha mãe diria, pelo menos.

Naquela manhã, eu estava a caminho para ver alguns gafanhotos. Eles tinham invadido e comido todas as partes boas de uma colônia de fadas perto do rio, e eu nunca tinha visto um gafanhoto. Eu estava voando em uma missão de curiosidade quando passei pelas meninas num campo de mandioca.

Elas estavam cultivando tubérculos – na tribo, isso era trabalho de mulher. Todas no início da adolescência: algumas das meninas estavam crescendo desajeitadas, mas ainda completamente à

vontade em seus corpos, com membros desengonçados que expressavam seus pensamentos mais passageiros, enquanto outras eram curvilíneas e carregavam essas curvas como novas ferramentas que estavam conhecendo. Reconheci Tiger Lily instantaneamente; já a tinha visto antes. Ela se destacava como uma combinação de pantera peregrina e menina. Ela espreitava em vez de caminhar. Seu corpo ainda mantinha a invencibilidade de uma criança quando, na idade dela, deveria ter cedido caminho para curvas frágeis e flexíveis.

Eram Comedores de Céu, uma tribo cujas vidas estavam sempre ligadas ao rio. Eles pescavam e cultivavam mandioca na clareira ao longo da margem. Um comedor de céu vagando distante na floresta densa e impenetrável era como uma fada vagando pelo território de caça de um falcão. Só acontecia raramente. Então, quando ouviram o barulho através das árvores, a maioria das garotas gritou. Tiger Lily empunhou sua machadinha.

Pedra apareceu primeiro, abrindo caminho pelos galhos. Os outros meninos apareceram atrás dele. Seiva de Pinheiro, o último e mais fraco de todos, fechou a retaguarda. Todos estavam sem fôlego e sem camisa. Era um grupo musculoso e bem organizado, com Seiva de Pinheiro magricela se arrastando atrás.

Pedra gesticulou para que as meninas fossem com eles.

— Vocês nunca vão acreditar.

As meninas seguiram os meninos pela floresta, e eu segurei numa franja da túnica de Tiger Lily porque também estava curiosa – e ela corria mais rápido do que eu queria voar. E assim passamos pela última das árvores que levavam até o penhasco. A vista para o mar estava aberta, e eu ouvi um ruído escapar dos lábios de Tiger Lily, um grito baixo, e também o ouvi nos lábios das outras garotas quando chegaram atrás dela. Ali, sobre a água, havia um navio grande, um esqueleto contra o céu, desmoronado e batendo nas rochas perto da costa, destruído e afundando. A cena era repleta de azuis profundos e cinzas e brancos, e as ondas selvagens levantavam tudo como respirações profundas e ofegantes.

Olhando mais de perto, dava para ver pequenas pessoas cor-de-rosa – miúdas, caindo e se segurando. Eu soube de imediato que deviam ser ingleses, um povo que sabíamos existir do outro lado do oceano.

— Eles estão morrendo — sussurrou uma das garotas, uma coisinha fraca cujo nome eu sabia ser Olho da Lua, gesticulando com os braços magros.

Rochas se elevavam entre os deques do navio. Pedaços de madeira corriam para o mar e desapareciam. Pessoas pequenas se jogavam dali aos montes.

Seiva de Pinheiro deu uma cotovelada no braço de Tiger Lily; ele apontou, seu dedo serpenteando para traçar uma linha mais adiante. Um pequeno barco a remo se movia em direção à costa como um percevejo de água, mas dava para ver que estava preso nos destroços.

Tinha apenas um ocupante – uma figura frágil, um homem solitário. Ele estava indo para a costa com todas as suas forças e não chegava a lugar algum. Enquanto olhávamos, as ondas o

fustigavam, até que finalmente foi derrubado do barco, embora tenha conseguido se agarrar ao remo de alguma forma. Parecia estar morto. Mas, segundos depois, ele se atirou de volta a bordo.

O pequeno barco parecia prestes a virar, já estava com água pela metade, e o homem não era um exímio marinheiro, virando constantemente o barco de lado quando deveria estar apontando verticalmente contra as ondas. Mesmo assim, ele remava e remava e, apesar de tudo, e para nossa surpresa absoluta, o barco de repente abriu caminho para sair dos destroços e chegou às águas tranquilas junto à praia. O homem desabou para a frente por um instante, como se estivesse morto, depois começou a remar, calmamente, em direção à costa. Várias pessoas no nosso grupo soltaram a respiração. Eu também, embora ninguém pudesse me ouvir.

Para mim, parecia que ele estava trocando um lugar mortal por outro, e que ficar à deriva no mar não era mais seguro do que entrar na ilha sem conhecer seus perigos. A floresta o comeria vivo, até mesmo seus ossos.

Os jovens da tribo estavam todos se entreolhando com uma combinação de euforia e medo, com exceção de Tiger Lily, dura e indecifrável, com os olhos no homem abaixo. Seiva de Pinheiro pegou a mão dela e a puxou para longe da beira do penhasco; ela estava tão perto que o vento poderia tê-la levado.

— Eles vão decidir o que fazer com ele — disse Pedra.

Todos os habitantes da Terra do Nunca conheciam o perigo que os ingleses traziam consigo.

As crianças correram para casa para ver o que o conselho da aldeia ia fazer. Eu fiquei e assisti ao navio se debatendo nas ondas por mais um tempo, depois voei para alcançá-las.

Esse foi o início, ou pelo menos o início do início, das mudanças que estavam a caminho para Tiger Lily: a chegada de um pequeno homem num pequeno bote salva-vidas. Naquela época, eu conhecia Tiger Lily havia anos. Também conhecia um pouco de sua história: Tic Tac, o xamã, a encontrara enquanto estava colhendo alfaces selvagens para remédios, sob uma flor – ou abandonada ali ou escondida de algum perigo por alguém que não sobreviveu para buscá-la. Ele a chamara de Tiger Lily, em homenagem à flor embaixo da qual estava, a colocara nos braços e a levara para casa. Quando ela cresceu o suficiente para parecer uma menina de verdade, construiu uma casa para ela perto da dele, no caminho que levava à floresta, e a colocou ali. Não queria que ela pegasse seus vestidos emprestados.

Tic Tac morava numa casa de argila que ele próprio construíra – a mais intrincada da aldeia. Era minha casa preferida para dormir quando eu estava de passagem, porque tinha os melhores recantos, e uma fada sempre gosta de dormir em lugares apertados por medo de predadores. Ele tinha visto construções como aquela em uma das outras tribos da ilha – a Tribo dos Pântanos, que vivia nos pântanos de lama entre velhos ossos de animais pré-históricos – e tinha arrastado a caixa torácica inteira de um animal para casa a fim de fazer a estrutura. Com a habilidade que

ninguém mais tinha em nenhuma aldeia, ele havia construído prateleiras e janelas por dentro, para criar uma habitação que envergonhava o restante das casas simples da tribo.

No momento, ele estava sentado ao lado de uma lareira quente ali dentro, enquanto o sol se punha e a noite chegava fresca, como costumava acontecer no fim da estação seca. Ele usava um longo vestido de couro tingido com framboesas – seu preferido –, tinha os cabelos trançados nas costas e uma correia de couro amarrada na cabeça com uma pena de pavão na parte de trás. Sua postura era reta e graciosa como a de qualquer mulher. Seus olhos estavam fechados em concentração e seus lábios se moviam numa conversa com os deuses invisíveis que, como xamã, ele visitava nos transes. Sem fôlego, Tiger Lily entrou na sala em silêncio e parou, esperando que ele terminasse.

Numa aldeia onde tudo era uniforme e arrumado, a casa de Tic Tac era como um tesouro. A luz da lareira lançava sombras nas paredes curvas onde ele mantinha sua curiosa coleção de pertences: minúsculos crânios de pássaros, penas, algumas pedras que se pareciam com qualquer outra pedra, mas que ele adorava, e uma amada coleção de itens exóticos que tinham surgido na costa ao longo dos anos, que ele encontrara vasculhando o litoral da Terra do Nunca – um livro com as páginas grudadas e a tinta borrada, uma taça de metal manchada e, a mais amada de todas, uma caixa que dizia a hora, ainda tiquetaqueando, seu mecanismo de alguma forma tendo sobrevivido a um naufrágio ou a uma longa jornada vindo do continente pelo mar. Os ingleses dividiam a infinitude do mundo em segundos e minutos e horas, e Tic Tac achava isso maravilhoso.

Tiger Lily atravessou a sala em silêncio, examinando o relógio, o pequeno pedaço de metal que ele usava para dar corda, e virou o ouvido para o tiquetaque alto e constante; Tic Tac tinha trocado o próprio nome em homenagem a esse barulho numa cerimônia solene assistida por toda a aldeia.

Ela sentiu um movimento e virou para ver que ele a estava observando.

— Bem, minha pequena fera, ouvi dizer que temos um visitante — disse ele, olhando-a de cima a baixo com um sorriso divertido. Ela sempre conseguia parecer uma fera selvagem, manchada de lama e caótica. Seu cabelo estava sempre escapando da trança e grudando no rosto, colando nela, coberto de terra.

— Vamos ajudá-lo? — perguntou ela.

Tic Tac balançou a cabeça.

— Não sei.

Tiger Lily esperou que ele falasse mais, tentando ao máximo continuar num silêncio respeitoso.

Tic Tac espalhou um pouco do carvão que costumava usar para delinear os olhos.

— Você viu meu cachimbo? — perguntou ele.

Então se levantou e andou pela casa, procurando. Ele o havia esculpido durante mais de duas semanas de trabalho longo e complicado, mas era o quinto que tinha feito. Ele sempre perdia as

coisas. Por fim, o encontrou enterrado sob as cobertas.

Voltou sua atenção para a pergunta dela e suspirou. Os ingleses já tinham vindo à Terra do Nunca. Tinham trazido seu idioma e o dado, como um presente, à Tribo dos Pântanos, que o passaram às outras tribos ao longo dos anos. Mas também tinham trazido um desconforto estranho para a natureza, eram barulhentos e negligentes na floresta, e eram assassinados por piratas, que odiavam seus conterrâneos mais do que qualquer outra coisa na Terra e gostavam de matá-los de imediato. Também trouxeram febres e resfriados incapacitantes, mas não era isso que os Comedores de Céu temiam.

Os ingleses tinham a doença do envelhecimento. Com o passar do tempo, ficavam grisalhos, encolhiam e morriam inexplicavelmente. Não que os habitantes da Terra do Nunca não soubessem nada sobre a morte, mas não como uma entrega lenta, e certamente não como algo inevitável. Isso, mais do que as feras da sua própria ilha ou do que os brutais habitantes piratas da costa oeste distante, era o que invadia sorrateiramente seus sonhos à noite e os perseguia em pesadelos.

Nunca dava para saber quando alguém ia parar de envelhecer na Terra do Nunca. Para Tic Tac, foi depois das rugas terem formado longos rastros profundos em seu rosto, mas, para muitas pessoas, era muito antes. Algumas pessoas diziam que isso ocorria quando a coisa mais importante que aconteceria com você desencadeava algo interno que o impedia de seguir em frente, mas Tic Tac achava que isso era superstição. Tudo que se sabia era que você chegava a uma idade e ficava lá, até que um dia um acidente ou uma batalha com os perigos da ilha o reivindicava. Por isso, às vezes, as filhas ficavam mais velhas do que as mães, os netos ficavam mais velhos do que os avós, e a idade era apenas uma característica, como a cor do seu cabelo ou a quantidade de sardas na sua pele.

Era por causa da doença do envelhecimento, Tiger Lily sabia, que os Comedores de Céu não queriam ajudar o inglês. Não queriam pegar o que ele tinha.

Mas alguma coisa na pequena figura solitária, flutuando de uma morte certa para outra, a atraía – eu conseguia ouvir. (Como fada, você consegue ouvir quando uma coisa atrai alguém. É como o som de uma nota baixa e profunda numa corda de violino.)

— Ele não vai sobreviver sem a nossa ajuda — disse Tiger Lily. — Devemos ser corajosos, não é? — As rugas no rosto de Tic Tac se moveram em resposta. A história que elas contavam era familiar para ela.

— Não ignoro seu amor pelas causas perdidas, querida. Mas você precisa ter cuidado com quem conhece — disse ele, cuidadosamente enchendo o cachimbo. — Você não pode desconhecê-los. — Ele deu um trago demorado. Estar perto de Tic Tac sempre dava a sensação de que tudo no mundo estava exatamente no lugar em que deveria estar, e que se precipitar por qualquer coisa seria um insulto e um desperdício. — E você deveria estar pensando em outras coisas. Está ficando velha demais para correr frenética como faz. Limpe-se. Escove o cabelo. Tente parecer uma menina.

— Eu faço isso se você tentar parecer um homem.

Ele deu um sorriso amargo, porque ambos sabiam o quanto isso era impossível; ele não tinha essa característica em si. Tic Tac era tão feminino quanto um homem poderia ser, e todos simplesmente aceitavam isso, como aceitavam a cor do céu e o fato de que a noite sucedia o dia. Ressentido, ele soprou a fumaça do cachimbo em Tiger Lily. Eles ficaram sentados e observaram as cores pela janela. Do meu poleiro numa prateleira, inspirei a névoa que se desenrolava e dissipava: o tabaco deixava as cores densas, os cheiros mais fortes. Lá fora, visíveis pela janela, todos estavam se dispersando da fogueira. As meninas estavam andando na frente, e os meninos estavam correndo para alcançá-las. Havia, como sempre, uma dança entre eles, da qual eu nunca vi Tiger Lily participar.

Ela deitou de costas e empurrou os pés contra a parede, secou uma camada de suor do pescoço, apesar de o ar estar frio. Bateu os pés na parede num ritmo agitado.

Tic Tac lançou um olhar sagaz para ela.

— Você está inquieta. Tudo é pequeno demais para você, incluindo seu próprio corpo. Essa é a sensação de ter quinze anos. Eu me lembro.

Houve um barulho na entrada e ambos levantaram o olhar e viram Seiva de Pinheiro, pálido, com Olho da Lua atrás, parecendo pensativa e triste, como sempre.

— Eles decidiram deixar o inglês morrer — disse ele.

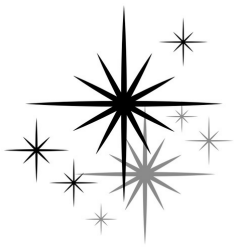
Eu estava dormindo numa folha perto da fogueira principal quando a ouvi sair da cabana.

Ela foi ao rio para se lavar, depois que todos tinham ido para a cama. Crocodilos às vezes abriam caminho até o interior, mas eu sabia que ela não tinha tanto medo deles quanto alguns dos outros, e que gostava de nadar sozinha depois que escurecia. Seguindo-a de volta para sua casa, vi que havia uma vela queimando numa das cabanas. A de Seiva de Pinheiro. Ele provavelmente estava trabalhando em um projeto ou mergulhado em seus pensamentos profundos. Eu sabia, pelas noites que dormi na aldeia, que ele sofria de insônia.

Quando Tiger Lily saiu de novo de sua casa e foi para a praça, estava com uma sacola de comida.

Ela partiu antes que o sol nascesse, com suas flechas amarradas nas costas.

Eu a vi ir, intrigada, mas também sonolenta, confortável e contente. Voltei a dormir antes mesmo de pensar em segui-la.



CAPÍTULO 2

Antes de abandonar a mim e minha mãe por uma ninfa de olhos cintilantes chamada Belladonna, meu pai me contou algumas coisas. Ele disse que troncos podres eram os melhores lugares para mosquitos. Disse que os humanos não eram confiáveis. E me alertou para ficar longe de Peter Pan.

Falou tudo isso enquanto traçava para mim quais partes da ilha eram território proibido e quais não eram. Ele o chamou de Pan no início. Sinalizou numa forma de linguagem que só as fadas conhecem: Ele sabe voar. Ele tem chifres. Ele come homens. E vai te matar se te vir.

Aprendi mais sobre ele pelas outras fadas depois. Minha amiga de infância Mirabella e eu costumávamos pensar nisso antes de dormir. Nunca tínhamos visto os meninos perdidos; não sabíamos exatamente o que eram – fantasmas, demônios ou homens vivos. Eram as únicas criaturas na floresta que não conseguíamos encontrar para espionar, mas eles deixavam evidências de si mesmos: carcaças de feras e presas em seu rastro, e às vezes um crânio de pirata pendurado numa árvore. Eles deixavam rastros em todos os lugares e, de vez em quando, deixavam marcas de mãos enlameadas e, ocasionalmente, artefatos curiosos – como uma máscara de papel maché ou um minúsculo veleiro de madeira – para nos lembrar de sua presença. Às vezes, o vento carregava seus gritos e assobios até nós enquanto estávamos deitadas em nossos recantos acolhedores, bem no fundo de troncos vazios podres. Pareciam conhecer melhor a floresta do que nós, e nós conhecíamos a floresta como nossas próprias asas. Esses meninos eram conhecidos pela violência; por comerem animais selvagens crus com os próprios dentes e por roubarem meninas que andavam sozinhas. Imaginar o que acontecia com essas meninas humanas depois que eram roubadas me fazia estremecer. Meu pai me dissera para nunca me aproximar do território deles. Fadas e tribos chamavam essa parte da floresta de "proibida".

Entretanto, depois que meu pai partiu, tive um desejo irresistível de desobedecer a todas as regras que ele me impusera. Voei por toda a região que deveria evitar, procurando um

emocionante vislumbre dos meninos, e quando ficava cansada ou com fome, parava na aldeia dos Comedores de Céu, para comer as pulgas que sempre podem ser encontradas perto dos animais que as pessoas criam.

Os seres humanos são conhecidos por matar fadas e nos usam como decorações festivas e brilhantes para certos rituais. Mas os Comedores de Céu e algumas outras tribos consideraram essa prática bárbara. Eu raramente me sentia nervosa ao sentar e comer entre eles, mas sempre era divertido observá-los. Eram coloridos, para começar. As mulheres deixavam o cabelo ficar comprido e o prendiam de um jeito elaborado, e os homens – Tic Tac, o xamã, sendo a exceção – mantinham um corte curto. Tinham uma grande tradição de arte e faziam belas roupas para si mesmos. Tentavam ouvir os deuses nas árvores, nas nuvens e na água, embora nunca conseguissem ouvir claramente o que diziam.

Foi durante uma dessas visitas que vi Tiger Lily pela primeira vez.

As crianças estavam a importunando. Isso, em si, não foi o que chamou minha atenção; numa aldeia típica, as crianças geralmente são quase tão cruéis quanto os adultos. O que me chamou a atenção foi sua imobilidade. Sua compostura absoluta de pedra, como se a aldeia pudesse estar em chamas e ela não notasse nem se importasse. Ela era como uma nuvem escura. Estava parada, antes de completar oito anos, o cabelo preto desgrenhado descendo até a cintura, os braços cruzados sobre o peito.

A provocação se transformou em empurrões até que uma menina, Botão de Magnólia, a empurrou contra um tonel de caldo frio de peru do dia anterior, e todas as crianças de repente se juntaram para levantá-la e colocá-la dentro da panela, e depois fecharam a tampa sobre ela. Botão de Magnólia sentou na tampa enquanto todas as crianças sussurravam empolgadas umas para as outras, e a menina embaixo lutou e depois ficou em silêncio. Um grupo de corvos nas proximidades se envolveu na agitação e soltava guinchos agudos para as crianças.

Finalmente, ouvindo a perturbação, uma mulher – Tia Agda, eu soube mais tarde – apareceu, e as crianças fugiram. Sem saber que a panela de peru continha uma criança, ela se afastou para realizar suas tarefas.

Não houve nenhum som durante vários instantes. E aí a tampa finalmente se moveu, e Tiger Lily saiu, ofegando em busca de ar, tremendo e exausta. Ela foi para casa em silêncio. Tic Tac a ajudou a limpar o caldo e as tiras de peru do rosto. E, quando Botão de Magnólia foi encontrada dois dias depois na trilha da aldeia, sufocada até a morte com um pedaço de peru da sopa daquela noite e com um corvo sentado no quadril como um agouro, as crianças – e, na verdade, a maioria dos adultos – decidiram que ela era protegida pelos corvos.

Se era verdade ou não, eu não conseguia ouvir sua mente fundo o suficiente para saber. Mas uma tarde, depois que as crianças a chamaram de garota dos corvos e fugiram por medo dela, eu a vi enfiando uma pena de corvo nos cabelos. Depois desse dia, manteve a pena ali.

Dali em diante, eu estava perdida. Virei uma fã dedicada. Não sei o que Tiger Lily deve ter pensado de mim. Eu não parecia estar em sua mente de maneira alguma. Ela deve ter percebido

minha presença cada vez mais constante voando atrás de si, ou no alto, ou pousando em uma de suas franjas, mas era como se ela me aceitasse como parte da paisagem.

Eu não era a única a me agarrar a ela sem ser percebida. Havia também Seiva de Pinheiro. Ele nascera raquítico e um pouco assimétrico. Um de seus olhos cor de mel sempre parecia semicerrar um pouco, fazendo com que seu rosto também parecesse assimétrico. Por mais que tentasse, ele não conseguia desenvolver a sede de sangue que fazia os outros meninos terem sucesso nas caças – estava sempre ocupado demais pensando nas coisas. De alguma forma, quando crianças, ele e Tiger Lily tinham sido colocados juntos – ambos desajustados ou, como eu gostava de pensar, estranhos pássaros exóticos, um feroz demais para ser rotulado como menina, e o outro hesitante demais para ser respeitado como menino. Desde então, ela nunca se livrou dele, embora muitas vezes tentasse fazê-lo. Ainda assim, Seiva de Pinheiro não era do tipo cujo ego era ferido com facilidade. Sua admiração por Tiger Lily era firme, duradoura e empacada, e não oscilava nem mesmo quando ela o ignorava por completo.

Muitas vezes, quando eu passava pela aldeia, via a mãe dele, na frente da cabana da família, chamando-o, seu cabelo escuro e farto todo torto, sua voz rouca por mais uma briga com o pai dele. Seiva de Pinheiro chegava, silencioso e com os olhos no chão, e esperava que ela despejasse sua raiva sobre ele. "Olhe como você está deformado! Está com a forma daqueles choupos tortuosos nos penhascos!" ou "Como foi que eu gerei uma criatura tão estranha?". Ela demonstrava seu amor por ele tentando diminuí-lo em público e em particular. Seiva de Pinheiro ouvia com calma, e acenava com a cabeça de vez em quando, para ela saber que estava sendo ouvida. Era quase como se ele a presenteasse com seu silêncio, de modo que toda a raiva dela tivesse um lugar para se instalar.

Mas, às vezes, ele não aparecia quando ela chamava, e onde ele estava? Seguindo Tiger Lily por um pântano, segurando as aranhas e os répteis que ela capturava e descartava distraidamente nas mãos dele, escorregadias de lama, carregando o arco dela como um serviçal, ouvindo-a grunhir e xingar pelas injustiças que as pessoas empilhavam sobre ela. Ele até ouvia mais do que seus sons, porque Tiger Lily era uma menina de poucas palavras. Ele ouvia com os olhos, observava expressões faciais, julgava a linguagem corporal e, portanto, interpretava Tiger Lily melhor do que qualquer outra pessoa. Talvez ele fosse atraído para ela por isto mais do que qualquer outro motivo: Seiva de Pinheiro tinha o dom de detectar mentiras a um quilômetro de distância. E Tiger Lily era a única pessoa que ele conhecia que nunca fingia.

Eu a via de vez em quando durante seu crescimento. E, enquanto crescia, ela caçava, corria, aperfeiçoava sua mira e suas habilidades com o remo. Era como se tivesse uma consciência instintiva de que tinha de fazer um pouco a mais para ser aceita. Durante muito tempo, ela andou com os meninos, indo caçar com eles, dominando nas lutas na lama. Só que era muito boa em tudo. Era rápida demais; sua mira era boa demais. Sua confiança silenciosa lhe deu uma reputação de ser arrogante, e os meninos – todos exceto Seiva de Pinheiro – não gostavam de ser sobrepujados. Então, no seu décimo terceiro aniversário, eles lhe disseram que não poderia mais

se juntar a eles nas caçadas. Sem uma palavra de queixa, ela começou a caçar sozinha, nas mesmas áreas, e muitas vezes os encontrava com um veado ou um coelho pendurado nas costas enquanto eles estavam de mãos vazias.

— Essa criança vai passar a vida sozinha — Tia Agda gostava de dizer entre um muxoxo e outro, e todo mundo parecia concordar, exceto seus pretendentes. Eles começaram a aparecer quando Tiger Lily tinha sete anos (como filha adotiva do xamã, sua posição era cobiçada). Vinham de tribos próximas e distantes: a Tribo dos Pântanos e a Tribo dos Penhascos que ficava nas montanhas nevadas e cobertas de pinheiros. O temperamento dela naquela época era um espetáculo a ser contemplado. Ela os perseguia com uma machadinha, com olhos assassinos. A machadinha tinha sido presente de Tic Tac, embora ele não a tivesse dado com esse objetivo. (Tia Chama, uma das matronas, até chegou a sugerir seu próprio filho, Gigante, como companheiro ideal de Tiger Lily, mas todos simplesmente gargalharam disso, porque Gigante era um tonto.)

Geralmente, porém, Tiger Lily reservava sua fúria interior para a defesa de causas perdidas. Como quando os meninos faziam bullying com Seiva de Pinheiro, que sempre parecia estarrecido demais para retaliar. Ou quando as crianças provocavam Tia Chama por causa de suas rugas, embora ela não fosse nem um pouco amiga de Tiger Lily. Ela deixara dois garotos inconscientes em uma discussão sobre Olho da Lua, e as pessoas diziam que ela atingira ambos com um único golpe. Até me defendeu uma vez, embora possa ter sido uma coincidência. Pedra estava tentando me matar para fazer uma luz noturna para sua cabana. Tinha me encurralado em uma fenda de pedra e estava se movendo para dar o golpe quando Tiger Lily apareceu do nada, com a machadinha na mão, e o deixou petrificado até se afastar. Foi a primeira vez que achei que ela podia saber que eu existia. Mas sua mente estava tão sombria naquele momento que eu nunca soube com certeza. De qualquer maneira, não importava se Tiger Lily tinha ou não a intenção de me salvar. Era a garota mais interessante que eu já tinha visto, e não consegui resistir a ficar perto dela para ver o que aconteceria a seguir.

Uma aldeia tão ordenada quanto a dos Comedores de Céu deseja que seus membros se encaixem com perfeição. Tiger Lily não se encaixava, por isso as fofocas a perseguiam. Quando tinha quinze anos, sua idade no dia do naufrágio, dezenas de opiniões pousavam em cada rastro oco deixado pelos seus pés. Dava para ouvir os pensamentos enquanto eu voava pelo ar ou quando estava empoleirada num telhado de feno me permitindo ser penteada pelos grilos. Havia boatos entre os jovens de que, à noite, ela se transformava em seu espírito de corvo, e eles apostavam uns com os outros para deixar pilhas de pedras em frente à porta dela como um ato de bravura, temendo que pudessem olhar pela janela e ver apenas um corvo os encarando. Ela recolhia as pedras na manhã seguinte, desnorteada. O medo e, sim, um pouco de inveja de sua

independência selvagem a seguiam lado a lado. Mas, se ela um dia se transformou num corvo e saiu voando em aventuras noturnas, eu nunca vi.

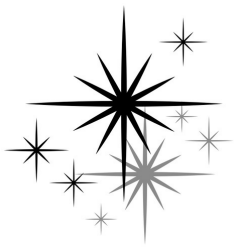
Ainda assim, quanto mais eu ficava perto dela, mais conseguia ver as cores da sua mente e o âmago do seu coração. Havia uma fera ali dentro. Mas havia também uma menina que tinha medo de ser uma fera e que indagava se outras pessoas também tinham feras em seus corações. Havia força, e também havia simplesmente a determinação de parecer forte. Ela protegia a si mesma como a um segredo.

Agora, mesmo depois de observá-la durante anos, eu ainda conseguia ser surpreendida. Estava levando alguns trevos para casa no crepúsculo, e acabando de passar pela fogueira do conselho quando houve uma agitação, e uma figura tenebrosa apareceu. Ela fez o grupo bem organizado ao redor da fogueira estremecer, e algumas tigelas cuidadosamente assentadas caírem no fogo. Ela se aproximou tão silenciosamente que não a notaram. Estava tão imunda que levei um instante para reconhecê-la.

Seus braços estavam empilhados com objetos forasteiros: um telescópio, um espelho e uma pequena caixa de madeira. Ela soltou a carga e olhou para todos com seus olhos inescrutáveis, a pena de corvo inclinada.

Parada ali em pé, os cabelos colados nas costas, cobertos de suor, com sangue nos ombros onde um coelho que acabara de ser assassinado estava deitado, flechas apontando por cima da cabeça, era uma visão triunfante e temível. Ninguém poderia adivinhar como seu coração estava martelando.

— Eu salvei o inglês — disse ela. Todos se dispersaram.



CAPÍTULO 3

No crepúsculo seguinte, a música familiar da mãe de Seiva de Pinheiro o repreendendo com palavras como "você é um erro" e "você parece uma menina" se espalhou pela aldeia. Os Comedores de Céu tentavam respeitar a privacidade uns dos outros, mas, em momentos como estes, alguns encolhiam os dedos dos pés e trincavam os dentes com frustração e piedade. Um ou dois até soltavam risinhos cínicos e murmuravam que isso ia desenvolver o caráter de Seiva de Pinheiro. Tiger Lily o encontrou na trilha perto do pátio poeirento das galinhas, alimentando os pintinhos.

Ele levantou o olhar para ela. Quando ela deu um passo à frente, ele empacou.

— Não se preocupe, não vou me aproximar muito — disse ela. Tiger Lily passara o dia todo observando as próprias mãos, procurando sinais de envelhecimento. Verificando seus longos cabelos pretos em busca de fios grisalhos. Todos na aldeia pareciam ter adotado a mesma ideia. Indo e vindo da praça central ou passando por ela em trilhas, eles abriam caminho como se ela fosse uma brisa fria, com medo de pegar a doença do envelhecimento agora que tinha interagido com um inglês. Sussurravam sobre Tic Tac tê-la deixado ficar selvagem durante tanto tempo, e como isso contribuíra para sua traição. Todos fizeram parte do debate sobre como deveria ser punida. Mas, até agora, ela conseguira ignorar a todos. Exceto Tic Tac, que estava com o rosto sombrio e um humor tenebroso enquanto fazia suas visitas pela aldeia, entregando remédios, entoando os cânticos necessários e simplesmente sentando para escutar aqueles que precisavam de um ouvido. Não era do feitio dele ficar furioso, e Tiger Lily o observara com culpa.

— Não estou preocupado — disse Seiva de Pinheiro. Depois olhou de novo para os pintinhos. — A mãe cuida tão bem deles, não é? — disse ele, gesticulando para a galinha mãe, que estava orgulhosamente acima da ninhada, pegando minhocas para eles.

Um fluxo de compaixão percorreu Tiger Lily. E um impulso momentâneo de aterrorizar a mãe de Seiva de Pinheiro. Ela queria dizer alguma coisa encorajadora a ele, mas as palavras não

vinham. Olhou pensativa para a trilha e ficou surpresa ao ver Tia Chama apoiada numa cerca olhando para ela, um sorriso estranho brincando nos lábios.

Eu tinha aprendido a desgostar da Tia Chama ao longo dos anos, quase tanto quanto não gostava do seu filho imbecil, Gigante. Sua mente era um borrão de cores arrojadas e malícia radiante. A casa de Gigante – em cuja cerca Tia Chama estava apoiada agora – era uma das únicas em que eu não dormia, por causa dos horríveis ruídos e odores que o homem produzia enquanto dormia. Às vezes era visto sentado do lado de fora, sugando os dentes, tirando pedaços de migalhas e examinando-as, ou fitando as meninas. Ele chegou aos cinquenta anos antes de seu envelhecimento estagnar. Todos suspeitavam de sua disposição taciturna de se manter envelhecendo por tanto tempo – afinal, quando se é tão rabugento, é difícil acontecer alguma coisa importante com você. Aos cinquenta, seu irmão foi comido por uma fera enquanto estava caçando, e isso pareceu acontecer na mesma época em que Gigante finalmente parou de envelhecer para sempre.

A aldeia era pequena, mas havia grandes personalidades que a mantinham agitada, e Tia Chama e seu filho eram duas delas. Eles eram tolerados porque todos que nasciam na tribo faziam parte da família, aconteça o que acontecer. O olhar da matrona fez Tiger Lily se sentir incomodada e cercada.

— Curva? — perguntou ela a Seiva de Pinheiro.

— Sim. — Ele simplesmente começou a andar, e ela acertou o passo ao lado dele.

Eles caminharam até a curva do rio, tiraram as roupas e entraram na água. Era o segredo deles, porque a aldeia faria um escândalo se soubesse que um menino e uma menina estavam nadando nus juntos, mesmo que os dois fossem praticamente irmãos, como Tiger Lily e Seiva de Pinheiro. Na água, ao contrário de na terra, Seiva de Pinheiro era gracioso. Ele se mantinha distante dela, e ela tinha o cuidado de não se aproximar dele.

— Como era o inglês? — perguntou Seiva de Pinheiro.

— Ele não tinha cabelo. Estava muito doente — disse ela. Seiva de Pinheiro não podia ter esperado muito mais do que isso; Tiger Lily não era de falar muito. — Preciso voltar para ele.

O conselho da aldeia e, mais importante ainda, Tic Tac, a tinham proibido de ir a algum lugar até que decidissem como puni-la.

— E agora todos estão com medo de encostar em mim — disse ela. — Eles deviam estar mesmo, acho.

Seiva de Pinheiro virou de costas para boiar. Tiger Lily percebeu que, na água, sem a sobrecarga do peso do corpo, Seiva de Pinheiro nadava tão bem quanto qualquer pessoa.

Aterrissando numa folha flutuante, mergulhei um dedo do pé na água; com a noite esfriando, a água estava quente e convidativa, mas não entrei por medo de ficar encharcada e presa à sua superfície brilhante. Fadas muito mais fortes do que eu tinham se afogado dessa maneira.

A aldeia, parcialmente visível através das árvores, apresentava um brilho laranja cintilante vindo das diversas fogueiras. Os sons de fala ecoavam pela colina, assim como o cheiro de carne

assando na fogueira principal.

Tiger Lily estava tentando dizer alguma coisa, mas teve que pensar vários momentos antes de falar.

— Você não é um erro — comentou finalmente.

Seiva de Pinheiro andou sob a água.

— Obrigado. Eu sei. Só que… Não sei o que fazer além de ser paciente com ela. Todos têm suas próprias razões para ser como são, acho.

Ele parecia tão triste que Tiger Lily o provocou para uma corrida.

Eles saíram salpicando água de um lado para o outro do rio, depois sentaram à beira da água para comer algumas frutinhas que Tiger Lily encontrou. Ofegantes, eles comeram, Tiger Lily com voracidade.

Tinha se tornado um hábito passar horas com Seiva de Pinheiro desse jeito, apesar de ela achar que não se importava muito com ele. Era como se ele fosse um pedaço de si mesma que não podia deixar de lado por muito tempo. Pairei perto do ombro dele. No crepúsculo, seus olhos castanhos estrábicos assumiam um brilho pálido que parecia minúsculas chamas de velas. A centelha lhe dava a aparência de estar numa piada que ninguém além dele entendia.

Eles se secaram meticulosamente e, enquanto caminhavam, passaram por Tic Tac. Ele mal olhou para os dois.

Durante todo o jantar, todos se asseguraram de sentar longe de Tiger Lily. Muitas pessoas nem olhavam para ela, por medo de pegarem o envelhecimento pelos olhos. Só Tia Chama parecia analisá-la sem piscar e sem medo.

Na manhã seguinte, Tiger Lily estava de pé antes do amanhecer, trançando os cabelos de um jeito desleixado e inserindo a pena de corvo, e eu estava caçando meu café da manhã entre os insetos que pairavam ao redor da luz de sua lanterna. A luz matinal trouxe barulho e atividade, e a paz de antes da aurora se esvaiu rapidamente. Quando o sol estava surgindo sobre as copas das árvores, eu a segui até lá fora para sentar junto à fogueira com as mulheres e as meninas, como Tic Tac a encorajara recentemente a fazer.

Quando ela sentou, todas se moveram nos troncos e se encolheram juntas. Elas teriam protestado se ela não fosse filha de Tic Tac, mas ele era um homem que, presente ou não, merecia respeito. O cheiro de terra, grama e folhas secas flutuava pelo ar.

Tia Agda, Tia Pés Grudentos e Tia Chama eram as matronas que estavam na fogueira. Tia Pés Grudentos era chamada assim por causa de uma vez em que andou sobre piche quente e seu pé ficou grudado numa galinha que correu na frente dela um instante depois. Uma pena ficou queimada no seu pé para sempre, transformando a sola num fóssil vivo. Tia Agda era uma mulher bondosa, com aparência mais jovem que as outras duas, mas na realidade muito mais velha. Era recatada por natureza, mas estava sempre disposta a ajudar alguém com qualquer coisa. Tia Chama, ainda olhando para Tiger Lily da mesma maneira estranha e satisfeita que na noite

anterior, era a líder do grupo, espirituosa, cheia de informações (não importava se eram corretas ou não – ela sempre falava com tanta confiança que parecia verdade).

— Aqui. — Tia Agda estendeu a mão de um jeito tímido e colocou uma cesta de fios ao lado de Tiger Lily, tomando cuidado para não encostar nela.

— Nosso pequeno pássaro da morte — disse Tia Chama, puxando um fio no manto de camurça e mal levantando o olhar. Suas pulseiras de casamento faziam barulho enquanto batiam umas nas outras. Era uma lembrança do marido falecido há muito, assassinado por feras. — Eu achava que os pássaros deviam ser bonitos — disse ela com um sorriso irônico para as outras mulheres, depois mordeu o fio para parti-lo. Muito tempo atrás, as delicadas feições da Tia Chama tinham se perdido nas rugas da pele, de modo que seu rosto parecia ter sido esmagado numa superfície dura e deixado desse jeito. As outras mulheres pareceram se irritar com seus comentários hostis, mas mantiveram seus pensamentos para si mesmas. Eles simplesmente se espalhavam, como bocejar.

Algumas das meninas mais novas abafaram o riso. Tiger Lily baixou o rosto para o próprio trabalho. Ela estava fazendo um cinto. Os fios estavam totalmente embolados, e as cores eram conflitantes. Seus dedos se moviam como pedaços de carne. Do outro lado do círculo, Olho da Lua lhe lançou um simpático sorriso solitário. Em contraste com o de Tiger Lily, o trabalho de Olho da Lua era intrincado e bonito, suas mãos delicadas se movendo como pequenos gafanhotos, ligeiras e firmes. Ela era um fiapo de gente. Sentada ali, tão delicada e sonhadora, parecia que alguém tinha lhe dado apenas meia vida. Ouviam-se sussurros entre a tribo de que ela não viveria muito, era tão pequena e magra, com dedos de pena e uma voz crepitante. Ao lado dela, as outras meninas teciam com mãos habilidosas, embora seus projetos fossem muito mais mecânicos e menos criativos que os de Olho da Lua.

As mulheres davam suas opiniões sobre o que deveria ser feito com Tiger Lily.

— Podia ter sido pior — disse Tia Agda, baixinho, suave e quase inaudível. — Podiam ter sido os meninos perdidos.

Isso provocou sorrisos lúgubres nas jovens. Tia Seixo Saltitante sibilou e cuspiu num gesto de superstição. Várias mulheres estalaram os dedos com entusiasmo no gesto peculiar da tribo. Mas elas também estavam um pouco desalentadas. Os meninos perdidos figuravam numa história adorada para assustar as crianças mais novas e a elas mesmas. Era como se elas se sentissem atraídas pela ideia de monstros espreitando na floresta e, ao mesmo tempo, ficassem horrorizadas com isso. Eu também senti meu coração bater um pouco mais rápido.

— O que você fez foi muito corajoso — disse Tia Pés Grudentos, suas palavras reduzidas, mas não indelicadas —, mas os homens não querem mulheres valentes. Eles querem mulheres que os façam sentir que são homens.

— Eu não me importo com isso — disse Tiger Lily baixinho. As meninas riram e as mulheres ficaram em um silêncio constrangido enquanto trabalhavam, exceto Tia Chama, que nunca tinha autoconsciência suficiente para se sentir constrangida.

— Tic Tac nasceu para ter os dois gêneros — disse Tia Chama de um jeito rígido. — Foi assim que ele foi feito. Mas você é uma menina. Um dia você vai querer ser prisioneira de alguém que não seja você mesma.

Tiger Lily baixou o olhar para o trabalho e preferiu não responder.

Elas estavam terminando quando Tic Tac saiu de sua casa e se aproximou. Seu coração estava tão pesado que todos conseguiam sentir, e os pelos se eriçaram nas nucas. Os meninos, esgotados e exaustos da caça, vieram observar.

Tic Tac parecia não ter dormido, e como se tivesse algo a dizer. Todos ficaram calados.

— Tiger Lily, decidimos que, como você já foi exposta, pode voltar a visitar o inglês, se ele ainda estiver vivo, e descobrir o que puder para nós.

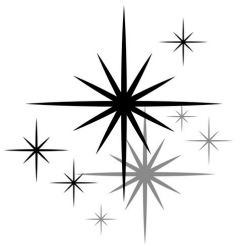
Tic Tac afundou ligeiramente aqui. Parecia cansado, esgotado e derrotado.

— Mas as pessoas da aldeia sugeriram que você correu solta por muito tempo. — Curiosamente, suas pálpebras começaram a tremer, como se os minúsculos músculos tivessem enfraquecido e seus olhos estivessem vidrados de lágrimas. Tiger Lily, que nunca tinha visto Tic Tac tão perturbado, foi assolada por um medo repentino e ardente. — Como xamã, decidi que você deve se casar. Ele olhou ao redor do círculo, e seus olhos pousaram na Tia Chama, depois voltaram para Tiger Lily quase involuntariamente. — Você vai se casar com Gigante no fim da estação quente.

O olhar de Tia Chama se revelou: triunfo. De todas as pessoas sentadas ao redor da fogueira, ela era a única que não estava surpresa com a notícia.

Tiger Lily ficou imóvel como se fosse uma presa e sua vida dependesse de fundir-se ao ambiente. Mas, pelos olhos arregalados e pelos lábios abertos e ofegantes, todos estavam imóveis. Havia apenas um movimento real. Uma figura se moveu ao lado de Tiger Lily, e um conjunto de dedos escorregou entre os dela.

Ninguém pareceu notar que Seiva de Pinheiro tinha arriscado a própria vida ao segurar a mão dela.



CAPÍTULO 4

Eu me mudei para a aldeia permanentemente naquela semana. Até então, levava e trazia minhas coisas daqui para lá, nunca dormindo no mesmo lugar mais do que alguns dias seguidos. Mas agora eu sentia necessidade de ficar perto de Tiger Lily. Não sei se achei que poderia protegê-la ou se eu só precisava ver como as coisas iam terminar para ela. Mas, de alguma forma, parecia importante estar lá. As fadas podem ser infalivelmente fiéis, mesmo, ao que tudo indica, a alguém que não parece notá-las. E eu me sentia fiel à menina com pena de corvo nos cabelos.

Tia Chama não perdeu tempo para colocar Tiger Lily para trabalhar, agora que ia ser sua sogra. Ela proibiu as caminhadas de Tiger Lily na floresta e suas caçadas solitárias. Fez com que ela assumisse tarefas domésticas para ela e o filho, mesmo que Tiger Lily nunca tenha sido boa em manter sua própria casa e suas roupas em ordem. A única coisa que Tia Chama não podia proibir era o retorno de Tiger Lily ao inglês.

Tiger Lily viu Gigante enquanto saía da aldeia na manhã seguinte, pela primeira vez desde o noivado.

Quando Gigante parou de envelhecer, seu crescimento em anos pareceu ter sido substituído por uma arrancada no crescimento físico: ele era enorme – cada parte dele. Era fácil confundi-lo com uma rocha caminhando pela aldeia; às vezes, isso parecia mais verossímil do que o fato de que a forma que vinha na sua direção era realmente um homem. Ele encontrou o olhar dela, com os olhos embotados. O único cumprimento que ele deu foi sugar os dentes em direção a ela. Conforme ela se afastava, a piedade da aldeia a seguia, da mesma forma que o medo sempre o fizera.

Ela entrou atordoada na floresta. Ouvi insinuações de sua perplexidade a cada respiração que ela dava ao caminhar, e até senti seu cheiro na brisa que bagunçou seus cabelos. Na Terra do Nunca, o ano era dividido em três estações: a seca, seguida da estação úmida, e depois a estação quente, quando tudo florescia e crescia no calor úmido. O fim da estação quente estava a nove

luas de distância. Ela ainda não havia compreendido totalmente o que isso significava ou como as coisas tinham mudado, daqui a nove luas, ela estaria casada. Sobretudo, ela não conseguia entender Tic Tac.

Era uma hora de caminhada até o seu destino. A casa onde tinha deixado o inglês era remanescente de missionários visitantes que, incapazes de lidar com o calor, as feras e os piratas, tinham morrido em algum lugar da floresta. O teto ainda estava intacto, junto com três paredes de pedra, já que a quarta tinha desmoronado com os anos de vento rigoroso. Através da janela nos fundos da casa, tinha-se uma vista do mar além da Terra do Nunca, e abaixo, ondas famintas marulhavam contra uma faixa estreita de litoral. O vento fustigava a casa constantemente; na estação chuvosa, isso podia ser mortal. Em suma, o lugar era solitário e tormentoso.

A casa cheirava a mofo, e o frescor acariciou as bochechas de Tiger Lily. Encostado numa parede havia um catre duro com um colchão de palha. Lá, encolhido, estava deitado o inglês. Sua cabeça calva brilhava na luz fraca. Ele piscou para nós por trás de um par de óculos tortos mas intactos, porém não se mexeu nem disse uma palavra. Tiger Lily desembrulhou o alimento que tinha levado e sentou na beira da cama para tentar alimentá-lo, mas ele não queria comer. Verificou o tornozelo dele, que ela havia enfaixado para estabilizar um osso quebrado. Também enfaixara seu peito, mas não tinha certeza de quantas costelas ele havia partido. Despejou água em sua boca. Em seguida, ela sentou e o observou e esperou. Ele dormia profundamente.

Apática e ansiosa por uma tarefa, ela logo fez a difícil descida até a praia para pegar as muitas coisas que tinham sido trazidas pelo mar até a costa, fazendo o imenso esforço de levá-las até a casa enquanto eu me escondia entre os ramos pendurados no penhasco, de olho nos falcões que gostavam de procurar presas na beira do mar. Uma mala de lona. Algumas roupas. Os corpos haviam desaparecido, comidos por tubarões ou levados por sereias para usar os ossos em suas habitações no fundo do mar.

Quando ela voltou, sentou um pouco mais na escuridão, esperando e ouvindo. Depois simplesmente começou a trabalhar. Triturou uma mistura de argila e feno para enfiar nos buracos das paredes para proteger contra o vento. Ela suou e cozinhou e secou alimentos e pertences.

O inglês estava acordado na vez seguinte que olhei, e a observou indo e vindo. Ele tinha começado a comer. Suas bochechas redondas inflaram, e ele gaguejou uma palavra, os lábios tremendo:

— Phillip. — Ele levou a mão frágil ao peito.

Ela colocou a mão no próprio peito e disse:

— Tiger Lily.

— Um navio virá nos procurar — disse ele, com esforço. Umedeceu os lábios algumas vezes, depois assentiu, se acalmando. Ele estendeu o braço e deu um tapinha na mão de Tiger Lily. Ela não se esquivou.

Me perguntei sobre o navio do homem. A Terra do Nunca ficava tão profunda e aconchegantemente escondida num canto remoto do Atlântico, tão distante de qualquer outra

coisa interessante e tão cercada de marés e correntes violentas e intransitáveis, que os navios que acabavam aqui geralmente só o faziam por acidente. Encontrar a ilha de propósito, eu tinha ouvido os piratas alegarem ao longo dos anos, era quase impossível. Os próprios piratas haviam chegado por acaso na ilha, muito tempo antes, durante uma fuga, e agora se abrigavam numa enseada no remoto lado noroeste entre uma e outra incursão nas distantes rotas comerciais.

Tiger Lily abriu uma mala, seu conteúdo surpreendente e imaculadamente seco. Ela tirou alguns livros, que, para ela, continham apenas símbolos sem sentido.

Phillip fez um gesto ansioso e murmurou:

— Pode pegar. — Ele tentou dar um sorriso encorajador. — É um livro maravilhoso. Você merece.

Tiger Lily olhou para a capa, depois para ele, insegura.

— Você sabe ler? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça. Ela não sabia, mas Tic Tac sabia. Tinha tentado ensiná-la, anos antes, mas ela não teve paciência para isso.

Quando começou a escurecer, Tiger Lily construiu uma fogueira. Ela tentou imaginar de onde o inglês tinha vindo, mas todo o mundo fora da ilha parecia impossível, como uma história. Eu me escondi atrás de um tronco para ficar perto das chamas e vê-las dançar. Brinquei com as faíscas, jogando-as nos seixos.

Finalmente, ela se agachou ao lado da cama de Phillip para se despedir.

— Eu vou voltar — disse ela. — Prometo que vou cuidar de você.

Ele fez que sim com a cabeça. Mas, quando ela estava prestes a ficar de pé, ele colocou algo em suas mãos. Uma caixa minúscula que tinha saído de uma das malas. Dentro havia um fino colar de ouro, com um pingente de ouro ornamentado que segurava uma pequena pérola pendurada na ponta.

— Você devia ficar com isso. — Seus olhos castanhos se iluminaram por um instante, por trás dos óculos. Ele umedeceu os lábios e engoliu em seco. — Era da minha esposa. É precioso para mim. — Mais uma vez, seus lábios rachados se abriram num sorriso frágil.

Tiger Lily segurou o colar, profundamente curiosa. Apesar de velhas conchas aparecerem no litoral o tempo todo, ela nunca tinha visto uma pérola. O colar era o objeto mais requintado que ela já tinha segurado. Fazendo uma careta, Phillip colocou as mãos no estômago. Ele era um homem corpulento, mas estava claramente desnutrido, agora.

— Não perca — disse ele. E fez uma fraca tentativa de sorrir.

Tiger Lily pendurou o colar no pescoço.

Lá fora tinha esfriado um pouco, mas o ar ainda parecia úmido e quente quando saímos, pouco antes do crepúsculo.

Ela desceu até a fronteira da floresta, segurando o livro, que planejava dar a Tic Tac. Seus pensamentos voltaram para a aldeia.

O céu sumiu quando ela entrou na parte densa da floresta, e eu tinha voado alto para dar uma boa olhada nas estrelas. Ela logo foi envolvida num casulo de ruídos noturnos… insetos mordiscando plantas ou zunindo, folhas farfalhando. O calor imóvel e espesso nos envolveu numa fina camada de suor, e Tiger Lily estava amarrando suas longas tranças pretas na parte de trás da cabeça quando uma voz baixa surpreendeu seus ouvidos, perto o suficiente para sobressaltá-la.

Ela se escondeu no mesmo instante, mantendo o corpo bem perto de uma árvore, sua vida áspera respirando sob suas mãos. Em seguida, estimando a localização da voz, seguiu em direção a ela em silêncio absoluto, com os sentidos afiados. Ela não percebeu que tinha vagado para dentro das baixadas emaranhadas do território proibido até depois, quando era tarde demais.

Quase imediatamente, chegou a uma lagoa profunda e escura. Ela parou de repente na beira da água.

Esperou por vários minutos e estava prestes a virar e seguir para casa, quando houve um movimento entre os galhos à sua esquerda.

No escuro, eu mal consegui vê-lo. Estava coberto de lama e camuflado nas árvores. Andava de maneira desajeitada, como algo inconsciente de si mesmo. Seu cabelo estava coberto de terra e nenhum dos seus traços era visível, exceto seus olhos, que cintilaram sob a luz da lua, e eu vi um relance de seus traços iluminados pelo amarelo: um rosto pálido, harmonioso e cheio de vida. Ele não era terrivelmente grande em termos de constituição física. Havia uma delicadeza em seus ombros; eram como asas de frango. Abaixo de mim, Tiger Lily também estava congelada.

Um bebê estava escondido ao lado dele nas sombras. O bebê arrulhou.

Claramente, ele ainda não tinha nos visto. Estava trabalhando em alguma coisa, e eu consegui ver, quando meus olhos se ajustaram, que era uma lança.

Eu nunca tinha visto uma criatura como ele. Não era nada parecido com os homens das aldeias – sistemáticos e com boa postura, altivos e fortes. Nem era parecido com os das tribos de toda a ilha – a Tribo dos Penhascos ou a Tribo dos Pântanos. Parecia muito jovem e também frágil.

Houve um som enlameado e molhado atrás dele. Se virou e, enquanto fazia isso, analisei a lagoa negra que ele agora encarava, imóvel e espelhada sob a lua. E aí surgiu uma bolha na superfície, e uma figura resvalou para fora da água escura. Sem esforço, a figura escalou uma rocha destacada não muito longe da costa. Um trecho de luz da lua que atravessava as nuvens passou por cima dela, revelando metade de uma mulher – uma sereia. Seu cabelo comprido estava molhado e colado nas costas. Ela acenou no escuro, e ele acenou em resposta. Ele foi até a água e disse alguma coisa em voz baixa, e ela riu. Deu outro passo em direção à beira da água. E ela disse o nome dele.

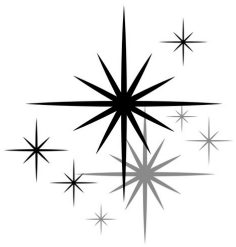
— Pan.

Abaixo de mim, Tiger Lily se assustou. A árvore tremeu, quase imperceptivelmente, em seus braços. Não foi nada. Mas o suficiente para ele notar que ela estava lá. Ele levantou o rosto, os olhos cintilantes. Tiger Lily se abaixou atrás de uma árvore e desapareceu, e eu flutuei para os galhos.

Ele se moveu na nossa direção.

Observei do alto enquanto ele a caçava. Dava para ouvi-lo respirar, tentando ouvir o que estava se escondendo dele. Tiger Lily mirou numa árvore a poucos metros de distância e saiu em silêncio, se escondendo atrás da seguinte. Ela escolheu outra árvore e, mais uma vez, correu em direção a ela com pés silenciosos. Cada um aguardou o outro surgir. Ele desapareceu nas árvores atrás de uma pequena clareira à esquerda dela. Ela aproveitou a oportunidade para desviar para a direita, atrás de uma rocha. E, desta forma, eles ziguezaguearam até a fronteira do território proibido, onde as raquíticas e emaranhadas várzeas deram lugar a terras elevadas e árvores mais altas. Os pés dela encontraram os pontos expostos entre rochas e sobre galhos. E aí ela estava além do limite das baixas plantas pantanosas e subindo para um território familiar.

Ela sabia como desaparecer nesta floresta. Muito tempo depois, eu o ouvi andando de um lado para o outro pelas árvores, mas nós escapamos pelas sombras, e dessa forma fizemos a lenta jornada para casa, chegando muito tempo depois do anoitecer.



CAPÍTULO 5

Tic Tac fechou o livro que Tiger Lily havia trazido. Seu cabelo estava uma revelação nesta manhã, uma trança lustrosa que ele havia feito na aurora, entrelaçada com pequenas conchas do mar. Colocou o livro na prateleira ao lado do seu relógio. Ele o estava lendo por muitas horas de cada vez durante dias.

— Adorei — disse ele. — Obrigado, mais uma vez. — Ele parecia estar sustentando o peso do ar quando se levantou, lento e cansado. — Você está pronta?

Tiger Lily concordou com a cabeça.

Desde que ela era criança, Tic Tac a levava com frequência consigo em suas expedições de colheita, dizendo que precisava de uma pessoa para ajudar. Porém, em segredo, era o tempo particular para os dois simplesmente ficarem juntos num silêncio confortável. Agora, o silêncio estava denso e tenso. Tiger Lily estava confusa e magoada, mas preferiu continuar assim a questioná-lo.

Ela manteve a boca fechada enquanto caminhavam, de modo que nem um pouco da sua raiva escapasse. Além dos banhos clandestinos com Seiva de Pinheiro, ela nunca tinha escondido nada de Tic Tac. Evitava seus olhos e mantinha o olhar no seu calcanhar quando ele assumiu a liderança.

Tic Tac bamboleava diante dela enquanto entravam na floresta. Por trás, ele tinha a forma de uma berinjela, seus quadris balançando sob a túnica verde-escuro, as conchas no cabelo reluzindo no sol da manhã.

Depois de vários minutos, eles se ajoelharam nas folhas mortas e escavaram.

Hoje eles estavam procurando raiz de taro, que Tic Tac usava para tratar picadas de insetos.

— É melhor se o inglês morrer — disse ele. — Melhor do que ele sofrer por mais tempo.

Tiger Lily engoliu em seco. Ela tinha estado na casa duas vezes desde nossa primeira visita juntas, e Phillip não parecia estar melhorando. Claramente, Tic Tac achava que ela estava se

agarrando a falsas esperanças. Mas não era exatamente esperança. Ela também acreditava que o homem estava condenado e não conseguia explicar a si mesma por que continuava voltando. Ela puxou a raiz de taro com violência, segurando várias juntas.

— Se ele morrer, foi tudo por nada — disse ela. Tic Tac estremeceu, e ela se apressou a mudar de assunto. — Você realmente precisa de tudo isso? — perguntou ela.

— É sempre bom estar preparado — disse ele. — Você não quer que alguém apareça precisando de ajuda e você não possa dar porque não colheu essa erva.

Eu tinha observado Tic Tac ministrar igualmente suas poções para quase todas as pessoas da aldeia: os velhos e os jovens, os intrometidos, os generosos e os mesquinhos. Sozinha, eu o tinha visto sentado durante noites com pessoas febris, sentado pacientemente ao lado de pessoas cobertas de pomadas para queimaduras ou cortes ou picadas de animais, quando Tiger Lily tentara ficar acordada mas adormecera, determinada mas ainda criança, no fim das contas. Duas vezes eu o vi trazer pessoas de volta da beira da morte em segredo, para que o resto da tribo não pensasse que a pessoa era fraca. E, uma vez, ele tinha cuidado penosamente de Gigante durante quatro noites, que nunca tinha sido bom com ninguém, muito menos com Tic Tac. Ele ficava sentado lá, o rosto enrugado imóvel, os olhos fixos. Muitas vezes fiquei acordada no meu recanto pelo tempo que podia, até meus olhos se fecharem e, mais de uma vez, adormeci atrás do seu relógio e despertava e o via ainda bem acordado ao lado do paciente. Suas coleções – incluindo o relógio atrás do qual eu dormia – e seus cabelos eram suas únicas extravagâncias, as únicas coisas que ele fazia por si mesmo.

Agora eu observava seu rosto enquanto ele e Tiger Lily trabalhavam. Era um rosto fino, delicado e feminino, com lábios carnudos e olhos castanhos adoráveis. Seus movimentos eram inconscientes, mas sempre delicados, humildes, femininos.

— É culpa minha — disse ele de repente, as palavras parecendo estourar o trabalho silencioso. — Eu queria você. Esse foi o meu erro. Eu sabia que nunca teria filhos. Implorei para eles me deixarem ficar com você, mas nunca se ouviu falar num homem adotando uma garotinha. Adotar qualquer criança que não seja um comedor de céu é algo sem precedentes. Como anciã, a decisão de me permitir ou não era da Tia Chama. Ela me obrigou a fazer uma promessa. Quando chegasse a hora de você se casar, deveria ser com o filho dela. Era um segredo. Ela queria que parecesse que eu tinha escolhido Gigante. Casar com a filha do xamã proporcionaria a ele um respeito notável.

Tic Tac se apoiou nos calcanhares e olhou para cima, tirando delicadamente um fio de cabelo solto da testa.

— Sempre consegui enrolá-la. A tribo não a apoiava. Até agora. O inglês e tudo o mais. — Ele suspirou. — Não é culpa sua. Foi meu egoísmo. Não tive coragem de te deixar na floresta. Eu deveria ter deixado outra pessoa ficar com você… Alguém das outras tribos — disse ele. Se apoiou numa palma e, com a outra, puxou uma raiz do chão com força e a arrancou. — Eu podia

ter te contado. Mas não queria que você vivesse sob uma sombra. Eu nunca te impedi de fazer nada.

Tiger Lily ficou em silêncio por um tempo, o cabelo comprido e escuro caindo sobre o rosto, obscurecendo sua expressão, e Tic Tac encarou a raiz nas próprias mãos. Finalmente, ela estendeu a mão para os dedos dele.

— Estou feliz por você ter ficado comigo. É só um marido. Talvez não seja terrível.

— Meu trabalho era te proteger — disse ele. — E eu não fiz isso.

Tiger Lily balançou a cabeça.

— Fez, sim. Estou bem. De verdade, Tic Tac. — No fundo, Tiger Lily também sabia que era trabalho dela protegê-lo.

Tic Tac sorriu, mas seus olhos ficaram marejados. Seu ombro afundou, e ele se equilibrou no ponto onde estava ajoelhado sobre um canteiro de melões-de-são-caetano.

— Eu te decepcionei, pequena.

Ela estendeu a mão para o braço dele.

— Não sou tão pequena. Posso cuidar de mim mesma.

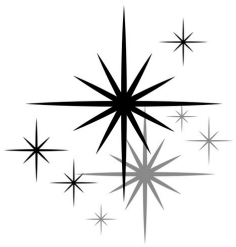
— É, eu sei. — Ele franziu a testa. — Mas você não devia ter que fazer isso. Devia ter alguém para amá-la e cuidar de você. Não como ele.

Tiger Lily não queria que alguém cuidasse dela. Mas eu também ouvi o anseio no coração de Tic Tac, e a solidão de ser um tipo tão singular, sem outra pessoa como ele para abraçar à noite. Ele não queria o mesmo para a filha.

— Você me ama — disse ela. — Isso é suficiente. Nós nos amamos.

— É. Sim, isso é verdade. — Ele sorriu. — Somos uma história de amor.

Naquela noite, do meu poleiro, ouvi alguma coisa atrás da casa, como passos, circulando por trás da cobertura da floresta. Mas, quando olhei, não havia nada lá.



CAPÍTULO 6

Já vi Tiger Lily se mover pela floresta como uma predadora mortal, deslizar com facilidade por trechos de sarça e por cima de pedregulhos, uma pedra caída aqui, uma folha ruidosa ali, por baixo de um galho acolá, tão silenciosamente que parecia ser feita de ar. Mas eu nunca a tinha visto tão decidida em relação a uma coisa como estava com a casa de pedra.

Ela voltava lá sempre que podia. No instante em que terminava de tecer perneiras para Gigante ou de raspar a pele morta dos dedos dos pés da Tia Chama, ela desaparecia por entre as árvores, sem ninguém perceber que havia sumido. Por um tempo, eu estava ocupada demais para segui-la, lidando com algumas fadas de casa que vieram tentar me convencer a voltar para onde eu pertencia. Quando elas finalmente foram embora e eu tive tempo para ir com Tiger Lily, percebi na ida e na volta que espiávamos por entre as árvores, sempre pensando no Pan e nos perguntando se ele estava em algum lugar nos espiando.

As jornadas valiam a pena, porque Phillip estava melhorando. Na última vez, nós o encontramos sentado na cama e descascando um caimito de um maço que Tiger Lily tinha deixado para ele. Nos cumprimentou com a voz forte.

— Em breve vou sair da cama — prometeu de um jeito encabulado. — E vocês não vão ter que cuidar de mim o tempo todo. — Tiger Lily tinha ido embora com um sorriso.

Naquela noite, ao se aproximar da fogueira na praça principal, ela se assustou quando viu que Tia Chama estava esperando por ela, seu corpo flácido iluminado pelo fogo, onde muitos estavam reunidos, digerindo o alimento e conversando até ficarem sonolentos antes de ir para a cama. Todos levantaram o olhar conforme Tiger Lily se aproximava.

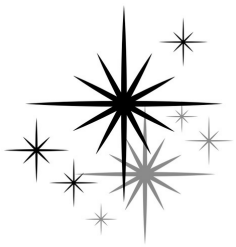
Tia Chama se aproximou dela, segurando alguma coisa nas costas. Num piscar de olhos, ela a puxou e atingiu Tiger Lily no rosto com uma bengala de bambu.

Tiger Lily caiu para trás, e as pessoas ao redor da fogueira se calaram.

— Você pertence a mim, e sua responsabilidade é tomar conta do meu filho, não fugir de casa tarde da noite. Preciso de você para mim nos próximos dias. Nada de casa na floresta.

Ela saiu capengando para a cama.

O restante da estação seca passou. Quando as primeiras chuvas começaram a chegar, o caminho até a casa no penhasco ficou intransitável. Toda tarde uma névoa caía sobre a ilha toda, ameaçando engoli-la. Ficamos impossibilitadas de voltar à casa de pedra por seis dias. Era tempo demais.



CAPÍTULO 7

Tiger Lily estava tentando trabalhar numa bolsa de água para Gigante que Tia Chama exigiu que ela fizesse. Ela ficavava espiando Seiva de Pinheiro e Olho da Lua durante o trabalho, as sobrancelhas franzidas de um jeito ameaçador. Seu trabalho era uma mera sombra do de Olho da Lua e, por algum motivo, ela sentia vergonha quando Seiva de Pinheiro o via.

Eu estava nos refúgios, lidando com meus próprios problemas. Carregava uma gota de chuva para guardar num pequeno buraco na madeira, para poder beber dali no meu tempo livre. Mas cada gota de chuva que eu levantava se partia. A água é tão delicada.

Tiger Lily trabalhou estoicamente na bolsa, como se costurar fosse o pior castigo que se abateu sobre alguém.

Depois, lá fora, houve uma mudança nos sons da aldeia. As mulheres todas se entreolharam, surpresas e em alerta.

De repente, Pedra enfiou o rosto molhado pela janela.

— Piratas — disse ele sem fôlego, a chuva pingando das bochechas e das pálpebras, e saiu em disparada.

Todos se levantaram num instante e saíram da cabana para o dilúvio. Voei para a frente, onde um grupo de homens e garotos tinha se reunido perto da entrada principal da aldeia. As mulheres e as garotas estavam se recolhendo para as casas. Tic Tac orientou Tiger Lily a fazer o mesmo. Mas, assim que parou de olhar, ela seguiu atrás dele.

Diante dos valentes havia uma tripulação de homens usando roupas rasgadas e esparsas.

Tiger Lily se esgueirou lentamente ao lado de Tic Tac, em silêncio, e ele fez um gesto protetor inconsciente para mantê-la afastada. Foi seu único movimento a revelar certo medo ou desconforto. Havia uma trégua entre os piratas e os Comedores de Céu, com base no acordo de que nenhum dos dois lados queria confusão com o outro. Mas havia pouca confiança entre eles.

— Não sabemos nada dos meninos — dizia Tic Tac. — Às vezes ouvimos sons. Nada mais.

O capitão dos piratas não era um homem volumoso, mas os outros eram claramente submissos a ele, os corpos virados na sua direção com nervosismo. O cabelo negro ondulado estava ficando grisalho; tinha bochechas ossudas, e havia um pano velho e manchado amarrado na sua cabeça para conter o cabelo. O grupo todo fedia a azedo, bebidas velhas e imundície.

— Gostaríamos muito de encontrá-los — disse o capitão com educação.

— Não podemos ajudá-lo, amigo.

O capitão deu um sorriso que atravessou seus lábios e ficou ali, como uma máscara.

— Não, claro que não. É, tudo bem.

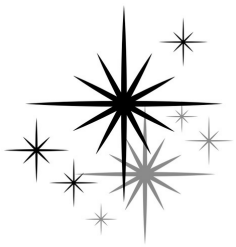
Eles viraram para ir embora e se arrastaram por alguns metros. De repente, o capitão pareceu se lembrar de algo ou sentir alguma coisa, e virou, só que, em vez de encarar Tic Tac de novo, ele direcionou o olhar para Tiger Lily. Seus olhos eram discos achatados, injetados de sangue ao redor do azul vazio, e analisaram as tranças do cabelo dela, passaram no seu pescoço e pararam no colar.

— Que adorável. Alguém lhe deu isso? — perguntou ele. Tic Tac deu um passo protetor em direção a Tiger Lily. Ela encarou o pirata em silêncio. — Parece inglês — disse ele, pensativo.

Ele sorriu de novo, e eu senti o sorriso nos meus dedos e na sola dos meus pés; me invadiu como um espírito maligno, e Tiger Lily estremeceu. Quando ele virou, seus olhos achatados vasculharam o solo de um jeito tão sutil que mal dava para perceber. Mas dava. Tiger Lily viu.

— Bem, obrigado pelo seu tempo. — Ele pareceu satisfeito.

Mais tarde naquele dia, sentada ao redor do círculo das mulheres na cabana de secagem, Tiger Lily de repente se sacudiu. E, naquele instante, eu percebi o que ela fez.



CAPÍTULO 8

As folhas cortavam o rosto dela. Sua respiração estava ofegante. Mesmo em uma corrida alucinada, ela saltava pelas rochas sem errar um passo. Estava no início da subida quando viu a fumaça. Não voei na frente dela. Fiquei no seu ombro e, no estado em que se encontrava, ela nem soube que eu estava ali.

Os troncos estavam no quintal da frente, queimando. A casa tinha sido despedaçada, até mesmo as paredes estavam derrubadas. O inglês tinha sumido. Tiger Lily vasculhou o solo em busca do caminho percorrido, e seus olhos seguiram as pegadas até a beira do penhasco, e um tremor a sacudiu.

Ela sabia o que havia lá embaixo. Piratas.

Tiger Lily afundou no peitoril rochoso. O mar estava na maré alta e batia contra as rochas. E havia arrastado o que os piratas jogaram na costa.

Ela se levantou. Seguiu os rastros. Uma cabeça mais fresca teria se lembrado da trégua.

Os piratas eram adversários violentos, mas não eram furtivos. Com pouco esforço e meio quilômetro depois, estávamos perto o suficiente para eu ouvi-los adiante.

Um homem, careca e lento, mancava atrás dos outros. Ele estava murmurando compulsivamente para si mesmo.

Tiger Lily estava com o braço ao redor do seu pescoço antes que ele percebesse que ela o seguia, e o prendeu contra uma árvore. Sua faca estava na garganta dele, ela se moveu para cortar, mas primeiro olhou nos seus olhos, para que ele soubesse que ia morrer. E ela parou. Ele estava chorando. Pela vermelhidão nos olhos e no rosto dele, ela percebeu que estava chorando há algum tempo.

Ela observou as lágrimas com curiosidade.

Ele não disse uma palavra. Ninguém virou para buscá-lo – nem mesmo pararam no caminho, sem perceber que ele tinha sumido.

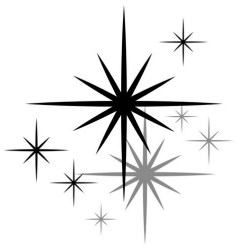
Flutuando atrás dela, dava para ver onde a pulsação de Tiger Lily estava latejando. As lágrimas escorriam pelos nós dos dedos da mão que segurava o pescoço dele.

E não conseguiu fazer a mão se mover para matá-lo. Ela o soltou. Ele caiu de costas na árvore e de quatro no chão, depois se recuperou e olhou para ela. Ele virou e disparou para a floresta, e ela o deixou ir.

Ela cambaleou na direção contrária, no caminho para a casa de pedra.

Tiger Lily não era ela mesma. Tinha deixado pegadas visíveis na lama. Não olhou para trás, não manteve atenção na sua visão periférica como todos os Comedores de Céu eram ensinados a fazer. Tropeçou pela floresta e não o ouviu atrás de si até ele estar com o braço em sua cintura. Ela deu um pinote. Eles bateram numa árvore. Ela chutou e chutou. Mas era tarde demais.

Peter Pan a arrastou para os arbustos.



CAPÍTULO 9

No caos, não o vi amarrá-la. Eu o mordi, mas ele, rápido como um piscar de olhos, me segurou entre os dedos e me deu um peteleco. Depois me esqueceu quando voltou para Tiger Lily.

Tiger Lily tentou se levantar, mas a tontura a fez desabar novamente. Tentou mexer as mãos, mas elas estavam amarradas nas suas costas. Ele estendeu a mão para o pescoço dela, pegou a pérola entre os dedos e, em seguida, com um lampejo da sua adaga, cortou a corrente na altura da clavícula e a amarrou no próprio pescoço. Voei de novo para ele e o mordi bem no ombro. Ele me deu outro peteleco, mal me notando. Pousei numa videira, emaranhada e enroscada.

Ele se ajoelhou diante dela, devagar e em silêncio, e do alto, não consegui definir se era para cortar a garganta dela. Segurou seu queixo e olhou para o seu rosto.

— Você é menino ou menina?

Ela piscou em troca. O rosto dele estava coberto de lama, fazendo seus olhos reluzirem na máscara arenosa de terra que ele usava. O cabelo estava grudado ao crânio. De repente, seus dentes se mostraram através dos lábios num sorriso.

Ela não respondeu. A chuva estava diminuindo e gotejava fazendo barulho nas folhas gigantescas acima. Ela golpeou os dentes dele com a cabeça. Ele soltou um gemido profundo e gutural.

Esperei que ele a matasse ali, mas ele só a encarou e esfregou o lábio em surpresa. O sangue escorria pelo seu queixo, mas foi a surpresa que o manteve ali, encarando-a. E depois ele riu.

— Menino, acho. Você está triste por causa daquele homem — disse. Não era uma pergunta. — Já vi você cuidando dele. No início, achei que era uma menina. Mas você é forte demais. Pensei em acabar com isso antes. É perto demais da nossa floresta — disse ele. — É bom que tenham cuidado dele.

Tiger Lily inspirou. Seu queixo afundou no peito.

Pan fez uma pausa, analisando seu rosto sofrido. Ele parecia estar pensando nas palavras, mas eu não sabia dizer com certeza. Nunca tentei ouvir alguém cujos pensamentos eram tão desordenados.

De repente, saiu em disparada. Tiger Lily tentou se levantar e fracassou. Num instante ele estava de volta com um punhado de orquídeas amarelas pontilhadas, encharcadas e arrancadas pelas raízes, que ele colocou numa pilha. Por baixo da lama, ao redor dos círculos dos olhos, a pele dele era pálida. Parecia macia como veludo. Os olhos eram azuis.

Ele se ajoelhou diante das flores, tão subitamente solene que parecia que estava fazendo uma piada. Tiger Lily o encarou, perplexa. Ele ainda tinha a delicadeza que tínhamos visto na lagoa, mas devia ser enganosamente forte, porque, quando a puxou para o seu lado, ela foi com facilidade, como uma boneca. Ele a obrigou a se ajoelhar.

— Precisamos fazer um enterro — disse ele.

Pan pousou as mãos entrelaçadas no formato de tenda no colo e curvou a cabeça.

Parecia estar tentando se lembrar de alguma coisa, e muito tempo se passou antes de ele finalmente dizer:

— Pai Nosso. Pai Nosso. Pai Nosso. Amém.

Depois ele recuou, e seu rosto ficou inexpressivo de novo. Ele sorriu, os dentes todos brancos.

— Pronto.

Um grito ensurdecedor se ergueu de algum lugar na floresta atrás dele. Tiger Lily se empurrou com mais força contra a árvore.

— São só as sereias — disse ele. — A lua está nascendo.

Em seguida, ele fez uma coisa curiosa. Secou algo da própria faca, o que poderia ser sangue, e esculpiu algumas palavras na árvore logo atrás das flores. Levou vários minutos, mas ele foi meticuloso em cada letra. EN MEMÓRIA DO FORASTERO, dizia. ELE VIVIU E MOREU. Virou-se e sorriu para ela.

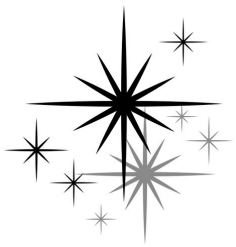
Tiger Lily sacudiu os punhos. Foi o espasmo que a entregou.

O rosto de Peter ficou sombrio e perplexo. Ele alcançou os punhos dela. Foi a coisa errada a fazer.

Mesmo depois de tanto tempo observando Tiger Lily, eu ainda a subestimava. Ela devia estar livre há algum tempo, porque, quando ele se aproximou, lançou toda a sua raiva nele com o próprio peso e o jogou contra uma árvore, com os dedos ao redor do pescoço. Ofegando, com o coração disparado, ela apertou até ele sufocar e deslizar lentamente na árvore, semiconsciente.

Ela o deixou confuso e deitado na terra e fugiu.

Só no dia seguinte Tiger Lily percebeu que tinha deixado o colar para trás, pendurado no pescoço dele.



CAPÍTULO 10

Peter não se apaixonou por Tiger Lily na primeira vez em que a viu, nem mesmo na segunda ou terceira. Mas Reginald Smee, sim.

Como eu sei? Porque não segui Tiger Lily até em casa naquela noite. Segui os piratas.

Fiz a jornada noturna atravessando a ilha, rastreando as folhas prensadas e as pegadas enlameadas que anunciavam o caminho que os piratas haviam seguido. A floresta à noite é diferente da floresta de dia. Como fada, não é possível passar por ela despercebida, porque você emite um brilho fraco que é como um farol nas noites escuras e profundas da Terra do Nunca. Porém, somos equipadas com defesas também: ótima velocidade, excelente visão e naturezas dissimuladas e discretas que se prestam a procurar os melhores esconderijos. E os piratas, apesar de serem mortíferos, eram descuidados o suficiente para não me notar.

Estavam acampados mais ou menos na metade do caminho até a enseada e jantavam perto de uma fogueira quentinha. Eu os observei do abrigo frio e arenoso de uma fenda numa rocha próxima. E tomei conhecimento de Smee, o homem que Tiger Lily tinha poupado por causa das lágrimas.

Os outros piratas e o capitão eu tinha visto antes; eles habitavam a ilha intermitentemente havia anos. Mas Smee era novo, então escutei as teias da sua memória. Um humano pode achar que as lembranças são mais fracas que os pensamentos atuais, mas não é assim. Muitas vezes, são caminhos fáceis de seguir para uma fada, e às vezes são tão ruidosos que abafam todo o resto do cérebro.

Smee tinha matado seu primeiro homem aos doze anos. Fruto de uma vida privilegiada e protegida, ele achava que a dificuldade de matar o atraía: ele adorava fazer uma coisa tão horrenda. Não que Reginald não tivesse coração. Era o oposto, na verdade. Ele simpatizava com as vítimas, se perguntava quem elas deixariam para trás. Sentia profundamente o desespero dos últimos instantes do homem ou da mulher. Nunca matou sem ter de secar uma ou duas lágrimas

dos olhos, e foi assim que Tiger Lily o encontrou chorando, depois que eles empurraram do penhasco o inglês apavorado que implorava. Não é que ele não se importasse. Fiquei escutando e estremeci até meus ossinhos de fada. Reginald não matava por não ter coração; matava porque matava. Matava para chorar e só matava pessoas que ele admirava.

Quando tinha dezesseis anos, o rastro de violência que deixara para trás era chamado de "surto de assassinatos". Nos jornais, ele era chamado de "o Estrangulador da Margem Sul". Reginald andava pelas ruas naquela época esperando alguém apontar o dedo. Mas ninguém olhava para ele, exceto para dizer "perdão, senhor" quando esbarravam nele.

Isso foi na época em que as especiarias não reinavam mais, quando os navios lotavam os portos com carregamentos de algodão em vez de canela. As pessoas sentavam em salões e conversavam sobre as incógnitas. E eram tantas. Onde terminaria a expansão? O que ainda faltava ser inventado? Se havia um símbolo para definir as mentes e os corações de Londres naquela época, teria sido o ponto de interrogação. Smee tinha gravitado até as docas, com esse ponto de interrogação o empurrando até ali.

Foi ali que o capitão o encontrou. Não sei como conseguiu reconhecê-lo ou como foi o único em Londres que adivinhou que Reginald e o Estrangulador da Margem Sul eram a mesma pessoa.

Para Reginald, no início o capitão pareceu ser uma silhueta na névoa, usando uma peruca comprida. Parecia rico e refinado como um cavalheiro inglês, como o próprio Reginald. Então, alguma coisa fez Reginald estremecer ao enxergá-lo – talvez porque o babado na garganta parecia deslocado, velho e ligeiramente desgastado, e as mangas da camisa pareciam estar rasgando nos punhos e, por baixo dos punhos, algo estava irregular, e Reginald finalmente entendeu o que era: a mão inexistente.

Não havia mais piratas. Não como este – usando uma vestimenta Luís XVI e uma peruca de advogado, só que salpicada de preto com carvão. A perda da mão parecia recente, a ferida costurada em cruz com pontos grossos, escuros e tortos. De perto, não havia absolutamente nada refinado nele. As muitas rugas no rosto estavam cobertas de terra, os lábios eram ásperos e os olhos azuis insípidos estavam injetados de sangue, mas eram amigáveis. Ele fedia a tabaco e uísque e tinha uma caneca na mão esquerda. Parecia arruinado e mortífero.

Ele disse:

— Reginald Smee, percebo que você é um caçador nato. Assim, estou solicitando o prazer da sua companhia em outro lugar. — Em seguida, ele o agarrou pelo braço e o puxou para a frente. Acenou para Smee com o cotoco. — Vamos lá. Não há tempo para hesitar. Temos uma caçada pela frente.

— O q-que o senhor caça? — perguntou Reginald.

— Não me chame de senhor. Apenas de Gancho. — O desconhecido sorriu de um jeito simpático. — Eu costumava caçar navios, mas troquei recentemente. Agora eu caço meninos. — Ele deu um tapa nas costas de Reginald. — Agora nós dois caçamos.

Tinha sido um despertar brutal para Smee deixar a Inglaterra com a promessa do paraíso e acabar no denso, infestado de insetos, sujo e quente perigo da selva. E, apesar de ele ter tido o prazer de algumas visões incríveis de criaturas diferentes de qualquer lugar da Inglaterra – grupos de fadas com luzes brancas pairando sobre um pântano, animais peludos com presas e chifres –, a Terra do Nunca era basicamente um emaranhado: de árvores, de ervas daninhas, de predadores e de mortes rápidas. Sem falar que agora ele estava subordinado a um homem que estava ficando amarelo de tanto beber, nem um décimo refinado como pareceu nas docas de Londres, e meio maluco.

O fato era que o capitão se alternava entre dois homens: um quando estava sóbrio e outro quando não estava. Sóbrio, Gancho era charmoso, erudito, letrado, astuto, eloquente e atencioso. Gancho era o primeiro a notar que sua caneca estava vazia, ou que você precisava de mais uma porção no seu prato, ou a fazer você se sentir seu convidado preferido e mais honrado. Bêbado, Gancho era raivoso e desleixado. Seus olhos ficavam vermelhos e vidrados quase no mesmo instante em que a bebida encostava nos seus lábios. Ele passava de racional a ilógico e, principalmente, furioso. Não era difícil imaginar que fora um homem apavorante. Ainda podia ser assustador, mortífero, na verdade, mas era um homem arruinado.

Mesmo assim, um forte desejo de agradar ao capitão e ser amado por ele era evidente em todos os homens ao seu redor, e Smee não estava se tornando uma exceção. Enquanto todos comiam, ele mantinha um olhar solícito na caneca do capitão e a enchia toda vez que esvaziava. Assim como os outros, ele ria alto das piadas dele, fazendo-o sorrir com uma satisfação orgulhosa. Acho que era a rara combinação de charme e intimidação absoluta de Gancho que conquistava não apenas o medo da tripulação, mas seu amor. Todo mundo claramente queria ser o protegido do capitão, em parte por ser uma posição difícil de manter por muito tempo. E era óbvio que Smee era o atual. À luz da lua, o capitão jogava os braços ao redor dele de tempos em tempos, enquanto falava de seus assuntos preferidos quando estava bêbado: a mão inexistente e os meninos perdidos.

Às vezes, ele usava o gancho pelo qual tinha recebido o apelido, para substituir a mão inexistente de modo a ser mais fácil segurar as coisas. Mas este raramente ficava no lugar, e parecia chateá-lo e irritá-lo. Ele dizia que gostava da aparência que o gancho lhe dava, mas que muitas vezes o deixava ainda mais desajeitado. A maioria dos homens, contava, acreditava que ele havia perdido a mão numa luta, e que ela havia caído e sido comida por um crocodilo.

— Mas — confessou ele para Smee — ela foi arrancada numa linha de produção. — Ele encarou os olhos de Smee de um jeito instável. Smee sabia que ele jamais admitiria isso quando estivesse sóbrio. — Eu trabalhava com sapatos, sabe, para pagar a escola. Era minha função inserir o couro na máquina, para ser cortado no formato da sola. Entende? — Ele moveu as mãos no ar para imitar como fazia seu trabalho; depois, parou de repente e se inclinou para a frente com os cotovelos apoiados nos joelhos, os olhos cintilando e vermelhos. — Eu estava virando

noites para estudar. Achei que poderia estudar para ser um cavalheiro. Bem, eu dormi. Minha mão entrou no lugar do couro. — Ele sorriu, quase como se fosse uma boa piada. — Dá para ver que o corte tem a forma de um salto. — Ele levantou o cotoco arredondado. Seus olhos pareceram focar. Em seguida, envolveu rapidamente o braço ao redor do pescoço de Smee, que sentiu sua respiração na bochecha, constante e rápida. — Se contar para alguém, eu te mato.

Smee fez que sim com a cabeça. Gancho lambeu os lábios e se recostou, voltando a relaxar.

— Eles acham que Peter a cortou. Nunca. Eu nomeei os meninos perdidos, sabe. Perdi um, dois, três deles. Comecei a perguntar por aí, em todas as tribos: "Vocês viram meus meninos perdidos?". E o nome pegou.

Os dedos de Gancho sempre se contorciam quando ele falava de Pan. Isso o deixava sombrio e inquieto, e seu maxilar trincava e destrincava. Era um rancor antigo, e Smee até hoje não entendia onde havia começado. Tudo que sabia era que Gancho era fixado nisso: às vezes, repetia várias vezes uma conversa que ele imaginava ter com Peter.

— Agora que eu tenho você, vamos pegá-los — disse Gancho e deu um tapa nas costas de Smee. — Você e eu somos pensadores. Nossas mentes vão nos permitir ter sucesso no que fazemos. — Gancho sorriu. Estava com um humor entusiasmado depois de arremessar o inglês no mar. — Sabemos que ele está na área. Ele resgatou a menina. Ou a levou para matá-la. Não tenho certeza.

— Eu não me importaria de estrangular aquela menina. — Smee acariciou o ferimento na bochecha, quase com amor.

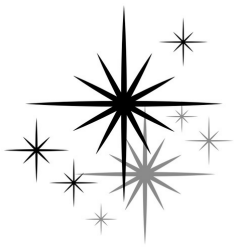
Gancho franziu a testa.

— Sem chance. Não posso entrar em conflito com os Comedores de Céu. Temos uma trégua. Não encoste nela. Nunca.

Quando Smee ficou em silêncio, Gancho lhe lançou um olhar penetrante e investigativo. Isso provocou calafrios visíveis em Smee. Mas eu era a única que conseguia ver a profundidade com que Tiger Lily tinha afetado Smee. Uma menina corajosa e forte; uma criatura poderosa; uma caçadora. E, apesar de sua aparência ser extraordinária, não era nisso que ele estava pensando, e sim no seu coração enorme, selvagem e pulsante. Ela o tivera em suas mãos e o poupara. Que criatura magnífica. Teria de matá-la.

Dava para ver que nem mesmo a ameaça do olhar do capitão o dissuadira da ideia de que ele teria de encontrar a menina quando ela estivesse desprotegida e atacar.

Era Pan que Gancho queria, não Tiger Lily. Mas eu sabia, pela longa noite escutando, que Reginald Smee simplesmente não conseguiria se conter.



CAPÍTULO 11

Parto como o ar, sacudo os cabelos brancos ao sol que está indo embora,
Derramo minha carne em remoinhos e a deixo flutuar em pontas rendadas.

Me entrego à terra para crescer da relva que eu amo,
Se de novo me quiseres, procura-me sob as solas dos teus sapatos.

Seiva de Pinheiro estava debruçado sobre o livro de Tic Tac numa concentração profunda. Seiva de Pinheiro era um dos poucos na aldeia que tinha aprendido a ler com Tic Tac, que aprendera com um homem da Tribo dos Pântanos, que aprendera com um pirata mais de cem anos antes. Seiva de Pinheiro, que tinha um talento especial para desafios mentais e enigmas, tinha aprendido com facilidade.

Do lado de fora, a floresta estava ensurdecedora com a chuva, e cerca de nove das mulheres, além de Seiva de Pinheiro, estavam reunidas numa cabana de secagem, se mantendo aquecidas e longe da água. As chuvas tinham se instalado, de modo que os dias eram encharcados, e a tribo precisava encontrar abrigo e se distrair. Isso normalmente era feito com cantorias e contação de histórias. Agora, Seiva de Pinheiro, excluído de um jogo dos meninos, estava fazendo isso com um livro.

— Sobre o que ele está falando? — perguntou Tiger Lily.

— A morte — respondeu Seiva de Pinheiro. — Ele está dizendo que vivemos para sempre, mas em formas diferentes.

A testa de Tiger Lily formou uma ruga. Ela não entendia essas coisas que Seiva de Pinheiro parecia captar com tanta facilidade. Isso a frustrava. E ela não entendia o motivo da obsessão dele por aprender, ler e refletir.

Algumas das mulheres se aproximavam de vez em quando e massageavam a cabeça dele ou davam um tapinha no seu braço, e ele se esquivava e sorria com educação e tentava se afastar mais um pouquinho. As mulheres gostavam de mimar e se preocupar com Seiva de Pinheiro. O coração maternal delas era incapaz de resistir ao seu jeito torto, aos seus braços finos, à covinha sob o olho mais estrábico. Ele odiava isso. Era inexplicável que ele conseguisse encarar todas elas em dias como este.

Normalmente, Tic Tac também estaria lá, entre as mulheres, mas ele gostava de usar a chuva como oportunidade para fazer um unguento especial para o cabelo, para mantê-lo brilhoso e macio. Atravessado numa tora, ele havia deixado o início do vestido de casamento de Tiger Lily, que ele costurou a partir de uma camurça requintada que curara durante vários longos dias, esfolando ele mesmo o cervo – como todos ali sabiam fazer –, fervendo os cascos para fazer uma pasta que ajudava a remover o pelo, pulverizando o cérebro e esfregando-o para amaciar o couro antes de pendurá-lo sobre uma fogueira durante horas. Ele havia começado o intricado padrão de bordado com contas que levaria vários meses para terminar. Como tudo que ele fazia, o vestido estava sendo paciente e detalhadamente desenvolvido.

Olho da Lua estava encolhida na parede ao lado de Seiva de Pinheiro, seus joelhos puxados até o queixo, seus longos braços salientes e dobrados ao seu redor como uma aranha morta. Parecia estar ficando mais comprida o tempo todo – magra como um graveto, suas pernas não a carregavam ultimamente; ela apenas se desenrolava na direção que seguia. Ela era outra que havia aprendido a ler com facilidade e espiava por sobre o ombro de Seiva de Pinheiro, extasiada. As mulheres estavam sentadas, concentradas no trabalho, Tia Agda e Tia Pés Grudentos, uma mulher chamada Asa de Morcego e as mulheres mais jovens, balançando a cabeça para as palavras do poema, mostrando que as deixavam mistificadas. Só Olho da Lua parecia comovida. Mas, no seu jeito silencioso e dócil, ficou calada.

— Já ouvi muita poesia, e decidi que não gosto — disse Tiger Lily de um jeito impulsivo. Na verdade, a poesia a fazia se sentir tola, mas ela não disse isso.

— Você é sempre tão impaciente — comentou Seiva de Pinheiro.

Tiger Lily fechou os lábios com força e olhou para o seu trabalho. E Seiva de Pinheiro claramente percebeu que havia magoado seus sentimentos e se arrependeu. Seiva de Pinheiro era uma das poucas pessoas que conseguia reconhecer como a mágoa aparecia no rosto calmo e fechado de Tiger Lily.

Uma névoa havia caído sobre a Terra do Nunca, e o caminho até a casa de Gigante estava coberto por ela. A chuva viria no meio do dia. Agora que a estação chuvosa havia chegado, ela seria implacável.

Olho da Lua acertou o passo com Tiger Lily enquanto ela caminhava até a casa de Gigante.

— Vou te ajudar — disse ela.

— Não — disse Tiger Lily baixinho. Mas Olho da Lua a seguiu em silêncio de qualquer maneira.

Gigante estava dormindo quando elas chegaram. Subi voando até as vigas para escapar do seu cheiro. Ele fedia a óleo de trevo, que, pela aparência do seu peito nu enorme e reluzente, tinha esfregado em si mesmo antes de ir para a cama.

Ele acordou assustado e se levantou devagar. Dentro de casa, ele parecia ainda maior. A cabeça parecia pesada no corpo. Tinha o rosto embotado de alguém que pensava pouco. Ele sentou para deixar Tiger Lily pentear seu cabelo.

Todos os piolhos que não moravam na floresta aparentemente tinham migrado para a cabeça de Gigante. Tiger Lily ficou em pé atrás dele, penteando os pequenos insetos um por um, sem expressão.

Todo mundo sussurrava que não era prudente ele invocar a ira dos corvos. Mas, talvez por causa do seu tamanho, Gigante ignorava todo tipo de receio, incluindo o medo de pressionar Tiger Lily demais. Era por isso que ele a fazia pentear seu cabelo todo dia e por isso que ele deixava a casa o mais bagunçada possível, para ela limpar. Ainda não tivera a audácia de encostar nela e, na verdade, era óbvio para todo mundo que ela não era o tipo dele – que, pela maneira como olhava para Olho da Lua, ele gostava de meninas pequenas e delicadas. Mesmo assim, ele muito claramente teria essa audácia quando os dois estivessem casados. Esta era a única reação que Tiger Lily demonstrava em relação a tudo isso: quando Gigante encarava Olho da Lua, com um sorriso voluptuoso nos lábios semiabertos, Tiger Lily se colocava protetoramente na sua frente para bloquear a visão dele.

Tia Chama logo apareceu, já que nunca ficava muito tempo longe do filho. Ela deitou numa almofada no chão, sugando um osso de galinha e ocasionalmente mostrando insetos que Tiger Lily não tinha visto.

Desde o dia em que os piratas se desfizeram de Phillip, Tiger Lily era como um esconderijo revelado. Ela se repreendia por ter fracassado em protegê-lo.

Havia um ruído oco aonde quer que ela fosse. Seiva de Pinheiro estava sempre ali, tentando ocupá-lo com a própria presença, pairando cinco passos atrás dela. Talvez fosse por causa dele que Olho da Lua também pairava. Os dois a seguiam como gêmeos e pareceram desenvolver certa consideração um pelo outro, mas a preocupação deles a fazia se sentir sufocada.

Tentou despistá-los. Ela se esgueirava para longe deles depois dos jantares. Deixava coisas para Seiva de Pinheiro tropeçar. Montou uma armadilha perto da porta que derramou água de lavagem de roupa usada e suja nele duas vezes. Eu me preocupava com os sentimentos dele e me sentia mortificada pela energia maldosa de Tiger Lily. Mas eu não precisava me sentir assim. Seiva de Pinheiro não desanimava.

Depois que ela terminava na casa de Gigante, ia até a casa de Tic Tac e sentava com ele para costurar. Algumas das mulheres às vezes iam para lá com o objetivo de fugir do tempo úmido.

Ao lado dela, ele trabalhava com uma paciência ilimitada, muitas vezes parando para ajudar as outras nos seus trabalhos. Tiger Lily toda hora espetava os próprios dedos.

— Você é cruel com Seiva de Pinheiro — disse ele.

— Ele me sufoca — disse ela.

— Ele está tentando ser o que você precisa.

— Constantemente. — Ela franziu a testa para o próprio trabalho.

— Ter alguém constante não é uma coisa ruim. Na verdade, pode ser raro.

Um pensamento sobre Pan lampejou na mente de Tiger Lily, mas ela ficou calada. Sua preocupação era que, se ela o mencionasse, nunca mais teria permissão de entrar na floresta.

Tic Tac deixou o trabalho de lado e se alongou. Pegou o relógio da prateleira e deu corda nele, pensativo.

— Não sou eu mesma — confessou ela, culpada. Ela ficava mais suave perto de Tic Tac e, quando fazia isso, parecia, naqueles raros momentos, feminina.

Ele sorriu.

— Você nunca pode dizer isso. Neste momento, você apenas é um pedaço de si mesma do qual não gosta.

Mais tarde, pacata, ela encontrou Seiva de Pinheiro e Olho da Lua perto de um rochedo ao lado do rio, perdidos no livro que ela havia trazido.

— Me desculpem por não ser uma pessoa mais agradável — disse ela para os dois.

— Tudo bem — disse Olho da Lua numa voz fraca como junco; ela brincava discretamente com as flores em suas mãos, que ela estava tecendo em guirlandas para a mãe. Seiva de Pinheiro sorriu com prazer e cutucou de um jeito brincalhão a pena de corvo no cabelo de Tiger Lily.

— Não se preocupe com isso — disse ele.

Tia Chama apareceu atrás dela.

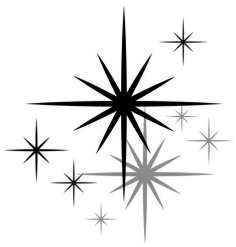
— Preciso de você — vociferou ela. — Gigante está com um furúnculo no dedão do pé que você precisa abrir.

Seiva de Pinheiro fez uma cara feia. Olho da Lua ficou pálida ao pensar nos pés de Gigante. Mas Tiger Lily não demonstrou nada além de indiferença e seguiu a futura sogra em direção ao seu destino.

Nos dias seguintes, muitas vezes eu indaguei se Tiger Lily pensava em Pan como eu. Às vezes, a mente dela ficava enevoada para mim.

Ele era um menino? Um fantasma? Um canibal? Quantas pessoas ele havia matado? Será que um dia ela ia tentar voltar e recuperar o colar? Se o fizesse, será que o encontraria?

Mas Tiger Lily não precisou rastrear seu caminho até Peter Pan. Quatro dias depois, ela foi convidada.



CAPÍTULO 12

Era um pedaço de papel na cama dela, quando voltou do jantar.

Ali havia um mapa, um que só Tiger Lily poderia entender, porque começava na árvore onde Pan a mantivera cativa.

Dizia três palavras simples: Encontre a gente.

Durante dias seguintes, ela ponderou se deveria ir ou não. Era muito provável que fosse uma armadilha. Os meninos perdidos eram conhecidos por serem depravados e sagazes. Mas eu conhecia Tiger Lily e sabia que sua curiosidade venceria.

A casa de Tiger Lily ficava na fronteira da aldeia, mais na floresta do que fora dela. E a aldeia era grande e dispersa. Algumas pessoas passavam o dia no rio, pescando. Outras caçavam no mato baixo que fazia fronteira com a floresta. Algumas trabalhavam em cabanas de secagem e outras nos campos poeirentos bem a oeste da praça principal. Tirando Tia Chama, ninguém notaria sua ausência. E, hoje de manhã, Tia Chama estava ocupada nos campos de mandioca.

Tiger Lily escapou para a floresta e deixou a aldeia para trás. Rastreou pontos de referência que tinha capturado mesmo enquanto estava fugindo de Pan. As folhas tinham sido alisadas no ponto onde ela fora amarrada, mas ela se abaixou para cheirar a lama.

Dali, seguiu seus rastros, consultando o mapa apenas em raros momentos. Todos, exceto os olhos mais treinados, teriam deixado passar os sinais sutis: um rasgo numa folha, uma marca de dois centímetros na terra. Mesmo os olhos de Tiger Lily falhavam em alguns lugares, uma raridade. Estava claro que Pan e os outros tinham tomado muito cuidado para se esconder. Os rastros a conduziam para cada vez mais fundo no território proibido.

Em pouco tempo, a quantidade desses sinais aumentou, mostrando uma área comumente pisada, tocada por muitos pés.

Essas pegadas levavam a uma trincheira profunda que teria sido fácil de passar ao lado sem perceber, até mesmo para um rastreador. Foi aí que ela ficou confusa. Havia um toco de árvore

enraizado no chão, e rastros espalhados ao redor, mas a trincheira acabava, subindo gradativamente de volta até o nível do chão.

Ela ouviu um rumor muito vago de alguma coisa embaixo de si. Mal era um sussurro. Olhou para o toco. Suas raízes estavam todas expostas.

Insegura, ela puxou o toco, e ofegou quando ele se soltou com facilidade. Ela puxou com mais força, inclinando-o para o lado.

Estava olhando para um buraco escuro. Tiger Lily se levantou, olhando ao redor da floresta vazia em busca de sinais de estar sendo observada. Mas a floresta estava estranhamente quieta.

Depois de hesitar por um instante, ela desceu o corpo num movimento fluido e silencioso. Eu a segui. A entrada nos jogou num túnel largo com paredes de terra e mal iluminado, onde Tiger Lily pousou com a adaga sacada, mantendo as costas na parede baixa de terra.

O local era repleto de crânios – pendurados nas raízes projetadas na terra acima de nós, identificados por nomes de piratas mal soletrados, como Crucked Tow e Baldy, pintados em pedaços de casca de árvore.

A caverna se estreitava até um pequeno portal, depois se abria para um salão largo, iluminado por algumas velas derretendo em pedras.

Neste salão, havia um amontoado desordenado de corpos deitados e encolhidos. Estavam embaixo de cobertores ou não, alguns com as pernas espalhadas, outros tortos e encolhidos, todos adormecidos. Havia garrafas vazias acumuladas no chão e uma panela de barro que tinha sido derrubada e quebrada – parecia que eles tinham comemorado alguma coisa. Roncos abreviaram o silêncio.

Mas, tirando um dos corpos, todos estavam deitados diretamente na terra. Havia um canto confortável, um colchão de feno encostado na parede, e ali Pan dormia, encolhido de lado, com a pérola pendurada no pescoço. Os outros formavam uma espiral ao redor dele em montes, como se guardassem o seu sono. Bem adiante dela, eu já estava no rosto de Pan e via as três linhas compridas e finas de escoriações em forma de dedo que Tiger Lily tinha deixado no pescoço dele. Ela abriu caminho pelos corpos adormecidos, afastou com delicadeza o colar do peito dele e levantou a faca para cortá-lo, sua respiração pousando nos punhos dela. Dormindo, ele tinha um rosto estranhamente lindo.

Quando olhei para cima, os olhos dele estavam abertos, e ele estava me encarando. Vi tudo um instante antes dela.

O braço dele se moveu com a rapidez de uma víbora, e ela se afastou num pulo, mas foi rápido demais, e a segurou pela trança. Ele sorriu.

Os corpos começaram a se mexer.

Peter disparou para o lado dela, se agachando. Não sei como ele se movimentava tão rápido.

— Você está aqui — disse ele. E a soltou.

Os meninos agora estavam bem despertos, se amontoando em direção a ela. Um deles segurava a panela de barro preparada no alto, pronto para golpeá-la. Todos pareciam ter mais ou

menos a idade de Pan, talvez quinze ou dezesseis, magricelas em geral, com uma constituição musculosa e, mesmo assim, desengonçada.

— Aqui. — Pan levou a mão ao pescoço e segurou o colar. — Você quer isto. — Ele o soltou e deu a ela. Os meninos, desanimando, baixaram os braços, mas continuaram de pé, em alerta, e olharam para Pan em busca do seu próximo movimento.

Ele ficou em silêncio por vários instantes, o cabelo amassado do sono, o rosto suave e vulnerável porque ainda não estava totalmente desperto. Finalmente, ele pigarreou.

— Nunca me apresentei. Sou Peter. — Ele olhou ao redor para os outros, e sua boca se inclinou num sorriso lastimável e irônico. — Nunca recebemos uma menina aqui. Estamos em péssima forma. Me desculpe. Obrigado por vir.

Tiger Lily olhou ao redor para eles. Quando virou, um dos meninos se abaixou atrás dela e passou a mão na sua trança.

Ela se assustou.

— Me desculpe — disse ele.

— Ela vai contar para alguém — disse um menino robusto. — Devíamos matá-la.

Peter manteve os olhos em Tiger Lily ao responder:

— Ela não vai contar para ninguém.

— Ela provavelmente conhece os piratas — disse o menino.

— Ela odeia piratas. Eu a peguei tentando matar um deles.

— Mesmo assim, não vejo por que devíamos mudar tudo agora, só porque… — De repente, ele ficou quieto. Peter estava lançando um olhar que o calou.

Peter virou e encarou Tiger Lily de um jeito constrangido por um instante, e houve um silêncio pesado e desconfortável. Depois, outro menino deu um passo à frente e estendeu a mão. Quando ela só a encarou, ele pegou a mão dela na dele. Era um menino bem proporcional, com cabelo castanho desleixado e ondulado, e um rosto franco e confiante. Tinha olhos brilhantes que pareciam os de alguém que nunca tinha ficado nervoso nem duvidado de si mesmo um dia na vida.

— Sou Mordisco. Aquele que tentou molestar seu cabelo é Assobio. — O menino chamado Assobio parecia envergonhado. Era magrelo e frágil, como se tivesse crescido rápido demais para o esqueleto acompanhar. Parecia ser esticado como caramelo, com grandes círculos acinzentados ao redor dos olhos, bochechas pálidas, ombros largos arqueados para compensar a altura, e um jeito tímido. — E não vamos te matar. Quero dizer, talvez Miúdo matasse, mas ele é um monstro. — Ele fez um gesto na direção do menino robusto que tinha falado antes; apesar do nome, Miúdo não era nem um pouco frágil. Corpulento, sólido, com um apito de madeira pendurado no pescoço, era apenas um pouco mais baixo que Tiger Lily, mas pesado e com a aparência mais adulta de todos eles.

— Ele realmente é uma menina? — perguntou Miúdo. Peter o atingiu com força no bíceps, depois olhou para Tiger Lily, envergonhado.

— Ignore-o — disse Mordisco. — Ele está mal-humorado porque não dormiu o suficiente. Além do mais, ele acha que se lembra da Inglaterra, e isso o torna irritante. Tenho certeza que muitas pessoas diriam que você é uma menina bonita. — Ele apoiou a mão no ombro de um menino com cabelo comprido e liso. — Esse é Crespo. Fique de olhos abertos, ele é praticamente diabólico. Só porque é calado, não significa que ele é bonzinho. — Crespo a encarou com olhos verdes meio alucinados e um sorriso travesso.

— Não sei por que, já que uma menina vinha visitar, não poderia ser uma menina com algumas curvas — disse Miúdo, e desta vez foi Mordisco que bateu nele. Miúdo estava com uma expressão falsamente ofendida no rosto e apontou para Assobio. — Foi ele que disse!

Assobio claramente não tinha dito isso e, ao ser acusado, simplesmente pareceu deprimido. Ele soltou um suspiro.

— Me deixem fora disso — murmurou.

Tiger Lily absorveu tudo em silêncio. Estes eram os meninos perdidos. Não pareciam assassinos. Pareciam adolescentes desgrenhados e semifamintos.

— Aqueles ali — Mordisco apontou com a cabeça para dois meninos idênticos em pé ao lado de uma sereia de madeira claramente furtada ou encontrada num navio, sussurrando um com o outro — são os gêmeos. — Ele baixou a voz para um murmúrio. — Nunca sabemos quem é quem. Nem se preocupe em tentar descobrir. Um deles diz que isso o faz sentir como se não tivesse identidade. Nem me incomodei em saber qual dos dois.

Os gêmeos franziram o cenho para ele, um fingiu rir e depois ficou com o rosto sério.

— Fique hoje à tarde — disse Peter, interrompendo de um jeito impaciente.

Enquanto todos ficavam em pé se encarando, Peter trocava o peso de um pé para o outro, inquieto, como se a coisa toda fosse muito formal e agonizante e ele estivesse ansioso para acabar. Ele só olhava para ela. Ela ficava de pé como uma vara de pescar ao lado da graciosidade dele. Crespo foi o único que pareceu me notar, e estendeu a mão para o alto para tentar me esmagar. Eu desviei e o mordi no ombro, depois me empoleirei numa fenda de rocha e olhei furiosa para ele.

Peter parecia procurar alguma coisa para dizer.

— Quer conhecer o lugar? — perguntou ele.

Tiger Lily considerou. Ela já tinha o que viera buscar, e agora a coisa mais inteligente seria ir embora. Ela nunca tinha visto criaturas como os meninos perdidos, e era possível que eles fossem mais perigosos do que ela pensava. Mas Peter saiu andando e, sem realmente decidir, ela o seguiu. Observei os olhos de Tiger Lily serem atraídos pelas escoriações que deixara no pescoço de Peter. Mas, se ele se lembrava delas, não deixava transparecer.

Os meninos de fato pareciam mal alimentados. Mas a fome com que olhavam para Tiger Lily era diferente. Era como uma necessidade desesperada de estar perto de alguém novo.

— Construímos tudo do zero — disse Peter por sobre o ombro. Atrás dele, Assobio bateu com a cabeça no teto e se encolheu, olhando envergonhado para ela. Crespo bufou. — Quando

construímos este lugar, nunca pensamos que ficaríamos tão altos — disse Peter. — Não pensei no futuro — disse ele, encabulado.

Mordisco deu um tapinha nas costas dele, como se dissesse que ele estava sendo duro demais consigo mesmo.

O longo corredor estreito em que entraram levava a uma porta que tinha sido deixada destrancada e que se abria para uma rede de salões com acabamentos sofisticados. O chão tinha sido coberto com tábuas de madeira bruta; as paredes foram esculpidas retas e eram até salpicadas com pregos, nos quais havia decorações penduradas: pedaços de corda trançada, crânios de animais elaborados, conchas. Também havia facas, flechas, algumas espadas, cordas e lanças soltas.

Os anos de trabalho intricado e artístico que devem ter sido aplicados aos cômodos contrastavam com as armas toscas e, especialmente, com a aparência desgrenhada dos meninos. Todos usavam roupas que eram pequenas demais e estavam se despedaçando. Eles claramente não tomavam banho há semanas. Além disso, o lugar também estava uma bagunça. Polpas de maçã mofadas. Cobertores espalhados para todo lado. Roupas largadas no ponto em que foram tiradas. Tinha um cheiro masculino pesado que era parte sujeira e parte outra coisa mais intensa. Algumas coisas pareciam estar no mesmo lugar em que foram deixadas anos atrás.

— Fizemos um salão só para brigas de barriga — disse Mordisco — e descer uma ladeira enrolados nos cobertores, mas obviamente já passamos dessa fase.

Peter pareceu envergonhado, então resolveu minimizar suas palavras:

— Estamos velhos demais. — Como se tivesse que explicar.

— Especialmente Assobio — disse um dos gêmeos.

— Tenho a mesma idade que você — murmurou Assobio, mas ninguém prestou atenção. Mordisco massageou carinhosamente o topo da cabeça de Assobio.

— Ignora, camarada.

Havia uma alegria e – ao mesmo tempo – uma fragilidade em cada um deles. Eram desleixados, descuidados, selvagemente alertas e cheios de energia. Apesar de parecerem ter mais ou menos a mesma idade de alguns guerreiros adolescentes da tribo de Tiger Lily, se movimentavam e falavam como se fossem uma espécie totalmente diferente. Na tribo dela, os meninos eram muito determinados a agirem como homens. Tinham uma postura ereta, não falavam muito com as meninas e seguiam um código rígido. Estes meninos eram mais animais do que meninos, mesmo no jeito como se empurravam e murmuravam uns para os outros enquanto se movimentavam num bando ruidoso atrás de Peter. Havia armas pousadas em recantos e fendas – algumas lâminas continham antigas manchas marrons de sangue – ao lado de baralhos de cartas, desenhos em carvão e pequenas esculturas delicadas e incompletas de feras e fadas. Camas de palha tinham sido casualmente separadas em diferentes áreas da toca, como se os meninos não tivessem pensado em querer viver separados quando a construíram e só recentemente tivessem se afastado o máximo possível uns dos outros. Mesmo assim, em uma das camas havia um

brinquedo caseiro surrado no formato de um coelho e, sobre um travesseiro, como se alguém tivesse acabado de brincar com ele, um modelo de navio.

Peter se movimentava como se não conseguisse chegar a cada lugar com rapidez suficiente. Ele cortava as palavras na última consoante, como se demorasse muito para fazer a palavra toda sair. E tinha o hábito de esfregar o dedo indicador e o do meio no lábio inferior, algo que constantemente chamava minha atenção para lá e me deixava levemente tonta. Os outros claramente sentiam a mesma coisa, porque, conforme eles andavam, ele ficava totalmente cercado – os meninos gravitavam para onde quer que ele fosse. Ele soltava várias risadas brutas e altas com as piadas deles, depois virava para Tiger Lily para ver se ela estava chateada com a risada.

Durante toda a minha vida, eu tinha ouvido boatos de que os meninos perdidos sabiam voar e que eles mantinham prisioneiros e os torturavam, mas, até agora, não tinha visto nenhuma evidência dessas coisas. Eles mantinham os pés no chão e pareciam felizes demais em mostrar cada canto da toca, que não parecia ter prisioneiros.

No salão em que preparavam as refeições, explicou Mordisco, de repente encontramos um bebê, simplesmente deitado sobre uma pilha de cobertores numa calha.

— Ah — os olhos de Mordisco se arregalaram —, eu me esqueci. Me desculpe, Bebê. — Ele pegou o bebê e o mostrou para Tiger Lily. — Este é Bebê. Nosso bebê. Parecia comprometimento demais dar outro nome a ele.

Ele se aproximou dela, e Tiger Lily imediatamente cruzou os braços para evitar que colocassem a trouxa nas suas mãos. Tinha pavor de segurar bebês. Ela não gostava do jeito como eles se contorciam, como se segurasse uma minhoca.

— Por que vocês têm um bebê? — perguntou ela. Sua voz estava quase tão baixa e profunda quanto a dos meninos.

— Ela fala — disse um dos gêmeos para o outro.

— Peter o encontrou depois de um ataque pirata — respondeu Mordisco. — Ele tem o coração mole. Não conseguiu deixá-lo morrer de fome. Nós o amamos, mas é difícil. Às vezes o esquecemos em algum lugar e temos de voltar para buscá-lo. Crespo adora vesti-lo. Hoje ele é uma larva.

Eu já tinha encontrado um monte de larvas nas minhas escavações em troncos podres. Tirando o fato de estar usando marrom, o bebê não se parecia nem um pouco com uma larva, mas Crespo sorriu orgulhoso.

De repente, enquanto Tiger Lily estava com a guarda baixa, Mordisco empurrou Bebê para os braços dela. Ele se contorceu, piscou sonolento para ela e começou a gritar. Os meninos ficaram olhando, esperando que fizesse alguma coisa, mas ela ficou imóvel.

— Não chore — disse ela finalmente, segurando o bebê à distância de um braço. — Não chore, Bebê. — Suas palavras só pareciam fazê-lo chorar mais alto. Finalmente, Tiger Lily se lançou em direção à calha, colocou o bebê de volta ali e recuou, tentando fingir que ele não

existia. Um dos gêmeos apareceu com uma mamadeira e se inclinou sobre ele, que logo se aquietou.

Pan não pareceu notar nada disso – estava analisando um pedaço de pele solta no polegar e mordendo-o. Finalmente, ele levantou o olhar e continuou andando, no seu jeito metade gracioso, metade canhestro, e chegamos ao quarto dele.

Era separado dos outros, com um pedaço de pano na entrada e velas presas aos recantos nas paredes. Era repleto de coisas que ele obviamente colecionava. Desenhos. Penas e conchas. Outra escultura pela metade de uma sereia que parecia ter saído da popa de um dos navios dos ingleses. Ao lado do seu saco de dormir, uma pequena caneca de argila feita à mão. Cobertores ásperos feitos em tecelagem estavam empilhados num canto. Uma flauta. E várias esculturas minúsculas jogadas por todo o lado, entalhadas em madeira. Eram todas de pássaros. Devia haver umas trinta ou quarenta, mas nenhuma terminada.

— Odeio ficar sentado e parado. Não consigo ficar imóvel por tempo suficiente para terminar alguma coisa. — Ele olhou ao redor do quarto, constrangido. — Os meninos também querem dormir aqui, mas não suporto ter alguém dormindo perto de mim. Me dá coceira — disse ele.

Voei até a escultura de uma gaivota e pousei na sua asa.

Um livro de algum tipo, talvez roubado da casa de pedra, estava num lugar de honra sobre um banco rudimentarmente talhado perto da porta como decoração.

— Onde estão suas famílias? — perguntou Tiger Lily.

Peter sorriu, passou a mão pelo cabelo amassado de cama, de modo que ele formou uma ponta para a esquerda, depois deu de ombros e relaxou a postura.

— Não temos. Não queremos ter.

Tiger Lily o analisou com serenidade. Ele era um mistério para nós duas. Seus pensamentos ainda eram um emaranhado sombrio, e eu tinha a sensação de que sempre tinham sido assim, mesmo quando ele se sentia em paz.

— De onde vocês vieram? — perguntou ela.

— Alguns meninos foram trazidos da Inglaterra — disse Peter, e uma sombra passou pelo seu rosto pálido quando olhou para Miúdo. Depois ele se iluminou. — Meus pais morreram num naufrágio, e eu flutuei até o litoral numa mala. Mordisco e eu estamos aqui há anos. — Ele pareceu se lembrar de alguma coisa e desapareceu do quarto.

— Nós nos escondemos dos piratas aqui — disse Miúdo, falando baixo, claramente para Peter não ouvir.

— Se eles nos encontrassem — murmurou Assobio —, estaríamos todos mortos.

— Miúdo bateu no ombro dele, e Assobio se encolheu.

— Eles nos odeiam — disse um dos gêmeos. — Querem nos exterminar.

Agora eu escutava o medo no esplendor deles. Gotejava sob a superfície dos meninos como uma fonte secreta.

Todos ficaram calados. Tiger Lily se perguntou por que os piratas os odiavam, mas não teve coragem de perguntar. Então, Peter voltou, e todos se animaram. Os olhos de Crespo se voltaram para mim, e deu para perceber que ele nunca estava feliz a menos que estivesse mexendo, amassando ou quebrando alguma coisa. Mordisco estendeu a mão e tocou na pena no cabelo de Tiger Lily. Ela se afastou num solavanco.

— Foi você que encontrou essa pena? — perguntou Mordisco, sem desanimar. Ela acenou com a cabeça.

— Você devia ficar com ela. — Ele sorriu. — Combina com você.

Ela se acalmou.

— Você tem braços peludos — disse Assobio. — As meninas não deviam ter.

— Ela é mais cabeluda que você — disse Miúdo a Assobio.

Um rubor percorreu o rosto de Tiger Lily, apesar de ela manter o olhar sereno. Pensou nas fotos das senhoras inglesas que tinha visto, macias e brancas, e por um instante, isso a deixou triste.

— Cala a boca! — disse Peter, olhando de relance para a expressão dela. Os meninos pareceram envergonhados. — Saiam daqui. Vão encontrar alguma coisa para fazer. — Os meninos saíram arrastando os pés, desamparados. — Me desculpe — disse Peter, os ombros encolhidos de vergonha. — Não vá embora. Eles não conhecem nenhuma menina. Foi por isso que convidei você.

— Não me importo com o que eles falam — disse ela, apesar de se importar.

— Acho que seus braços são adoráveis, Tiger Lily — disse Mordisco alto por sobre o ombro enquanto saía, piorando as coisas.

— Tenho que ir — disse ela. Através de um minúsculo buraco de fumaça no quarto, ela viu que o céu estava escurecendo com a chuva da tarde a caminho. E ela já tinha o que viera buscar. E ainda estava viva. Não sabia por que se sentiu triste de repente.

Peter pareceu arrependido. Deu uma olhada pelo quarto, e parecia estar pensando em como poderia fazê-la mudar de ideia. Mas finalmente disse:

— Vou com você.

Pensei em tentar regurgitar o café da manhã de insetos na cabeça de Crespo antes de irmos embora, mas segui Peter e Tiger Lily sem nenhum incidente. Peter andou com ela durante todo o caminho até uma ponte antiga, a cerca de meio quilômetro da toca. Voando atrás deles, dava para sentir o mesmo aroma de Peter que havia em seu quarto: almiscarado, folhoso e masculino. Enquanto os dois seguiam na minha frente, houve um farfalhar acima de nós, e um dos gêmeos desceu uma árvore de rapel. Pela primeira vez, notei cordas escondidas por entre os troncos, cuidadosamente entrelaçadas nas áreas mais densas de folhagens. Tiger Lily ofegou. Foi assim, percebi, que eles espalharam o boato de que sabiam voar. Era uma rede elaborada de escadas e cordas bambas que eles provavelmente recolhiam quando não queriam deixar rastros. E tudo estava tão bem escondido que eu não tinha percebido.

— Tchau, garota nativa — disse o gêmeo. — Foi um prazer vê-la.

E ele virou e correu de volta em direção à toca.

A ponte tinha sido construída à mão, provavelmente antes de qualquer um deles ter nascido. Estava meio podre e ficava sobre um filete pantanoso que saía da lagoa. Vários crocodilos ficavam esperando deitados embaixo dela, com a boca aberta. Peter roeu as unhas.

— Eles estão sempre aqui porque os meninos gostam de alimentá-los. Eles acham que eu não sei. Mas eles se divertem com isso. Um dos gêmeos uma vez jogou um rato para eles, tive que dar um fim a isso.

— Por quê? — perguntou ela.

Ele virou os olhos azuis com longos cílios para ela; tinha o tipo de olhar franco e afável que fazia as pessoas perderem o fio do pensamento, até mesmo os meninos.

— Porque não é justo com o rato. Você pelo menos precisa ter a chance de lutar.

Tiger Lily absorveu isso em silêncio. Observei os dois. Eu gostava da aparência dos dois juntos. Ambos mantinham um ouvido no outro e um na floresta ao redor. Mesmo assim, havia alguma coisa quase pacífica nos dois parados ali. Talvez o modo como ele parecia vibrar tornasse a imobilidade dela menos gritante, e Peter parecia mais calmo.

— Você não fala muito? — indagou Peter.

Tiger Lily balançou a cabeça. Não sabia o que dizer sem revelar demais sobre si mesma.

Peter se apoiou no corrimão, que era apenas uma vara torta comprida suspensa por duas forquilhas de madeira. Ele se balançava para frente e para trás apoiado ali, indiferente, flexionando os braços devagar, procurando mais alguma coisa para dizer. O corrimão não parecia forte o suficiente para aguentar seu peso por muito tempo. Ainda havia partes de Peter que não tinham alcançado o resto do corpo.

— Nós conhecemos meninas. Não é que nunca tenhamos visto uma. Eu adoro meninas. Quero dizer, amei muitas delas e existem algumas que eu amo agora. Na verdade, conhecemos muitas meninas. — Ele se inclinou, fazendo uma pausa. — Elas falam muito mais do que você. É legal quando elas riem.

Tiger Lily simplesmente encarava a água abaixo, tentando absorver todas as informações. Então, de repente, num segundo, os olhos de Peter se voltaram para mim, como se ele estivesse me vendo o tempo todo. Ele estendeu a mão e a levantou delicadamente até ficar embaixo de mim, me analisando. Imagine um ser humano tocando numa mosca desse jeito. A maioria dos humanos não acha que vale a pena analisar uma fada e, se tentam tocar nelas, as esmagam por acidente ou, no mínimo, quebram um membro ou dois. Mas Peter me tocou com tanto cuidado e delicadeza que parecia um sussurro.

— Você é uma coisinha linda — disse ele. Então, com a mesma rapidez, me colocou sobre uma folha e voltou sua atenção de novo para Tiger Lily. Ele apontou por sobre o filete estreito de pântano para uma árvore quase ao alcance do toque. Uma bola estranha, com fitas formando um tipo de rabo, estava empoleirada nos galhos.

— Mordisco fez essa bola para nós quando éramos crianças — disse ele. — Dá para girá-la e arremessá-la muito alto. Alto demais, acho. Miúdo a perdeu ali há séculos. Ninguém consegue pegá-la. — Ele apontou com a cabeça para os crocodilos. — Não sei por que íamos querer pegá-la, de qualquer maneira. Não íamos mais brincar com ela. Já estamos crescidos para esse tipo de coisa. Mesmo assim, Assobio a quer de volta, mais do que os outros. Talvez pelas lembranças.

Antes que ele conseguisse dizer mais alguma coisa, Tiger Lily estava no tronco da árvore, escalando-a. Ela se movimentava como uma enguia, se contorcendo com agilidade, as pernas fortes a carregando cada vez mais alto, até chegar ao galho. Fiquei empoleirada no corrimão e prendi a respiração. Peter prendeu a dele.

Peça à Tribo dos Pântanos por resistência. Mas, para coisas que exigem equilíbrio e estratégia, os Comedores de Céu eram as pessoas mais graciosas e exímias de toda a Terra do Nunca. Até as fadas ficavam maravilhadas com o dom deles. E Tiger Lily era facilmente a melhor escaladora. Era um galho impossivelmente fino, mas ela distribuiu o próprio peso com habilidade. Com simplicidade e tanta rapidez que parecia não ter exigido nenhum esforço, ela estava com a bola nas mãos, suas fitas ainda enroladas em ramos e folhas grossas.

Ela desceu e deu a bola a Peter.

— Obrigada por devolver meu colar — disse ela, com muito esforço.

Peter encarou a bola em suas mãos e franziu a testa. Depois, olhou para ela como se sentisse pena.

— Nós podíamos ter feito isso. Mas a parte difícil é desenrolar as fitas das folhas, foi isso que eu quis dizer. É simplesmente chato. Só isso.

Ela inclinou a cabeça, confusa.

— Ah — disse ela.

— Você pareceu estranha subindo na árvore daquele jeito.

Tiger Lily puxou a trança entre os dedos, a súbita autoconsciência parecendo alheia e estranha para ela.

— Não fiz isso para parecer legal — disse ela.

— Mas você se importa.

Tiger Lily analisou a árvore e decidiu que, se realmente se importasse, agora escolheria não se importar.

— Não — disse ela.

— Todas as meninas se importam — acrescentou ele, forçando a barra.

— Você não deve conhecer muitas meninas.

— Conheço um milhão — disse Peter, sombrio e sério. Houve um longo silêncio desconfortável, mas, se Peter se arrependeu das palavras, não consegui perceber.

— Você chorou? Pelo seu amigo? — perguntou ele finalmente, mudando de assunto.

Ela balançou a cabeça. Não poderia ter chorado nem se quisesse. Outras meninas na sua aldeia choravam muito. Os meninos diziam não chorar, mas ela já tinha visto Seiva de Pinheiro chorar mais do que qualquer pessoa, por causa de um pássaro ferido. Por outro lado, ele tinha uma conexão especial com os pássaros. Aprendeu todos os seus cantos. Conhecia os seus hábitos.

— É. — Peter mexeu na pele solta no dedo outra vez. — Na verdade, eu nunca fico triste. É um desperdício de tempo, você não acha?

Tiger Lily não respondeu. Ficou impressionada com a ideia de decidir não ficar triste. As palavras dele o faziam parecer muito forte. Impenetrável.

— Por que você cuidou daquele homem? — perguntou Peter.

Tiger Lily pensou na pergunta.

— Eu não queria que ele ficasse sozinho — respondeu ela finalmente.

Peter a encarou por muito tempo. Ela olhou para as nuvens cinza em movimento e voltou a andar.

Peter a seguiu. Chegamos à fronteira do território dele. Quando ela virou para se despedir, o rosto dele estava sombrio.

— Você vai voltar?

Ela balançou a cabeça. Olhei para a sombra. Quando as nuvens se aproximaram, a floresta ficou escura a poucos metros de distância.

— Não. Eu nunca vou voltar. Não terei permissão.

Por ter ficado de olho em Tiger Lily desde que ela era criança, eu sabia algumas coisas. Ela tinha muitos defeitos. Arrogância. Teimosia. Orgulho. Mas quebrar sua palavra não era um deles. Eu sabia, quando ela falou, que não voltaríamos a Peter e à toca.

Peter absorveu a resposta.

— Bem, eu queria que fosse diferente — disse com tristeza. Ele parou de repente. Estendeu a mão, e ela a encarou. — É só apertar. Uma coisa que Miúdo nos ensinou. É educado.

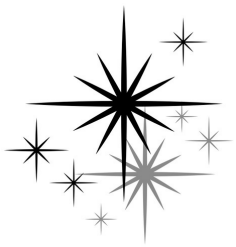
Ele pegou a mão dela e a movimentou para cima e para baixo para demonstrar. Ela permitiu em silêncio. Ele segurou os dedos dela.

De repente, ele deu um passo à frente e a puxou para si e a abraçou com força. Quando ele a soltou, ela cambaleou.

— Está bem, adeus — disse ele. E aí virou, como se esquecesse dela, e foi em direção à toca sem olhar para trás. A mim ele com certeza já tinha esquecido. Mas eu o observei se afastar. Não sei por quê, mas não consegui deixar de olhar. Ele tinha me pegado na mão. Tinha me olhado com seus olhos de cílios compridos.

Estávamos atrasadas demais para chegar à aldeia antes da chuva. Desviei dos pingos e consegui me manter seca, mas, quando chegamos em casa, Tiger Lily estava ensopada. E eu…

tinha certeza absoluta de estar apaixonada.



CAPÍTULO 13

A segunda vez em que a aldeia concluiu que Tiger Lily era amaldiçoada foi quando Tia Chama se queimou viva.

Tiger Lily estava sentada ao lado da fogueira, ouvindo Seiva de Pinheiro falar sobre as características fascinantes e misteriosas dos corvos. Ele adorava estudar o modo como os pássaros viviam e como construíam seus ninhos e as maneiras diferentes e intricadas como conversavam uns com os outros e, nos últimos tempos, estava fixado especificamente nos corvos… talvez porque achasse que poderia interessar a Tiger Lily, o que não acontecia. Ele a estava entretendo com a descrição do luto de um corvo e o comportamento tribal dos grupos de corvos quando Tia Chama apareceu, o rosto pelancudo vermelho e deformado de raiva por alguma tarefa que Tiger Lily não tinha realizado na cabana de Gigante. Ela levantou a vassoura e bateu em Tiger Lily na cabeça e nos ombros, derrubando sua tigela de milho e feijões na fogueira e fazendo Tiger Lily se inclinar para a frente.

Tiger Lily era fisicamente forte. Poderia ter quebrado Tia Chama ao meio como um graveto. Mas ela aceitou a surra, deitada no chão, teimosa demais até mesmo para cobrir a cabeça enquanto a vassoura atingia repetidas vezes seu crânio. Toda a fúria de Tia Chama por todos os insultos que havia recebido se infiltravam naqueles golpes.

Depois, quando a agressora gastou sua energia limitada, Tiger Lily simplesmente se levantou e saiu andando em direção à própria cabana.

Alguns minutos depois, Tia Chama estava recurvada ao lado da fogueira, conversando com Tia Pés Grudentos sobre a nojeira no quarto de Gigante, quando perdeu o equilíbrio levemente e caiu nas chamas, que por acaso estavam cozinhando o almoço daquele dia.

Era quase como se ela estivesse besuntada de óleo, porque o fogo pegou muito rápido. Ela saiu se sacudindo, correndo pela aldeia, pedindo socorro. Mas a velocidade só aumentava as chamas. Antes que alguém conseguisse pará-la ou saltar sobre ela com cobertores, estava na outra

ponta da aldeia, um pesadelo preto e fumegante de criatura. Desabou e, de repente, ficou em silêncio.

Quando isso aconteceu, um corvo estava comendo uma espiga de milho numa tora ao lado do local onde ela desmoronou. O corvo tinha roubado o milho da refeição da tribo, ou seja, também tinha sido assado na fogueira recentemente.

Quando Tiger Lily saiu da sua casa alguns instantes depois, tendo perdido completamente o caos, todos viraram para encará-la.

Depois daquele dia, Seiva de Pinheiro desaparecia na floresta todas as manhãs e voltava para casa à tarde, e ninguém prestava atenção. Parecia que ele finalmente estava se distanciando de Tiger Lily. Ele não era absolutamente útil para nenhuma das tarefas da aldeia, e os meninos ficavam felizes de não tê-lo nas caçadas, porque ele sempre os atrasava. Devo confessar que nem eu jamais o segui, por falta de curiosidade. Meus pensamentos estavam em Tiger Lily, como os de todas as outras pessoas.

A aldeia a observava de esguelha. Isso a sufocava, e todos nos perguntávamos o que ela ia fazer. A única coisa que nos questionávamos mais era o que Gigante ia fazer. E os esperançosos, incluindo eu mesma, achavam que ele nunca se casaria com a suspeita de assassinar sua mãe.

Durante vários dias, Gigante ficou fora, enlutado sozinho do outro lado do rio. Quando a tribo enterrou Tia Chama numa colina com vista para o mar – onde todos os mortos da tribo eram deixados para descansar em paz –, ele ficou afastado. Tic Tac presidiu a cerimônia usando um vestido verde-profundo solene e falou sobre a continuidade do espírito.

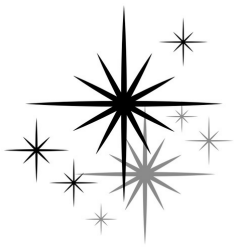
Foi durante esses dias que Gigante foi atrás de Olho da Lua pela primeira vez, quando ela tinha ido ao rio lavar o cabelo. Ela fora sentar na beira da água, e ele a vislumbrou acidentalmente entre os arbustos. Ele a assustou. Em seguida, agarrou a bainha do seu vestido. Ela escapou dele e correu de volta para a fogueira do conselho, onde se alojou ao lado de Seiva de Pinheiro e nunca disse uma palavra.

Todos observavam a casa de Tiger Lily em busca de sinais de arrependimento. Até que uma noite ela saiu e se aproximou da fogueira onde todos estavam reunidos para jantar. Todos prenderam a respiração quando a viram, e só mais tarde sussurraram sobre o que fazer em relação a isso.

Nada havia mudado nela, só que estava usando duas penas no cabelo, em vez de uma.

Admito. Voei de novo até a toca em visitas noturnas secretas. Espiei Peter e os meninos. Uma noite, me aninhei atrás da orelha de Peter enquanto ele dormia. Deitei no peito dele e o ouvi respirar. Eu queria estar perto dele, e sentir seu cheiro e ouvir seu coração.

Observei os meninos perdidos vivendo sem uma menina à vista. Reparei em como eles existiam de maneira precária, entre uma caçada e outra. E como eles se perguntavam o que mais havia lá fora para ver e fazer e o que estava faltando. Ao lado de Tiger Lily, Peter era a pessoa mais solitária que eu já tinha visto. Mas, principalmente, vi uma coisa que eles não deixariam mais ninguém ver. Como eles tinham medo e como se escondiam bem. E eu também sabia do que eles se escondiam e o quanto deveriam temer.



CAPÍTULO 14

Acreditei que ela não ia voltar até o instante em que ela estava entrando na floresta, três dias após a aldeia enterrar Tia Chama. Talvez tenha sido o sufocamento dos olhares de todos que a fez quebrar a palavra. Ou talvez, como pensei mais tarde, simplesmente havia alguma coisa nos meninos que a atraía.

Foi um pouco antes do crepúsculo, e ela escapou sem esforço, já que quase ninguém tinha coragem de se aproximar de sua casa agora, e aqueles que o fizessem achariam que ela estava no rio ou nos campos de mandioca. Ela avançou até a toca com facilidade, atravessando a floresta emaranhada e úmida, por sobre os crocodilos mordiscando debaixo da ponte. Eu a segui com as asas levemente trêmulas.

A toca estava vazia, mas Tiger Lily seguiu as pegadas (em formato de rastros de ursos – eles deviam usar disfarces nos pés) que levavam até uma lagoa. Tiger Lily jamais se enganava. Flutuei numa brisa no seu rastro.

A lagoa sofria o efeito da maré, com a habitação gigantesca e cheia de galhos de árvores de um enorme Pássaro do Nunca sendo a única coisa que flutuava na sua superfície. Esse pássaro provavelmente tinha levado anos para construir seu enorme ninho – a largura era próxima à altura de um homem, e era repleto de todos os tipos de penas coloridas furtadas de outros pássaros, já que os pássaros do Nunca – como os pássaros de todo o mundo – atraíam suas parceiras demonstrando como sabiam decorar com beleza. A água em si tinha um cheiro intenso, salgado, lamacento, e o ar frio soprava sua superfície. Entrava na terra como um polegar largo vindo do mar, onde ficava imóvel, mudo e em paz. Daqui, era difícil supor que, pouco depois da curva e da proteção das montanhas que cercavam a lagoa por três lados, o mar rugia.

Nesta noite, a margem da lagoa estava adornada com tochas. Peter estava lá, com os outros, empoleirados perto da água, observando a superfície lustrosa. Foi um dos gêmeos que a viu primeiro e soltou um grito de empolgação.

— Você chegou bem na hora — disse Mordisco sem fôlego. — Estamos fazendo um baile.

— Um baile? — perguntou ela, em dúvida.

— É uma coisa dos ingleses. Só que na Inglaterra existem meninas. Estamos homenageando Assobio porque é aniversário dele. Achamos. — Ele deu um sorriso tímido. — Pelo menos, foi isso que decidimos. Fazemos muitas festas para ele, para compensar por todas as outras vezes em que não conseguimos evitar ridicularizá-lo. Não sei se você percebeu, ele é um alvo fácil. — Tiger Lily havia percebido.

Peter se levantou e sorriu para ela, esfregando as mãos sujas nas coxas e depois estendendo uma para apertar a dela de um jeito desconfortável.

— Você não ia voltar — disse ele. Sua boca se inclinou para cima de um jeito relutante, como um sorriso que ele estava tentando conter. Ela não respondeu, mas o deixou segurar seus dedos naquele estranho gesto de boa educação. Ele não pareceu me perceber.

Todos tinham tomado banho, do jeito deles. Aparentavam estar mais limpos do que na última vez em que Tiger Lily havia aparecido, apesar de ainda estarem desgrenhados. O cabelo de Peter estava amassado para um lado, como antes, mas a pele pálida estava limpa e brilhosa. Ele era lindo, de jeito nenhum alguém poderia negar isso.

Houve um silêncio constrangido, e Tiger Lily o sentiu.

— O que vocês estão olhando? — perguntou ela.

— Tem águas-vivas na água — respondeu Peter para ela. — Aqui. — Ele a puxou para perto de si. — Elas não conseguem sobreviver em nenhum outro tipo de água, só nesta lagoa. Se flutuam perto demais da superfície, morrem. Estão aqui desde sempre e em mais nenhum outro lugar. — Ele virou os olhos para ela de um jeito solene. — Elas nunca podem ir para o mar. É trágico.

Ela olhou para a água. Dava para ver as formas fantasmagóricas das águas-vivas, mas tão fundo que ela poderia estar imaginando.

Enquanto os outros estavam absortos no que estava embaixo d'água, vasculhei a superfície de uma ponta da lagoa até a outra, por hábito. Durante anos depois de meu pai nos abandonar por Belladonna, eu o procurei… Na última vez que alguém os viu, estavam morando nas costas de um pato. Mas eu nunca tinha conseguido encontrá-lo. Já não achava de verdade que conseguiria. Porém, vasculhar as águas era um hábito.

— Bem — disse Peter depois de vários minutos. — Vamos começar o baile?

Assobio buscou jarros com um líquido marrom fétido na toca. Na verdade, Assobio parecia cumprir a maior parte das missões na própria festa. Ele corria de um lado para o outro, calçando as tochas no chão, antes de voltar para o círculo. Todos – exceto Tiger Lily, que tinha recusado com educação – começaram a beber dos jarros.

Tentei ser útil. Busquei flores comestíveis para colocar na bebida de Peter. Segurei uma folha e abanei sua orelha para mantê-lo fresco. Ele mal pareceu notar. Cuspi disfarçadamente no jarro de Crespo quando ele não estava olhando.

Uma sereia subiu numa pedra no meio da lagoa para observar as festividades. Estava nua e coberta de lama do tronco para cima, e a parte de baixo escorregadia de seu corpo estava deitada se contorcendo na superfície lamacenta e pedregosa. Era cheia de curvas e lama, dentes afiados e lábios macios. Havia cracas nos seus ombros, cotovelos e na curva do pescoço, mas ela continuava sendo um animal magnífico. Peter foi até a água e acenou para ela com delicadeza.

— Por que ela está nos observando com tanta intensidade? — perguntou Tiger Lily a Assobio.

— Ah, aquela é Maeryn. Ela quer que Peter vá nadar com ela. Ele faz isso de vez em quando.

— Mas elas o matariam. — As sereias estavam entre os predadores mais traiçoeiros de toda a Terra do Nunca. Eram conhecidas por espreitarem em corpos de água menores que poças, esperando para afogar nadadores desafortunados. Apesar de fadas não terem nada a temer em relação a sereias, porque eram pequenas e amargas demais para comerem.

— Não. — Assobio balançou a cabeça. — As sereias são apaixonadas por Peter. Essa aí principalmente.

— E Peter as ama — acrescentou Miúdo com sarcasmo. — Do jeito dele.

Tiger Lily olhou para a sereia. Pensou em Peter embaixo d'água, com a escuridão, a lama, os peixes e os cantos escondidos. As coisas que ele veria e que ela provavelmente nunca veria.

— Ele nem sabe nadar — disse Mordisco. — As sereias têm que dar impulso nele.

— As sereias não conseguem evitar ser assassinas — disse Miúdo. — Ele não devia entrar lá.

— Elas conseguem evitar se for Peter — disse Assobio. — Tudo para agradar a ele.

Miúdo revirou os olhos, mas Mordisco esfregou a cabeça de Assobio de um jeito afetuoso. Parecia ser o único a perceber que Assobio precisava de atenção extra.

— Temos sorte. Ele cuida de nós. — Mordisco tomou um gole de sua bebida e percebeu que Tiger Lily o observava com curiosidade.

— Aprendemos a beber espionando a Tribo dos Pântanos. Observamos como eles faziam cerveja. Estávamos ficando entediados de todo o resto.

A sereia chapinhou ao escorregar de volta para a água. Fiquei feliz. Havia alguma coisa ameaçadora no modo como estava sentada observando.

Os meninos iniciaram a parte dançante da noite da melhor maneira possível para um grupo só de meninos. Crespo tocava uma flauta de bambu comprida. Os gêmeos cantavam. Encontrei um lugar numa samambaia para observar. Todos ficaram irreconhecíveis conforme a noite seguia. Tiger Lily estava sentada como uma estátua, as mãos nos joelhos, as costas retas, fora de seu ambiente. Conforme ficavam mais desleixados e menos alertas, os gêmeos discutiam em voz alta demais se Tiger Lily era feia ou bonita, e finalmente concordaram que ela era "feia bonita". Tiger Lily fingiu que não tinha escutado, mas seu coração diminuiu o ritmo absorvendo o choque. Assobio e Mordisco apresentaram uma pequena peça espontânea, e Miúdo fez um pouco de balé que provocou risadas em todos. Alguns dos meninos jogaram críquete com um crânio por um tempo. Toda vez que Assobio ia bater, ele corria de uma base para outra, segurando as calças

frouxas por trás, mas não rápido o suficiente para impedir que seu bumbum fosse revelado em toda a sua glória pálida.

Quanto mais os meninos bebiam, mais delinquentes se tornavam, principalmente Peter. Crespo deixou a flauta de lado e começou a tentar incendiar pequenas coisas na fogueira. Peter mostrou a eles como puxar um galho com os dentes, e perseguiu Mordisco até as árvores e o atacou, fazendo-o gritar "Peter é o rei e vai viver para sempre" antes de deixá-lo se levantar. Finalmente, Mordisco pegou a mão de Assobio e eles dançaram uma música lenta, se apoiando um no outro, como bonecas de pano. Os gêmeos logo fizeram o mesmo. Era a prova da necessidade por outras pessoas o fato de estarem tão dispostos a se apoiarem uns nos outros, e Miúdo tocou músicas na flauta de Crespo que ficaram cada vez mais lentas, mais reflexivas e melancólicas.

Observei com uma sensação arrastada de tristeza por eles. Senti até uma saudade passageira do meu lar. As fadas também faziam bailes.

Mordisco deve ter notado que Tiger Lily estava sentada sozinha, porque de repente ele se levantou, percorreu uma linha reta até ela e a chamou para dançar. Eles se movimentavam de um jeito pesado. Ela pisou nos pés dele várias vezes e jogou os dois contra uma árvore. Virou uma fonte de vergonha – todos os olhos estavam neles –, mas Mordisco continuou de um jeito corajoso, claramente sem querer abandoná-la.

Foi rápido como um piscar de olhos: num minuto ela estava caindo sobre Mordisco de novo e, no seguinte, encaixada com perfeição diante de Peter, os braços dele se ajustando para que ela pudesse dançar com firmeza, apesar de ser um cego guiando outro cego, porque Peter também não era um dançarino (ele só parecia convencido de que era). Se balançava de um lado para o outro, corrigindo Tiger Lily com as mãos.

— É só fazer assim — disse ele. — É fácil.

Miúdo, trôpego de beber, tinha começado a bater num tambor improvisado.

— Vocês nunca tentam ficar quietos? — perguntou Tiger Lily a Peter.

— Por que faríamos isso?

— Para manter as feras afastadas.

— As coisas ruins são algumas das minhas preferidas — disse Peter. Tiger Lily não conseguiu identificar se ele era tolo ou apenas destemido. Com a maioria das pessoas, ela teria achado que era o primeiro. Mas parecia possível que Peter não tivesse medo de nada.

Ela olhou ao redor para os outros meninos desmoronados uns nos outros em danças lentas.

— Na nossa tribo, a dança é sagrada — disse ela, reflexiva.

— Nada aqui é sagrado — comentou Peter. Sua boca se inclinou para a esquerda num sorriso.

— Isso deve ser difícil — disse ela.

Peter franziu a testa.

— Por que você voltou? — perguntou ele finalmente, mudando de assunto.

— Não sei — respondeu ela.

— Tem sido um tédio sem você. Apesar de só ter vindo aqui naquela única vez. — Ele a puxou mais para perto e pareceu segurá-la com força. Tiger Lily ficou rígida e recuou um pouco, parecendo uma rosa silvestre. Peter não pareceu notar e continuou segurando sua cintura com firmeza, mas, quando a música terminou, ele soltou a mão dela sem pestanejar. Mais tarde, ela o encontrou cercado pelos meninos, falando de uma quase fuga de um dos piratas. Estavam todos fascinados, apesar, ela sabia pela história, de a maioria deles ter estado lá. Peter estava animado, as bochechas coradas, uma imagem de empolgação de menino e um tipo adulto de tenacidade. Ele poderia estar falando sobre bananas, e o grupo estaria encantado do mesmo jeito.

Suada e desperta por causa da dança, Tiger Lily estava em pé com os outros, os braços cruzados de maneira reservada, mas incluída.

Finalmente dava para perceber – pelo distinto silêncio na floresta que surgia quando os animais noturnos tinham ido dormir e os animais diurnos ainda não tinham acordado, e pelo cheiro de brotos e folhagens que estava começando a se desenrolar para o sol matinal – que era a hora antes da aurora, e Tiger Lily sabia que teria de ir para casa.

Os outros, agora meio adormecidos e deitados no chão, ouvindo Miúdo contar uma história sobre baratas, não perceberam quando ela se levantou. Ela escapou para a escuridão sem se despedir e, sentada no seu colarinho, eu o vi seguindo atrás dela. Apesar de toda a ostentação, sua confiança neste único talento era bem fundada: eu nunca vi ninguém se movimentar furtivamente perto de Tiger Lily exceto Peter.

— Acho que podemos ser bons amigos — disse ele, acertando o passo com ela. — É perfeito porque eu não ia me apaixonar por você, como me apaixono pelas sereias. As meninas sempre parecem tão exóticas. Mas seria tranquilo com você, porque você é mais… você sabe. Diferente de uma menina. — Ele deu de ombros. — Você quer?

— Quero o quê?

— Ser minha amiga. — Naquele momento, invejei Tiger Lily pela primeira vez.

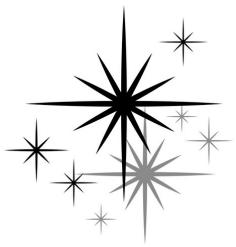
— Aqui — disse ele, segurando seu braço para pará-la. Ele se ajoelhou diante dela. Ali estavam as mesmas omoplatas estreitas, como asas de galinha. A amarração do sapato dela tinha se soltado, e ele a refez, olhando para ela enquanto o fazia, fazendo-a prender a respiração.

— Quando você voltar, posso consertar permanentemente.

— Eu não devia voltar — disse ela.

A boca dele se franziu com firmeza.

— Mas você vai voltar. Eu sei que vai. Você não vai conseguir se separar de nós, agora.



CAPÍTULO 15

Poucos dias depois, eu estava dormindo no cobertor de camurça dela quando a vi se mexer, depois se levantar num salto. Ao lado dela, no travesseiro, havia um presente de Gigante: as pulseiras de casamento de Tia Chama.

Tiger Lily dobrou as pernas compridas embaixo de si, se ajoelhando no saco de dormir segurando-as contra a luz da manhã. Ela ficou sentada desse jeito por muito tempo e, depois, antes de sair, deslizou as pulseiras no braço, como sabia que exigiriam que ela fizesse. Era uma mensagem clara como qualquer outra de que o casamento ainda estava de pé.

Do lado de fora de sua porta, as crianças tinham feito uma pilha de pedras. Havia impressões digitais empoeiradas em sua casa, nos pontos onde eles tocaram e saíram correndo.

As mulheres estavam preparando uma quantidade enorme de água de cipó-mariri fermentada para uma cerimônia. Elas faziam isso sentadas, mastigando e mastigando os caules esmagados de cipó-mariri. Era uma das coisas que Tiger Lily mais odiava, porque exigia ficar sentada imóvel por muito tempo.

Sentou com elas, e alguns olhares foram até seu pulso.

Tia Agda lhe deu um caule para mastigar, mas com um olhar de relance aconchegante e arrependido.

Às vezes, o coração de Tiger Lily batia pela sua aldeia. Esta era uma dessas vezes. Eles podiam acreditar que era amaldiçoada, temê-la e sussurrar sobre ela. Mas ainda se importavam o suficiente para sentir compaixão por ela.

O coração de uma fada é diferente do coração de um humano. Os corações humanos são elásticos. Têm espaço para todo tipo de paixão, e podem se partir e se curar e amar de novo e de

novo. Os corações das fadas são evolutivamente menos sofisticados. São pequenos e duros, como minúsculos grãos de areia. Nossos corações são pequenos demais para amar mais do que uma pessoa numa vida. Tirando raras ocorrências, como no caso do meu pai, somos feitas para ter um só parceiro pelo resto da vida. Voltei à toca várias noites e observei Peter. Tentei colocar juízo no meu coraçãozinho duro, mas ele havia pousado em Peter, uma criatura duzentas vezes maior que eu e que mal sabia que eu existia, e não havia jeito de esquecê-lo.

Sem Tia Chama para espioná-la, Tiger Lily fugia sempre que podia, mas não voltava à toca. Talvez tivesse medo de haver diferentes maneiras de ser capturada do que as que ela já conhecia. Muitas vezes ela passava as manhãs antes da chuva procurando cobras e depois indo deitar numa campina não muito distante dos arredores, onde podia observar as nuvens.

Ela estava dormindo na grama alta quando ouvimos um ruído parecido com papel – a grama roçando em si mesma – e ela se sentou reta como uma vara.

Eu o vi antes dela. Estava saindo da fronteira da floresta, com alguma coisa marrom e peluda se contorcendo nos braços. Estava com uma expressão preocupada enquanto analisava Tiger Lily. Em seus pensamentos enlameados, percebi que ele estava nervoso de vê-la, apesar de eu não saber por quê.

A figura agitada que ele segurava era um filhote de lobo minúsculo choramingando.

— A mãe dele morreu — disse ele. — Presa numa armadilha. Pensei em você. — Ele foi até ela atravessando a grama alta. Mariposas e gafanhotos fugiam pelo ar a cada passo. — As sereias não podem ficar com ele, é claro. — Ele deu um sorriso provocante.

Fazia semanas que ela o tinha visto pela última vez. O cabelo castanho estava mais bagunçado, mas ele tinha acabado de se lavar. Sua pele estava pálida, e ele parecia pensativo, a testa franzida, a brisa soprando nele e fazendo-o semicerrar os olhos para o sol que de vez em quando se filtrava pelas nuvens. Ele usava um par de calças inglesas que sem dúvida tinha recuperado do naufrágio e ia até os joelhos. Esperei que ele olhasse para mim como fizera antes, mas, se ele percebeu que eu estava ali, não deu nenhum sinal disso.

Tiger Lily de repente entendeu o significado.

— Eu não quero ele. É um animal.

— Eu também sou — disse Peter, dando de ombros. — Tenho pelos. — Ele apontou para a própria cabeça. E sorriu. — E pés. Você também é.

Tiger Lily piscou para ele. Para os Comedores de Céu, não podia haver maior diferença entre as pessoas e os animais.

Peter se ajoelhou ao lado dela e segurou o filhote pelas axilas, de modo que ele se contorceu e lambeu o próprio nariz. Ela olhou para a minúscula criatura indefesa, mas não se moveu para pegá-lo.

— Está impressionada de eu ter rastreado você até aqui? — perguntou ele.

Tiger Lily afundou para trás nas próprias mãos, insegura. Rastrear era tão fácil para ela quanto respirar.

— Eu deveria? — perguntou com sinceridade.

Peter deixou o queixo cair, olhou para o filhote de lobo e finalmente para ela de novo.

— Você o quer?

— Não. — Ela balançou a cabeça.

— Mas ele vai morrer.

— Fique você com ele.

Peter se ajoelhou, e seus ombros afundaram.

— Não posso. Não sou bom com coisas vivas. Nem em cuidar das coisas. Nem em ser legal. Nem nada assim. O fato de Bebê ainda estar vivo é um milagre. Não sou muito menina.

— As pessoas dizem que eu também não sou muito menina — argumentou Tiger Lily. Pensou em Tic Tac, que adorava dizer que as pessoas eram um pouco de tudo, menino e menina.

Peter esperou, depois colocou o filhote no colo dela. Em seguida, moveu os lábios pretos e finos como se estivesse falando.

— Por favor, me ame — disse o lobo com a voz de Peter. — Se você não me amar, eu provavelmente terei uma morte horrível.

Tiger Lily não deu a esperada risada, mas deixou a mão pousar na cabeça do lobo. Sentiu o calor macio do seu crânio ainda em formação.

Sem uma palavra, ela concordou em ficar com o lobo, Peter viu isso e sorriu para si mesmo.

— Olho da Lua vai querer ficar com ele — disse Tiger Lily. — Ela quer ser mãe de tudo.

— Olho da Lua é a magrela bonita. Você não me contou que era filha do xamã. — Peter acariciou o filhote e se inclinou para levar o nariz ao pelo do bicho, cheirando e dando um beijinho delicado.

— Como você sabe? — perguntou ela.

— Espionei a aldeia. — Ele passou a mão no cabelo e o puxou para o lado, estendendo a pernas compridas. — Estou espionando há um tempo. Pergunte ao lobo, ele sabe.

Ele foi mexer nos lábios do lobo de novo, mas Tiger Lily o impediu.

— As pessoas da minha aldeia acham que você é um monstro — disse ela. Não acrescentou que achavam que ela também era um monstro. Além disso, ela se sentiu orgulhosa e incomodada por ele achar sua amiga bonita. — Você precisa ficar longe.

— Prefiro não.

Tiger Lily franziu o cenho para ele. Não entendia por que de repente se sentia tão protetora em relação a ele.

— Posso te obrigar. — Ela estava séria, mas Peter deu um sorrisinho.

— Com o quê?

— Com isto — respondeu ela, levando a mão à machadinha na cintura. Mas Peter simplesmente pareceu satisfeito.

Ele analisou o rosto dela e ponderou por alguns instantes.

— Quer dizer que você é uma menina corajosa? — perguntou ele.

Isso a assustou, a deixou nervosa. Ela concordou com a cabeça, insegura.

— É.

Peter agora sorriu, triunfante.

— Que bom. Então, quero lhe mostrar uma coisa.

Ela não tinha que ir. Mas aninhou o filhote contra a pele, numa dobra da túnica, e deixou Peter conduzi-la.

Esvoacei até o alto das árvores para fugir dos olhos de um milhafre que tinha acabado de chegar para circular sobre a campina, e os alcancei alguns minutos depois, andando pela floresta que eu conhecia vagamente, contornando um pântano e um emaranhado de arbustos baixos e impenetráveis. Pelo som, o rio estava próximo, mas escondido numa fenda. Eles se abaixaram sob uma enorme árvore caída pela qual eu tinha passado nas minhas caçadas. Seu tronco se projetava sobre uma cachoeira, suas raízes desaparecendo atrás dela.

Tiger Lily espiou por sobre a beira da cachoeira. A água fluía e formava uma piscina muito lá embaixo, um azul-índigo profundo e uma espuma branca dentro de um círculo de pedras irregulares.

— Você consegue mergulhar? — perguntou ele.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Consigo. — Ela e Seiva de Pinheiro tinham praticado quando eram crianças, dia após dia. Mas, como menina, ela não tinha permissão.

— Posso ver? — perguntou ele baixinho.

— Pode. — Tiger Lily acenou a cabeça.

Ela entregou o filhote a ele. Hesitou por um instante, sem saber por que ele tinha feito esse pedido. A queda era enorme. Em seguida, subiu na árvore caída, se aproximando de onde ela se pendurava sobre o abismo. Inspirou algumas vezes, porque sentia um pouco de medo, na realidade, e se lançou. Parecia um pardal mergulhando para pegar um mosquito, tão graciosa e suave.

Atingiu a água fazendo barulho, e sua cabeça emergiu um minuto depois. Lá no alto, Peter se aproximou da beira do penhasco para ter uma visão melhor. Em seguida, começou a descer para encontrá-la enquanto ela subia a colina escarpada em direção ao topo.

Quando se encontraram, estavam próximos a uma fenda que desaparecia atrás da cachoeira.

Peter estava calado. Tiger Lily estava ensopada e recuperando o fôlego e mostrou os dentes brancos para ele num raro sorriso. A água escorria do seu rosto, e ela puxou o cabelo para trás, enrolando-o nas costas. Com o rosto corado, ela estava quase femininamente bonita.

Peter a analisou por um instante, parecendo perplexo.

— Nenhum dos meninos entra aí — disse ele finalmente, apontando para a fenda. — Têm medo de ser arrastados. — Ele se esgueirou para a saliência que levava para trás da cortina de água.

— É uma terrível ofensa ao deus da cachoeira, olhar para sua face — disse Tiger Lily.

Peter deu um sorrisinho.

— Não tem nenhum deus aqui atrás. Vamos.

Tiger Lily nunca tinha ouvido alguém dizer isso. Para os Comedores de Céu, deuses morando atrás de cachoeiras era algo trivial. Mas ela claramente não queria que Peter fizesse alguma coisa que ela não fosse corajosa o suficiente para fazer.

Ele a conduziu para dentro. Ela não sabia por quê, mas o seguiu, aninhando o filhote de lobo bem perto do corpo.

A água despencava pouco além dos ombros deles com uma força incomensurável. Era difícil para alguém do meu tamanho não imaginar como seria ser uma gota no dilúvio, lançada do penhasco no alto para uma queda incerta.

Peter sorriu para ela, tranquilizando-a. O ar tinha um cheiro forte de lama e terra e raízes e madeira e pedra molhada.

— Não posso ficar — disse Tiger Lily, o coração disparado, se movimentando para voltar pelo caminho de onde viera. O lugar parecia sagrado.

— Podemos sair pelo outro lado — disse Peter. — Por aqui…

Ele a conduziu por um ponto onde tinham que se abaixar. Tentou ajudá-la, mas ela subiu sozinha. Era mais escuro aqui, e da fenda acima deles dava para ouvir a respiração de Tiger Lily e a dele. Ele estava logo atrás dela.

— Desculpe. Você está com medo?

— Não. Eu gosto — disse ela, apesar de não explicar por quê. Ela gostava de estar embaixo do solo, onde nada parecia mudar. Ela virou e sorriu para ele, que retribuiu o sorriso, mas com mais incerteza.

Os dois andaram por mais alguns minutos, mas cada vez mais havia alguma coisa diferente, uma carga no ar. O silêncio ficou pesado.

Peter se mexeu para ajudá-la a passar pelo estreito túnel ascendente, uma ajuda da qual ela não precisava, e o som da água se tornou abafado. A luz escorria sobre ela em duas faixas estreitas e, conforme as mãos dele se moveram para impulsioná-la, ele levou o próprio rosto ao pescoço dela, quase como se estivesse esbarrando nela sem querer, só que ele beijou a pele do pescoço dela, muito rapidamente. Não acho que ele estava planejando fazer isso nem que tivesse pensado naquilo até aquele momento.

Ela ficou imóvel como um lago subterrâneo e esperou ele se afastar. E, quando ele o fez, parecendo surpreso consigo mesmo e levemente envergonhado, Tiger Lily não encontrou seus olhos, mas manteve o rosto rígido. Ela içou o próprio corpo de maneira calculada para o ar aberto

e se afastou com pés silenciosos, agarrando o filhote ao peito. Esvoacei atrás dela. Dava para ouvir que ele não a seguiu.

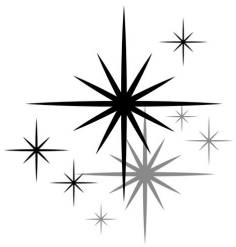
De algum modo, parecia que Gigante ia saber. Era a tangibilidade de sua malícia, que poderia levar uma pessoa a acreditar que ele tinha ouvidos na floresta. Assim, quando vi a agitação na aldeia, pessoas correndo de um lado para o outro e tudo desgrenhado, Olho da Lua segurando o portão com força e todos olhando para Tiger Lily, depois agarrando suas roupas para puxá-la para dentro, percebi, com o coração pesado, que todos sabiam o que havia acontecido atrás da cachoeira e que Gigante poderia mandar matá-la por traição.

Então, não senti a confusão e o choque desse cumprimento até que vi o objeto do caos: ele tinha entrado na aldeia pelos portões, levantado as mãos em rendição e trazido consigo mais perigo do que Peter jamais poderia.

Ele estava ajoelhado num cobertor perto da fogueira. Ninguém tivera coragem de se aproximar e consertá-lo, apesar de ele estar claramente quebrado. Estava magro e parecia que, se os trapos de suas roupas se desintegrassem, ele também o faria.

Por milagre, os óculos tinham chegado intactos com ele. Quando falou com Tiger Lily, ela oscilou sobre os pés.

Porque, antes de ele falar, ela o reconheceu. O inglês. Phillip. Vivo.



CAPÍTULO 16

Naqueles primeiros dias em que conviveu com a tribo, Phillip falava com pessoas que nós não víamos. Ele virava de um lado para o outro como se seu corpo fosse um fardo. Mas não era de se admirar. Eu nunca tinha visto uma coisa tão predominantemente morta e ainda andando.

Tiger Lily, claro, foi escolhida para cuidar dele, apesar de a curiosidade de todos estar vencendo rapidamente o medo, agora que o inglês estava entre eles. Admiravam a coragem do forasteiro; seguindo seus rastros até o oceano, Pedra e alguns dos outros guerreiros tinham descoberto que ele estava morando numa caverna, provavelmente sem conseguir subir até a parte mais alta por causa de uma perna quebrada e de costelas fraturadas, comendo os frutos do mar que conseguia encontrar. Entrar na floresta traiçoeira deve ter sido um ato de desespero, e ele teve sorte de encontrar a tribo. Mas não se aproximavam dele. Eles o instalaram numa casa na fronteira do assentamento, longe da margem do rio.

Tic Tac não conseguia ver uma pessoa sofrer e não tentar curá-la. Então, juntos, apesar do medo que Tic Tac tinha de envelhecer, ele e Tiger Lily prepararam poções e unguentos, sopas e caldos, e começaram a tentar cuidar do inglês para deixá-lo saudável. Ficavam acordados durante as noites, de modo que, se ele precisasse de alguém, eles estariam ali.

Seiva de Pinheiro insistiu em visitá-lo também.

— Se você pegar alguma coisa, também quero pegar — disse ele certa noite para Tiger Lily, quando estavam do lado de fora da cabana mal iluminada, discutindo. Olho da Lua pairava na porta e observava com olhos arregalados, mas sempre tinha medo demais para entrar, com o filhote de lobo, a quem deu o nome de Meia-Noite, aninhado no seu avental. Como a cabana de Phillip era o local mais interessante para estar em toda a aldeia, passei a morar numa caneca de argila perto da cama dele.

As crenças da aldeia eram uma coisa engraçada. A curiosidade inspirava-os a questionarem se queriam acreditar na doença do envelhecimento, no fim das contas. Sussurravam alguns círculos

que seu contágio era apenas uma superstição, e os primeiros convertidos a esse pensamento eram capazes de invocar sua coragem o suficiente para espiar pelas janelas do quarto de Phillip. A aldeia era tão pequena, com pessoas tão próximas, que, quando uma ideia se consolidava, acabava se apoderando de todo mundo. Isso às vezes facilitava na hora de convencer todos eles de alguma coisa ao mesmo tempo.

Por fim, três dias depois de ter chegado, Phillip acor-dou de sua confusão mental, focalizando no quarto ao redor. Tiger Lily se ajoelhou ao lado dele, aliviada. Olho da Lua fugiu como um rato.

Eu sabia que Tiger Lily estava pensando no beijo. Ela pensava nele quando estava lavando o cabelo e quando estava limpando o quarto de Gigante, quando estava cortando um fio com os dentes para sua tecelagem tosca e quando estava andando até a casa e dando sopa para Phillip.

Durante as semanas seguintes, ela guardou Peter como um segredo no coração, descansando pouco abaixo do seu colar. Eu o via escrito no rosto dela, e Tic Tac também parecia captar sombras dele, porque parava para encará-la, confuso, como se tivesse acabado de ver um reflexo do menino nos olhos dela – visto o fantasma do beijo se demorando por um segundo na pele do pescoço dela antes de desaparecer.

— No que você está pensando? — perguntou Tic Tac uma dessas vezes, quando ela estava sentada com as costas apoiadas na parede.

Ele bordava o interminável vestido de casamento, apesar de eles ainda estarem no meio da estação chuvosa e o dia do casamento parecer a uma eternidade de distância. Estava usando um magnífico adorno de cabeça feminino com penas e um vestido escarlate profundo. Naquela manhã, se sentira seguro o suficiente em relação à recuperação de Phillip para voltar um pouco de sua atenção para o próprio cabelo, que tinha deixado solto e bagunçado durante dias. Agora ele o trançara, juntando as tranças e prendendo uma na outra em ondas, de modo que a parte de trás da sua cabeça parecia um brilhoso mar ondulante.

O rubor no rosto dela era da cor da caverna atrás da cachoeira, o interior da fenda, o dorso das mãos de Peter.

— Nada.

Tic Tac encarou com serenidade seu trabalho, a agulha de osso se projetando entre seus lábios.

— Por que o inglês está aqui?

— Nós o resgatamos — disse ela, com um sorriso lento e questionador.

— Não. Por que ele está aqui na Terra do Nunca?

— Não sei.

— Ele nunca te falou? — perguntou ele.

Tiger Lily balançou a cabeça.

Tic Tac fez um sinal de positivo com a cabeça, pensativo.

— Garanta que ele se sinta reconfortado. Ele perdeu tudo.

Tiger Lily voltou sua mente para Phillip por um instante.

— Um tempo atrás, na casa de pedra, ele disse que um navio viria buscá-lo.

Tic Tac absorveu isso.

— Espero, pelo bem dele, que seja verdade, e pelo nosso, que não seja.

Ele colocou o trabalho no colo e deu um sorriso suave.

— Você vai ficar maravilhosa nisto.

Ela analisou o vestido, tão feminino para sua estrutura suave, as fileiras de conchas se arqueando umas sobre as outras como ondas brancas.

— Todo mundo vai pensar que sou feia.

Tic Tac sorriu.

— Isso é verdade. Mas somos uma aldeia pequena. Temos gostos limitados. Não há como saber quem mais no mundo pensaria que você é linda.

Ele recolocou a linha na agulha, e eles ficaram sentados num silêncio confortável durante vários minutos. Tiger Lily encarou o relógio de Tic Tac, hipnotizada pelo seu som metódico.

— Falando no seu casamento, Seiva de Pinheiro está planejando envenenar Gigante — disse ele de repente, quase como algo sem importância, como se estivesse fazendo um comentário sobre o clima ou o que eles iam comer no jantar. — É melhor você conversar com ele.

— Vou fazer isso. — A punição, é óbvio, seria a morte. Mas estava claro que nenhum deles temia de verdade que Seiva de Pinheiro envenenasse alguém. — Ele é um tolo.

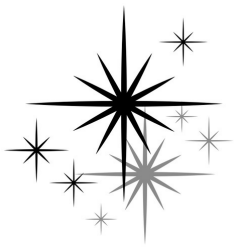
Tic Tac sorriu de novo, desta vez de um jeito complacente.

— Muito menos tolo que você. Por não saber como é se importar com um amigo o suficiente para se comportar de maneira tola…

Mas Tiger Lily estava distraída, sem se concentrar em nada do que ele estava falando. Parecia que as coisas estavam chegando a uma conclusão rapidamente. Sua inquietação pela vida tinha desaparecido, e agora parecia que a vida estava se empilhando sobre si mesma: casamento, Phillip, os meninos perdidos, Peter. Ela queria seguir o beijo da aldeia até a toca. Queria fugir no navio que Phillip dissera que viria buscá-lo. Em ambos os sonhos, uma coisa era constante. Ela sorriu ao pensar em Gigante parado na costa, sem esposa.

Ela flutuava sobre esses pensamentos o tempo todo. Eu flutuava ao redor das vidas que não podia ter. E, à noite, eu a ouvia sussurrando para o teto de sua casa.

— Esqueça ele. Esqueça ele.



CAPÍTULO 17

Vocês podem achar que meu ciúme seria enorme naqueles dias depois que Peter deu um pequeno beijo no pescoço de Tiger Lily. E estariam corretos. Mas esses momentos foram engolidos por uma emoção maior: meu carinho por Tiger Lily, que tinha crescido e assumido a maior parte do espaço do meu corpo sem eu saber. Não posso dizer que não sonhei que esse era um momento transitório de paixão e que uma hora Peter ia perceber e me escolher – por mais impossível que isso poderia ser, considerando meu tamanho. Mas eu me sentia protetora em relação a Tiger Lily. Sentia que, só de observá-la, eu poderia mantê-la em segurança de algum jeito. E também queria manter Peter em segurança. Então, fiz a única coisa que não queria. Voei até a enseada para observar os piratas.

De cima, o mundo parece ordenado. Esse é um dos principais benefícios de ter asas. Estar no alto molda tudo lá embaixo em padrões pacíficos. E, mesmo que você saiba que há um caos, uma bagunça para todo lado, é reconfortante às vezes pensar que tudo acaba se ajeitando em algo que parece elegante. Minha mãe sempre me disse que eu era parecida demais com meu pai. Que eu tinha asas inquietas e que eu era barulhenta demais. Mas não foi a curiosidade que me levou até a enseada, e eu não achava que ia gostar do que vi.

Os piratas tinham escolhido a enseada especialmente porque ninguém mais a tinha reivindicado. Localizava-se na ponta de uma projeção de terra parcialmente descoberta e levemente revestida por árvores baixas, pantanosa e infestada de mosquitos, e feia demais para qualquer tribo desejá-la… apesar de ser um porto aceitável. E oferecia privacidade. Aqui, os piratas podiam ser desleixados como quisessem. Fedia a restos decompostos e descartados de animais que eles haviam comido e coisa pior. Inspecionei tudo com nojo e prendi a respiração até chegar ao assentamento em si, que era um punhado de casas de madeira construídas de maneira tosca e uma praça central para fogueiras e refeições.

Fiquei surpresa de ver Gancho com um colar de esmeraldas na cabeça, a peça reluzente de joia empoleirada em seu cabelo preto grisalho. Eu o reconheci de uma pilha de objetos valiosos na casa de pedra. Suspeitei que Gancho queria ver se algum dos homens ia rir ou perguntar por que ele estava usando aquilo. Mas os homens apenas olhavam de esguelha, nervosos, e continuavam seu trabalho, que consistia basicamente em beber, dormir, comer e brigar.

— O que você acha? — perguntou Gancho, surpreendendo um homem que eles chamavam de Olheiro (porque era o vigia padrão) no meio de um passo. Olheiro, magro, sem alguns dentes e bronzeado, pareceu visivelmente abalado.

— É muito formoso — respondeu Olheiro finalmente.

Gancho puxou o colar e o tirou, derrotado. Ninguém jamais era sincero com ele. Smee apareceu ao seu lado com um prato de comida nas mãos, e de repente ele se iluminou. Fez sinal para Smee sentar.

— Não vejo você o suficiente, Smee — disse ele. — Como você está?

— Bem, senhor. — Smee estava limpando gordura de porco da boca com um guardanapo. Era um alívio para Gancho estar perto de alguém com modos.

Gancho deu um tapa nas costas dele.

— Está gostando da bebida? — perguntou. Smee fez que sim com a cabeça.

— Bom, sinceramente, já lambi coisa melhor do chão de um bar — disse Smee. — Mas é bom. — Gancho riu.

Eu não gostava de ouvir a mente de Gancho. Tinha um gosto amargo e um som raspado. Mas espiei alguns trechos de sua memória mesmo assim. Descobri que ele costumava se importar com muitas coisas. Era estudado, autodidata. Costumava ter uma paixão pela arte. O mundo em que nascera era verde – fazendas, vilas e campos – e o que deixara em Londres era cinza, cheio de fábricas e imundície.

A Terra do Nunca o atraíra pelas lendas. Um lugar verde. Um lugar selvagem. E, acima de tudo, um lugar onde ele nunca envelheceria. A maioria das pessoas de Londres não acreditava que existia, mas alguns insistiam que sim, e Gancho apostava nestes.

Para chegar à ilha, ele havia implorado, roubado e até mesmo matado. Tinha procurado durante anos. Ele se tornara as coisas que odiava quando jovem. Então, imagine sua surpresa quando ele finalmente chegou e percebeu… que não funcionava. Ele ainda estava envelhecendo. O mundo selvagem – tão vibrante em sua mente – era comichoso, quente e mortífero. E ele, em si, tinha se tornado mais um ladrão esfarrapado e medíocre, mais assassino que artista. O tempo havia revelado a James Gancho um tipo diferente de James Gancho do que ele pensava ser. E ele havia contado tudo isso a Smee, bebendo, na maioria das vezes não se lembrando do que dissera na manhã seguinte. E Smee tinha decidido que ele era uma das criaturas mais sofridas e miseráveis que conhecera.

Na base da colina, alguns dos homens estavam se embebedando. Smee os observava deprimido. Um homem chamado Alf estava enrolando as palavras sem parar, falando sobre o pai

para qualquer pessoa que quisesse escutar. Alguém chamado Bill estava tentando aprender sozinho a ler. Mullins e Noodler estavam batendo boca (Noodler, Smee se lembrava, ainda tinha um corte perto do olho da última vez em que ele e Mullins brigaram, com garrafas). Cookson, confuso e precisando de ajuda médica, estava caçando formigas para comer, e Cecco estava encarando um copo de cachaça. Olheiro estava tentando jogar cartas e tendo dificuldade porque estava desenvolvendo uma catarata. E esses eram alguns de seus marinheiros mais fortes. Era um grupo patético. Quem mais teria seguido Gancho pelos grandes mares de todo o mundo para morar numa ilha quente e hostil?, Smee se questionava. Quem mais além dele?

E, apesar disso, Smee descobrira que Gancho tinha altas expectativas em relação às pessoas e a si mesmo: eficiência, coragem, honestidade. Parece que elas nunca correspondiam.

Peter tinha sido a última gota, o momento em que Gancho finalmente deixara sua decepção engoli-lo por completo. Peter havia aparecido e roubado um dos meninos que Gancho trouxera de Londres como faxineiro. E tinha continuado ao longo dos anos, roubando mais meninos, mas também, e pior, fazendo Gancho se lembrar de quem ele deveria ter sido. Porque Peter parecia estar estacionado nos dezesseis anos.

— É a injustiça que eu odeio, acima de tudo — dissera ele a Smee certa noite, seus olhos vermelhos e vidrados, enrolando as palavras, a cabeça balançando enquanto ele tentava focalizar. Ele havia vomitado, depois desmaiado imediatamente num arbusto. — Odeio que o mundo não funcione de maneira justa.

Agora, sóbrio, Gancho sorriu para um homem chamado Murphy quando ele passou, gritando:

— Você é a imagem da saúde, Murphy! Como faz isso? — Depois virou para Smee. — Murphy é um idiota perfeito, você sabe. De qualquer maneira, não vejo você o suficiente, Smee. Já falei isso?

— É bom ouvir duas vezes — disse Smee.

— Você tem saído para patrulhar. Algum sinal dos meninos?

— Não. — Smee balançou a cabeça. Mas havia uma coisa que ele não estava dizendo. E Gancho percebeu. O capitão não estava em seus melhores dias, mas estava longe de ser burro. Ele sabia ler rostos. Até mesmo silêncios.

— Está escondendo alguma coisa de mim, Smee? Me conte. Não vou ficar com raiva. — Mas a verdade era que Gancho podia ficar com muita raiva. Na semana anterior, ele tinha assassinado o cozinheiro, de repente e sem aviso. Tinha se arrependido depois, mas era tarde demais.

— Tenho visto a menina — disse Smee. — Ela visita Peter, tenho quase certeza disso. — Estremeci, fazendo o tufo de líquen onde eu estava apoiada estalar, mas claro que ninguém ouviu. Disso eu não sabia. Eu não tinha ouvido os pensamentos de Smee na direção certa. Mas agora eu captava trechos da memória: Smee, escondido atrás de um arbusto de ficus enquanto Tiger Lily atravessava para o território proibido. Seu medo de saber que, se a seguisse durante mais do que

alguns passos, ela perceberia e muito provavelmente o mataria. Sua frustração de tê-la tão perto e sem um plano para capturá-la.

— Está tomando cuidado para ela não descobrir você? — perguntou Gancho, depois continuou antes de esperar uma resposta. — Os Comedores de Céu não pedem explicações. Se ela se sentir ameaçada, eles aparecem e interrompem a trégua. Seremos decapitados. É assim que funciona.

Smee acenou com a cabeça.

— Sou cuidadoso. Acho que ela o está mantendo em segredo.

Gancho o analisou por muito tempo, e Smee começou a comichar no corpo todo, nervoso. Dava para ver uma sombra de percepção passando por Gancho de que Smee também estava guardando um segredo.

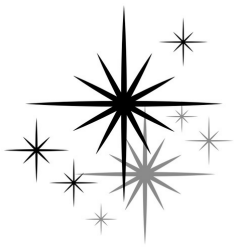
— Você não está mais interessado na menina, não é, Smee? — perguntou Gancho. Smee balançou a cabeça de um jeito furioso.

— Não sou tolo — afirmou. Eu era a única que sabia com certeza que ele estava mentindo. Gancho se recostou de novo e pareceu relaxar.

— Não me importa se o menino for afogado, esfaqueado ou asfixiado… desde que ele suma. — Ele passou as mãos no cabelo grisalho. — Continue observando-a.

Smee ousou dizer.

— Claro, senhor.



CAPÍTULO 18

Tiger Lily não se esqueceu de Peter. E eu não me esqueci do que havia escutado entre os piratas. Mas como eu poderia contar a ela?

Me tranquilizei dizendo que seus instintos eram afiados e que Smee nunca seria páreo para ela. Sério, isso era verdade. Mas isso não interrompeu a preocupação que me percorria de vez em quando, de que ela ou Peter iam se machucar. Eu esperava que ela passasse mais tempo com Seiva de Pinheiro, perto de quem eu sempre achava que ela estava em segurança, mesmo com a fraqueza dele. Mas os dois mal se cruzavam, exceto nas refeições, quando Tiger Lily ficava distante e Seiva de Pinheiro claramente sentia que sua presença não era necessária nem importante.

Ela demorou duas semanas para voltar à toca. Quando chegou, bem depois de escurecer, um ponto quente de luz estava crepitando através das fendas no chão, lhe dando as boas-vindas. Descemos pela passagem e encontramos os meninos na sala de lazer, jogando dados. Peter estava em pé na beira do salão com um serrote, arqueado sobre uma raiz retorcida gigantesca.

— Ele está construindo um apêndice — disse Miúdo.

Peter olhou para ela por sobre o ombro. Ele se endireitou.

— Bem-vinda de volta — disse ele com educação. Deu um passo à frente e apertou a mão dela, mas não olhou em seus olhos. E depois, tranquilamente, voltou para o que estava fazendo.

Só Mordisco pareceu perceber que havia alguma coisa estranha no modo como Peter a cumprimentou. Os outros se reuniram ao redor de Tiger Lily, felizes.

Ela havia trazido um saco de carne seca. Agora ela o entregava a Crespo. Todos os meninos se reuniram ao redor do saco, rosnando de empolgação. Crespo tentou obrigá-los a elogiá-lo em troca de carne.

— Me digam que eu sou o mestre supremo — disse ele, segurando um pedaço entre o polegar e o dedo indicador. — Digam que vocês estão arrependidos de qualquer coisa ofensiva que

fizeram comigo. — Mas um olhar de Peter deu fim a isso. Mesmo assim, isso não impediu Crespo de esconder alguns pedaços nos bolsos, que ele mais tarde esconderia em pequenas fendas nas paredes da toca, para serem recuperados em algum momento futuro desconhecido.

Peter continuou voltado para o trabalho.

— Todo mundo está ficando maluco hoje à noite — disse Miúdo com a boca cheia de carne. — O lugar é pequeno demais.

Mordisco o encarou.

— Estamos bem — disse ele a Tiger Lily de um jeito radiante. Mas Tiger Lily sabia que Miúdo estava certo. Confinados juntos num salão, os meninos todos pareciam grandes demais, como gigantes.

Depois de devorarem a carne, eles sentaram para fazer o que estavam fazendo, que não era muita coisa. Tiger Lily sentou ao lado de Assobio no chão e olhava de esguelha para Peter de vez em quando, confusa por sua frieza.

— Você pode trazer outras meninas algum dia? — perguntou Assobio. Um dos gêmeos chutou seu dedão do pé.

— Meninas não são como galinhas, Assobio. Ela não pode simplesmente trazer meninas.

Miúdo começou a cantar uma música melancólica bem baixinho, num idioma que não reconheci.

— Francês — explicou um dos gêmeos a Tiger Lily. — Ele está cantando sobre uma casa nas colinas. É sobre um pastor, dormindo à noite com suas ovelhas e pensando em sua família na aldeia. Pelo menos, ele disse que era sobre isso.

Os meninos todos ouviam em silêncio, apesar de estar claro que eles tinham ouvido a música muitas vezes antes. E, de repente, eles pareceram almas muito velhas.

Um dos gêmeos lançou um punhado de terra em Assobio na metade da música e, com raiva da interrupção, Miúdo cavou um punhado e jogou de volta, mas todos os meninos na linha de fogo se abaixaram, e a terra acertou direto o peito de Tiger Lily, respingando em seu pescoço, queixo e roupas.

— Basta! — rosnou Peter, tirando os olhos do trabalho, apesar de ninguém achar que ele estava prestando atenção.

Ele se levantou e analisou o tronco de Tiger Lily, cheio de terra espalhada. Depois, lançou um olhar tenebroso para os meninos.

— Às vezes… — começou, mas não terminou. Em seguida, virou para Tiger Lily. Seu olhar a deixou nervosa. — Vamos entrar na água. Você precisa se limpar antes de ir para casa.

Com os meninos no rastro, Peter e Tiger Lily saíram para os sons da escuridão, todos os ruídos noturnos vibrantes e farfalhantes. Caminharam até a lagoa e viraram para o norte, seguindo a margem até onde a terra se alargava numa praia arenosa, marcando o ponto onde a lagoa terminava e o oceano começava.

Tiger Lily era orgulhosa demais para demonstrar sua confusão e sua mágoa pela frieza de Peter.

— As sereias vão aparecer — disse ela sem emoção.

— Não se eu estiver aqui — afirmou Peter, como se fosse óbvio.

Tiger Lily não queria deixá-lo ser corajoso sozinho, então o seguiu. Ele parecia tão ousado ao entrar cada vez mais fundo na água que era difícil acreditar que ele não sabia nadar. Mas ele devia ter a certeza de que as sereias o resgatariam se ele precisasse. Ela nunca tinha visto alguém tão destemido. E sempre achou que ela era a destemida.

Os meninos os alcançaram e os seguiram para dentro d'água. Todos sem camisa, ficaram em pé como estátuas nas ondas baixas. Eles gritavam uns para os outros por sobre os sons das ondas, saltaram na arrebentação por um tempo, até que final e inevitavelmente a maré os fez entrar na boca da lagoa, onde a água ficava mais quente.

Estava mais silencioso agora, e Tiger Lily e Peter ficaram para trás. Mais além, na escuridão, os meninos podiam ser ouvidos contando suas histórias preferidas de piratas, com medo e fingindo não ter. Os corpos eram desengonçados nas sombras, quase crescidos, mas ainda em crescimento.

Eles ficaram perto da margem, Tiger Lily nadando e Peter andando ao seu lado, se impulsionando para a frente usando as mãos como nadadeiras de tartaruga. As gotas de água balançavam como diamantes em seu cabelo molhado. Eles passaram pelo ninho do Pássaro do Nunca, engenhosamente construído para flutuar apesar da carga pesada de gravetos e ramos e, no fim, ovos enormes. Algumas sereias se empoleiraram numa margem próxima, observando-os com curiosidade, mas, como Peter prometera, ficaram longe.

Conforme os dois se moviam pela água, o silêncio se estendia entre eles. Tiger Lily não o olhava diretamente, mas eu o analisei do ombro dela.

Enquanto, em terra, Peter era uma lebre, na água ele era lento. Indecisa, Tiger Lily diminuiu seu ritmo para esperar por ele. Estava pensando que nunca havia conhecido alguém como ele, e que ele beijara o pescoço dela e decidira que não gostou ou tinha se esquecido. Ela também queria esquecer. A água estava com um cheiro denso de lama, e os dois ainda ouviam baixinho o mar quebrando atrás deles. Tiger Lily se levantou e submergiu várias vezes, apreciando o silêncio da escuridão embaixo d'água. Só eu conseguia ouvir seu coração batendo rápido no escuro. Eu flutuava numa ninfeia sempre que ela mergulhava e pousava em seu ombro quando ela vinha à tona de novo. Passado um tempo, Peter estendeu a mão no ar e me pegou na palma esquerda, como se estivesse capturando um vaga-lume. Fiquei ruborizada.

Mais adiante, Miúdo falava enquanto os meninos nadavam por perto.

De repente, um estardalhaço.

Tudo aconteceu em segundos. Uma fera – enorme e coberta com pele resistente, como a de um rinoceronte – apareceu na vegetação rasteira, pouco atrás da praia, onde as duas sereias estavam deitadas observando os nadadores. Ela abocanhou uma das sereias no ar com seus dentes

gigantescos enquanto a outra disparou para a segurança da água. A criatura capturada soltou um grito alto e penetrante. Ela se debatia e lutava, mas não foi suficiente. A fera voltou correndo para a floresta carregando-a na boca. Seus gritos continuaram por mais alguns instantes, depois silenciaram. Peter me soltou, e minhas asas atingiram a água.

E foi aqui que uma coisa extraordinária aconteceu.

Para uma fada, cair na água significa que você vai morrer. Tentei me levantar, mas minhas asas estavam ensopadas e coladas à superfície da lagoa. Dava para sentir minhas pernas afundando.

As fadas têm maneiras de contar coisas umas às outras, e todas envolvem bater as asas. Bati as minhas de um jeito fraco na água, e eu sabia que ninguém ia me ouvir; para Tiger Lily e Peter, seria apenas um ruído minúsculo, irrelevante. Mas, bem quando eles estavam se retirando, vi Tiger Lily parar, virar e nadar de volta. Eu não esperava que ela estivesse vindo por mim, porque a ideia era impossível demais para fazer sentido. Mas, de repente, senti a água mudar sob mim, e suas mãos me pegaram em concha enquanto eu recuperava o fôlego. Ela olhou diretamente para mim e, sem uma mudança na expressão, rapidamente me colocou deitada em seu ombro, com o cuidado de espalhar bem as minhas asas em si. Ela se arrastou com dificuldade até a praia lamacenta. Peter ainda estava encarando a margem oposta.

Os meninos estavam todos congelados, em choque com o que tinha acabado de acontecer.

— Vocês viram isso? — perguntou Assobio de um jeito ridículo.

— Foi horrível — comentou Miúdo.

Todos debatiam sobre o que tinham visto, impressionados e empolgados com o poder da natureza. Não perceberam que Peter estava calado nem quando ele saiu da água e voltou para a toca.

Tiger Lily o observou indo embora, depois saiu para segui-lo. Testei minhas asas. A água tinha escorrido quase toda, mas fiquei onde eu estava, descansando enquanto ela andava.

Quando Tiger Lily o encontrou na cozinha, Peter estava sentado num canto, segurando Bebê e cantando para ele bem baixinho, de modo que não consegui ouvir a canção.

— Você a conhecia? — perguntou ela. Ele balançou a cabeça.

Ele bagunçou o cabelo de Bebê, depois olhou para Tiger Lily.

— A floresta tem regras. — Ele colocou Bebê com cuidado na calha junto com a mamadeira. — Mas as regras são horríveis.

— É a natureza — disse ela de um jeito reflexivo.

— Tenho muitas discordâncias com a natureza — disse ele, parecendo confuso, e suas sobrancelhas grossas se enrugaram sobre os olhos.

Ela foi até ele e colocou a mão na sua testa, como se ele estivesse com febre. Foi um movimento impulsivo. Ela não o compreendia, nem a si mesma.

Ele colocou o braço ao redor da cintura dela e a puxou para perto, apoiando a cabeça no seu estômago, como se houvesse alguma coisa para ouvir ali. Sua expressão concentrada e preocupada

suavizou.

Ela deixou a mão se apoiar no topo da cabeça dele.

Ele olhou para ela, todos os traços do caçador cruel desaparecidos, os olhos arregalados e inseguros.

— Você não voltou.

— Não — disse ela. — Eu não podia — gaguejou. — Um homem chegou.

Peter olhou para ela.

— Achei que você não ia voltar — disse ele finalmente.

— Me desculpe — respondeu ela, relutante. Eu nunca a tinha visto pedir desculpas por nada. Mesmo agora, foi como um murmúrio.

— Estamos juntos, certo? Você está comigo. Agora você vai voltar de novo com certeza, não é?

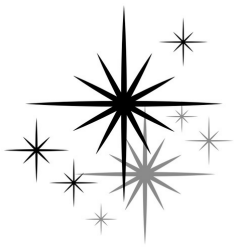
Ela fez que sim com a cabeça, seu corpo suavizando aliviado. Ela se sentiu súbita e violentamente agradecida. Ele a abraçou com mais firmeza e respirou na sua túnica de camurça. Ela não pensou em Gigante naquele momento. Quando pensou nisso mais tarde, ela se perguntou como ele não havia surgido nenhuma vez em sua mente.

— Eu nunca vi nada como você — disse Peter.

Eu estava absorvida demais nos meus pensamentos para sentir ciúme dos braços de Peter na cintura dela e do modo como ele se agarrava a ela. Não que eu estivesse com raiva dele. Era um menino disperso e distraído, e eu sabia que ele não tivera a intenção de me soltar.

Na verdade, eu estava pensando em Tiger Lily me tirando da água.

Você pensa que sabe que alguém te vê de um jeito – e mal vê –, mas depois percebe que ela vê você de outra maneira. Foi nessa noite que percebi que Tiger Lily estava me vendo – de verdade – o tempo todo.



CAPÍTULO 19

As pessoas mais velhas na Terra do Nunca tinham se agrupado e moravam num canto remoto da ilha, habitado apenas por dinossauros. Eram chamados de anciãos. Eram aqueles habitantes da Terra do Nunca que haviam sobrevivido a feras, enchentes, cruzamentos de rios, ao calor e às doenças da ilha, de modo que agora tinham centenas de anos de idade.

Peter perguntou a Tiger Lily se ela gostaria de ir vê-los, e ela respondeu que sim. Ele explicou que Miúdo tinha dito que ele deveria levá-la para fazerem alguma coisa sozinhos, e que essa era a primeira coisa que você deveria fazer se quisesse estar com alguém.

— Não significa que estamos juntos para sempre nem nada assim — acrescentou ele, ruborizando.

Essa jornada específica demoraria três dias, e Miúdo disse que era a quantidade de tempo exatamente certa. Havia inveja nos olhos dos meninos enquanto Peter explicava tudo para Tiger Lily.

Então, Tiger Lily disse a Gigante que estava saindo numa jornada feminina e simplesmente pediu a Tic Tac se poderia ter três dias para si mesma, sem nenhuma explicação. Como confiava nela, ele consentiu. Eles saíram numa manhã antes da alvorada, com sacolas de comida presas aos cintos.

O caminho atravessava um trecho grande da ilha, passando perto da floresta onde os canibais moravam e sob as casas em montanhas cobertas de pinheiros da Tribo dos Penhascos – o mais longe que Tiger Lily tinha ido (em viagens xamânicas com Tic Tac). Além dali, a floresta era tão morta e poeirenta que as pessoas raramente viajavam até lá.

Conforme andavam, os dois mantinham um olho discreto no outro. Tiger Lily observava as mãos de Peter enquanto elas se deslocavam de folha em folha nas árvores por onde passavam. Os olhos de Peter, eu vi, esbarravam constantemente nas duas penas de corvo conforme elas

balançavam, a longa linha fina de suas costas subindo até o pescoço, a rapidez graciosa de suas pernas.

Eles se mantinham afastados, mas era como se um fio conectasse seus dedos, porque eles conseguiam sentir as mãos um do outro apesar de cuidadosamente afastadas. Eu sabia porque quase conseguia ver esse fio invisível, quase conseguia me balançar nele. E, quanto mais os dedos de Tiger Lily vibrassem na direção dele, mais perto ela os mantinha do próprio corpo, longe dele. Ao longo de quilômetros, Peter perguntava se ela queria ou precisava diminuir o passo. Mas Tiger Lily não poderia estar menos cansada. Estava desperta demais.

Conforme caminhavam, ele contava histórias para ela, ocupando os espaços vazios, e falava sobre os piratas.

— Fico feliz por eles existirem — disse ele. — Nos dá alguma coisa para focalizar nossa energia. E nos faz aprender a ser furtivos.

O argumento não fazia muito sentido para Tiger Lily, mas ela respeitava o fato de fazer sentido para Peter. Ela contou a ele sobre a trégua que os piratas tinham com a tribo dela, mas ele já sabia.

Ao longo do caminho, ela colhia plantas para eles comerem, puxando tamarindos de galhos baixos, rachando nozes de palmas para compartilhar. Ela mostrou a Peter como encontrar cajás e como mascar o caule para tirar o suco. Ela sorriu para Peter com o caule se projetando na boca, fazendo uma careta, e ele riu.

— Não temos pessoas para nos ensinar essas coisas — disse Peter. — Talvez, se tivéssemos, não sentiríamos tanta fome o tempo todo.

— Eu ensino a vocês — ofereceu Tiger Lily, dando de ombros.

— Sua mãe te ensinou? — perguntou ele.

— Não tenho mãe — disse ela. — Assim como vocês. — Por algum motivo, Peter ficou feliz ao ouvir isso.

Naquela primeira noite, eles acamparam numa caverna. Só chegariam aos anciãos na tarde seguinte.

Depois de comerem, eles sentaram no chão de terra perto da fogueira e ouviram os ruídos do lado de fora. Um lobo uivou em algum lugar distante. Tiger Lily tinha cortado o joelho num espinheiro e massageou o ferimento de maneira inconsciente.

— Peter, por que você não acha que os piratas são perigosos? — perguntou ela.

Peter a olhou.

— Eu sei até que ponto eles são perigosos. Mas não quero que os meninos saibam. Acho que provavelmente é uma questão de tempo até eles nos encontrarem. — Ele levantou o olhar para ela. — Quero que os meninos sejam felizes. Como eles poderiam ser felizes se soubessem?

Tiger Lily absorveu isso com preocupação. Peter mexia em pedrinhas minúsculas no chão. Ele olhou para ela por sob as sobrancelhas.

— Algo em você me faz achar que posso contar coisas como essas. Você é tão calma. É como se você simplesmente fosse escutar. — Ele deu um sorriso amargo. — Não consigo nem ouvir o que estou pensando, a maior parte do tempo — disse ele, a sobrancelha se enrugando. — Meu cérebro é barulhento. — Ele estava certo em relação a isso.

— Mas você é tão feliz — comentou Tiger Lily.

— É, eu sou feliz — disse Peter radiante para a fogueira.

Eles ficaram sentados se entreolhando. Peter deu um sorriso torto para ela.

— Na minha opinião, ignorar coisas é importante.

Tiger Lily pensou em sua casa e em seu noivado. Os olhos de Peter viraram para mim.

— Por que essa fada segue você para todo lado? — perguntou ele. — Acha que ela planeja matá-la enquanto você dorme? — provocou. Minhas asas e a ponta dos meus pés formigaram de raiva. Mas aí ele estendeu um dedo para mim com delicadeza, e a raiva se derreteu. — Vamos chamá-la de Sininho — disse, como se eu fosse filha deles. Ele mergulhou a mão sob mim. — Oi, pequena. — Ouvi-lo dizer isso me emocionou; um apelido que Peter tinha inventado só para mim.

Tiger Lily concordou com a cabeça.

— Está bem. — Peter me deixou ir e virou de novo para ela.

— Eu nunca tive alguém como você por perto. O que as pessoas que estão juntas fazem?

Peter conseguia ser assim, tão subitamente ingênuo que isso capturava seu coração. Tiger Lily prendeu a respiração e não disse nada. Dava para ver que a aprovação dela significava o mundo para Peter, e que ele estava ali, esperando por isso.

— Peter, eu não devia continuar a ver você. Eu devo…

Peter balançou a cabeça com energia, nervoso.

— Se você tem motivos para não voltar, não quero saber. Só quero que você continue vindo mesmo assim. Ignorância, entendeu?

Tiger Lily ficou sentada, imóvel, enquanto Peter engatinhou até ela e sentou ao seu lado, olhando para o joelho cortado. O modo como ele o encarou por tanto tempo a deixou ruborizada, e ela sabia que Peter devia estar percebendo isso. Ele colocou a mão no arranhão, que doeu e a fez se encolher, se inclinou para a frente e o beijou, depois sentou e beijou seus lábios, hesitante no início e em seguida com mais força.

Peter ficou ao lado dela e a beijou por muito tempo. O coração de Tiger Lily estava disparado, seus pensamentos eram um borrão. De repente, ele se afastou. Pareceu chateado consigo mesmo por ser tão pouco cavalheiro e foi para o outro lado da caverna para dormir. Eu sabia que Tiger Lily preferia tê-lo abraçado para mantê-lo perto dela por um pouco mais de tempo, mas ela o deixou ir em silêncio. Eu o observei tirando a camisa para dormir. Seu peito era côncavo. Havia uma cicatriz comprida na lombar. E uma pequena marca de nascença na barriga.

Tiger Lily já tinha virado para a parede, e os dois fingiram que o outro não estava ali pelo resto da noite. Fiquei deitada na dobra do braço de Peter por um tempo e percebi que ele não dormiu, apenas fechou os olhos. Vi suas pálpebras tremulando, as rugas e as bordas finas. Depois, saí, me instalei no cabelo de Tiger Lily e adormeci. De manhã, ela acordou e viu Peter agachado ao seu lado, analisando-a, parecendo cansado.

— Hora de acordar — disse ele.

Eles chegaram ao destino no meio do dia.

Tudo aqui era velho e abandonado. As samambaias eram enormes, grandes o suficiente para uma pessoa usar como cama. Os insetos eram abundantes e inchados. As libélulas eram cinco vezes o meu tamanho, e eu me escondi no cabelo de Tiger Lily, mas, se ela me sentiu tremendo, agiu como se não tivesse percebido.

Tiger Lily não sentia que essa era a sua floresta, e eu também não. Eles diminuíram o passo e pareceram antecipar que alguma coisa ia pular neles a qualquer instante. Eles subiram uma ladeira, que prometia se elevar até pouco além da fronteira das árvores.

Quase no mesmo instante em que chegaram ao topo, uma trombeta soou. Eles se esconderam num gramado alto e olharam para o pequeno vale.

Lá embaixo estavam os anciãos, ou um grupo deles, se reunindo. Alguns tinham um branco surpreendente no cabelo contrastando com o escuro. Outros pareciam muito jovens. Com meus olhos aguçados, vi que muitos tinham unhas das mãos e dos pés impossivelmente compridas, agora marrons e frágeis e com aparência velha. Eles se moviam lentamente em direção uns aos outros, um pé diante do outro. Estavam todos em pé juntos e imóveis, e um minuto se transformava no seguinte. Eles ficavam parados e parados.

— Não entendo por que eles se movem tão devagar — disse Peter, perturbado.

— Talvez, quando você é tão velho, não tenha nenhum lugar para onde correr — disse Tiger Lily. Ela se sentia culpada. Parecia que estavam olhando para uma paisagem particular que não era para os olhos deles.

Ficaram deitados observando por muito tempo, e os anciãos mal se mexeram. De vez em quando, um se aproximava do grupo ou se afastava, mas em geral eles ficavam juntos e faziam muito pouco.

— Essa é a sensação de viver para sempre — disse Peter. Por motivos que eu desconhecia, houve minúsculos tremores em seu coração desordenado.

— Bem — disse ele.

— Bem.

— Vamos embora — disse Peter. E, sem cerimônia, como se eles não tivessem andado quilômetros e quilômetros para ver a paisagem, ele virou e começou a se afastar. Tiger Lily o

observou por um instante, surpresa, depois alcançou seu passo.

Naquela noite, eles dormiram no relento, ao lado de uma fogueira que Peter havia acendido. Peter não beijou Tiger Lily, exceto na testa, e se recolheu rapidamente para a própria cama.

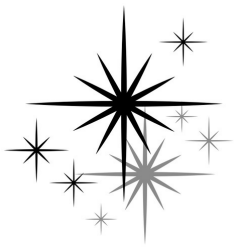
No dia seguinte, ele ficou calado durante toda a caminhada para casa. Mas, no local onde ela ia se despedir, quando ele parecia estar pensando em outra coisa quando ela virou para ir embora, ele de repente a puxou para perto e a abraçou com força, apoiando o queixo na bochecha dela.

— Obrigado por ter ido comigo.

Tiger Lily fez uma tentativa de sorrir. Depois de sentir necessidade de encarar furiosa outras crianças durante a maior parte da vida, os sorrisos nunca apareciam com facilidade em seu rosto. Mas este foi quase aceitável.

— Já estou com saudade de você — disse ele.

Tiger Lily queria dizer o mesmo. Mas se agarrou às palavras com ganância, envolvida demais no hábito de se manter em segredo. E Peter – meio triste, meio esperançoso – a deixou ir.



CAPÍTULO 20

A chuva começa a dar uma trégua maior a cada dia, e certa manhã Tiger Lily saiu de casa e viu o sol piscando para ela enquanto andava até o meio da aldeia. A estação quente havia chegado. Esta normalmente era a época preferida de Tiger Lily, quando a selva – tendo absorvido as chuvas – estava no auge de seu verde. Durava mais ou menos o ciclo de três luas. Mas, hoje, isso a preocupou. Ela sabia que no fim dela havia a estação seca, e seu casamento.

Phillip tinha adquirido o hábito de caminhar pela aldeia, ou melhor, mancar. As pessoas mantinham distância quando ele vinha coxeando pelo mesmo caminho que eles, e se encostavam nas casas dos dois lados para deixá-lo passar. Mas também o adotaram como um tipo de animal de estimação.

— O que o branco vai aprontar hoje de manhã? — perguntava Bigodes Sedosos, um dos guerreiros mais velhos, ao observá-lo passar pelo poço ou sentar ao lado da fogueira, e os outros contribuíam com suas últimas observações.

— Eu o vi ontem assobiando para um papagaio — dizia Pedra.

— Ele andou por aquele círculo onze vezes, pelas minhas contas — acrescentava Garra de Urso, irmão de Folha Vermelha.

Calmo, fraco e lento como ele estava, a aldeia estava começando a captar a forma da personalidade de Phillip quando ela transbordava pelas bordas nebulosas. Ele se encolhia com o excesso de risadas ruidosas. Franzia a testa quando os homens bebiam água de cipó-mariri e parecia preocupado e triste conforme eles eram transportados para transes cada vez mais profundos. Ficava claramente contrariado com os vestidos e penteados femininos de Tic Tac. Durante o dia, Tiger Lily ainda o levava comida e ficava sentada com ele. De vez em quando, Tic Tac aparecia com uma poção que havia preparado para uma recuperação mais rápida, e toda vez Phillip o encarava como se ele fosse uma criatura estranha e desconcertante. Sua cama era muito rudimentar. Ele não fazia as refeições com a tribo, simplesmente comia os grãos e favas puros.

Quando todos se reuniam nas margens do rio para pescar, ele levava o livro com o qual chegara e lia, o que fazia os aldeões cutucarem uns aos outros e rirem baixinho enquanto o observavam. Ele era gentil e sorria com delicadeza para as crianças. Não parecia sofrer pelo navio perdido e pela vida perdida com o mesmo pavor e sofrimento selvagens e inconsoláveis que eles pareciam sentir com uma perda.

Mas o mais impressionante em relação a ele era seu controle e sua recusa do próprio corpo. Pintavam seus corpos com mensagens e significados – gostavam de se tatuar com símbolos, pintavam os rostos para significar coisas diferentes. Phillip parecia flutuar sobre o próprio corpo, como se fosse apenas um apêndice. Não parecia se deleitar com a comida que Tiger Lily e Tic Tac levavam religiosamente para ele, nem com o ar fresco e com balançar os pés no rio nos dias quentes como os aldeões faziam. As únicas coisas com as quais ele tinha prazer pareciam se esconder em algum lugar de sua cabeça.

Ele falava com Tiger Lily de tempos em tempos, escolhendo-a.

— Nunca vivenciei um calor como esse — murmurava ele, abanando a si mesmo e à careca suada e brilhosa.

Ele contou a ela sobre sua esposa em casa, que tinha morrido três anos antes.

— Ela se contentou comigo — admitiu certa tarde. — Eu sempre soube que ela amava outra pessoa. Mas Deus trabalha de maneiras misteriosas.

Tiger Lily ouvia tudo isso com paciência, entendendo apenas pela metade as coisas que ele dizia. Queria fazer perguntas, mas eram muitas, para começar. E se sentia orgulhosa por ele estar vivo em parte por causa dela. E cuidar dele era uma pausa agradável de suas outras obrigações na aldeia.

Desde a morte da mãe, Gigante tinha passado de tolerar Tiger Lily para odiá-la ativamente. Ele fazia bagunças de propósito para ela e gerava um trabalho adicional que às vezes a mantinha acordada até tarde da noite, de modo que ela não conseguia ir à toca de jeito nenhum. Ele gostava de repreendê-la na frente dos outros e, em particular – porque os Comedores de Céu não tinham nenhuma tolerância com homens que batiam em mulheres –, até tentara nocauteá-la duas vezes com um tapa. Se bem que, para sua frustração, era quase impossível nocauteá-la.

Tiger Lily era invulnerável. Ela envolveu o segredo ao seu redor como uma coberta, e ele a manteve aquecida pelas próximas semanas, quando as pessoas da aldeia a observavam ou sussurravam como sempre. Tic Tac muitas vezes a observava, intrigado, enquanto sentavam juntos para comer ou misturar remédios. Mas não fez nenhuma pergunta a ela. Era o seu jeito de esperar ela lhe contar.

Ela estava carregando água fervida para a casa de Gigante certa tarde quando percebeu Seiva de Pinheiro escapando da aldeia com uma machadinha.

— Aonde você vai? — perguntou ela, bem na fronteira das árvores.

— Dar uma volta. — Seus braços esguios agarravam a machadinha, seus pés plantados com firmeza e sua postura pendendo levemente para a esquerda por causa da curva sutil em sua coluna vertebral.

— Com uma machadinha? Na floresta?

— Isso — respondeu ele, provocando-a com o sorriso que brotava em seu rosto. — Não se preocupe, Tiger Lily, não vou procurar um veneno para Gigante.

— Você seria um assassino — disse Tiger Lily.

Ele se apoiou no quadril.

— Tic Tac sempre exagera. Não tenho coragem de cometer um assassinato. Deixa eu te ajudar com isso.

Ele pegou o balde de água quente antes que ela pudesse resistir, e eles o deixaram na casa vazia de Gigante.

— Vamos para algum lugar antes que ele volte.

A distração dela era tão profunda que não pensou de novo no machado que ele estava levando para a floresta.

Eles desceram até a curva do rio. Era um dia brutalmente quente – até a brisa estava quente – e a água fria do rio, que descia escorrendo das montanhas, era convidativa demais para ignorar.

Sem uma palavra, os dois começaram a se despir.

Tiger Lily entrou antes dele, ansiosa. Mas Seiva de Pinheiro conhecia bem sua impaciência e não achava que ela ia esperar por ele. Ele a seguiu rio acima. Eles sopraram folhas de grama para fazê-las assobiarem. Ela deu um sorriso molhado para ele, e seu sorriso a deixou linda. Seus dentes eram brancos como conchas.

Ela afundou na água e pegou a panturrilha de Seiva de Pinheiro.

Eles se arrastaram até um aglomerado de juncos. O rio tinha escavado caminhos naturais através do alto gramado de rio, de modo que havia trilhas em miniatura escondidas por onde eles adoravam se deslocar, sabendo que ninguém poderia vê-los nem encontrá-los. Para outros, isso poderia parecer solitário, mas, para Tiger Lily e Seiva de Pinheiro, sempre fora um descanso prazeroso dos olhos das pessoas.

— Aonde você vai à noite? — perguntou Seiva de Pinheiro de repente, baixinho, como se a resposta não importasse de verdade.

Tiger Lily afundou a boca na água, depois se ergueu levemente.

— Jasmim vermelho, para problemas de estômago. Você tem que colhê-los à noite. — Disse isso tão baixinho que qualquer pessoa saberia que ela estava mentindo. Especialmente Seiva de Pinheiro, que identificava mentiras tão bem.

— Tudo bem — disse Seiva de Pinheiro. — Você não precisa contar. — Eles ficaram em silêncio por um tempo. — Você gosta de Phillip? — perguntou ele.

Tiger Lily fez que sim com a cabeça.

Seiva de Pinheiro deu de ombros.

— Eu não gosto.

— Você acha que vai pegar envelhecimento? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça. Os aldeões acreditavam cada vez menos que o envelhecimento era algo que eles podiam pegar.

— Não é isso — disse Seiva de Pinheiro.

Tiger Lily não insistiu mais na ideia.

— Talvez ele me leve consigo para a Inglaterra, quando o navio vier buscá-lo — disse ela. Não tivera coragem de expressar esse pensamento para ninguém.

— Você deixaria a tribo? — indagou ele.

— Em vez de me casar com Gigante? Sim — respondeu ela de maneira decidida. A ideia de que ir embora num navio significaria dizer adeus a Peter não entrara em sua mente.

— Eu jamais poderia ir embora — comentou Seiva de Pinheiro.

— Por quê? — perguntou ela.

Seiva de Pinheiro deu de ombros e apontou na direção da aldeia.

— Porque eu acho que as pessoas devem ser iguais em todo lugar. Só que essas pessoas são os meus ossos.

Tiger Lily flutuou, a boca aberta como se fosse falar. Mas não sei o que ela teria dito, e naquele momento, Olho da Lua passou por ali, com Meia-Noite no colo – apesar de ele estar ficando grande demais para ser carregado. Parecia que seus ossos finos iam rachar com o peso dele. Era uma visão contagiosamente charmosa, e Seiva de Pinheiro abriu um sorriso largo para ela.

— Ele não é um bebê — disse ele.

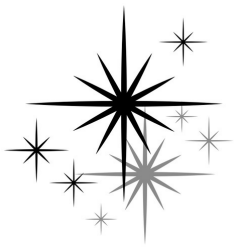
— Ele é meio que meu bebê. — Olho da Lua encarou o lobo com seu jeito atencioso e um sorrisinho maternal.

— Venha para a água — disse Seiva de Pinheiro. Olho da Lua sorriu com delicadeza, mas balançou a cabeça.

Mas Tiger Lily saiu da água – cobrindo o tronco com uma das mãos e pingando – e colocou as mãos molhadas no rosto de Olho da Lua, e juntos eles a fizeram deixar o lobo no chão e a seduziram para entrar no rio, de túnica. Meia-Noite ficou sentado na margem e choramingou, já mimado.

Olho da Lua entrou no meio dos juncos com eles, e todos cuspiram água uns nos outros. Por um instante, Tiger Lily sentiu ciúme, porque os juncos pertenciam a ela e Seiva de Pinheiro, e porque Seiva de Pinheiro sorria muito para Olho da Lua, que tinha muitos traços que Tiger Lily jamais teria, como brandura e fragilidade. Mas, por um instante, também se sentiu tão em casa na

aldeia que deixou o ciúme escorrer por entre os dedos e quase se esqueceu completamente da toca e de Peter. Mas só quase.



CAPÍTULO 21

Se eu já não soubesse que Tiger Lily era um animal, saberia agora. Tiger Lily era uma fera, e os meninos também eram, e eles eram feras juntos.

Ela resistiu, no início, a se entregar a todas as coisas às quais os meninos perdidos tinham se entregado. O modo como ficavam deitados nas folhas durante horas enquanto na aldeia estariam trabalhando arduamente no cultivo das safras, fazendo melhorias em suas casas e armazenando alimentos para a estação chuvosa. O modo como eles se cobriam de lama quando sentiam calor, enquanto os Comedores de Céu gostavam de se lavar e se arrumar três ou quatro vezes por dia. Como eles empurravam uns aos outros quando queriam ir a algum lugar e como às vezes rosnavam em vez de falar. Mas tudo isso a influenciava, e aos poucos ela também se deixou ficar suja e indisciplinada.

Era mais fácil escapar logo depois do jantar, quando os aldeões estavam ocupados conversando uns com os outros e se espalhavam em grupos separados e pequenos. Assim, apesar de às vezes ela conseguir escapar à tarde, a noite era a hora da toca. Ela podia ficar fora até bem depois de os Comedores de Céu dormirem, e aqueles que percebiam que ela havia sumido, como Seiva de Pinheiro ou Tic Tac, presumiam que ela estava evitando Gigante.

Criei o hábito de tomar conta dos meninos. O que mais eu poderia fazer? Crespo há muito tinha perdido o interesse em me esmagar, e fiquei entediada de simplesmente jogar minha cera de orelha na sua comida ou esconder sarças perto da virilha de suas calças. Comecei a limpar a bagunça deles até onde eu conseguia. Movia as pequenas quinquilharias que eles deixavam espalhadas para lugares onde seriam mais fáceis de encontrar e usar. Eu me juntava a eles quando perseguiam uns aos outros, apesar de ninguém perceber quando eu pegava alguém, pousando no ombro da pessoa. Mesmo assim, era viciante me imaginar sendo parte da vida deles, mesmo que não pensassem em mim desse jeito.

Eu observava Tiger Lily comer com os meninos, desleixada e gulosa, até todos sentirem dor no estômago. Não era incomum Assobio comer até vomitar. Ela se cobria com folhas como eles para tirar cochilos depois do jantar, emergindo com um fedor sujo e lamacento que ela sempre tinha de lavar à beira-mar antes de ir para casa. Certa noite, ouvi um som diferente, como um javali engasgando, e descobri que era o som da risada de Tiger Lily. Dali em diante, Assobio a fazia rir com frequência, perdendo o fôlego, algo que eu nunca tinha visto em todos os anos observando-a. Mordisco, curioso mas nunca insistente, conseguia fazê-la ser menos resistente e quase revelar algo sobre si mesma. Ela contou a ele sobre Tic Tac, e juntos eles refletiram sobre o que teria acontecido com os pais dela. Com os meninos, ela gostava de sentar com as pernas espalhadas como as de um menino, como eles faziam quando comiam ou descansavam, e ninguém parecia perceber ou se importar. Eu suspeitava que ela estava a um centímetro de andar por aí sem blusa também.

Dito de maneira simples, ela ficou selvagem. Ou era assim que a tribo a teria chamado. Ela lutava com os meninos como um macaco. Nem sempre ganhava, mas se saía bem. Havia muitas coisas que ela sabia fazer melhor do que eles: tinha uma mira melhor que a de todos, exceto Peter, corria mais rápido, mas eles não pareciam se importar. E ela não parecia se importar quando os meninos tocavam nela – abraçavam ou derrubavam ou davam socos no seu braço –, embora, durante anos, eu a tivesse visto deixar poucas pessoas sequer darem um tapinha em seu ombro. Ela não parecia se importar quando eles bagunçavam suas tranças ou cutucavam suas duas penas de corvo, mesmo quando Crespo gostava de roubar uma e enfiar no nariz.

— Você parece estar sentindo falta da sua pena — sibilava ele através da pena pendurada no nariz e sobre os lábios, como se não estivesse ali.

Não era que eles não a tratassem como uma menina. Eu sabia, por visitas anteriores, que eles sempre tentavam ser melhores quando ela estava por perto, sempre a deixavam comer primeiro. Mas também a atormentavam, como atormentavam uns aos outros constantemente. Até onde eu percebia, ela adorava isso.

Toda noite ela atravessava a ponte sobre os crocodilos, e isso começou a parecer familiar e seguro. Seu nariz estava mais sensível. Seus sentidos pareciam mais afiados do que nunca. Eu procurava olhos observadores e não via nada. Falei a mim mesma que, se Smee estivesse espreitando, uma de nós teria sabido. Mas a floresta era profunda e densa, e às vezes eu me perguntava se até mesmo Tiger Lily era afiada o suficiente para perceber tudo.

Quando ela conseguia escapar durante o dia, eles a levavam para caçar. Os meninos perdidos saíam para caçar de um jeito totalmente diferente dos Comedores de Céu. Eles paravam com frequência: para deitar numa campina, para colher frutinhas, para jogar coisas mortas uns nos outros ou para vadear em riachos. Eles andavam a esmo. Discutiam e brigavam. Especialmente Miúdo e Mordisco, ou Miúdo e qualquer outro.

Às vezes, Peter a tratava como se ela fosse a única coisa na floresta. Às vezes ficava tão distraído pelas coisas ao redor que ela tinha de acompanhá-lo ou ser deixada para trás. Mas

muitas vezes ela sabia que ele fazia isso de propósito, e não sabia por quê. Ele parecia ter motivos para fazer coisas que nem ele entendia.

Como posso descrever o rosto de Peter, os fragmentos dele que aderiam ao meu coração? Peter às vezes parecia indiferente e distante; às vezes seu rosto era aberto e suave como um ferimento. Às vezes ele olhava totalmente para Tiger Lily, como se ela fosse o ponto ao redor do qual todo o universo girasse, como se ela fosse o maior mistério da vida ou como se ela fosse uma chama e ele não conseguisse deixar de olhar apesar de ter medo. E às vezes tudo desaparecia no descuido, na confiança, na diversão, como se ele não precisasse de ninguém nem de nada nesta terra para se sentir feliz e vivo.

Peter no riacho era deslumbrante. Ele conseguia deixar a mão tão imóvel na água que os peixes nadavam direto até ela; ele quase parecia persuadi-los a irem até suas mãos. Ele mostrou a ela como fazer isso, como teria feito com qualquer um dos meninos; simplesmente pareceu ter assumido a obrigação de ensinar a ela. Ele escalava tudo – até mesmo, parecia, rochas escarpadas: encontrava os locais invisíveis onde os dedos dos pés se encaixavam. Ele sabia como emular o grito dos bugios com perfeição. Onde os meninos procuravam por cobras e escorpiões sob os pés, Peter não diminuía o passo nem um pouco, nem Tiger Lily quando estava acompanhando seu ritmo com teimosia. Ele nunca parecia refletir sobre uma decisão, e meramente seguia em frente e, de alguma forma, a terra sempre o capturava em suas mãos macias. Ninguém pensava em duvidar dele.

Mas o mais fascinante era que ele ficava fraco perto de Tiger Lily. Percebi isso certa tarde, quando ele a estava observando comer frutas vermelhas que eles tinham colhido de um canteiro de arbustos preferido fora da fronteira do território. As manchas de frutas vermelhas nos lábios dela pareciam praticamente torturá-lo com sua beleza. Quando ele sentou ao lado dela, louco para estar por perto, ela esmagou umas frutinhas no rosto dele, de um jeito quase tímido. Ele a agarrou pela cintura, e ela apoiou o queixo no ombro dele, hesitante, e ele tocou no rosto dela, nervoso, e o delineou. Era assim às vezes, e eu sentia que devia desviar o olhar, mas não conseguia. Eu queria estar ali, ter meu rosto tocado, ganhando um coração como o de Peter, mas o que me restava era ver isso acontecer com Tiger Lily. Peter ficava indefeso. Ele a observava com Bebê quando ela achava que ninguém estava olhando – ela cutucava o bebê com curiosidade e o encarava com fascinação e um pouco de medo. Peter a espionava na aldeia cuidando de Tic Tac. Ele gostava de vê-la correr. E sempre, eu percebia isso, apesar de sua fraqueza por ela ou por causa dessa fraqueza, ele parecia inalcançável, como se pudesse escapar a qualquer momento.

Uma rivalidade velada ameaçava o relacionamento dos dois, em que Tiger Lily achava que, se conseguisse acompanhá-lo, conseguiria se agarrar mais a ele. Não lhe ocorreu que poderia haver alguma coisa na qual Peter queria que ela fracassasse. Mas às vezes eu percebia que, mesmo para ele, ela era rápida demais, segura demais, e não parecia precisar o suficiente dele.

E, às vezes, quando tudo estava calmo e os meninos tinham saído para algum lugar, ele a puxava para perto, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, e os dois se beijavam. Eu

sempre desviava o olhar, ao mesmo tempo melancólica e triste e envolvida na felicidade dos dois.

Peter estava trabalhando numa flauta de madeira para Assobio certa noite na toca. Estava cada vez mais frustrado com a madeira em suas mãos. Era óbvio que queria terminar, mas ele odiava ficar sentado e parado. E o trabalho parecia meticuloso.

— Ele não vai terminar — sussurrou Miúdo para ela. — Ele nunca termina nada. — Ele balançou a cabeça, resignado e irritado. — Confie em mim. Nada.

Eu estava carregando diferentes ferramentas para Peter, na esperança de que elas pudessem ajudar. De vez em quando, ele levantava o olhar e dizia "Obrigado, pequena", focalizando em mim por um instante prazeroso. Eu valorizava esses segundos em que Peter me agradecia e tentava buscar outras coisas que ele poderia precisar ou querer, de modo a ter mais olhares momentâneos.

— Vocês perceberam que a vida melhorou? — perguntou Assobio, bem alto, para qualquer um.

— É a Tiger Lily — disse Miúdo, como se Assobio estivesse sendo idiota. Eles não falaram nada sobre mim, mas decidi acreditar que estavam falando de nós duas. — A vida é melhor com meninas. Meninos precisam de meninas. É por isso que as coisas são tão entediantes na toca.

— Você devia se mudar para cá — disse Mordisco para Tiger Lily.

Assobio enroscou a mão por trás do seu cotovelo e se apoiou nela, de um jeito inocente e impensado, mas, quando os olhos de Peter dispararam para os seus dedos, Assobio se afastou, depois deu apenas um tapinha no ombro dela.

— Às vezes eu quero ver construções — disse Crespo, do nada.

— Eu sonho em morar numa casa. E com meninas — disse Miúdo, depois acrescentou solene: — e também… já mencionei meninas?

— Calem a boca. — Peter se levantou de repente; soltou um suspiro alto e furioso; e saiu. Conforme previsto, deixou a flauta inacabada para trás.

Depois voltou, os ombros inclinados.

— Me desculpem — disse ele para o chão. E saiu de novo.

— Deve ser você — sussurrou Mordisco para Tiger Lily, que estava sentada ereta encostada na parede da toca, desconfortável. — Ele nunca volta e pede desculpas.

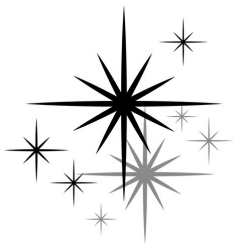
Assobio pegou as peças de sua flauta abandonada.

Certa manhã em casa, Tic Tac fez Tiger Lily experimentar o vestido de casamento. Ele pareceu decepcionado por vestir tão bem. Apesar das expectativas de ambos, o vestido era digno

dela. A simplicidade e suavidade eram sutis o suficiente para destacar suas bochechas altas e fortes e o brilho de seu cabelo. Era um vestido feito por alguém que a conhecia. Eram sua liberdade e seu silêncio costurados num vestido.

Ela odiava o que ele significava. Mas amou o vestido porque foi feito pelas mãos de Tic Tac e porque fazia com que se sentisse ela mesma. Ela o tirou.

À noite, Tiger Lily ficou virando na cama, sentindo como se Peter estivesse ao seu lado o tempo todo.



CAPÍTULO 22

Phillip cobria os aldeões com histórias, e quer fossem inventadas ou não, as pessoas da aldeia queriam que fossem verdadeiras, porque eram ávidos por alguém que lhes dissesse como eram as coisas lá fora. Ele os deixava extasiados falando da Inglaterra e mapeando o mundo, mas o que mais queriam ouvir era sobre o paraíso, e discutiam até tarde da noite uns com os outros sobre como era e o quê e quem estava lá. Eles começaram a rezar. Eu conseguia ouvi-los rezar, seus pensamentos se elevando por sobre os telhados, prometendo a Deus que eles o amavam além de tudo, algo que Phillip disse que era importante, apesar de resmungarem, em sussurros para Deus não escutar, que parecia que Ele devia ser inseguro, para precisar de tanta validação. Assim, Phillip disse que Deus conseguia vê-los o tempo todo, por isso eles tinham cuidado.

Quase nenhum aldeão, naqueles dias, gostava de começar o dia sem ouvir Phillip contar suas histórias depois do desjejum. As mulheres se aproximavam e bordavam e debulhavam milho enquanto ele falava, e os homens ficavam em pé respeitosamente e absorviam suas palavras antes de irem caçar. Seiva de Pinheiro era uma das exceções. Ele saiu para ouvir uma vez, no início, depois preferiu ir para a floresta sempre que Phillip estava dando suas palestras.

— Sabe, a ilha de vocês é tão isolada, as coisas que vieram morar aqui não moram em nenhum outro lugar — explicava ele. Contava sobre os animais na Inglaterra. Mas falava principalmente sobre as coisas do espírito.

Disse que Deus tinha propósitos. Assim, quando um bebê se perdia quando era criança, ele dizia que Deus tinha um propósito para isso. Para os aldeões, isso parecia indicar que Deus também tinha um propósito para Tia Chama morrer. Desse modo, todos começaram a temer que Deus era um espírito vingativo, mas Phillip disse que isso não era correto, que ele estava protegendo todo mundo.

— Tudo faz parte de um plano — disse ele, e sorriu. — Nossa recompensa não está aqui na terra. A terra mal importa. É só prática. Esta vida é só um lugar de passagem, uma parada na

nossa jornada.

Tiger Lily pensou em Peter e seu jeito selvagem e se perguntou se ele nunca suspeitou que estava apenas habitando um lugar de passagem e se seu jeito o impediria de ir para o céu. Se bem que, apesar de todos os perigos que pareciam cercá-lo, era impossível pensar que Peter um dia ia morrer. Ela estremeceu com a ideia.

Havia algumas coisas das quais Phillip dizia que Deus não gostava. Ele não gostava de mulheres nuas correndo em público. Não gostava que as pessoas pensassem em outros deuses. E não gostava que as pessoas adorassem objetos. Assim, os Comedores de Céu embalaram suas adoradas esculturas e pedras entalhadas e as retiraram para enterrá-las de modo a poder voltar a encontrá-las mais tarde, quando sua entrada no céu estivesse garantida. Deus também não gostava que Tic Tac usasse roupas de mulher, apesar de Phillip não ter falado isso. Mesmo assim, todos começaram a ter palpites.

Phillip coçava a careca e sorria com frequência nessas reuniões. Sua careca reluzia ao sol. Tiger Lily se perguntou se Deus não sussurrava para ele sobre suas visitas a Peter, porque ele parecia conversar com Deus com frequência e saber exatamente o que Deus pensava e queria, enquanto na tribo nunca sabiam o que os deuses queriam de jeito nenhum, apesar de terem ouvido e ouvido e ainda acharem que os desejos dos deuses sempre eram um mistério.

Assim como Seiva de Pinheiro, Tic Tac não ficava nessas palestras. Ele fugia para as campinas próximas para colher raízes. Certa tarde, Tiger Lily foi ajudá-lo. Tinha perdido as últimas duas vezes que ele saíra. Toda vez que ela levantava o olhar, ele a estava observando, depois olhava rapidamente para seu trabalho de novo.

— Tic Tac, por que você não escuta as histórias? — perguntou ela.

Tic Tac se apoiou nos quadris e pensou por um instante.

— Todo mundo quer ter certeza, mas eu nunca tenho. Prefiro sentar aqui e não saber das coisas. É ruim de minha parte, eu sei. — Ele deu uma piscada conspiratória para ela. Tic Tac tinha uma paciência ilimitada, mas era péssimo ouvinte quando não gostava do que estava ouvindo.

Eles pararam para comer duas fatias de carne de cervo que ele trouxera na sacola. Ele não havia encontrado a sacola maior, na qual tinha empacotado uma refeição mais completa.

— Você parece feliz — disse ele de repente, e encontrou seu olhar. Ela olhou rapidamente para as raízes de novo, separando-as nas bolsinhas de couro na cintura. — Mas cansada.

As noites até tarde com os meninos e as obrigações durante o dia estavam cobrando seu preço. Ela andava pela aldeia desatenta e até mesmo desajeitada. Tinha deixado cair uma tigela de madeira na cabeça de Folha Vermelha na manhã anterior. Tinha cortado Gigante enquanto aparava seu cabelo e o enfurecera a ponto de ele bater em seu rosto. Olho da Lua tinha ficado

parada observando como uma estátua, depois insistiu em assumir a lâmina porque disse que tinha mãos mais firmes, apesar de terem tremido o tempo todo.

— Para uma pessoa que vai se casar com alguém que odeia, você parece muito animada.

Ela mastigou a comida em silêncio. Tic Tac a analisou – mas seu olhar era tão sincero que não a deixava desconfortável.

— Seiva de Pinheiro é um bom menino, e ele ama você, mas lembre-se de que você está noiva de outra pessoa.

Tiger Lily levantou o olhar, chocada.

— Seiva de Pinheiro? — Ela observou a expectativa no rosto de Tic Tac. — Eu não pensaria nisso. E ele não pensaria em mim.

Tic Tac a encarou durante muito tempo, depois balançou a cabeça, meio para si mesmo. Ele se permitiu ficar perplexo por alguns instantes, depois se recompôs e falou.

— O que quer que você esteja fazendo, o que quer que esteja deixando você tão feliz, estou satisfeito com isso. Mas, se for algo que não pode se encaixar em seu casamento, se você não estiver honrando a si mesma e a nós, vai ter que abrir mão disso. O que somos nós se não formos um povo que mantém suas promessas? Não somos nada. Somos como insetos — disse ele, apontando para uma formiga num pedaço de casca de árvore, se apressando de um jeito descuidado.

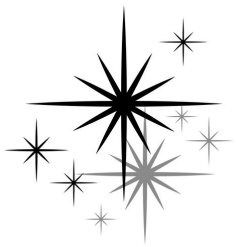
Tiger Lily olhou para suas mãos sujas. Seus dedos tremeram apenas levemente, mas o suficiente para um homem amoroso e observador como Tic Tac perceber.

— Ah, minha pequena fera, me desculpe. — De repente, ele pareceu em dúvida. — Eu confio em você. Quero que seja feliz. Talvez eu não saiba o que estou dizendo. Talvez eu não seja tão sábio.

Vou lhes contar um segredo terrível. Eu estava na água lavando minhas asas naquela noite quando vi duas silhuetas, bem quando o sol estava se pondo. Olho da Lua, indo tomar banho quando achou que não seria observada, e Gigante, um instante depois. Ela lutou, mas desta vez não conseguiu escapar.

Depois que ele se afastou, ela mergulhou no rio – uma criatura trêmula, frágil, ossuda –, decidida a se esconder melhor, a se afastar mais. Mas, ao longo das semanas seguintes, não havia lugar algum onde ele não a encontrasse.

Ela nunca contou.



CAPÍTULO 23

As vezes, Peter e Tiger Lily brigavam. A briga entre eles era assim: Peter, a cabeça um turbilhão de raiva, gesticulando e expressando cinco pensamentos de uma só vez sobre por que ela estava errada e ele certo; Tiger Lily, encolhida por dentro como uma rocha, o rosto sem expressão, ouvindo mas, ao mesmo tempo, se recusando a escutar. Ela odiava a necessidade dele de sempre vencer, e ele odiava sua frieza durante as discussões. Eles brigavam sobre a cor exata do céu e qual caminho deviam seguir numa caçada. Discordavam apaixonadamente sobre quem tinha feito o peixe mais gostoso. Eles conseguiam desenvolver ódio extremo um pelo outro num piscar de olhos.

— Não sou nada para você, não é? — disse Peter certa vez, numa discussão especialmente intensa sobre onde encontrar nabos-selvagens.

Para esse tipo de acusação, Tiger Lily respondia que ele estava tentando transformá-la em sua pequena galinha, e que ela nunca seria a "pequena galinha obediente" de ninguém – como se existisse algo parecido com uma galinha obediente. Os meninos perdidos ficavam perplexos com essas brigas, mas reviravam os olhos, suspiravam e desapareciam no momento adequado. Também aprendi a ignorá-los, mesmo quando um dos dois seguia na direção oposta à do outro e ia para casa. Quando eles faziam as pazes, era como se nada tivesse acontecido. Na verdade, era como se ficassem ainda mais grudados, como se tivessem ficado ainda mais enrolados um no outro.

Certa noite, depois de fazerem as pazes, eles se viram do outro lado da lagoa, numa faixa estreita de terra entre uma fonte aquecida borbulhante e a água parada da lagoa, deitados de barriga para baixo, encarando seus reflexos na água. Jogando pedras em ninfeias.

O vapor subiu e cobriu o rosto deles de umidade. Criaturas reluzentes flutuavam sob a água. Sentei numa folha morta e relaxei, com o ouvido atento a ruídos noturnos.

O calor da água fez Tiger Lily sentir que o ar noturno estava frio. Uma brisa provocava arrepios nos dois. Eles viam as estrelas no alto, por entre os galhos de árvores com pouca folhagem. Tiger Lily se sentia momentaneamente segura, como se nada jamais pudesse tocar nela ou nos dois. Mas Peter falava dos piratas.

— Eles têm se aproximado demais da toca — explicou. — Só um conjunto de pegadas. Nunca os vimos chegarem tão perto. Nos rastrearam até o limite da clareira. Eles não podem saber onde estamos. Mas queremos saber o que estão aprontando. Não se preocupe. Não tenho medo deles.

Senti consolo por ele ter percebido, pelo menos, que alguém andava ali por perto. Mas ele não parecia preocupado. Estava mais atormentado com Tiger Lily.

Peter gostava de analisar todas as partes dela: os punhos, os fios de cabelo, as orelhas, as minúsculas rugas nos lábios. E ela não era diferente. Memorizou a minúscula constelação de sardas à esquerda do nariz dele, as cicatrizes nos nós dos dedos, a extensão dos cílios, as muitas expressões do seu rosto. Eu conhecia tudo isso tão bem quanto ela, porque observá-lo amando Tiger Lily era melhor do que não observá-lo de jeito nenhum.

Ela encarou a superfície imóvel da lagoa. Em nenhum lugar perto da sua aldeia a água era tão lisa, e ela conseguia ver o próprio rosto na superfície – suas maçãs do rosto proeminentes, o nariz forte, a linha preta do cabelo. Ao lado dela, Peter era mais claro.

Peter girou o dedo na imagem do próprio rosto na água, fazendo-a se espalhar e se juntar de novo repetidas vezes. Ele havia prometido que as sereias os deixariam em paz neste lado da lagoa, mas ela esperava que uma mão ciumenta e viscosa se erguesse da umidade escura e a segurasse pelo pescoço a qualquer momento. Mas, se Peter ia enfrentar essa proximidade, ela também o faria.

— Como é o inglês? — perguntou ele finalmente.

— Ele é velho. Não tem cabelo na cabeça. — Ela sorriu.

Peter suspirou na água, e sua respiração fez um pequeno círculo formar ondas minúsculas.

— Parece covarde envelhecer. Você não acha?

Ela virou de lado para olhar para ele, apoiando a orelha no braço direito e deixando os dedos se pendurarem sobre a água além de sua cabeça.

— Covarde como?

Peter manteve os olhos no próprio reflexo.

— Você simplesmente se enrosca em si mesmo, senta perto da fogueira e tenta ficar confortável. Quando fica velho, apenas fica menor por dentro e tenta não prestar atenção a nada além de suas cobertas e sua comida e sua cama.

— Estar confortável não é uma coisa ruim.

Peter deu de ombros e virou a cabeça para olhar para ela como se isso fosse trivial.

— Claro que é. Pessoas velhas bloqueiam todas as coisas assustadoras e selvagens. É como se elas não existissem.

Ela queria dizer que também ia gostar se essas coisas não existissem, mas segurou a língua, porque não queria parecer covarde. Estava pensando em Gigante e nos piratas. Às vezes ela desejava poder bloquear isso e simplesmente ficar segura.

— É como agora: podíamos estar na nossa cama, seguros. Ou podíamos estar aqui, encarando a água escura da lagoa, ouvindo os sons dos insetos, com gravetos espetando nossa barriga e o perigo de sermos mortos por uma sereia a qualquer momento.

Tiger Lily balançou a cabeça.

— Mas os ingleses não podem fazer nada se o tempo passa e eles envelhecem.

Peter franziu o nariz. Bocejou.

— Não existe essa coisa de o tempo passar. Isso é uma desculpa.

— Não é, não. — Ela sentou, sorrindo para ele. — É verdade.

— Você não pode provar isso.

Ela pensou. Não havia como, supôs ela, se você não acreditasse que envelhecer fazia parte do tempo envelhecendo também. Então ela se lembrou.

— Posso. — Ela fez que sim com a cabeça. — O relógio de Tic Tac. É uma máquina que registra o tempo com ponteiros.

De repente, Peter pareceu curioso.

— Como ela é? — indagou. Tudo que Peter perguntava seu corpo também perguntava. Neste momento, ele desmoronou, derrotado, ao ouvir essa bela ideia, e também se inclinou ansiosamente para a frente.

— O relógio tem pequenos ponteiros que apontam para os minutos de um jeito muito constante. Ele mantém um registro perfeito do tempo.

Ela percebeu que Peter estava tentando entender que os momentos na vida e tudo nela poderiam ser guardados numa pequena caixa de madeira.

— Posso vê-lo? — indagou ele, seu rosto se iluminando.

— Eu nunca conseguiria tirá-lo de Tic Tac. Ele não o deixaria sair de seu campo de visão. É sua propriedade mais estimada, além do cabelo. — Ela deu um sorriso forçado para ele.

Peter afundou.

— Eu daria qualquer coisa para ver o tempo.

Ela ficou em silêncio, afinal o que poderia fazer?

— Você fica tão calada quando não sabe o que dizer. Sempre.

— Você nem sempre me conhece — disse ela. Mas ele estava certo.

Ela deslizou para perto dele.

Peter colocou a mão nas costelas dela. Simplesmente olhou para ela. Ele engoliu em seco.

— Eu te amo tanto, Tiger Lily — disse Peter. Tiger Lily ficou rígida, encarou o chão e não disse nada. Um sorriso se espalhou pelo seu rosto, mas ela não mostrou a ele.

Ficaram sentados em silêncio por muito tempo, até que finalmente Peter se levantou, parecendo desconfortável.

— Vou levar você até a ponte.

Ela ficou alarmada ao ver, cerca de dez passos adiante, uma protuberância na água, que, quando a lua passou por trás de uma nuvem, revelou ser Maeryn, observando os dois. A sereia afundou em silêncio e rápido na água.

— Me encontra na ponte amanhã à noite? — pediu Peter. — Não quero que você vá para a toca até descobrirmos o que está acontecendo com os piratas.

— Sim.

— Você está com frio? — perguntou ele. Ela fez que sim com a cabeça. Ele tirou o colete de pele e lhe deu.

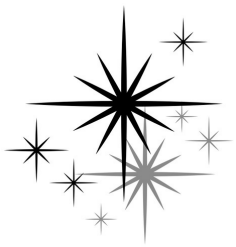
Ele esfregou os braços dela com as mãos, colocou os pés quentes sobre os pés frios dela por alguns instantes para ele absorver o frio e ela absorver o calor.

— Tudo bem. Estou sempre quente. — Depois, ele estremeceu enquanto andava.

No alto, ouvi os dois. Dava para escutar os corações. O de Tiger Lily eu conhecia bem: sua felicidade insegura e cambaleante, seu medo de conhecer algo tão lindo quanto Peter. Mas imagine minha confusão ao ouvir o dele – Peter, tão perfeito e corajoso – e perceber um medo que parecia ofuscar o dela.

Se houve um momento verdadeiro em que Tiger Lily se sentiu amando tanto Peter que jamais poderia voltar atrás, foi naquela noite, quando ele tremeu e andou e disse que estava quente e que a amava muito. Ela era feroz, sem dúvida, mas tinha um coração de menina, no fim das contas. Enquanto caminhava para casa naquela noite, ela estava tremendo com a grandeza daquilo. Eu não entendia por que ela parecia tão triste e tão feliz ao mesmo tempo. Amar alguém não era o que ela esperava. Era como cair de um lugar bem alto e se partir ao meio, e só uma pessoa ter o segredo para o quebra-cabeças de remontá-la.

Ela começou a planejar como ia abrir mão dele.



CAPÍTULO 24

Ela esperou por Peter na ponte na noite seguinte, ponderando o que ia dizer, e eu brinquei de pegar os vaga-lumes. Mas Peter não apareceu. Como ele havia pedido para ela não ir à toca sem ele, andou até a borda da lagoa para ver se conseguia localizá-lo.

Tiger Lily percebeu Maeryn depois de mim. Ela se aproximou de uma árvore, de maneira defensiva. A sereia estava sentada na lama bem na margem, encarando-a. Tinha um crânio aninhado nos braços.

— Pirata — disse Maeryn, sorrindo, quando Tiger Lily baixou a mão para perto da machadinha.

— Não quero matar você. Só estou curiosa. — Ela era a própria imagem do mistério feminino. Cheia de dentes afiados e lábios macios.

— Cuidado com aquele menino — disse ela. — Você é mais forte de várias maneiras, mas isso não significa que ele não possa destruí-la.

O primeiro pensamento que passou pela mente de Tiger Lily foi que ela não era mais forte que Peter.

— Ele não faria isso — disse ela.

— Ele não vai ter intenção. Simplesmente não vai conseguir evitar. Será um acidente. Faz parte da natureza dele, como faz parte da minha natureza viver embaixo d'água. — Tiger Lily sabia que não podia confiar em Maeryn. Não era ela a sereia que supostamente amava Peter mais que tudo? E agora Peter amava Tiger Lily. Mesmo assim, não conseguiu evitar de ficar fascinada.

Maeryn a observou, depois pareceu descobrir algo surpreendente.

— Você está guardando um segredo.

Tiger Lily deu um passo para trás e balançou a cabeça sem entusiasmo.

Maeryn balançou a mão sobre a água de um jeito descuidado.

— Ah, eu não me importo. Não me interessa. Só Peter.

Ela olhou de relance na direção da toca.

— Peter adora fazer promessas. Tem as melhores intenções de mantê-las. De algum jeito, o fato de ele não saber fazer isso torna tudo pior. Ele acha que é um menino bom, essa é a pior parte.

Tiger Lily não entendeu. O instinto lhe disse para voltar pelo caminho que tinha vindo, e ela fez isso. Mas, antes de estar fora do alcance do ouvido, Maeryn disse, numa voz baixa e perfeitamente confiante:

— Estarei aqui se você precisar de mim. E você vai precisar.

Quase todo mundo estava no rio na tarde seguinte, pescando salmões. A ilha havia deslizado para a densidade da estação quente, uma época em que os salmões nadavam rio acima e era fácil pegá-los. Você mergulhava o cesto na água e ele saía cheio de peixes, que os aldeões passariam os próximos dias defumando e secando.

Nas margens, todos que não estavam pescando se reuniram ao redor de Phillip. A aldeia parecia ter se esquecido completamente do medo em relação a ele. Estava falando que só se podia comer peixes às sextas-feiras, e que o casamento de Tiger Lily deveria acontecer num local fechado, numa capela que eles construiriam. As pessoas riram no início, porque achavam que ele estava brincando. Como Deus os veria se eles estivessem num local fechado?

Tiger Lily encontrou Olho da Lua sentada numa pedra fora do caminho até a água, com sua agulha e linha, Meia-Noite protegido ao seu lado e prestando atenção a cada movimento dela com seus olhos amarelos de lobo.

— Por que você não está no rio? — perguntou Tiger Lily.

Olho da Lua normalmente gostava de fazer seu trabalho perto da água, numa árvore caída onde podia observar os peixes e ouvir os falcões comendo as refeições do meio do dia. Ela deu de ombros.

— Por que você não está? — perguntou ela.

Tiger Lily olhou para onde Gigante estava sentado perto do rio, parte do grupo e distante dele. Não precisou dizer o motivo.

Olho da Lua abriu um espaço ao seu lado para Tiger Lily. Ela sentou e analisou seu belo trabalho: uma saia de camurça comprida, enfeitada com um pássaro voando em direção ao céu.

— É seu presente de casamento — disse Olho da Lua.

O pássaro parecia estar escapando, transcendendo a terra. Mas a atenção de Tiger Lily estava voltada para Olho da Lua: ela parecia desgrenhada, como se não tomasse banho havia dias. Ela costumava ser meticulosamente limpa, como Tic Tac.

Olho da Lua olhou para o grupo perto da água.

— Você devia falar com eles. Parece que querem acreditar em qualquer coisa que esse homem diz. Não confio nele.

— Você parece Seiva de Pinheiro — disse Tiger Lily. Os olhos das duas se moveram até Seiva de Pinheiro, que estava mergulhado no rio até a cintura, pescando. Seu peito era tão magro e frágil em comparação com o de todos os outros meninos.

— E por que seria eu a convencê-los a não confiarem? — perguntou Tiger Lily.

— As pessoas ficam nervosas com você, mas a respeitam.

Tiger Lily balançou a cabeça.

— Não.

— E você é filha de Tic Tac. Eles respeitam isso. Se bem que… — acrescentou ela — elas agora se voltam para Phillip em busca de conselhos.

Tic Tac não estava perto do rio; Tiger Lily não sabia onde ele estava. Mas tinha a sensação de que ele queria estar em algum lugar distante das lições de Phillip.

— Eu queria ser corajosa como você — disse Olho da Lua de repente.

— Por que você diz isso?

Olho da Lua deu de ombros. Se Tiger Lily não estivesse distraída, poderia ter notado a seriedade em seu tom. Como estava, simplesmente deu de ombros. Olho da Lua muitas vezes era incompreensível para ela. Não era de admirar que Seiva de Pinheiro tivesse desenvolvido tanto carinho por ela; os dois eram muito parecidos. E Tiger Lily sentiu um momento de comparação no qual seu jeito agressivo era decepcionante em relação ao jeito atencioso e delicado de Olho da Lua. No momento, não se sentia muito corajosa. E estava tentando pensar num jeito de suportar desistir de Peter.

Na água, pegando seus peixes, os aldeões pareciam muito felizes. Tia Pés Grudentos colocou o braço ao redor de Folha Vermelha e deu um abraço nela. Seiva de Pinheiro estava ajoelhado na corrente, ajudando algumas crianças a posicionarem seus cestos sob a água. Ele raramente voltava dessas investidas de pesca com algum peixe, porque passava a maior parte do tempo assim, ajudando os pequenos. Com eles, ele parecia mais confiante e vigoroso, e as crianças da aldeia – que sempre tinham tanto medo de se aproximar de Tiger Lily – afluiam até ele como abelhas iam até uma flor.

Tiger Lily pensou no que Tic Tac dissera, sobre promessas, e quem ela era se não cumprisse suas obrigações. Não percebeu Seiva de Pinheiro correndo colina acima até ele estar parado na frente delas, pingando, com um grande salmão pendurado na mão direita.

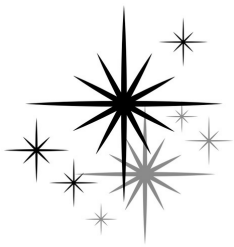
— Para minha mãe — disse ele, levantando-o. — Vou defumá-lo para durar mais tempo. — Ele ignorou a expressão que atravessou o rosto de Tiger Lily. Estava decepcionada com a fraqueza dele, a ânsia de aplacar a mãe, e isso o deixou envergonhado. — Ei — continuou ele, falsamente radiante —, você me ajuda a praticar com a lança amanhã de manhã, antes de todo mundo acordar? Tenho que ir à caça no dia seguinte. Seria bom se eu conseguisse passar o dia sem ser alvo de risadas. — Ele sorriu envergonhado, as sobrancelhas bem juntas.

Tiger Lily fez que sim com a cabeça.

— Eu prometo — disse ela.

— Ótimo. Fico devendo uma. — Seiva de Pinheiro ficou radiante.

Ele piscou para Olho da Lua, depois saiu correndo com o peixe, seus pés molhados chapinhando no caminho. Olho da Lua o observou indo embora, mas Tiger Lily não. Encarou o pássaro na saia. Refletiu se havia algum jeito de ela fugir voando também.



CAPÍTULO 25

Acordei durante a noite e vi uma silhueta perto da cama de Tiger Lily. Era Peter ajoelhado ao lado dela no escuro, observando-a. Ela acordou com uma sensação incômoda.

— Me desculpe por não ter encontrado você na ponte, Tiger Lily. Me desculpe.

— Você não devia estar aqui — disse ela, o medo correndo como um relâmpago pelas suas pernas.

— Venha comigo.

Tiger Lily queria dizer não. Mas se levantou e o seguiu. A aldeia estava profundamente adormecida, e a única luz era o fraco brilho laranja das brasas moribundas da fogueira principal. Eles não fizeram som algum, mas eu ouvia a respiração de Peter, e não falaram até terem atravessado a fronteira da floresta e se embrenhado nas árvores. E, depois, ele disse apenas:

— Os meninos estão esperando mais adiante.

Os meninos estavam em pé num bando ruidoso perto de um riacho a uma distância segura da aldeia, e se amontoavam ao redor de uma minúscula fogueira que tinham montado. Na luz do fogo, percebi que Peter tinha pintado o rosto. Todos tinham.

— Por que estamos…

— É uma aventura. — Peter deu um sorriso largo e endurecido e começou a andar. Isso a acalmou. Todos seguiram atrás dele.

Depois de alguns minutos, Mordisco acertou o passo com Tiger Lily.

— Vamos até os piratas — sussurrou ele, lançando um olhar significativo para ela e engolindo em seco, nervoso. — Eles chegaram perto demais. Vimos mais rastros, bem na fronteira do território, mas nós o perdemos. Vamos dar um alerta. — Assustada, Tiger Lily olhou para Peter em busca de confirmação. Ele não fez contato visual com ela. Estava com uma expressão irreconhecível: suas pupilas estavam enormes e seu rosto estava frio, como uma máscara de si mesmo. Os outros pareciam apavorados, e Assobio parecia que ia vomitar. Um dos gêmeos ficava

olhando para seu rosto pálido em tom de verde. O outro gêmeo, explicou Mordisco, tinha ficado em casa para cuidar de Bebê.

Tiger Lily não disse a Peter que não podia ir, que ela nunca conseguiria voltar para casa antes de amanhecer e que um comedor de céu rompendo a trégua e provocando os piratas era perigoso para toda a tribo dela. Se ele ia a algum lugar perigoso, ela queria estar junto. Ele deu um sorriso estranho e frio para ela, de longe. Ela nunca o tinha visto tão assustador.

Eles entraram lentamente na parte da ilha que era mais baixa que o resto, e mais vazia e rochosa. O medo dos meninos se tornou tangível quando vimos os primeiros pontos de referência da enseada: algumas tochas enfiadas no chão, apagadas, com crânios no topo. Odeio dizer que, logo abaixo deles, como um tipo de adorno, havia várias centenas de crânios de fadas. Eu me perguntei se pertenciam a alguém que eu conhecia ou tinha conhecido, e estremeci. A visão dos crânios também diminuiu o ritmo dos pés dos meninos, e Assobio começou a tremer. Peter seguiu em frente no mesmo passo, parecendo se esquecer que estávamos atrás dele. Tiger Lily se apressou para ficar seu lado. Inconscientemente, ela mantinha uma das mãos na machadinha.

Quando chegamos aos arredores da enseada, Peter finalmente diminuiu o ritmo, se tornou mais furtivo e ainda mais silencioso, e sorriu para os meninos, parecendo mais compenetrado em si mesmo do que talvez eu jamais o tenha visto. Percebi que tínhamos chegado perto porque havia cheiro de carne apodrecendo, e em poucos minutos chegamos ao local onde os piratas jogavam suas carcaças de animais. Eles claramente eram preguiçosos no corte da carne e deixavam algumas partes valiosas dos animais para apodrecer, como se o abate – de algo "desprezível" como um animal – não fizesse diferença. Tiger Lily achava isso vergonhoso, e seu coração endurecia um pouco mais à medida que ela andava.

Chegamos a uma trilha estreita e comprida no meio de um manguezal emaranhado. Peter andava na frente. Tiger Lily seguia logo atrás dele, mantendo os olhos treinados na folhagem densa. Dava para ouvir a respiração familiar de Peter.

E então ele parou. Tiger Lily viu uma fração de segundo depois dele.

O homem estava encolhido no chão, sua camisa branca pouco visível no meio das árvores. Estava deitado atrás de uma construção intricada de bambu e lanças afiadas, inclinadas e prontas para serem jogadas em quem estivesse vindo pela trilha.

Uma garrafa estava aninhada em seu cotovelo. Ele estava dormindo.

Foi tudo tão rápido que Tiger Lily não teve tempo de interromper.

Peter puxou um galho, e foi difícil dizer se era para ver melhor ou para se aproximar. O homem acordou. Levou um segundo para entender o que estava diante de si, mas o momento foi longo demais. Antes que ele estivesse ereto, Peter estava com uma corda fina ao redor de seu pescoço. O homem se debateu, levou a mão ao pescoço, lutou, chutou e fez um ruído torturado de gorgolhar. Durou o que parecia uma eternidade, apesar de terem sido apenas segundos. E depois, quase tão rápido quanto despertou, ele silenciou, e a vida se esvaiu dele.

Quando Peter se levantou para encarar os outros, estava ofegando e triunfante e tremendo de medo. Tiger Lily estava em pé encarando-o, em choque.

Eles andaram na direção de casa em silêncio, e o Peter que tinha matado um homem começou a desaparecer, para que o Peter que conhecíamos emergisse. Ele ficou mais calado, mais lento, mais atento aos movimentos, notando a presença sombria e raivosa a seu lado.

— Você está triste comigo — disse ele sem emoção.

Tiger Lily ergueu o queixo. Sua raiva era tão palpável que até os meninos se afastaram dela alguns passos. Seu coração estava frio como gelo.

— Ele estava pronto para nos matar. — Peter sorriu com esperança, mas o sorriso ricocheteou no aço do rosto dela e caiu.

Eles não falaram durante o resto da caminhada. Os outros meninos estavam desconfortáveis com a discórdia entre os dois e seguiam em silêncio. Mordisco ficava olhando para eles. Miúdo e Crespo discutiam num sussurro abafado sobre quem ia comer um coco que Crespo tinha tirado da própria sacola, o apetite ainda insistente apesar dos eventos recentes.

Tiger Lily andou com Peter até a toca, mas, ao chegar lá, mudou de ideia em relação a estar ali e saiu para a escuridão. Peter a deixou ir, mas foi atrás dela alguns instantes depois, assustando-a quando ela chegou ao topo de uma pequena inclinação.

— Por favor, Tiger Lily. — Ele empurrou a mão na dela, e ela deixou os dedos frouxos. — Você acha que eu sou um monstro.

— Não. — Ela balançou a cabeça, guardando os próprios pensamentos.

— Mas você acredita em matar. Se sua tribo fosse atacada.

Ela virou os olhos para ele. Estavam tão cheios de decepção que Peter se encolheu.

— Existem regras para matar — disse ela.

Os Comedores de Céu, quando iam à guerra contra alguém, enviavam uma série de alertas. Esgueirar-se, fazer uma tocaia, era tão alheio a alguém como Tiger Lily que ela nem conseguia entender.

Peter parecia desesperado. Apertou mais ainda a mão dela.

— Tiger Lily, os piratas pegam meninos novos. Normalmente são órfãos. Eles os sequestram e os colocam para trabalhar em seus navios. São escravos. Eles batem neles e fazem coisas piores. Miúdo tinha nove anos quando foi levado. Ele ainda se lembra…

A voz de Peter enfraqueceu, e ele engoliu em seco. Ela ouviu em silêncio.

— Quando o conheci, ele havia fugido. Eu o vi na floresta, e ele estava muito magro e perdido. Mas eu cuidei dele. Ao longo dos anos, resgatamos os outros. E agora… Eu tenho que espantar os piratas. Para proteger a toca.

Senti Tiger Lily se derreter, mas só um pouco.

— Peter, como foi que você chegou aqui? — perguntou ela.

Peter olhou para as próprias mãos.

— Não me lembro. Tenho uma memória ruim. Sabe como as pessoas se lembram de poucas coisas que aconteceram a elas quando eram pequenas? Miúdo se lembra, até Mordisco e os outros se lembram. Eu não me lembro dessas coisas de jeito nenhum. Só me lembro de estar aqui.

— Mas se esgueirar até alguém e atacar essa pessoa é covardia.

— Não fazer o que você pode para proteger alguém, isso é covardia. Você não entenderia. Você não precisa ter medo de nada. — Ele chutou uma raiz protuberante no chão, depois suspirou e a encarou mais suave. — Preciso que pense que eu sou legal — disse ele.

Tiger Lily ficou calada ao seu lado. Ela pegou a mão dele. Não tinha certeza do que era o amor, mas talvez ela devesse ceder.

— Acho que você é legal — sussurrou ela. Na toca atrás deles, ouviram um arroto ecoar e reverberar nas árvores. Não conseguiram evitar um sorriso.

— Acho que esse é o maior elogio que você já me fez — lamentou Peter. Isso provocou uma pontada de culpa em Tiger Lily. Ela se arrependia de não ser melhor em dizer às pessoas o quanto gostava delas. Mas Peter parecia ter tirado um peso dos ombros.

Tiger Lily suspirou. Ela agora estava enroscada em Peter e não sabia como arrancá-lo de si mesma.

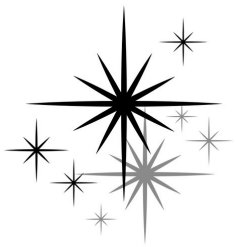
Peter voltou à toca para ver os meninos, e ela partiu sozinha. O sol estava começando a nascer. E ali, como na última vez, estava Maeryn, só os olhos fora da água, encarando-a.

Ela ergueu a boca sobre a água.

— Você está sendo observada — disse ela.

Percebo agora que ela devia estar falando de Smee. Mas não foi nele que Tiger Lily pensou. Ela de repente se lembrou que havia quebrado uma promessa.

— Você perdeu as suas penas — disse Maeryn atrás dela. Mas, apressada, Tiger Lily não escutou.



CAPÍTULO 26

Tiger Lily correu ao longo do rio, procurando Seiva de Pinheiro. Ela não costumava ir tão rio acima, conforme ele se tornava emaranhado e intransitável. Mas agora ela ouvia marteladas, camufladas pelo som da água. Seguindo o som, chegou a uma pequena estrutura, produzida com ainda mais cuidado do que a casa de Tic Tac.

Seiva de Pinheiro estava ajoelhado, retorcendo um pedaço de tendão ao redor de duas varas. Sua atenção estava tão voltada para o trabalho que ele não a ouviu se aproximar até ela estar quase em cima dele. Ele se assustou. Depois, deu um sorriso naquele seu jeito torto e lento próprio dele e se levantou, espanando a sujeira dos joelhos.

— O que você acha? — perguntou ele. Apontou para todas as varas e pedaços de madeira, a casca cuidadosamente esculpida, o arabesco, as quatro paredes.

— É isso que você anda fazendo na floresta? — perguntou ela.

Ele fez que sim com a cabeça, claramente empolgado por ela ver.

— Demorei um tempo, sou lento nessas coisas. — Mas ele estava sendo modesto.

O trabalho era espantosamente complexo. Era uma casa de verdade, com quatro paredes completas, curvadas para dentro, e apoiada em palafitas.

— Eu ia esperar um pouco mais para mostrar a você.

Estava quase terminada, exceto pelo telhado. Ficava sobre uma curva tranquila do rio, onde a água ficava mais lenta e se acumulava numa piscina pequena e calma, funda o suficiente para nadar.

— É linda, Seiva de Pinheiro.

— Você gostou?

Ela pensou nas horas que ele deve ter demorado – enquanto ela estava correndo selvagem, brincando com os meninos, fazendo a jornada até a enseada – e tentou entender como, em todo

esse tempo, Seiva de Pinheiro tinha estado aqui no mesmo trecho da floresta, trabalhando na mesma coisa, dia após dia.

— Você tem tanta paciência — disse ela finalmente, a voz diminuindo de um jeito revelador.

— Você fala isso como se fosse uma coisa ruim.

— Não — disse ela, mas a mentira era detectável. — É só que… você não fica inquieto?

Seiva de Pinheiro pareceu nervoso, e engoliu fundo.

— Fico, mas… vale a pena. Ter uma coisa para mostrar no final.

— É. — Tiger Lily fez que sim com a cabeça, como se não estivesse convencida.

Ele pareceu sentir sua desaprovação, porque voltou para o trabalho, o sorriso tendo afundado.

Tiger Lily olhou ao redor. Em cima do telhado, dois corvos estavam empoleirados, observando curiosamente Seiva de Pinheiro trabalhar.

— São seus amigos? — perguntou ela.

Ele sorriu com delicadeza, depois soltou um grasnado minúsculo e assustadoramente perfeito, depositando um punhado de frutinhas roxo-escuro no chão ao seu lado.

— Eles adoram isso — disse ele. Os corvos chegaram ali num piscar de olhos, ao lado dele, devorando as frutinhas. Não tinham medo algum de Seiva de Pinheiro. Mas, quando Tiger Lily se moveu para se ajoelhar ao lado, eles voaram para um galho próximo.

Ela se levantou e colocou uma das mãos numa das paredes, traçando os desenhos com os dedos.

— Por que você manteve isso em segredo?

Seiva de Pinheiro sentou apoiado nos joelhos.

— Não quero que as pessoas me deem opiniões sobre ela. É onde eu quero morar quando me casar. Quero que seja perto de casa, mas longe o suficiente das fofocas e dos olhos de todos. Apenas um lugar para sermos nós mesmos.

Ela se agachou ao lado dele.

— É linda, Seiva de Pinheiro. De verdade. — Ela colocou a mão no ombro dele. Imaginou Olho da Lua na casa. Como ela ia achá-la calma.

Ele olhou para ela por muito tempo.

— Você acha que eu desperdicei meu tempo?

— Não, não. É só que… você e eu somos muito diferentes. — Ela estava pensando em como ficaria entediada trabalhando na mesma tarefa monótona.

— Entendo — disse Seiva de Pinheiro. Ele havia entendido mais do que ela pretendia que ele entendesse.

Ela mudou de assunto abruptamente, para o que tinha vindo dizer.

— Sinto muito por não ter vindo hoje de manhã.

Seiva de Pinheiro fez que sim com a cabeça.

— Você ainda está saindo à noite — disse ele.

— Não consigo dormir. Saio para andar. — Ela o deixou concluir o resto. Não mentiu totalmente.

— Tenha cuidado — disse ele. Não acreditou nela. Mas não acreditava que ela mentiria para ele em relação a algo importante. — Você sempre pode esbarrar em algo que não consegue enfrentar. Um jaguar, os meninos perdidos, ou alguma coisa assim.

Tiger Lily olhou para as próprias mãos; a profundidade de sua culpa parecia abismal.

— Pode deixar.

Eu me convenci a voar de volta até a enseada alguns dias depois. Queria ver a reação dos piratas à morte do sentinela e se havia alguma coisa que eles planejavam fazer em relação a isso.

Mas fiquei surpresa de, pouco depois do território proibido, perto do canteiro de frutinhas que os meninos costumavam gostar de visitar, encontrar Smee – longe da gruta e quase irreconhecível. Estava em farrapos, cambaleando, tropeçando e fazendo barulho. Eu o segui até ele afundar numa rocha e ouvi seus pensamentos.

Ele mal escapara da enseada com vida. Gancho se mantinha bêbado desde a manhã em que encontraram Olheiro estrangulado no chão da floresta. Claro que todos sabiam quem tinha feito isso. Gancho tinha começado a ficar bêbado imediatamente, murmurando que a qualquer minuto Pan se materializaria nas árvores para assassiná-lo. Ele nem havia pego uma arma; simplesmente entrara numa depressão desoladora.

Finalmente, dois dias depois da bebedeira, ele havia se convencido de que Smee o estava traindo de algum jeito.

— Não sei sobre o que você está mentindo — dissera —, mas sei que está mentindo. — Estava bêbado demais para matar Smee. Não tinha conseguido encontrar sua faca. Por isso, ele o expulsara.

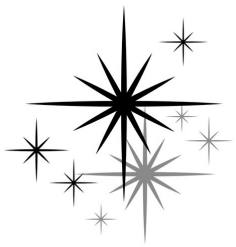
Agora, Smee, encolhido na rocha sob mim, estava sozinho. Seus pensamentos desvairados esvoaçavam de sua incompetência para caçar até o fato de que não havia ninguém que poderia acolhê-lo. Ele tinha vindo para cá porque era o último lugar onde vira Tiger Lily. Foi a única coisa que conseguiu pensar em fazer.

Ele ainda estava perdido em seus pensamentos quando ouvi passos estrondosos se contorcendo tortuosamente por entre os arbustos a alguns metros de distância. Smee entrou furtivamente no meio da folhagem. Subi alguns centímetros no ar e vi Assobio colhendo frutinhas. Para cada frutinha que colocava na bolsa de couro para levar para casa, ele enfiava duas na boca, manchando os lábios de vermelho. Estava cantarolando a música francesa de Miúdo.

Ele não estava olhando ao redor como os outros meninos estariam fazendo. Voei até pousar no seu ombro para tentar alertá-lo. Ele me reconheceu, mas me deu um peteleco, enfiando mais frutinhas entre os lábios. Puxei o lóbulo de sua orelha. Ele me bateu.

Finalmente, virou na direção de casa. Ele andava, e Smee o seguia. Meu coração começou a disparar. Quando Assobio não virou para trás, voei até ele e puxei seu cabelo com força, mas ele continuava me espantando e quase me esmagou contra uma árvore. Atrás dele eu ouvia os pensamentos de Smee: que os meninos eram o caminho para voltar às boas graças de Gancho e seu caminho até Tiger Lily, e que isso tudo era bom demais para ser verdade. Quando chegamos à toca, o pobre, estúpido e miserável Assobio puxou o toco de árvore para poder entrar no subsolo, sem dar nem uma olhadinha ao redor. Desceu alegremente pelo buraco, ainda cantarolando.

Virei para olhar, mas Smee tinha sumido.



CAPÍTULO 27

Mirabella apareceu certa manhã para me convencer a voltar para casa. Eu estava bebendo água de uma pétala de rosa quando ela surgiu na borda do meu recanto sobre a cama de Tiger Lily.

Em casa, ela tinha o pior refúgio na pior tora, onde tínhamos morado juntas. Os buracos na casca da árvore davam vista para um pedaço de terra pantanoso cheio de mosquitos. Juntas, antes de eu ir embora para sempre, tínhamos conspirado para tornar nossa casa mais confortável, caçando pedras cintilantes e tinturas de flores. Mas depois eu fui embora e fracassei em voltar.

As fadas não conseguem conversar, mas é claro que lemos os pensamentos umas das outras. Mirabella estava pensando que eu tinha me afastado por tempo suficiente. E eu achava que precisava ficar, para cuidar de Tiger Lily e Peter, especialmente agora. Para Mirabella, eu sabia, isso soava patético. Ela estava convencida de que eles não me mereciam; que não me notavam o suficiente nem para eu ser capaz de ajudá-los ou alertá-los, argumentou ela.

Entretanto, minha decisão estava tomada. Mirabella hesitou por alguns minutos, esperando eu recuperar minha sanidade. Sentou num ramo e me olhou furiosa. Mas, finalmente, saiu voando, irritada. Voei para encontrar Tiger Lily, que estava perto do rio.

Tia Pés Grudentos estava experimentando xales. Phillip os tinha encontrado na praia, trazidos do naufrágio, e ela os secara – apesar de estarem mofados e esfarrapados – perto da fogueira.

— Pareço uma dama inglesa? — perguntou ela.

Tiger Lily, sentada ao lado de Olho da Lua e Phillip numa rocha, concordou com a cabeça. Ao seu lado, Olho da Lua estava calada, e mexia nas linhas entre suas mãos.

— As pessoas que se vestem como os ingleses estão no céu? — perguntou ela.

Phillip riu.

— Bem, isso não importa — disse ele. — O que importa é o que está em seu coração.

— E se, no seu coração, você deseja o mal para outra pessoa? — perguntou Olho da Lua, surpreendendo a todos. Ela mal falava com Phillip. — Isso significa que você não pode ir para o céu?

Todos olharam para Olho da Lua por um instante. Ela olhou ao redor, depois disse, para explicar:

— Se esse alguém for uma má pessoa?

— Não cabe a você julgar outra pessoa — disse Phillip. — Não foi para julgar que Deus nos criou. — Olho da Lua absorveu isso.

— Mas você julga Tic Tac por usar vestidos — disse Tiger Lily. — Você acha que Deus não o criou para se vestir como uma mulher.

Phillip pareceu triste.

— Todos temos papéis, Tiger Lily. Você é uma mulher e tem um papel. Eu, como homem, tenho um papel. Todos temos que ser os melhores nos papéis que recebemos. Não podemos decidir trocar. Eu me sinto triste pela confusão de Tic Tac, mas sei que ele vai encontrar seu caminho.

Tiger Lily pensou nisso. Não fazia sentido para ela.

— Mas Tic Tac acredita que tudo é circular, incluindo homens e mulheres. Ele diz que a natureza dá voltas e voltas, e que todos temos pedaços de tudo.

Phillip sorriu.

— Existe um começo e um fim — disse ele com certeza.

Tiger Lily tentou imaginar Deus no céu, criando leis e fazendo as coisas acabarem junto com ele. Não parecia nem um pouco circular.

Mais tarde, ela entrou na casa de Tic Tac e sentou no chão. Ele estava sentado com os olhos fechados, fumando seu cachimbo. Tinha penteado o cabelo num padrão cruzado engenhoso descendo pelas costas, mas mais bagunçado que o normal.

Estava tragando o cachimbo. Tiger Lily sorriu.

— Phillip diz que fumar é pecado.

Ele pareceu ruminar a questão.

— Não acredito nisso. Eu nem acredito nesse bem e mal. Ai…

Ele havia queimado o dedo segurando a ponta do cachimbo. Olhou para ela timidamente.

— Isso pareceu maligno. — Ele se recostou e soprou a fumaça do cachimbo. — Talvez seja mais fácil — disse ele — acreditar que o que outra pessoa diz é absolutamente certo.

— Ele acha que você não devia usar roupas de mulher.

Isso não foi surpresa para Tic Tac. Ele sabia há um bom tempo. Ficou calado por alguns instantes, depois virou para Tiger Lily.

— Talvez você devesse falar com ele.

— Eu? — Tic Tac nunca havia pedido nada a ela. Isso a pegou de surpresa.

— Ele não me dá ouvidos. Claro — disse ele com um sorriso cansado —, pode ser que nós dois sejamos muito afeminados para ele nos dar ouvidos. O Deus único é homem, aparentemente. — Ele deu um sorriso amargo, mas triste.

Vendo a preocupação de Tiger Lily, ele deu um tapinha na sua mão.

— Não se preocupe — disse ele, deixando o cachimbo de lado e arrumando algumas coisas. — Eu confio nesta aldeia. Todos vão descobrir por conta própria. Mas — ele olhou para ela e, por um instante, o véu de sua confiança se ergueu e revelou uma incerteza desconhecida por baixo — talvez você pudesse dizer alguma coisa por mim. Por precaução. — Era um pedido tão atípico que Tiger Lily não sabia o que dizer.

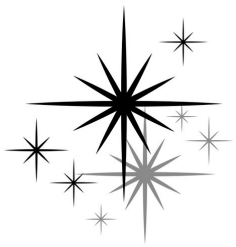
— Tic Tac… — Ela olhou ao redor do cômodo, se sentindo nervosa. — Você alguma vez acha que Phillip está certo? Acha que talvez seja melhor se você não usar vestidos?

Tic Tac olhou para ela por muito tempo.

— Só quero dizer que talvez fosse mais fácil. Assim você não precisaria se preocupar com Deus. — Ela sentiu imediatamente que tinha falado a coisa errada. Mas Tic Tac simplesmente acenou com a cabeça. Seu sorriso voltou, mas não era sincero.

— Saia e aproveite o dia — disse ele finalmente. — Não se preocupe com um velho como eu.

Tiger Lily se inclinou e beijou o topo da sua cabeça e se moveu com relutância para sair. Enquanto andava, se sentiu perturbada. Ela argumentou consigo mesma. Tic Tac devia fazer o que tornasse a vida mais fácil para ele, e o que tornaria as coisas mais fáceis para ele seria mudar apenas uma coisa. Mas, conforme andava pelo caminho de terra até sua própria casa, não conseguia afastar a sensação de que o havia decepcionado, e não sabia como mudar isso.



CAPÍTULO 28

Tiger Lily estava especialmente inquieta quando escapuliu para a toca algumas manhãs depois, quando deveria estar colhendo mandioca num campo próximo. Peter ficou radiante quando a viu.

Sussurrei no ouvido de Peter que os piratas podiam estar indo atrás deles bem neste momento, mas é claro que meu sussurro não produziu nenhum som. Puxei o cabelo de Tiger Lily, mas eu era apenas um incômodo para eles. Smee não tinha ressurgido, e eu não vi nenhum sinal dele perto da toca. Havia uma possibilidade clara de ele ter morrido de fome antes de conseguir chegar à enseada, ter sido comido por uma criatura da floresta ou ter sido assassinado por um dos outros piratas. Mesmo assim, fiquei de olho na floresta constantemente, em busca de sinais dos piratas.

— Estávamos esperando para mostrar uma coisa para você — disse Peter para Tiger Lily.

Os meninos perdidos correram pela floresta, Peter e Tiger Lily na liderança. Acompanhei do melhor jeito possível, grata por ter asas, porque Peter e Tiger Lily eram incansáveis, e até os outros meninos começaram a ficar para trás, ofegando e segurando suas laterais.

Eles chegaram ao início de uma subida. Peter apostou corrida com Tiger Lily até o topo, cada um decidido a superar o outro, os calcanhares afundando na argila macia e quebradiça enquanto subiam. Tiger Lily chegou ao topo – um platô liso, amplo e relvado – um instante à frente de Peter, mas ele a atacou, empurrando-a para ela cair por sobre seu ombro, e a carregou por alguns metros, deixando-a descer e recuando para lhe mostrar a vista.

O platô era uma campina gigantesca, coberta de grama alta e pedras largas e lisas. Os meninos todos desmoronaram, achatando a grama ao redor até terem uma bela vista de 360 graus da ilha abaixo. Dava para ver até o litoral em duas direções, trechos de floresta verde e a extensão marrom do pântano, até mesmo – muito pequena e escura – a lagoa.

— É lindo — disse Tiger Lily. A Terra do Nunca se estendia diante deles como se pertencesse a eles, e ela viu o mais fino rastro de fumaça subindo de sua aldeia numa espiral e o contorno cintilante do rio. Lá de cima, parecia que dava para atravessá-la toda com alguns passos gigantescos.

Os meninos haviam levado alimentos e pegaram cada pedacinho do que tinham e comeram com voracidade. Depois, brincaram de um jogo do qual Miúdo se lembrava, em que você escondia um pedaço de pano e o protegia com a própria vida contra o time oponente. Crespo tocava um par de colheres de madeira que tirou do bolso, e todos os meninos se alternaram para dançar com Tiger Lily sobre a superfície lisa de pedra.

Quando as barrigas estavam se aproximando da saciedade, o sol estava se pondo. Tiger Lily tinha visto muitos poentes. Os Comedores de Céu conheciam cada pôr do sol de cor, porque tinham observado cada um deles em cada noite de suas vidas. Eles mantinham listas em suas mentes e podiam até lembrar um ao outro de determinado dia dizendo: "Foi no dia em que o sol estava roxo até chegar na única nuvem, aquela com formato de pássaro". Ou: "Foi no dia em que o pôr do sol estava rosa apenas atrás da Montanha do Urso". Mas este era o mais lindo do qual Tiger Lily conseguia se lembrar. O céu ficou vermelho e laranja e cor-de-rosa e roxo. As nuvens fofinhas, atravessadas pelos últimos raios do sol, desenvolviam uma profundidade convidativa, de modo que pareciam as cavernas do céu de Phillip. Ela imaginou almas vagando pelos túneis das nuvens.

— Olha — disse Peter.

Ao norte havia uma série de vastas planícies relvadas e, ali, parecendo apenas pontos no início, havia uma tropa de cavalos, uma espécie que, na Terra do Nunca, jamais havia sido domesticada. Eram lindos, lampejos de marrom e preto e bege, com a pele cintilante. Não havia motivo que Tiger Lily pudesse identificar para eles estarem correndo. Era provável que simplesmente adorassem correr.

— É assim que eu quero que seja minha vida — disse Peter, encarando os cavalos lá embaixo.

Tiger Lily se apoiou nele e observou a tropa, pensando que também queria aquilo.

Sou apenas uma fada. Não tenho grandes ideias nem grandes sonhos nem anseio por grandes liberdades como as pessoas. Mas eu queria fazer parte do sonho deles também, mesmo que fosse apenas uma pulga cavalgando no rabo deles. Correr e correr e nunca se preocupar – era isso que eles queriam, e eu queria ir com eles.

Puder ouvir a serenidade no coração de Tiger Lily. Eu nunca o tinha ouvido tão calmo, tão em paz, quanto naquela noite, quando ela sentou com Peter e observou aqueles cavalos e sonhou por um instante que nunca teria de perdê-lo ou a si mesma.

O sol mal tinha mergulhado na água quando uma lua crescente ofuscante começou a nascer. Os meninos estavam em silêncio – todos perdidos em pensamentos, observando-a fazer sua subida lenta. Peter colocou o braço ao redor de Tiger Lily e a puxou delicadamente de costas para a grama, de modo que a cabeça dela ficou na curva do braço dele. Ela estava encarando o céu roxo-azulado conforme ficava mais profundo, e as estrelas começavam a furar a noite.

Ela sentiu o calor do braço de Peter sob seu pescoço, e quase parecia que ele era uma extensão dela, como se eles tivessem almas que estavam acomodadas em algum lugar entre os dois corpos. Talvez toda a estranheza dela, sua maldição, sua sensação eterna de ser uma intrusa, só tinham existido para ela poder pertencer a este lugar, com Peter.

Eles ficaram contemplando até as estrelas encherem o céu, como se houvesse mais estrelas do que escuridão, então alguém finalmente se mexeu, e eles se levantaram e se espreguiçaram sem uma palavra, e fizeram a longa caminhada atenta para casa no escuro.

Quando chegamos de volta à toca, Peter anunciou que ia para a cama.

— Você pode ficar? — perguntou ele.

Ela ficou parada ali, desnorteada.

— Onde eu dormiria? — indagou ela.

— Bem, existem muitas cobertas para todo lado.

Os meninos ficaram parados com a boca aberta olhando para os dois. Tiger Lily olhou para a pilha de cobertas no chão, considerando ir embora. Então, sentiu Peter pegar sua mão. Atrás deles, os meninos sussurraram, e Assobio deu uma risadinha de alguma coisa até Mordisco calar sua boca com um beliscão no braço.

Ela o deixou conduzi-la pelo corredor até seu quarto.

Ele deitou na cama e ela deitou ao lado dele, de barriga para baixo. No início, Peter pareceu incomodado. Não estava acostumado a dividir seu espaço. Ele tentou se estender na diagonal, quase chutando-a para fora da cama por acidente, depois pareceu se encolher num pacote menor, puxando os braços na lateral.

— Me desculpe — disse ele —, é uma cama pequena.

Ela encarou todas as quinquilharias que ele tinha espalhadas. Diferentemente da primeira vez em que vira o quarto dele, quando tudo parecia bagunçado, ela percebeu que agora estavam todas cuidadosamente arrumadas: a sereia esculpida pela metade estava cuidando dele de seu ponto no canto, e eu me ajeitei ao lado dela. Os minúsculos pássaros de madeira que ele nunca terminara estavam olhando na direção da porta, como se estivessem prestes a escapar ou para proteger Peter de quem pudesse entrar.

— Você precisa comer mais, Assobio, está parecendo um fantasma — eles ouviram Miúdo dizer no corredor.

— Coma isso — disse Assobio, seguido de um baque e os sons de briga.

Peter colocou a cabeça para fora da porta.

— Ei, meninos, calem a boca! — O corredor ficou silencioso, depois o sussurro dos meninos recuou.

Ele voltou.

— São como crianças — disse. — Não sou um bom modelo.

Ele virou de lado e hesitantemente colocou os braços ao redor dela, rígidos como garras de lagosta.

— Estou feliz por você estar aqui — comentou ele. Ela virou para encará-lo. Deixou ele apoiar a testa na dela. Pensou em ir embora.

— Outras meninas já dormiram aqui. Maeryn veio, e nós a colocamos num grande barril. Mas não sei em relação a você. O que eu faço?

— Não sei.

Ele beijou a bochecha dela.

Em pouco tempo eles ouviram alguns dos meninos roncando na outra ponta do corredor, e a agitação dos inquietos enquanto lutavam contra o sono durante alguns minutos. Depois tudo ficou em silêncio.

Ela virou de costas para ele, e Peter a abraçou, encaixando o queixo no ombro dela, o calor exalando de seu peito.

— Você vai ser minha esposa — disse ele. Estava tentando parecer seguro, mas havia medo na última sílaba, e ela sentiu o coração dele bater mais forte. — Para sempre.

Ela fechou os olhos com força. Puxou os braços dele com mais firmeza ao redor de si. Quando Peter disse esposa, não soou como ser uma prisioneira de jeito algum. Ela pensou em Gigante. Será que eles estavam se perguntando onde ela estava? E se ela não acordasse cedo o suficiente para escapar para casa?

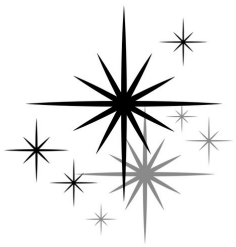
Ele esperou Tiger Lily dizer alguma coisa em resposta, mas ela prendeu a respiração. Peter olhou para o teto por muito tempo, esperando, mas em vão. Seus ombros afundaram levemente nela, e ele não a soltou.

Finalmente, ela sentiu a respiração dele ficar lenta e constante e soube que ele estava dormindo.

Naquela noite, ela descobriu o que eu já sabia: que, durante o sono, Peter era uma pessoa diferente. Ele virava de um lado para o outro e se preocupava em voz alta, fazendo ruídos baixinhos de lamento e, de vez em quando, um choro. Em algum momento profundo da noite, depois de mantê-la acordada com seus espasmos, ele acordou com um susto, e na escuridão quase absoluta, ele a puxou com força, como se eles estivessem no mar e ela o mantivesse flutuando.

Ela sentiu o corpo dele voltando a relaxar, caindo de novo no sono. Manteve os braços ao redor dele, apesar de o de baixo, o direito, começar a doer. O cheiro da toca estava vívido em suas narinas, o mofo e o cheiro de Peter. E ela se sentiu derrotada. Porque não podia deixá-lo. Não podia desistir dele. Toda a força que ela sempre sentira tinha ido para seus braços, para poder abraçar Peter melhor. Não havia como recuperá-la.

Ela o observou sonhar e, depois de um tempo, dormiu. Mas, para o caso de os piratas aparecerem durante a noite, mantive meus olhos na porta. Eu e uma centena de pássaros de madeira.



CAPÍTULO 29

Havia pequenos sinais de que a estação seca estava se aproximando. Certos tufos de árvores continham folhas ficando marrons nas bordas. As chuvas da tarde – que eram comuns até boa parte da estação quente – pareciam estar se dissipando. Tiger Lily percebia esses sinais, assim como todos os Comedores de Céu. Mas ela os notou com uma sensação de pânico. Assim que as chuvas da tarde parassem completamente, haveria um calor seco implacável na ilha. Os aldeões olhariam para o sol a lua e as árvores e anunciariam que sem dúvida a estação seca havia chegado. E ela teria de se casar.

O estado de ânimo da aldeia nesses dias era alheio a ela. Parecia ter acontecido sem ela perceber, e enfatizava o quanto sua atenção havia estado distante por tanto tempo. Porque, em vez de aparecerem na porta de Tic Tac procurando conselhos e remédios, os aldeões agora se reuniam na porta de Phillip. Alguns até tinham adotado o mesmo olhar amoroso, mas de pena, quando olhavam para Tic Tac, como se não tivessem certeza de que ele estava vivendo como a natureza pretendera. Até Tia Pés Grudentos foi pega perguntando às outras mulheres por que ele estava sendo tão teimoso. Ela queria que Tic Tac também fosse para o céu, onde sempre havia alguém para fazer sua fogueira por você, onde você nunca teria de costurar e onde os peixes e a carne se cozinhavam sozinhos. Tiger Lily se perguntou o quanto disso tudo ela havia escutado de Phillip e o quanto tinha conjurado por conta própria. Tia Pés Grudentos era conhecida por ter uma imaginação fértil.

Certa manhã, Tiger Lily encontrou Tic Tac sentado na própria casa quando todos os anciãos estavam reunidos na fogueira.

— Por que você não está com o conselho? — perguntou ela.

Ele estava misturando ervas e movia as mãos com habilidade até mesmo enquanto falava.

— Não fui convidado.

— Por quê? — perguntou ela, surpresa.

Tic Tac enchia bolsa atrás de bolsa com sua mistura de ervas.

— Phillip diz que, quando eu estiver preparado para fazer a coisa certa, posso ir.

Pensar em Gigante na fogueira do conselho, com toda a sua idiotice, e Tic Tac excluído era bizarro demais para ser real.

— O que isso significa? — perguntou ela.

Tic Tac olhou intensamente para ela.

— Eles vão superar isso — disse ela. — Quando pensarem melhor, vão perceber que precisam de você.

Tic Tac ficou calado, como se não tivesse certeza. Ela nunca o tinha visto verdadeiramente inseguro em relação a nada.

Naquela noite, ela teve uma visão maravilhosa ao chegar na toca: as árvores tinham sido adornadas com velas. Os gêmeos estavam içando trouxas e tábuas para os galhos altos. Peter estava orientando tudo enquanto carregava Bebê embaixo de um braço e fazia caretas engraçadas para ele. A visão dele carregando Bebê sempre parecia adequada e ao mesmo tempo inadequada.

Ele sorriu para ela; claramente a tinha ouvido se aproximar.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Vamos dormir nas árvores hoje à noite. Achei que você ia gostar.

Ela sorriu, e Peter pareceu satisfeito consigo mesmo.

— Os gêmeos estão encarregados da nossa cama. Mas tenho que me certificar de que eles estão fazendo isso direito. Segure aqui. — Ele largou Bebê nas mãos dela e escalou a árvore com a rapidez de um macaco.

Ela encarou Bebê, mas ele não chorou. Ele era quentinho e macio. E, apesar de ela saber que não o estava segurando muito bem, tinha se acostumado o suficiente a ele para ser agradável sentir seu corpinho se contorcendo nas suas mãos.

Conforme o crepúsculo se aprofundava, eles reuniram a comida, as bebidas e os jogos e subiram nas árvores, escalando galho por galho. Eram tão altas que dava para ver a sombra da Montanha do Urso delineada contra a última luz do sol poente. O ar cheirava a agulhas de pinheiro e carvalho. Fiquei de olho na floresta lá embaixo, mas tinha começado a relaxar.

Os meninos e Tiger Lily ficaram acordados até tarde jogando cartas. Tiger Lily nunca havia jogado, e Miúdo ensinou as regras. Ela ganhou três de quatro partidas.

— Você algum dia vai vir morar com a gente? — perguntou Assobio.

Tiger Lily olhou para baixo rapidamente para evitar seus olhos.

— Não sei. — Ela não olhou para Peter.

Mais tarde, os meninos se separaram para suas camas na copa das árvores, e Peter e Tiger Lily se aninharam em sua plataforma, enrolados em cobertores finos de camurça. Eles deitaram de

costas, e o céu se mostrou para eles, as estrelas infinitas.

Tiger Lily estendeu a mão e tocou numa folha acima deles, para ter certeza que não estava seca. Estava maleável ao toque.

Fosse o que fosse que sempre perturbava Peter durante o sono, parecia a milhões de quilômetros de distância, agora. Ele estendeu o braço como um travesseiro para a cabeça dela, enquanto a dele estava na tábua dura. Se assegurou que cada pedacinho dela estava coberto. Segurou com firmeza sua cintura com a mão livre.

— Sou confuso demais para você — disse Peter finalmente; isso veio do nada, no silêncio. — É isso o que você acha.

Tiger Lily olhou para ele.

— Peter, não.

Ele a olhou de maneira decidida e pareceu à deriva.

— Você nunca vai vir ficar conosco para sempre?

Ela ficou calada. A cabeça de Tiger Lily estava cheia de pensamentos sobre Tic Tac e Seiva de Pinheiro e Peter e Gigante e como nada disso se encaixava. Depois de um tempo, com o silêncio entre os dois, Peter se deixou levar pelo sono. Demorou muito tempo para ela segui-lo.

Fui eu que acordei primeiro.

Lá embaixo, uma sombra estava se espreitando na noite, lentamente, por entre os arbustos. Conforme se aproximava, ela se tornou silhuetas diferentes – dez ao todo. Homens adultos. Piratas.

Ao meu lado, senti Tiger Lily despertar. Sua pele formigou contra mim, e seu estômago se incendiou com medo. Um instinto a fez levar a mão à cintura em busca da machadinha, que não estava ali. Ela a deixara no pé da árvore, depois de aparar alguns galhos para um dos jogos. Sentiu o braço de Peter disparar por cima dela para contê-la.

Meus pensamentos imediatamente foram para os outros meninos. Será que Assobio ia gritar se acordasse e visse os piratas? Bebê ia chorar?

Segui o olhar de Tiger Lily enquanto ela virava silenciosamente a cabeça para a direita. Nas árvores mais próximas deles, Mordisco estava acordado, seus olhos cintilando para ela sob o luar.

Os piratas rondaram a toca, ficaram em pé acima dela. Smee e outro homem se ajoelharam ao lado do toco de árvore, trabalhando em alguma coisa em silêncio. Faíscas começaram a se lançar de suas mãos. Eles acenderam diversas chamas minúsculas em diferentes pontas do toco. As chamas se espalharam. Uma fumaça começou a se erguer da toca. Ao nosso lado, o corpo de Peter estava rígido e tenso, pronto para lutar. O coração de Tiger Lily estava martelando. Peter e ela poderiam ser páreo contra muitos daqueles homens, mas os outros meninos não eram. Se eles lutassem, os meninos seriam alvos fáceis.

A pira cresceu. Era uma noite ventilada – talvez os piratas tivessem planejado assim –, e as chamas foram sopradas pelo ar. Eles estavam parados com suas adagas e alfanjes empunhados, esperando os meninos emergirem. O que aconteceria quando eles não aparecessem e os piratas começassem a procurá-los?

A fumaça me deixou tonta. Comecei a oscilar. Senti as mãos de Tiger Lily me arrastando para contra seu coração pulsante.

Só Smee não observava as chamas. Estava examinando o chão.

Mordisco deve ter conseguido silenciar os outros meninos, porque não se ouvia nenhum som vindo deles. Esperei ouvir o choro de Bebê, sabia que ia acontecer a qualquer minuto e eles ficariam desprotegidos.

Na luz do fogo, dava para ver as costas de Gancho. Estava puro osso e, nas sombras estranhas, notei, pela primeira vez, que ele parecia quase subnutrido. Eu o vi começar a se afundar em dúvidas quando ninguém saiu da toca, seu corpo se curvou interrogativamente, depois tensamente, mais furioso.

Enquanto os outros estavam encarando o buraco fumegante no chão, ainda tentando entender a situação, a cabeça de Gancho fez uma rotação, e ele pareceu olhar diretamente para nós nas árvores. Eu estava entocada na camurça da túnica de Tiger Lily, e me parecia que o som das minhas asas roçando uma na outra era ensurdecedoramente alto. Parecia que devíamos estar completamente visíveis – grandes blocos escuros e imóveis nas árvores que balançavam com suavidade.

Mas não havia como saber, porque Gancho desviou o olhar. Será que era uma armadilha?

Devemos ter ficado assim por meia hora ou mais.

Conforme a toca virava cinzas, dois dos homens rastejaram para vasculhá-la, tossindo. Quando emergiram balançando a cabeça, Gancho sussurrou para os homens, e eles se espalharam.

Eles andavam logo abaixo de nós. Através da escuridão, Mordisco e Tiger Lily fizeram contato visual; os olhos dele estavam apavorados.

E, lá embaixo, Smee parou no pé da nossa árvore. Estava analisando a machadinha de Tiger Lily. Ele a pegou, passou a mão no punho e a colocou de volta no mesmo lugar. Não tirou os olhos do chão.

Nossa sorte foi que Gancho, Smee e os outros não esperaram até de manhã para voltarmos de onde quer que eles achassem que poderíamos estar. Na luz do dia, seria impossível não nos perceber. Talvez os piratas achassem que tínhamos feito uma armadilha para eles e quisessem ir embora antes de serem pegos.

Eles se afastaram, vigiando a retaguarda enquanto recuavam na direção de onde tinham vindo. Depois de eles irem embora, Tiger Lily e os meninos perdidos permaneceram no alto das árvores, até que a alvorada começou a destacar suas silhuetas uns para os outros. A luz lembrou a eles que ainda estavam vivos.

Eles desceram alarmados.

Perto da toca, ouvi a risada pungente e irada de Peter. Ele estava fazendo piadas sobre a visão dos piratas, dizendo que Gancho não conseguia alcançá-los mesmo quando estavam bem acima do nariz dele.

Mas a risada era débil. O rosto de Peter estava acinzentado. E a toca tinha virado um escombro fumegante.

Foi fácil adivinhar a rota que os piratas seguiram para casa. Eu queria me assegurar que eles tinham ido embora.

Para meu alívio, eu os encontrei indo direto para a enseada. Smee, como sempre, seguia atrás.

Eu estava longe demais para ver o que o atraiu para a água inicialmente. Mas, para minha surpresa, lá estava Maeryn, estendendo a mão para ele na beira da água.

Por um instante, tive certeza que ela o afogaria. Tive esperança de que ela fizesse isso. Mas ela simplesmente lhe entregou alguma coisa que não consegui ver. E, antes que ele conseguisse processar, ela havia mergulhado sob a água novamente. Smee segurou o objeto nas mãos, encarando-o, e eu voei perto o suficiente para ver que era um apito. A voz dela ecoou nos ouvidos dele, dizendo para usá-lo se quisesse chamá-la para a orla.

O que Maeryn poderia querer com Smee, eu só podia imaginar.

Tiger Lily se atrasou para voltar para casa. Quando chegou, Gigante estava esperando na cabana dela. Ficou paralisada. Gigante a olhou de cima a baixo. Ele fedia a óleo de cravo e fumaça de cachimbo e, apesar de Tiger Lily não ser pequena, ele se assomava sobre ela quando se endireitava.

— Onde você estava? — perguntou ele, sugando por entre os dentes, a raiva nos olhos opacos.

O olhar de Tiger Lily voou até o dele.

— Caçando. Eu estava seguindo os rastros de um ocapi que feri. Eu o perdi.

Gigante absorveu isso com insegurança. Seus olhos estavam marejados e ofuscados pela água de cipó-mariri. Ele estava bêbado.

— Se mentir para mim, eu te mato — disse ele. — Você escapa. Eu sei que sim.

Tiger Lily agora encontrou seu olhar mais diretamente.

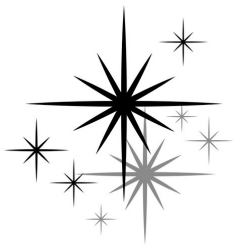
— Não estou mentindo.

Ele oscilou um pouco sobre os pés.

— Chega de escapar — disse ele.

As mãos de Gigante eram enormes. Ele segurou o pescoço dela. Tiger Lily sentiu seus dedos na clavícula e tentou não tremer. O hálito dele atingiu seu rosto várias vezes.

— Minha esposa — disse ele. Depois, ele a soltou e afundou na cama dela. — Eu poderia te matar — murmurou, depois deitou de lado. Primeiro, ele se apoiou num cotovelo, tentando focalizar o quarto. Mas, em seguida, se deixou ceder à gravidade. Seus olhos se fecharam quando ele desmaiou.



CAPÍTULO 30

Peter disse que não tinha sido cuidadoso o suficiente e que colocara os meninos em perigo. Mas todos os meninos insistiam que isso não era verdade. Ele começou a procurar um novo esconderijo e escolheu um ponto acima e do outro lado do rio, além de um canteiro de arbustos de sarça que parecia quase intransitável, e começou a construir. Depois de temer pela segurança deles por tanto tempo, fiquei aliviada de vê-los se mudarem. Eles tentaram deixar o local o mais parecido possível com a antiga toca. Quase como se pudessem fingir que nada havia acontecido.

Tiger Lily ficou em casa por alguns dias, mais tempo do que fazia há muito. Gigante não permitiria de outro modo. Ela sabia que Peter ficaria magoado, e planejava fugir assim que pudesse, mas, até então, a oportunidade não havia surgido.

Ela ajudou Tic Tac a fazer as malas certa tarde. Ele estava indo a uma reunião de xamãs. Essa reunião acontecia duas vezes por ano, na aldeia da Tribo dos Pântanos, e era muito misteriosa. E percebeu que ele estava aliviado por se afastar.

— Pode ficar de olho na minha casa, pequena fera? — perguntou ele, colocando as últimas coisas na sacola de couro.

Ela fez que sim com a cabeça.

Ele se inclinou e a beijou na testa.

— Quando eu voltar, teremos apenas alguns dias antes do seu casamento. Por favor, separe alguns deles para mim — disse ele. — Quero que tenhamos um tempo fora daqui como antigamente, só nós dois. Podemos fingir que nada vai mudar.

Tiger Lily acenou novamente para o sorriso triste dele.

Tic Tac caminhou abatido porta afora, retinindo e pesado com todas as poções e receitas que pretendia compartilhar. Pegou o caminho em direção ao rio e se encontraria com os outros xamãs num ponto distante rio abaixo, era uma jornada de um dia.

Tiger Lily sentou depois que ele partiu, ouvindo o silêncio na casa dele. Pensou numa palavra que ele dissera. Dias. Apenas dias.

Lá fora, o ar estava ficando mais seco. A floresta estava ficando marrom e se fechando em si.

Ela ia se casar.

Ouviu o silêncio e o tic tac do relógio de Tic Tac. Virou para olhar para ele.

No crepúsculo da Terra do Nunca, como em qualquer outro lugar, todas as cores começavam a desbotar uma por uma antes de a noite chegar. A última cor a desaparecer é o verde, e nesses momentos entre o crepúsculo e a escuridão, ele se destaca vivamente pela falta de todas as outras cores, quase brilha.

Enquanto Tiger Lily caminhava para encontrar Peter na ponte para levá-la até a nova toca, o mundo estava com esse tom de verde. O verde gramado alto ao longo do riacho, limo verde na beira da ponte. Folhas verdes em árvores acinzentadas. Ela carregava o relógio enrolado cuidadosamente nas dobras da túnica.

Peter estava em pé na ponte, os cotovelos no corrimão, olhando para a água, para a boca dos crocodilos lá embaixo. Tinha uma tristeza que se revelava por todo o corpo, os braços apáticos, o declínio dos ombros delicados. Mas, quando a viu se aproximando, ele ficou ereto e se animou, levantou os ombros e sorriu como se não houvesse nada de errado.

Ela se apoiou ao lado dele no corrimão. Ele estendeu a mão para ela, mas Tiger Lily levou a mão à barriga e desenrolou a túnica. Segurou o relógio sobre o corrimão, agarrando-o firmemente com as mãos.

— Isso — disse ela — é o tempo.

Peter encarou o relógio, assombrado. Ele estendeu a mão para tocar nos pequenos ponteiros prateados, mas Tiger Lily balançou a cabeça.

— É delicado — disse ela. — Só trouxe para mostrar a você. Tenho que levar de volta.

Ele fez que sim com a cabeça. Ele se apoiou nos cotovelos sobre o corrimão ao lado do relógio e o observou encantado enquanto os segundos tiquetaqueavam. Ele sorriu, e desta vez seus olhos brilharam.

— Acho que acredito nele — disse. Colocou a mão no rosto dela e ajeitou um fio do seu cabelo. — Obrigado.

Assim que ele se afastou, houve um som atrás deles nos arbustos.

Foi tão perto que Tiger Lily e Peter pularam. Peter puxou sua faca. Uma figura saiu dos arbustos.

Seiva de Pinheiro.

Tiger Lily ficou onde estava, no meio da ponte, segurando o relógio de maneira protetora, como se fosse uma ladra.

— Eu estava procurando você — disse ele, os olhos arregalados e absorvendo as coisas aos poucos. — Segui seus rastros — gaguejou.

Eles se entreolharam, depois Seiva de Pinheiro engoliu em seco e olhou para o relógio nos braços dela.

Ela podia ver tudo se juntando na cabeça dele. Viu que ele estava percebendo a mentira. Ele olhou para Peter, depois para ela.

— Mas você vai se casar — disse ele, ainda tentando dar sentido a tudo.

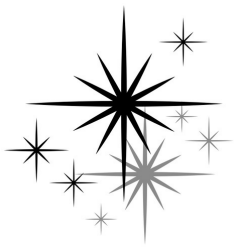
Ao lado dela, Peter ficou perfeitamente imóvel por um instante, depois virou e saiu correndo, desaparecendo na floresta.

Seiva de Pinheiro ficou por um instante a mais do que Peter, sem desgrudar dos olhos de Tiger Lily com seus olhos arregalados e magoados. Em seguida, também virou e saiu na direção oposta.

Tiger Lily, agora sozinha, começou a tremer.

Ela se apoiou no corrimão, olhando para a água lá embaixo, as mãos trêmulas. O relógio vacilou por um instante na ponta de seus dedos. Ela esticou os braços, tentou pegá-lo com os punhos, mas ele ricocheteou neles e escorregou pelo espaço entre suas mãos. Observou em choque quando ele caiu direto no maxilar escancarado do maior crocodilo. Houve um estalo ruidoso dos dentes do animal. Depois veio a percepção da criatura de que alguma coisa estava errada. Ele balançou o rabo de um lado para o outro, angustiado, e deslizou do banco de areia enlameado para a água mais funda.

Só por um instante, ela conseguiu ouvir o tic tac abafado dentro da boca do animal antes de ele desaparecer sob a superfície turva e se afastar encolhido.



CAPÍTULO 31

Ela encontrou Peter tentando convencer um jacamar a sair de seu ninho. Ele tentava imitar seu canto.

— Há quanto tempo você está aí? — perguntou ela.

— O dia todo. Ainda não consegui fazer direito. — Suas sobrancelhas se franziram de concentração e frustração consigo mesmo. — Peter, acerte isso — murmurou ele.

— Achei você pensava que falar com os pássaros era idiotice. — Peter não respondeu. Continuou praticando.

Ela sentou ao lado dele, que colocou as mãos no próprio colo, desistindo por enquanto. Os sons da floresta eram delicados e suaves. Ele finalmente pareceu perceber que ela estava ali e colocou o braço ao seu redor e a beijou no rosto.

— Eu precisava contar a você — disse ela.

Peter a olhou.

— Me contar? — Peter era o melhor em fingir, de todas as pessoas que vi antes ou desde então. Deu um sorriso luminoso e jogou uma pedra numa árvore para praticar o alvo, apesar de haver incerteza sob o sorriso.

— Peter. — A voz de Tiger Lily tremeu. Seu rosto ficou vermelho profundo. — Era verdade. Vou me casar.

Peter riu; a risada saiu borbulhando. Assim que saiu, ficou silenciosa.

— Você está brincando. — Ele sorriu de novo. Era mais um esgar.

— Não estou…

Ele afastou o braço de um jeito impetuoso.

— Seu amigo estava mentindo, e você também está. Por que você mentiria sobre isso?

Ele se levantou. Enfiou as mãos nos bolsos, mais calmo.

— Mas você não vai fazer isso — disse ele baixinho, como se fosse óbvio.

— Estou jurada para fazer isso — argumentou ela. — Tic Tac fez a promessa.

Em segredo, ela queria que Peter dissesse não e exigisse que isso não acontecesse. Queria dizer que precisava dele. Ele ficou calado.

— Vou me casar daqui a doze dias — disse ela, com determinação.

— Você está dizendo a verdade? — perguntou ele sem rodeios.

Ela aquieceu.

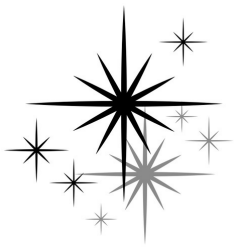
Ele olhou para as árvores acima, como se procurasse os pássaros de antes.

— Peter — sussurrou ela, o orgulho se elevando. De repente, ela queria colocar o máximo de distância possível entre eles. — Era como se, às vezes, minha vida em casa não parecesse real. Às vezes não consigo me ver quando estou com você. Só consigo ver você.

Ele se levantou.

— Você não vale nada para mim, Tiger Lily — disse.

E saiu para a floresta. Ela ficou sentada no chão, ouvindo os cantos dos pássaros.



CAPÍTULO 32

Havia rumores de um navio visto na costa, obtidos de alguns da Tribo dos Pântanos que Pedra e de alguns outros que haviam encontrado numa caçada longa. Phillip ia ao litoral uma vez por dia para procurá-lo e continuava dizendo – meio alucinadamente, todos concluíram – que eles finalmente tinham vindo buscá-lo. Mas Tiger Lily não acreditava de verdade, e nem ela nem eu pensamos nisso com seriedade. Ela iniciou o ritual de dez dias de preparação para o casamento.

Os casamentos na aldeia eram eventos solenes. A cada dia, ela tinha de andar até o rio com as outras mulheres para ser lavada dos pés à cabeça. Cada mulher lhe deu um presente, e estes a surpreenderam pela sinceridade e pela consideração. De Olho da Lua, claro, ela ganhou a saia comprida, com a imagem do pássaro. Mas de Tia Agda foi um par de chinelos forrado com pele. De Folha Vermelha, um colar de concha pintada com um corvo sorridente. De Tia Pés Grudentos, um novo colar de belas penas de peru. Todos feitos de maneira meticulosa e amorosa.

Tic Tac tinha voltado, e ela o viu certa tarde quando passou por sua casa, procurando o relógio desaparecido e resmungando consigo mesmo. Ele não contou isso para ela, claramente certo de que ele mesmo não sabia onde o havia colocado. Mas parecia angustiado, como se isso estivesse pesando sobre ele. Tiger Lily pairava na porta dele, planejando contar, depois hesitava, sem saber como fazer isso sem contar muitas outras coisas. Assim, ela esperou e tentou pensar no que dizer. E se perguntou quando ela havia se tornado o tipo de pessoa que não tinha coragem suficiente para contar a verdade a ele.

Ela não saiu nas caminhadas que tinha planejado com Tic Tac antes de ele ir embora. Ela não conseguia olhá-lo diretamente no rosto, por isso continuava evitando. E, para ser justa, ele parecia tão consumido por outros assuntos que também não se esforçou muito.

Toda noite ela ficava deitada em sua esteira, acordada.

Imaginava Peter aparecendo de diversas maneiras. Ela o imaginava ajoelhado do lado de fora de sua casa, ouvindo sua respiração em pé na fronteira da floresta, esperando ela se levantar para encontrá-lo, andando descalço silenciosamente pela trilha da aldeia à noite, decidido a entrar na casa dela e acordá-la com as próprias mãos, sussurrando para ela não fazer barulho. Cada uma dessas possibilidades parecia tão real para ela quanto a última, deixando sua pele em chamas enquanto ficava deitada acordada. Mas nada mudou. Quando se levantava à noite, quando a lua estava passando pelo meio do céu, e andava até o perímetro da aldeia enquanto todo mundo dormia, ela não via ninguém.

Certa tarde, ela foi procurar Seiva de Pinheiro. Ele a estava evitando, sentando do outro lado nos círculos durante o jantar, pegando um caminho diferente quando a via indo na mesma direção.

Ele estava lixando o chão de sua casa para ficar liso. Não levantou o olhar quando ela se aproximou e colocou a mão sobre uma das varas, se apoiando levemente ali e observando-o.

— Me desculpe por não ter contado a verdade — disse ela, em pé, com as mãos entrelaçadas diante de si, o mais próximo que ela conseguia chegar da humildade.

Ela pensou que ele ia ignorá-la, mas Seiva de Pinheiro levantou o olhar.

— Você vai nos deixar por ele? — perguntou.

Ela olhou para os próprios pés.

— Não. — Ela respirou. — Não sei.

Muitas coisas se contorciam no rosto dele, sendo que uma delas era raiva. Mas a mágoa era a maior.

— Você mentiu para mim.

— Eu sei.

Ele se voltou para o trabalho.

— Eu sempre achei que, se não tivesse que se casar com Gigante, você se casaria comigo. — Sua voz falhou. — Achei que era isso que você ia querer.

Tiger Lily recuou, surpresa.

— Mas você vai se casar com Olho da Lua.

Ele pareceu surpreso por um instante, depois o entendimento se instalou em seu rosto. Ele balançou a cabeça e riu.

— Não.

— Você construiu esta casa para ela.

Seiva de Pinheiro mordeu o lábio inferior com um sorriso pesaroso e olhou para ela, incrédulo.

— Eu a construí para você — disse ele, estupefato.

— Mas…

— Eu sei. Não foi uma coisa racional. Mas eu sabia que você ia gostar. Perto o suficiente de casa, mas, por outro lado, escondida dos olhos de todo mundo.

— Mas Gigante…

— Bem, eu estava planejando envenená-lo quando comecei. — Ele deu um sorriso triste, como se a ideia fosse ridícula, agora. — Depois comecei a ter esperança de que ele ia deixar você ter uma coisa que desejasse. Um presente de casamento.

Tiger Lily ficou em silêncio. Não se sentia digna do presente.

— Tiger Lily, você sabe que Olho da Lua não é para mim.

— Ela é — disse Tiger Lily.

— Ela é como eu. São duas coisas diferentes. Você é… — Ele engoliu em seco. — Você é tudo para mim. Você sabe disso. Não finja que não sabe.

Ela não conseguia olhar para ele. Ela sabia, mas não queria saber. Mais que tudo, ela se preocupava com o amigo. Porque, se não fosse Olho da Lua, não havia ninguém para Seiva de Pinheiro. Ninguém mesmo.

Naquela noite, Tiger Lily ficou sentada no escuro, sem conseguir dormir. Contou os três dias restantes de sua vida livre em silêncio, repetidas vezes. Os ruídos da aldeia tinham cessado por hoje e dado lugar aos sons da floresta, tão ativa depois de escurecer, com cobras e corujas e outras criaturas noturnas mais mortíferas.

Tiger Lily observou o céu do lado de fora de casa por um tempo. Parecia tão baixo e quente, como se ela pudesse esticar a mão e tocar em seu tecido. Finalmente, entrou rapidamente e se estendeu na esteira, jogando um braço acima da cabeça e olhando para o nada. Sem a umidade das épocas mais molhadas do ano, o ar ficava fresco depois do poente. Sua pele parecia seca, e ela esfregou os dedos uns nos outros.

Deve ter caído no sono, porque não o ouviu entrar. Quando ouviu, ele estava ajoelhado bem ao lado de sua cabeça. Ela estreitou os olhos para ele no escuro, quase certa de que era imaginário.

— Tiger Lily, eu não queria dizer aquilo — disse ele.

Peter tocou em seu cabelo com as mãos, pegou os fios entre os dedos.

— Me perdoe.

Ela nunca o tinha visto tão exposto e apavorado. Com os ombros encolhidos, ele parecia menor.

— Você pode ir morar conosco. Podemos ir para muito longe, de modo que nunca sejamos encontrados. Você ainda pode ser minha esposa.

Ele alcançou a mão dela e a apertou.

— Por favor.

— Não posso — disse ela. Foi automático.

— Mas você vai me perdoar. Eu sei que você está com raiva, mas você vai me perdoar. Você não consegue viver sem mim.

Ela sentou.

— Posso viver sem ninguém.

A respiração de Peter ficou mais rápida e mais forte.

— Preciso que você diga que irá.

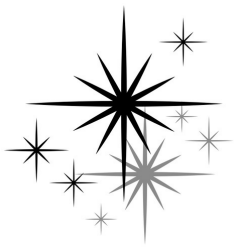
Tudo oscilava de um lado para o outro dentro dela. Ela se sentiu enfraquecer e desmoronar em rendição. Fez sua escolha.

— Preciso de dois dias para me despedir — disse ela, se sentindo enjoada e, ao mesmo tempo, alegre. — Encontro você na ponte, no meio do dia, não amanhã à noite, mas no dia depois. — Ficou impressionada por ser tão pouco tempo. Mas era tudo que ela tinha.

Peter sentou ao lado dela. Envolveu-lhe com os braços. Ele a beijou na bochecha, depois nos lábios. Prendeu seus cabelos entre as mãos como se pudesse levá-lo consigo.

— Tudo bem, Tiger Lily. Tudo bem.

Ele se levantou e saiu tão silencioso quanto chegou. Ela ficou sentada, as pernas enroladas nas cobertas. Senti sua pulsação diminuir. Mas ela não conseguiu dormir. Deitou e observou o ar ficar cinza com a luz da manhã. Estava acordada para ouvir os primeiros movimentos das pessoas acordando. E aí, finalmente, adormeceu.



CAPÍTULO 33

Tiger Lily foi uma das últimas a descobrir o que estava acontecendo naquela manhã. O instinto deve ter dito a todos para manterem distância, andar na ponta dos pés ao passarem por ela, a caminho de fazer o que tinham se convencido que não era um horror.

Ela estava chanfrando uma lança para Seiva de Pinheiro, como presente de despedida. Mantinha a ponta em sua linha de visão e a esculpia. Não tinha voltado a mente para abandonar Tic Tac, porque isso a faria perder a coragem. E não tinha percebido que a aldeia havia ficado silenciosa ao seu redor. Nem eu, tão envolvida que estava na cabeça de Tiger Lily. Seus pensamentos estavam bem distantes, com a toca. Ela só tirou os olhos do trabalho quando ouviu um murmúrio coletivo se erguer na outra ponta da aldeia.

Mesmo assim, não percebeu logo de início que havia alguma coisa errada. Foi a curiosidade que a atraiu pelo caminho até a praça.

Não conseguiu vê-lo de imediato. Sua visão estava obscurecida pela multidão ao redor. Mas então, duas pessoas na frente dela se afastaram, e lá estava ele, sentado. Estava usando seu vestido framboesa. Phillip estava em pé atrás dele. O rosto de Tic Tac estava imóvel e vazio. Na verdade, sua expressão era tão alheia que ela quase não o reconheceu, apesar do vestido e do cabelo longo e escorrido.

Ele encontrou seu olhar; Phillip mexeu as mãos atrás dele e, de repente, ela entendeu o que estava acontecendo.

Phillip levantou o rabo de cavalo de Tic Tac e começou a serrá-lo com sua faca. Tiger Lily se lançou em sua direção, mas a multidão demorou para se afastar e, quando ela chegou à frente, o rabo de cavalo tinha caído no chão com um vush suave.

Phillip colocou no colo de Tic Tac calças de couro marrom padrão, que todos os homens usavam. Avaliou Tic Tac e lhe deu um sorriso.

— Não foi tão ruim, não é mesmo? — perguntou.

Tic Tac encarou as roupas em seu colo.

Tudo acabou rapidamente. A multidão se afastou. Somente enquanto se dissipavam é que as pessoas começaram a murmurar umas para as outras sobre o que tinha acabado de acontecer, com um ar de incerteza. Folha Vermelha voltou e pegou o rabo de cavalo de Tic Tac para dar a ele. Ninguém pareceu entender o que tinham feito com ele.

Tic Tac ficou sentado sozinho, encarando os próprios pés, com a mesma expressão vazia no rosto. Parecia um desconhecido.

Phillip se ajoelhou ao lado dele.

— Você vai ser mais feliz assim — disse de um jeito cordial. — Eu prometo, Tic Tac. As mulheres fizeram as calças para você.

Ele olhou para Tiger Lily, e ela só conseguiu retribuir com descrença no rosto. Nenhuma ira. Ainda não. Phillip se levantou, deu um tapinha no ombro de Tic Tac e se afastou.

Tiger Lily assumiu seu lugar ao lado de Tic Tac, deslizou as mãos para entre as dele, mas seus dedos não reagiram. Sem o cabelo comprido, ele parecia menor, mais velho.

— O que eles fizeram? — sussurrou ela.

Ouviu um ruído e virou para ver Seiva de Pinheiro, que tinha acabado de chegar. Ripas compridas de madeira estavam empilhadas nos seus braços, e ele ficou parado e surpreso, a boca aberta e puxando o ar.

— M-me ajude — gaguejou ela.

Eles levantaram Tic Tac pelas axilas, ele não dificultou. Se levantou e andou, cooperando, mas sem se mover para ficar em pé por conta própria. Deixou que eles o levassem para casa e o colocassem na cama, enquanto Seiva de Pinheiro corria para pegar uma xícara de água quente. Quando ele voltou, Tiger Lily misturou um chá para acalmá-lo e, como anteriormente, Tic Tac apenas cooperou e o bebeu em goles pequenos e lentos. Ela teve a sensação de que, se oferecesse uma xícara de minhocas para beber, ele teria obedecido.

Ela o cobriu com sua coberta de pele. Quando foi até seu baú e viu que tinha sido esvaziado, todos os seus lindos vestidos desaparecidos exceto o que ele estava usando, a ira finalmente se instalou.

Ela encontrou Seiva de Pinheiro do lado de fora, perto da fogueira central. Ele havia pegado as roupas masculinas que Phillip dera a Tic Tac e as estava queimando, peça por peça, na fogueira.

— Você devia ter interrompido isso — disse ele.

— Cheguei aqui tarde demais. Eu não sabia…

— Antes. Você devia ter impedido isso antes. Você sempre está em outro lugar. — Ele não estava com raiva. Só decepcionado. — Você é filha dele.

Ainda devo estar envelhecendo, pensou, porque Tiger Lily sentiu algo totalmente novo. Nunca tinha se sentido covarde.

Percebeu o número de dias se passando e não foi encontrar Peter, tão absorvida que estava em cuidar de Tic Tac.

Ele não reagiu conforme os dias se passavam. Na verdade, era o oposto. Ele se afundou e se fechou em si mesmo. Ele comia quando Tiger Lily o alimentava, mas estava claro que, se ela não o fizesse, ele teria facilmente ficado sem comer. Não ia aos jantares da tribo, não se lavava nem ia à floresta. Parou de procurar distraidamente o relógio. Não tirou seu vestido framboesa e, conforme os dias se passavam, ele acumulava camada sobre camada de terra. Seu cabelo ficou gosmento, oleoso e selvagem, apontando para todas as direções. E, acima de tudo, ele parou de falar. Depois do dia em que seu cabelo foi cortado, ele não disse mais uma palavra. Ficou mudo, como eu.

Como xamã, Tic Tac era a única pessoa que poderia casar Tiger Lily e Gigante. Cada dia que ele continuava na cama significava mais um dia de atraso no casamento. Mas isso era apenas um vago consolo para Tiger Lily.

Sua ansiedade crescia conforme os dias se passavam. No início, ela sabia que ele teria de se recuperar. Depois, começou a se perguntar se iria. Ela afastou o pensamento da mente, porque é claro que ele faria isso. Mas, às vezes, quando ela sentava para observá-lo, reconhecia que ele estava vestindo o rosto de outra pessoa. E não sabia se isso era algo que poderia ser revertido, porque nunca tinha visto isso acontecer.

Obsessivamente, ela se perguntava o que fazer com o inglês. Seu coração ficava cada vez mais insensível em relação a Phillip conforme os dias se passavam, de modo que não conseguia vê-lo sem fechar os punhos. Seu coração ficava amargo e sombrio sempre que ele aparecia em sua mente.

Certa noite, quando ela estava colocando Tic Tac na cama, encarando aquele rosto, subitamente agarrou a mão dele e tentou forçá-lo.

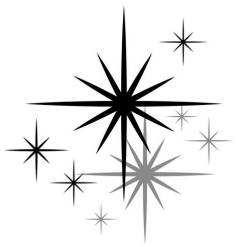
— Tic Tac, tenho uma coisa para contar. Um segredo. Eu peguei seu relógio — sussurrou ela. Ele piscou para ela, mas não fez nenhum sinal de que entendia nem se importava. — Eu o perdi na ponte. Deixei cair na boca de um crocodilo sem querer, e agora ele está nadando pela ilha o dia todo, dizendo as horas para os peixes. Ele se foi.

Tic Tac não se mexeu. Simplesmente piscou para ela.

— Me desculpe. Eu fiz isso porque queria mostrá-lo a alguém. Ele mora na floresta, e eu o visito. Tic Tac, estou apaixonada por Peter Pan.

Se o choque o atingiu, ele não demonstrou. Não pareceu preocupado, nem com raiva, nem surpreso. E isso foi o que mais afundou o coração dela.

Ela não sabia, mas todo esse tempo em que estava cuidando de Tic Tac, estava deixando Peter escapar por entre os dedos. Porque, quando ela voltou sua atenção para ele outra vez, tudo havia mudado e não poderia voltar atrás.



CAPÍTULO 34

Quando ouvi falar pela primeira vez da pássaro Wendy, não prestei atenção. As palavras passaram direto pelos meus ouvidos. A Terra do Nunca era cheia de criaturas das quais eu nunca tinha ouvido falar.

Não liguei isso à manhã em que os guerreiros voltaram correndo da caçada dizendo que, de fato, havia um navio e que este havia ancorado em segurança no nosso litoral.

Os Comedores de Céu, Tiger Lily especialmente, souberam num instante que eles tinham vindo buscar Phillip, como ele dissera que viriam. E Tiger Lily pensou brutalmente que eles poderiam tê-lo levado mais cedo.

Vários membros da tribo se ofereceram para juntar-se a ele na jornada até o navio, agora que a doença do envelhecimento era considerada uma coisa que pertencia apenas aos ingleses e seu estranho continente. Phillip embalou um pouco de comida e presentes da tribo para a viagem até a costa, e Tiger Lily ficou observando ele e os outros se afastarem, na esperança de que ele nunca mais voltasse.

O navio estava ancorado havia alguns dias quando ela finalmente sentiu que poderia sair para encontrar Peter. Garantiu que Tic Tac estava alimentado e deitado na cama para passar a tarde, apesar de saber que Seiva de Pinheiro e Olho da Lua estariam ali para cuidar dele. Encarou furiosa todos que a observaram ao sair.

Peter havia explicado a ela onde ficava a nova toca, mas, mesmo assim, era escondida o suficiente para ela ter de voltar algumas vezes procurando pontos de referência para encontrá-los. Dali, ela seguiu os rastros deles até uma clareira.

Os meninos estavam todos na clareira, rindo de alguma coisa. Para sua surpresa, até Peter estava rindo. Nenhum deles correu para cumprimentá-la. Estavam com a guarda estranhamente baixa.

Parecia esquisito Peter estar de costas para ela e ter continuado assim quando ela se aproximou, apesar de ela poder imaginar o motivo: ele sem dúvida tinha esperado por ela na ponte, e ela nunca aparecera. Mas, por outro lado, havia alguma coisa estranha no modo como ele se portava.

E ela viu, ao mesmo tempo que eu, que havia alguém novo entre eles. Conversando com os meninos, que estavam ouvindo e rindo de maneira extasiada, ela era tão parecida com as descrições de paraíso de Phillip que, por um minuto, achei que era um anjo.

Estava empoleirada numa pedra, usando um vestido cor de copo-de-leite e tinha olhos ainda mais azuis que os de Peter. Seu cabelo era cacheado e caía nas costas e sobre os ombros numa onda cuidadosamente arrumada. A pele parecia uma nuvem de brancura. Sua boca formou um "O" quando ela olhou para Tiger Lily, depois, rápida como um rato, deslizou da rocha e correu para trás de Peter, que virou para ficar entre ela e a coisa medonha que vira.

Quando ele viu quem era, seu corpo relaxou, mas seu rosto ficou frio e inexpressivo.

— Ah, Wendy, é nossa amiga. Tiger Lily.

Os olhos da menina apareceram por sobre o ombro de Peter, depois ela saiu de trás dele, se recompondo. Deu um passo à frente e apertou a mão de Tiger Lily.

— Sou Wendy, prazer em conhecê-la — disse.

Ela voltou para sua pedra, subiu ali outra vez com cuidado, escorregando várias vezes no percurso, apesar de ser apenas uma pedra pequena, e virou para olhar para ela com desconfiança. Peter não fez nenhum movimento para cumprimentar Tiger Lily.

Os olhos de Tiger Lily foram direto para o pescoço da desconhecida. Ficou intimidada ao ver que a forasteira usava um colar cheio de pérolas, como o seu precioso, se bem que o colar de Wendy devia ter umas vinte.

Os meninos estavam todos muito tímidos perto da visitante para falar qualquer coisa.

Finalmente, Mordisco falou.

— Esta é a pássaro Wendy. Nós a vimos numa árvore e achamos que era um pássaro.

— Um dos marinheiros estava me mostrando como escalar. Não temos muitas árvores na cidade. Foi apavorante!

— Ela caiu em cima de mim — disse Crespo numa voz perto do êxtase.

Sempre me maravilhei com a feminilidade de algumas meninas na aldeia de Tiger Lily, mas Wendy era um contraste chocante. A pássaro Wendy era delicada de todas as maneiras. Seus braços e pernas se afunilavam em pulsos e tornozelos minúsculos. Seu queixo era pequeno e tinha uma pontinha fofa. Seu lábio inferior, virado para baixo, puxava a boca para um franzido suave e delicado, que ela corrigia sorrindo com frequência e para tudo que os meninos diziam.

— Tenho que voltar para o navio em breve — disse ela. — Eles vão ficar preocupados.

— Mas você não vai contar a eles sobre nós — disse Peter de maneira vigorosa.

— Não, claro que não. Vou dizer que me perdi procurando conchas.

Peter olhou para Tiger Lily de um jeito sombrio, depois jogou distraidamente uma pedra num alvo atrás da cabeça dela, acertando com precisão.

Wendy ofegou.

— Isso é maravilhoso! Como você fez isso? — Peter pareceu surpreso, sorriu, e arremessou outra no mesmo alvo.

— Incrível!

— Tente, pássaro Wendy — disse Assobio. E Peter fez um sinal de positivo com a cabeça.

— Sim, sua vez de tentar.

Tiger Lily saiu do caminho. Wendy jogou com um movimento frágil, mal planejado, e a pedrinha saiu voando para bem longe à direita da árvore. Ela riu.

— Ah, eu sou terrível. — Ela olhou para Peter e, pela primeira vez, alguma coisa despertou em Tiger Lily. Era uma sensação que ela não reconhecia.

Peter sorriu, riu e pareceu encantado.

— Posso ensinar a você na próxima vez que vier.

Wendy se demorava, apesar de ficar dizendo que tinha de ir embora. Ela ria de tudo que os meninos diziam, até do que era apenas vagamente engraçado. Ela pontuava suas histórias com exclamações de apoio e admiração. E Peter dava a impressão de não ter nenhuma preocupação na vida, de tão fascinado que parecia com a visitante.

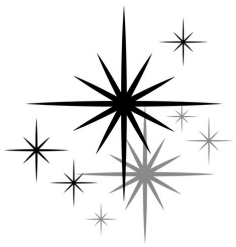
Conforme o tempo passava, Tiger Lily começou a perceber que era apenas parte de um público compenetrado. Finalmente, se mexeu para ir embora.

Quando se despediu, os meninos apenas murmuraram para ela de soslaio, e notei que muitos ficavam corados quando olhavam para Wendy e não conseguiam tirar os olhos dela.

Bem, ela era uma das únicas meninas que eles já tinham visto, pensou Tiger Lily. Apesar de eles nunca terem olhado para ela daquele jeito.

No caminho para casa, Tiger Lily conversou consigo mesma. A pássaro Wendy era linda, mas não era para Peter. Era uma criatura forasteira, de outra espécie – era compreensível que todos estivessem fascinados. Mas Peter pertencia a ela.

Ela se tranquilizou dessa maneira. E sua natureza nobre não permitiria que ela realmente acreditasse que Peter poderia traí-la algum dia. Mas, não importava o que dizia a si mesma, no fundo da alma ela temia a pássaro Wendy. Desde aquele primeiro instante em que colocara os olhos nela, a menina inglesa a apavorava mais do que qualquer outra criatura na floresta.



CAPÍTULO 35

É aqui que eu me torno mais do que uma observadora e entro na história por conta própria. Porque eu decidi voltar, dar outra olhada na pássaro Wendy e possivelmente regurgitar alguma coisa na sua cabeça. E, no instante em que cheguei de novo à toca, senti o mundo ficar preto um instante antes de ser espremida entre duas mãos fortes. Era Peter que tinha me pegado. Como ele memorizou meus hábitos de voo, que, é claro, eram tão rápidos que eu era praticamente inalcançável, eu nunca soube.

— Quero que você fique aqui — foi tudo que ele disse.

Já fui chamada de ciumenta. Vaidosa. Cruel. Sorrateira. Maliciosa. Mas deixe-me dizer o seguinte: quando Peter me capturou e me reivindicou para si, eu fiquei por um motivo certo e um errado. O errado era que eu estava apaixonada, e era difícil dizer não para Peter. O motivo certo e, sinceramente, o maior, era que eu queria ficar de olho na pássaro Wendy em consideração a Tiger Lily.

Peter começou a falar comigo, quando antes só me ignorava. Ele parecia gostar da minha companhia, apesar – ou talvez por esse motivo – de eu não poder responder. Mas eu sabia, ouvindo seu sangue, que era Tiger Lily que rondava em seu coração. Ele pensava nela todas as vezes que olhava para mim. Esperava por ela, e eu não conseguia dizer a ele por que ela não vinha. Devo admitir que tinha esperanças, de tempos em tempos, que a ausência dela fizesse o afeto dele se voltar para mim, agora que ele percebia que eu estava viva. Porém, no fim, não foi Tiger Lily nem eu quem conquistou Peter. As coisas não acontecem com essa perfeição.

Passei a maior parte do meu tempo bem ao lado de Peter naqueles dias. Wendy também. Vindo do navio, suas visitas eram uma parte cada vez mais indesejada dos meus dias.

Ela adorava cantar nessas visitas e tinha uma voz parecida com a de um pássaro. Sempre que Peter estava por perto, ela ficava ereta e mexia no próprio rosto, movendo as palmas pelas bochechas como se pudesse alisar a pele, brincando com a franja loura e cacheada. O coração de

Wendy bateu por Peter imediatamente – não houve um crescimento gradual, nenhuma desconfiança sombria como Tiger Lily tivera, nenhuma hesitação. Wendy não acreditava em situações que ela não pudesse adaptar para se encaixar nela, de modo que não havia necessidade de ser desconfiada. Tinha a confiança jubilosa de alguém que nunca fora colocada num barril de caldo de peru para morrer.

Imediatamente, ela amou Peter, só de olhar para ele. Sua selvageria, suas pontas quebradas, eram apenas coisas a serem absorvidas e amadas também.

Eu a odiava, é claro. E tinha maneiras de deixá-la saber disso. Eu tentava picá-la pelo menos uma vez por dia: não era uma façanha desprezível, considerando que picar pode ser muito doloroso e exaustivo para uma fada. Mas não era por falta de méritos que eu a detestava. Para uma menina que nunca tinha conhecido a floresta, que crescera sendo consolada e mimada, ela se jogou sem medo na vida, na toca e no cuidado com os meninos. Enquanto Tiger Lily via os limites dos meninos e recuava, Wendy gostava de repeli-los com um simples movimento da mão. Ela supôs que eu era o animal de estimação de Peter e que, como não gostava dela, eu estava com ciúmes.

Como Wendy conseguia avançar até a toca, de vez em quando, através de uma floresta que muitos consideravam mortífera, tenho de atribuir a uma questão de sorte e ignorância abençoada.

Tinha uma certeza em relação a si mesma que era inebriante. Era como se ela pegasse o mundo e tudo que estava nele e comparasse com seu próprio livro de regras, e qualquer coisa que estivesse fora do lugar era rapidamente dispensado, e qualquer coisa que se encaixava era mais uma prova de que seu sistema era o certo. Seu sorriso nunca ficava mais iluminado do que quando ela estava sendo observada e admirada por sua beleza.

Como os meninos ainda estavam no processo de arrumar a nova toca, Wendy se ofereceu para ajudar, supondo que eles ficariam perdidos sem ela. Os meninos trabalhavam sob sua orientação confiante. Eles colocaram as portas onde ela insistiu que deveriam ficar. Assobio dava um tapa na testa como se enxergasse com clareza em momentos como esse, e os gêmeos ficavam muito empolgados com a genialidade das ideias dela, e todos fingiam que não conseguiriam ter pensado em nada daquilo por conta própria.

Só Mordisco parecia ter dúvidas em relação a ela, e eu via que ele era o único que achava que poderia haver um conflito de lealdade em se exaurirem para agradar a Wendy e tentarem ser fiéis a Tiger Lily. Mas os outros meninos adoravam ser controlados. Para um grupo de meninos que sempre sentiu orgulho de sua independência, eles pareciam adorar o fato de Wendy querer ser mãe deles. E Peter, de maneira chocante, adorava mais que todos.

Ele com frequência se voltava para ela, confuso.

— Onde devo colocar isto? O que devo fazer aqui?

Wendy estalava o dedo aqui e ali. Peter sorria e obedecia. Era como se alguém tivesse encontrado para ele as respostas a perguntas que o haviam confundido durante tanto tempo. Nas noites depois que Wendy os visitava, ele dormia profundamente e não parecia sonhar com nada.

Por outro lado, Wendy tinha lido alguém chamado Jane Austen. Ela conhecia o romance. Enquanto trabalhava perto dos meninos, ela gostava de se imaginar num livro. Peter era um dos heróis mal-humorados, e ela era a heroína, melhor do que todas as outras meninas que já tinha visto. Era assim que ela enfrentava os dias de terra e lama e insetos. E, claro, sabendo que não seria para sempre.

Ela queria que todo mundo dormisse na mesma hora que ela, duas horas depois do poente, porque era uma pessoa matinal e gostava de visitar cedo, por isso os meninos abriram mão de dormir tarde. Eles adoravam ficar enlameados e bagunçados; ela os obrigava a nadar no rio. Ela levou sabonetes para eles do navio, preciosamente enrolados na bainha do vestido.

— Tenho irmãos no navio, e eles também odeiam ficar limpos, mas é um mal necessário.

Ela adorava ser admirada e se arrumava constantemente. A floresta não permitia que ela estivesse sempre perfeitamente limpa, mas, para os meninos, ela era imaculada como água de fonte.

Peter gostava de observá-la, seus cachos e sua pele branca como lírio. Ela o interessava e o fascinava. E a verdade era que ele queria esquecer Tiger Lily, e Wendy era uma coisa bem-vinda na qual pensar. Porém, quando ele estava na cama, inquieto e uivando por dentro, só pensava em Tiger Lily.

Como você já deve ter adivinhado, Peter tinha uma alma que estava sempre mentindo para si mesma. Quando ele sentia medo, sua alma dizia a si: "Não estou com medo". E, quando alguma coisa era importante e ele não conseguia controlá-la, a alma de Peter dizia: "Isso não importa". Assim, apesar de eu treinar meus ouvidos e tentar arduamente ouvi-lo, nem sempre conseguia descobrir onde ele estava nem o que ele sentia. E, a cada vez que ele deixava Wendy se aproximar um pouco mais, eu não via o que isso significava nem como ia terminar.

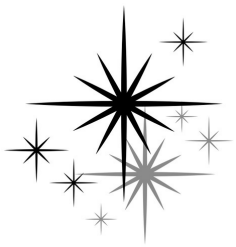
Quando voltei à aldeia para uma visita, para ver o que estava acontecendo com Tiger Lily, um grupo de ingleses tinha voltado com Phillip. Para minha surpresa, em vez de afastá-lo, eles tinham vindo se arrastando… com seus presentes exóticos, seus mapas e sua curiosidade. A aldeia estava um alvoroço de atividade.

Apesar de Tiger Lily aguardar com expectativa o dia em que eles dariam meia-volta, iriam embora e levariam Phillip e todas as suas ideias consigo, os ingleses pareciam ter outras intenções – e tinham se afeiçoado à aldeia como se fosse seu lar. Pelo aspecto de seus habitantes – andando por ali envoltos em chapéus, cachecóis e colares de contas –, os Comedores de Céu tinham recebido essa ideia de braços abertos. Algumas das mulheres mais velhas, incluindo Tia Pés Grudentos, resmungavam e fugiam para suas casas com desconfiança. Mas, de modo geral, era uma comemoração.

A conversa, nos primeiros dias, tinha sido sobre partidas. Agora, a conversa era sobre quantas pessoas eles planejavam deixar para trás, para continuar o trabalho de Phillip e aprender mais sobre as plantas e os nativos, e o que poderiam lucrar com eles, e quando mandariam mais navios de volta e como seria um local lindo e exótico para viajantes e exploradores.

Encontrei Tiger Lily sentada ao lado de Tic Tac, numa bruma de confusão e decepção. Ela questionava se, naquele dia atrás da cachoeira, aonde todas as pessoas eram proibidas de ir, ela havia enfurecido tanto os deuses que eles abandonaram a aldeia para sempre.

Tic Tac não pareceu perceber. Mas, mais tarde, quando tudo havia mudado irreparavelmente, ela se perguntou se ele pensou, como ela, que aquilo era o fim dos costumes da tribo para sempre.



CAPÍTULO 36

Eu seguia Peter em caminhadas solitárias, quando ele atravessava as fronteiras da área onde agora os meninos se escondiam e procuravam rastros de piratas.

Estávamos numa dessas andanças quando Wendy apareceu no nosso caminho. Ela parecia um cervo, assustada e insegura.

Ela sorriu. Não gostei da aparência do sorriso. Tinha confiança demais em sua relação com Peter.

— Os meninos me falaram que eu o encontraria em algum lugar por aqui.

— É.

Peter apoiou os braços numa árvore torta, inquieto, mas feliz por vê-la.

— Eles estão falando de quando vamos partir — disse Wendy. — Acho que vamos deixar algumas pessoas para trás. Mas é claro que eu vou embora.

Peter concordou com a cabeça, os braços imóveis apoiados na árvore.

— Peter, você já pensou em ir embora daqui? — perguntou ela.

Peter balançou a cabeça:

— Claro que não.

Wendy parecia estar reunindo sua coragem.

— Você pode, sabe. Eu poderia cuidar de você. — Ela parecia amedrontada. E, por um breve instante de compaixão, percebi que ela era apenas uma menina humana insegura, como qualquer outra. — Eu poderia te amar — disse ela para o chão, a voz baixa de nervosismo.

Peter ficou em silêncio por alguns momentos. Ele se apoiou com mais força na árvore; sobre sua cabeça, os galhos balançaram um pouco.

— Você não me conhece — disse ele. — Eu mato piratas. E pego tudo.

Wendy levantou o olhar e sorriu com a boca trêmula.

— Não. Você é maravilhoso.

Peter soltou uma respiração lenta e demorada. Wendy se aproximou. Ela o beijou no canto da boca. Ele ficou perfeitamente imóvel. Não retribuiu o beijo. Mas também não se afastou.

Mais tarde eu entendi.

Ao longo dos dias seguintes, eu a observei e vi claramente. Quando Peter cometia erros, Wendy o aplaudia do mesmo jeito. Certa tarde, ele ganhou dela e de todos os outros numa corrida organizada por Miúdo. Ela simplesmente riu, apertou o punho dele com carinho e falou do quanto ele era rápido. Ela ficou tão pouco desanimada de perder que isso fez os meninos se perguntarem se vencer era exatamente o que eles pensavam que era ou se era diferente na Inglaterra.

Quando Peter se irritou com Miúdo mais tarde naquela noite, Wendy sentou ao lado dele na fogueira depois e ofereceu seu apoio.

— É difícil estar no comando — disse ela. — Eles podiam facilitar para você. — Sentei no tronco ao lado dela e pensei em puxar todos os seus cabelos, até mesmo os cílios. Claro que o que ela disse era verdade, mas era algo que Tiger Lily jamais teria dito. Tiger Lily não sabia ser encorajadora. E eu odiava o fato de Wendy saber e de Peter parecer relaxar ao lado dela.

Wendy deixou claro, desde o primeiro dia em que chegou, que nunca poderia se afastar de Peter, e suponho que isso também tenha tido um efeito. Ela o aplaudia e sempre brilhava nos olhos quando olhava para ele. Ela era como um curativo no coração dele e tentou ser o melhor curativo possível, apesar de não saber muito bem do que o estava ajudando a se curar. Toda vez que ela fazia uma coisa gentil para ele, a raiva dizia a ele que Tiger Lily jamais faria algo assim. Até seus pensamentos ficavam mais claros perto dela e mais fáceis de ler.

Comecei a ver que Wendy tinha uma coisa que Tiger Lily nem sabia que deveria ter. De todas as coisas que Tiger Lily pensara que poderia ser por Peter – forte, corajosa; ser grande e aguentar firme –, nunca pensou que a coisa que ele mais queria dela era simplesmente mostrar que acreditava nele, sempre e sem falhas. Para Peter, que temia tanto perder, isso de fato era um grande consolo.

Depois de vários dias, ele não se afastou no tronco quando Wendy sentou ao lado dele. Ficou protetor, de modo que, quando tentei colocar insetos mortos no cabelo de Wendy ou colocar hera venenosa nos lugares onde ela adorava pendurar as panturrilhas, ele me afastou com um peteleco.

Então, certa tarde, quando os dois estavam numa caminhada, comigo arrastando um pedaço minúsculo de pólen para enfiar no nariz de Wendy, com o plano de induzir uma grande quantidade de muco a aparecer, ela o beijou e, por um instante ou dois, ele retribuiu o beijo. Isso transformou a mente de Peter em outro redemoinho, e Tiger Lily cresceu em seu coração e ao redor dele todo. Deixei o pólen cair.

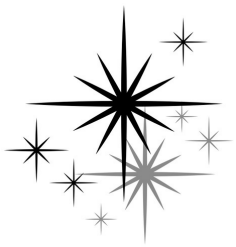
Talvez tivesse sido melhor ficar. Mas eu pressagiei seu destino, antes mesmo de Peter. E eu não aguentaria ver acontecer. Fiz um monte de gestos inúteis e raivosos para eles antes de ir embora, mas eles nem se preocuparam em tentar interpretá-los. Ouvi Wendy dizer nas minhas costas que eu estava indo embora bufando de raiva, e isso me fez parecer pequena, insignificante e supérflua. Mas a verdade era que eu estava escolhendo. Eu ia para o lugar ao qual pertencia.

Fico feliz por ter estado com Tiger Lily naquela tarde, quando ela entrou na casa de Tic Tac e viu que ele não estava na cama. Achou que era um bom sinal, que ele deveria estar acordado andando pela aldeia ou na floresta sozinho, e seu coração se animou.

Mas ele não estava na aldeia e não voltou da floresta.

Ela e Seiva de Pinheiro seguiram seus rastros. Levavam até a beira do rio e entravam.

Ele havia deixado o vestido framboesa na margem.



CAPÍTULO 37

Ela não se lembrava de ter corrido até a casa de Peter. Tentei impedi-la de ir. Voei diante de seus olhos, agitei uma asa em sua narina, mordi seu ombro. Ela não desviou nem uma vez. Seus pés a levaram até uma área circular perto da clareira.

Apenas uma figura estava ali, empoleirada numa pedra, retorcendo alguma coisa entre os dedos.

Wendy sorriu quando a viu, mas de um jeito nervoso, como se ainda considerasse Tiger Lily um animal selvagem.

— Bem-vinda — disse, como se a clareira fosse dela e ela a estivesse convidando a entrar. — Você parece péssima. Está tudo bem?

Tiger Lily afundou sob si mesma. Este era o seu dom, maior que qualquer outro. Em silêncio, fez que sim com a cabeça.

— Sim. Está tudo bem.

— Os meninos saíram para caçar — disse Wendy, olhando ao redor como se precisasse da proteção deles. A minúscula ponta de seu nariz formava um furinho quando ela sorria. — Eu os deixei irem sem mim. Peter está refletindo um pouco. E a melhor coisa é dar espaço a eles.

Tiger Lily fez que sim com a cabeça de novo, apesar de não saber o que Wendy queria dizer.

Wendy parecia desconfortável com Tiger Lily na clareira.

— Por que nós duas não damos uma caminhada?

— Está bem.

Wendy se encantava com as menores coisas conforme elas se embrenhavam pela floresta.

Apontando para uma árvore espinhosa venenosa, ela comentou:

— Que maravilha!

Ou, olhando para as pulseiras de Tiger Lily, exclamou:

— Ah, você tem muita sorte! Elas são tão originais!

Mencionando que ouvira falar do filhote de lobo que Tiger Lily dera a Olho da Lua, ela exclamou:

— Eu sempre quis um filhote de lobo! Ela deve amá-lo tanto! Você pode conseguir um para mim?

Ela segurava a saia acima das pernas enquanto andavam, se assegurando de evitar lentamente essa sarça minúscula e aquele ponto lamacento e pantanoso, porque, de todas as coisas da floresta, ela observava mais o seu próprio vestido.

Elas chegaram a um riacho, e aqui Wendy as fez dar meia-volta.

— Não sei nadar — explicou ela. — Posso ser arrastada. — Tiger Lily pensou em Tic Tac e, por um instante, quis sentar, bem ali no meio do caminho. Mas se empertigou de novo quando Wendy falou.

— Você vai sentir saudade de Peter, tenho certeza, se ele for embora conosco. Não sei se os meninos também vão. Espero que você não sinta raiva demais de mim por roubar seus amigos desse jeito. Mas, acredite em mim, é para uma boa causa.

Tiger Lily tentou processar suas palavras. Ir para a Inglaterra? Peter?

E isso fez Tiger Lily flutuar acima de si mesma, se sentir débil. Afinal, Peter não era dela? Não foi a mão dela que sempre segurou a dele? De que outra maneira isso poderia fazer sentido?

— Ele diz que precisa pensar. — De repente, Wendy a viu com outro olhar. — Talvez você também devesse ir. Todos iam amá-la. Você não é convencionalmente bonita, mas tudo bem. Você é exótica. Eu moro numa linda casa, é grande e amarela, bem em Finsbury Circus. Somos uma família não convencional — comentou com orgulho. — Poderia ficar conosco. Você ia adorar. — Era tão inimaginável para Wendy que Peter pudesse amar Tiger Lily que ela quis incluí-la. Queria arrastar os dois em sua felicidade confiante. Mas Tiger Lily simplesmente ficou calada em resposta.

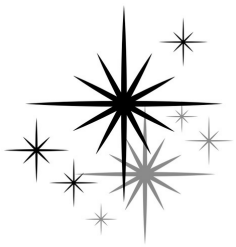
— Você pode contar uma coisa a Peter por mim? — disse ela finalmente.

Wendy fez que sim com a cabeça, animada.

— Pode contar a ele que meu pai se afogou?

Wendy ficou imóvel e pálida, e Tiger Lily se despediu com um aceno de cabeça, depois virou e seguiu o caminho para casa.

Em tudo isso havia um lado positivo. Na aldeia, o casamento havia sido adiado por um ciclo da lua, em respeito ao morto.



CAPÍTULO 38

Os pés de Tiger Lily a levaram até a lagoa. Ela não planejou, simplesmente aconteceu. Eu a segui, impotente. Pairei perto de seu rosto para ver se havia alguma lágrima que eu pudesse capturar. Mas é claro que seus olhos permaneceram secos.

Ela sentou numa pedra. Olhou para o local onde eles haviam feito o baile. Observou as águas-vivas sob a água. Tinha a ideia confusa e meio maluca de que poderia se transportar para aquela noite apenas sentando no mesmo ponto.

Não estava prestando atenção a nada ao redor; apenas se movia dentro de seu próprio espaço infinito. Assim, levou vários instantes para ver um par de olhos observando-a, pouco acima da superfície da lagoa. Ao ver que Tiger Lily a notou, Maeryn ergueu o nariz, a boca e o queixo da água e nadou em direção a ela. Sorriu. O sorriso provocou arrepios em mim e disparou todos os alarmes em minha cabeça. Não consegui distinguir o que ela estava planejando, mas eu sabia que ela não era nada amigável. Eu me aconcheguei no pescoço de Tiger Lily, porque, apesar de os pensamentos de Maeryn serem obscuros demais para eu ouvir, quando seus olhos voaram até mim, ela pareceu saber o que eu sabia. Ela parecia saber de tudo.

— Você precisa de mim — disse a sereia, voltando os olhos para Tiger Lily. — Achei que precisaria.

Maeryn se apoiou sobre os cotovelos na água rasa lamacenta. Mesmo no luto de Tiger Lily, a beleza de Maeryn a assombrava. Maeryn lançou um olhar sagaz e investigativo para ela.

— A água engoliu seu pai. Os peixes viram isso acontecer. — As palavras trepidaram no peito de Tiger Lily, que parecia recentemente oco. — E Peter traiu você em seu momento de necessidade. Estou certa? — Maeryn olhou para ela de maneira inquisitiva, brincando com um fio de cabelo molhado e raspando um pedaço de alga dali com a ponta dos dedos.

Tiger Lily puxou os joelhos até o queixo e os abraçou. Parecia ser toda a resposta de que Maeryn precisava.

A sereia balançou a cabeça.

— Faz parte da natureza dele, como eu disse. Peter sempre vai ser escorregadio. — Ela suspirou e estendeu a mão para tocar num dos dedos do pé de Tiger Lily. Apesar de Tiger Lily saber que não devia, ela deixou a sereia fazer isso. Tive medo que a afogasse, mas Maeryn apenas acariciou seu pé, acalmando-a. — A menina Wendy não pode ficar. — Ela virou os olhos verdes turvos para o rosto de Tiger Lily, de maneira solícita. Fui a única que enxergou a inveja ali. Tiger Lily apenas balançou a cabeça, concordando de um jeito vago… apesar de que ela provavelmente teria concordado com qualquer declaração dita por qualquer pessoa naquele momento.

Maeryn afastou os dedos e escavou uma concha da lama, analisando-a.

— Tem um amigo que quer as mesmas coisas que você — murmurou ela, tirando os olhos da concha. — Posso apresentar vocês dois, se quiser. Se bem que eu acho que você pode já tê-lo encontrado brevemente.

Tiger Lily não respondeu. Eu sabia o nome antes de Maeryn dizê-lo. Voei até o ouvido de Tiger Lily e me empoleirei em seu lóbulo. Senti como se estivesse em chamas com o peso do que eu sabia e não podia dizer.

— O nome dele é Reginald Smee — disse Maeryn.

Mordi Tiger Lily com toda força que consegui. Não sei como eu achei que isso ia ajudar. As mordidas de fadas são piores do que picadas de vespa – pinicam e queimam e doem ao mesmo tempo. Na melhor das hipóteses, eu levaria um peteleco e, na pior, ela poderia me esmagar por acidente em sua súbita reação à dor. Mas o que aconteceu foi pior. Ela nem pareceu perceber. Era como se Tiger Lily nem estivesse realmente ali.

— Ele vai esperar sua fogueira, no alto do platô, toda noite no crepúsculo até vê-la.

Por um instante, os olhos de Maeryn se voltaram para mim. Dava para ver que, naquele olhar, ela viu meu temor, e isso a divertiu. Tiger Lily se levantou para ir embora, e tudo que eu pude fazer foi segui-la.

Ela não foi até Reginald Smee naquela noite. Em vez disso, acordou Seiva de Pinheiro em seu canto no chão da casa dele, tarde. Dormindo, a primeira coisa que ele fez foi abraçá-la. Ele a segurou com força, apesar da imobilidade dela, apesar de seu corpo nunca amolecer junto ao dele. Ele a conhecia bem o suficiente para saber que precisava abraçá-la de qualquer maneira.

— Preciso de ajuda — disse ela.

Pela manhã, nos abrigos confortáveis que a tribo tinha dado a eles, os visitantes acordaram com a suspeita de que alguma coisa estava errada. Por acaso, eu estava na tenda de Phillip à

primeira luz, caçando ácaros.

Ele se ergueu na cama e viu a pena sobre a coberta, bem em cima do próprio peito. Ele a virou diversas vezes, curioso, surpreso por ela ter conseguido entrar durante a noite sem ele saber. E depois ouviu os arranhões no telhado.

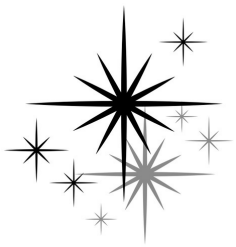
Alguns dos outros já tinham saído.

Ninguém gritou, mas um homem desmaiou. Tive de ficar bem escondida, mas, através das fendas de seu abrigo, observei.

Eram tantos corvos. Corvos nos telhados. Corvos no caminho. Corvos empoleirados em todas as superfícies expostas, de modo que todos os caminhos que atravessavam a aldeia estavam pretos, em vez de marrons.

Os nativos começaram a murmurar uns para os outros. Eles sabiam o que significava, mesmo que os ingleses não soubessem.

Eles tinham certeza – mesmo antes de a verem, em pé na praça, o cabelo cortado tão curto quanto o de Tic Tac havia sido cortado – do que significava. Seus deuses estavam de volta. Tiger Lily os havia chamado. E os ingleses estavam condenados.



CAPÍTULO 39

A Tiger Lily que eu conhecia havia desaparecido. Ouvi e ouvi e não escutei nada dentro dela. Não sei aonde ela foi durante esses dias. Mas seu corpo continuou a existir e fez coisas que eu não conseguia prever.

Eu a segui certa noite até a floresta escura, indo em direção ao platô. Eu a senti tremer. Achei que ela estava com medo de coisas que não conseguia enxergar. Mas, mais tarde, percebi que estava com medo de si mesma.

O que eu podia fazer? Joguei bolotas em seu jarro de água, prendi caules de folhas em suas orelhas, enfiei uma pedrinha irregular em sua narina, tudo para conseguir sua atenção. Mas nada desacelerou seu passo firme. Pela primeira vez, pensei em voltar para meu pântano, no fim das contas. Eu queria estar em algum lugar onde não tivesse de testemunhar.

No alto do platô, ela acendeu uma fogueira e esperou, as costas apoiadas numa rocha e, lá embaixo, na escuridão, dava para ver as luzes de fogueiras minúsculas, todas de diferentes assentamentos por toda a ilha: sua própria aldeia, e até mesmo as fogueiras distantes da Tribo dos Penhascos. As luzes teriam sido reconfortantes em outra noite, mas saber por que estávamos ali me deixava tensa. Tiger Lily esperou, a mão perto da faca, os olhos opacos e imóveis. Ouvi seu coração, mas ele era um poço negro; soava como o céu à noite, quando estava enevoado demais para ver as estrelas.

A floresta lá embaixo estava tranquila. Os animais haviam se refugiado em suas tocas. O mundo todo parecia estar dormindo. Lá em casa, pensei com súbita nostalgia, as fadas estariam reunidas ao redor de uma fonte sulfurosa quente, relaxando e aconchegadas umas nas outras.

Devem ter se passado horas até ouvirmos o som de um par de pés subindo a última ladeira.

Smee apareceu na borda de uma área rochosa irregular na lateral da campina. Seus olhos dispararam até a faca de Tiger Lily quando ele se aproximou. Ela o observou sem expressão.

Quando ele chegou ao círculo da fogueira, se agachou em frente a ela e cutucou as chamas com uma vareta.

— Você está disposta a nos ajudar? — indagou ele.

— Estou — respondeu Tiger Lily sem hesitar.

— Coisas ruins podem acontecer a eles. — Quando disse isso, visões do estrangulamento de Tiger Lily brincaram em sua cabeça. Ele estava tentado a se jogar em cima dela agora, mas sabia que, se fizesse isso, seria um homem morto. Melhor esperar até o momento em que ela estivesse com a guarda baixa, quando chegasse a hora. — Você sabe disso, não é?

Tiger Lily fez que sim com a cabeça. Seus olhos estavam grudados na fogueira.

— Você promete que também vão acontecer com a garota?

Smee concordou com a cabeça. Até ele percebia que alguma coisa havia mudado nela. Analisou seu rosto, e não havia mais nada da selvageria e da compaixão que ele vira e admirara. Ela estava fria e vazia. Ele ponderou que talvez não valesse a pena assassiná-la, no fim das contas.

De repente, uma centelha da antiga Tiger Lily apareceu, só por um instante.

— Mas nenhum dos meninos. Só Peter e Wendy. Se acontecer com os outros… — Ela lançou um olhar de alerta. Não precisava terminar.

Smee engoliu em fundo, visivelmente amedrontado. Mas também, apesar de Tiger Lily não ver, ávido.

Ela desenhou um mapa para ele na terra, delineando-o todo com um dedo firme. Claro, Smee já conhecia a lagoa.

— Vamos precisar de você como isca — disse Smee. Se Tiger Lily estivesse mais em si, poderia ter percebido a armadilha. Mas simplesmente acenou com a cabeça, concordando. Peter a abandonara, mas ela sabia que não a abandonaria para morrer.

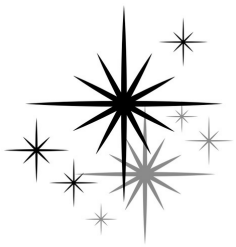
Ela não percebeu o nível de atenção com que Smee analisava seu rosto à luz da fogueira.

— Eles não sabem nadar — disse ela finalmente. Era o suficiente.

Eles combinaram quando e onde se encontrariam. E Smee virou e se arrastou montanha abaixo, ofegante devido ao esforço. Ela o observou se afastando, depois sentou em silêncio, ouvindo o crepitar do fogo.

Enquanto Tiger Lily andava para casa, eu a furei, piquei, puxei vários fios de cabelo. Mas ela me afastava facilmente com um peteleco. Mesmo assim, continuei tentando.

Porque havia duas coisas que eu sabia. Nenhuma de nós poderia realmente ver Peter se afogar e sobreviver a isso. E não era Peter que Smee planejava destruir.



CAPÍTULO 40

— Dizem que há pérolas na Praia das Pedras Brancas.

Tiger Lily estava em pé em meio aos meninos na nova toca. Peter e Wendy tinham saído para dar uma volta. Eles queriam todo tempo sozinhos que pudessem ter, disse Assobio, enquanto Mordisco lançava um olhar irritado para ele. De todos, Mordisco era o único que realmente entendia. No meio de um emaranhado de arbustos, Tiger Lily os tinha visto se afastando, as mãos entrelaçadas, seu coração frio como pedra.

— Seu cabelo — disse Miúdo. — Está… está horrível. — Mordisco deu uma cotovelada nele, mas os olhos de Miúdo estavam colados no couro cabeludo de Tiger Lily. — Ele pegou fogo ou algo assim?

— Por que íamos querer pérolas? — perguntou um dos gêmeos. Ele estava balançando Bebê no joelho. Durante os muitos meses que ela os conhecia, percebeu, Bebê não parecia ter crescido nem um pouco. Será que ele estava preso na infância para sempre?

— Para fazer um presente para a pássaro Wendy — respondeu Tiger Lily. — Ela adora pérolas, vocês não notaram? — Só Mordisco pareceu desconfiado. — Ela pode ficar tão agradecida a ponto de levar vocês para a Inglaterra.

Todos os meninos deram de ombros.

— Está bem — disse Crespo, incapaz de resistir a mergulhar em qualquer coisa que parecesse vagamente um presságio.

Tentei ficar no caminho, mas é claro que eles me desprezaram. Miúdo disse que eu estava tendo um "ataque histérico de mulher". Um dos gêmeos mencionou alguma coisa que tinha ouvido sobre as mulheres enlouquecerem doze vezes por ano. Mordisco apontou que isso era impossível, já que eu não era uma mulher, e que insetos eram apenas irracionais e nunca dava para saber por que eles faziam as coisas que faziam.

Tiger Lily os conduziu pela floresta, até onde o caminho mudava de terra para lama argilosa, seguindo entre pequenos arbustos baixos com espaçamento suficiente para deixar trilhas naturais. Finalmente, eles chegaram ao litoral. Era uma enseada tranquila; a areia branca e quente. E, de fato, o chão logo abaixo da linha d'água era coberto de jazidas com milhares de ostras.

Eles esconderam Bebê num cesto nos arbustos e entraram na água. Na mesma hora, Tiger Lily arrancou seu colar e o deixou cair na água, onde provavelmente nunca seria encontrado.

Por diversos motivos, sua única pérola já não parecia linda como antes.

Os meninos arrastaram suas ostras até a sombra para abrir a casca, com areia grudada nos pés e nas panturrilhas. Nunca houve um grupo mais relaxado e feliz de ter uma coisa nova para fazer.

Tiger Lily tinha levado duas jarras com água de cipó-mariri, amontoando-as nas costas, e agora, enquanto eles estavam sentados sob a sombra de uma palmeira, ela ofereceu a todos. Sentei na garrafa e tentei picar qualquer um que a manuseava, mas eles me espanaram.

Assobio bebeu primeiro. Depois Miúdo. Mordisco pareceu desconfiado, mas tomou um gole. Todos ficaram sentados, conversaram e esperaram os efeitos da água surgirem.

— Eu me sinto esquisito — disse Miúdo e deu um sorriso forçado.

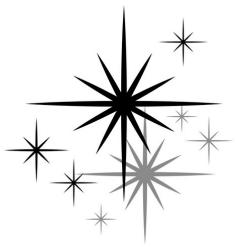
— Eu me sinto bem — disse Assobio de maneira solene. — Mas é meio louco aquela árvore estar sorrindo para mim.

— Você é um trabalho de gênio, Assobio — disse Mordisco.

— Não fale trabalho — disse um dos gêmeos. — Morda a língua.

Tiger Lily deixou cada palavra deles penetrar em seu corpo. Amanhã, ela seria uma desconhecida; eles a odiariam. Ela sabia disso de um jeito vago e distante, como se estivesse olhando para si mesma de cima, sem nenhum poder para mudar as coisas.

Finalmente, Assobio despencou para trás e bocejou. Os outros logo o seguiram. Os meninos falaram e caíram no sono, um por um, até que o último deles estava pacificamente desmaiado na sombra, a batida suave da água os ninando. Quando teve certeza de que todos estavam dormindo, Tiger Lily se levantou em silêncio. Ela se sentiu tentada a esquecer tudo e ficar na praia o dia todo, até eles acordarem, e rir com eles como costumava fazer. Teve uma vontade súbita de beijar o rosto de cada um, mas o gesto teria sido muito estranho para ela. Simplesmente deu um tapinha na mão de Mordisco, do jeito mais afetuoso que conseguiu, antes de se levantar e andar de volta para a floresta.



CAPÍTULO 41

Ela encontrou os piratas na beira da lagoa. Maeryn estava lá, se expondo ao sol numa pedra no meio da água. O Pássaro do Nunca, empoleirado em seu enorme ninho, observava nervoso, depois levantou voo, as asas gigantescas batendo ruidosamente. Ele se empoleirou num dos galhos baixos pendurados sobre a lagoa.

Gancho estava sentado na margem. Se levantou quando a viu, segurando as costas e fazendo uma careta, depois sorriu. Era um sorriso doloroso, com tão poucos dentes. Parecia desesperado e ferido – como se alguém devesse estar tomando conta dele. Ela estreitou os olhos enquanto o analisava. Pareceu duvidar, por um instante, de que ele realmente era o Gancho do qual Peter tinha tanto medo. Mas, por outro lado, havia a propriedade insana em seus olhos. Como caçadora, ela deve ter se tranquilizado. Os olhos insinuavam que ele poderia ser mortífero do mesmo jeito que um gambá raivoso. Ele não fez referência ao estranho corte de cabelo, tão atípico para uma menina. Ele mal pareceu notar.

— É simples, na verdade — explicou ele. — Vamos simplesmente usar as marés. Vamos colocar você na pedra. — Ele apontou para a pedra onde Maeryn agora estava empoleirada. — Peter virá para resgatar você. Vamos garantir que ele consiga chegar lá, mas não voltar. A menina vai ser fácil de pegar. — Gancho estava feliz com o plano. Era simples e claro. Ele jamais teria que tocar em Peter. Não importava no que alguns dos homens acreditavam, ele não ansiava por sentir as mãos ao redor do pescoço do menino. Ele apenas o queria morto.

Gancho tinha mandado Mullins para atrair Peter para longe da nova toca. Os homens todos tinham discutido sobre quem teria de fazer isso. Ele deveria se permitir ser pego e confessar – aparentemente como um comentário casual – que Tiger Lily havia sido capturada. Os homens, explicou Gancho, tinham tirado no palitinho para determinar quem teria de ir, porque sempre havia a possibilidade de Pan matar o homem de imediato. Mas, no fim, Gancho escolhera o melhor mentiroso.

Eles ficaram sentados na margem lado a lado, Tiger Lily com a mão na adaga, Gancho escorado de maneira desajeitada com a mão massageando a lombar, e esperaram. Sentei no chão, minhas pernas na terra fria, tremendo. Tiger Lily observava, olhando de esguelha, o caroço inchado onde antes ficava a mão dele. Percebeu que os pés dele se balançavam de um lado para o outro com a tensão habitual, como se ele os estivesse batendo no chão. Este era um homem que precisava se acalmar.

— Bem, deve ser logo, se eles estiverem vindo — disse ele, quase resignado. Ele entregou um rolo de corda a ela. — Melhor se afastar.

O coração de Tiger Lily mantinha um ritmo lento e constante, enquanto o meu começava a acelerar. Ela se levantou e entrou na água turva da lagoa. Maeryn lhe havia prometido segurança, mas sempre existia a chance de ela quebrar a palavra e tentar afogar Tiger Lily enquanto nadava. Tiger Lily estava mais do que cautelosa. Nadou até a pedra no meio da água sem nenhum incidente e subiu com dificuldade, sentando de pernas cruzadas. Ela estremeceu enquanto enrolava a corda ao seu redor para parecer que eles tinham amarrado seus braços e pernas.

Ela esperou.

Pousei num dente escarpado da pedra e observei a floresta como ela, na esperança de que ninguém aparecesse. As árvores estavam silenciosas pelo que parecia uma eternidade, exceto pelos sons habituais de pássaros e criaturas terrestres. Eu me perguntei se Mullins estava, de fato, morto. Então houve um farfalhar bem suave no arbusto. Mais um instante e um lampejo marrom. E duas mãos afastando o verde dos arbustos, e Peter, encarando Tiger Lily do outro lado da água, e instantes depois, a brancura de Wendy atrás dele.

Uma canoa tinha sido deixada na margem oposta, para dar a impressão de que os piratas tinham descido ali depois de amarrar Tiger Lily. O instinto de Peter deve ter lhe dito que era tudo muito óbvio, mas ele não hesitou. Agachou-se e seguiu pelo limite das árvores, tentando silenciosamente empurrar Wendy para a segurança a cada metro, com Wendy silenciosamente insistindo em segui-lo. Ela não sabia que estava tornando as coisas mais difíceis para ele, em vez de mais fáceis. Estava envolvida na própria bravura.

Olhei para Tiger Lily, depois planei a poucos centímetros sobre a água e fui até a margem. Piquei as mãos de Peter enquanto ele manuseava o barco. Wendy me empurrou para longe.

— Ela me odeia — sussurrou, parecendo pensar que o foco de toda a minha vida estava apontado para ela.

Eu sabia muito bem que, neste momento, eles não iam me escutar, e isso me paralisou de tristeza. Pousei na proa do barco, exausta, e observei, impotente, enquanto eles remavam, Peter acenando para Tiger Lily com as mãos e olhando ao redor em busca de sinais dos piratas, que, ao que tudo parecia, a tinham abandonado à maré que estava subindo.

Eles chegaram à pedra, e Peter subiu para desamarrá-la. Por um instante, ele encontrou os olhos dela. Mas rapidamente virou para ajudar Wendy a sair do barco, de modo que ela não

virasse para dentro d'água sem ele para equilibrá-la. Ela se agachou na pedra, e ele disse para ela segurar a ponta do barco enquanto virava para Tiger Lily. Desci flutuando até uma folha morta.

Foi nesse momento que Tiger Lily deixou as cordas caírem. Ela deslizou para dentro da água como uma enguia. Ao mesmo tempo, o barco pareceu ser espontaneamente levado pela corrente, se soltando da mão de Wendy. Ninguém viu a sombra do corpo de Maeryn por baixo dele, rebocando-o. Para Wendy, a maré parecia estar carregando o barco na direção oposta do que deveria, para fora da boca da lagoa e na direção do mar. Mas Peter não estava olhando. Ele estava observando o local onde Tiger Lily havia desaparecido sob a água, tentando entender.

No início, ele não teve medo. Levou as mãos à boca e gritou pelas sereias.

Esperou alguns minutos, depois as chamou outra vez. A água carregava sua voz alta e clara.

E então ele esperou.

— Elas normalmente vêm de imediato — disse ele para Wendy, preocupado, mas não com medo. Gritou de novo o nome de Maeryn, depois os de outras sereias que eu não conhecia. A água estava impressionantemente silenciosa.

Finalmente, o reconhecimento pareceu se instalar em seu rosto, e um medo foi nascendo. A última emoção a se instalar foi um sofrimento nauseante. Ele soube, naquele exato momento, que havia sido traído.

Eu os observei da minha folha. Não havia nada que eu pudesse fazer agora, mesmo que eles escolhessem me notar. Na outra margem da lagoa, vi Tiger Lily emergir da água e deslizar para os arbustos silenciosamente, mas Peter estava olhando na outra direção. Ficou observando a água durante vários minutos, o rosto pálido. Toda a vida parecia ter sido escoada dele. Comecei a perder o fôlego, agarrando com força a folha onde estava sentada, batendo as asas.

Wendy, até agora confiante e destemida, o estava analisando.

— Bem, alguém vai vir nos buscar — disse ela. Porque era assim que as coisas sempre acabavam para pessoas que eram encantadas. Mas o silêncio de Peter dizia o contrário.

Peter não falou que, dali a uma hora, a maré ia subir e a água estaria acima da cabeça deles, mas ela leu isso em seu rosto. Ele olhava de uma margem para outra, como se alguma coisa pudesse aparecer para ajudar, apesar de nenhum dos dois conseguir imaginar o quê. E Wendy, que não era burra, no fim das contas, começou a tremer, sua respiração se tornando superficial.

— Não posso morrer — disse ela. — Não posso morrer.

Peter colocou o braço ao redor dela.

— Não vamos morrer.

Lágrimas escorriam dos olhos de Wendy, apesar de ela estar mortalmente silenciosa.

Eu não queria assistir, mas não conseguia ir embora. Os minutos se passaram. A água subiu. Os piratas haviam desaparecido na floresta, talvez para ver tudo em segredo, como se Peter ainda os pudesse atingir, mesmo de onde estava.

A água escalava a pedra devagar, mas inevitavelmente.

Peter estava branco como um fantasma. Era a primeira vez, fora de seus sonhos, que eu via o pavor em seu rosto. Ele segurava os braços dela para firmá-la, mas suas mãos tremiam violentamente. Analisou a margem em busca de Tiger Lily ou algum sinal de alguém, mas, além de mim, todos tinham desaparecido. Seus olhos pararam em mim apenas por um segundo. Me perguntei se ele percebeu então que eu havia tentado alertá-lo. Mas ele finalmente apenas virou de novo para Wendy e colocou os braços ao redor dela. Ele se empertigou e pareceu tentar crescer para dar a impressão de ser mais homem.

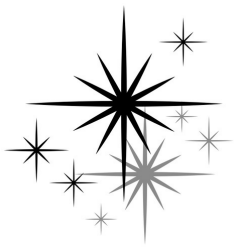
Ela estava calada. A maré parecia se mover mais rápido, agora. Eles tremiam enquanto ela seguia o caminho até o corpo dos dois. Wendy perdeu o equilíbrio sob a água por um instante e deslizou para fora da pedra, mas Peter conseguiu agarrá-la e puxá-la para cima.

Ela começou a ofegar, incapaz de se acalmar o suficiente para respirar.

A folha em que eu estava sentada ficou ensopada o suficiente para afundar. Voei até a margem e me empoleirei num arbusto de frutinhas. Achei que ia vomitar.

O sol estava se pondo, obscurecido da visão pelas colinas mas lançando faixas laranja e roxas para o céu no horizonte, apesar de a escuridão da água engolir as cores em vez de refleti-las.

De onde eu estava sentada, Peter e Wendy eram as duas figuras mais solitárias do mundo. Mas, de alguma forma, Peter era o mais solitário dos dois.



CAPÍTULO 42

Logo estava tão escuro que apenas os verdes estavam brilhando. E depois eles também enfraqueceram conforme a escuridão ficou mais densa.

Eu não a ouvi surgido atrás de mim. Ela estava de barriga para baixo. Eu havia desistido dela. Nem me ocorreu tentar incentivá-la a agir. Quem quer que Tiger Lily fosse, não era mais a pessoa que eu conhecia. Até onde eu sabia, ela havia se infiltrado ao meu lado porque não conseguia resistir a ver o espetáculo de um afogamento.

Do outro lado da água, Wendy parecia estar tendo um tipo de ataque de asfixia. Peter estava segurando sua mão, os pés dele ficavam escorregando. Ele estava desajeitado e desmantelado, encolhido e desesperado.

Tiger Lily se moveu tão devagar que eu mal notei até ela já estar na água.

Ela emergiu sob o ninho do Pássaro do Nunca. De onde eu estava empoleirada, só consegui ver seus olhos cintilando, e que suas narinas estavam acima da superfície escura da água.

De qualquer outro lugar, o ninho pareceria apenas estar flutuando. Parecia se mover de um lado para o outro com as ondas da água, com tanta sutileza que era difícil dizer que estava flutuando em direção à pedra onde Peter e Wendy estavam perdendo o apoio dos pés. Levei as mãos à boca, sem saber muito bem o que estava acontecendo, mas com esperança. Será que isso fazia parte do plano que ela havia negociado com os piratas? Não parecia possível.

A noite estava tão escura que Peter e Wendy eram apenas sombras, quase indistinguíveis da água negra, mas em alerta. Peter tinha visto o ninho flutuando na direção dele. Não ousei me aproximar, por medo de iluminá-los com meu brilho e permitir que algum pirata ainda espreitando os visse.

Tiger Lily estava na metade da lagoa quando tive certeza de que ela havia mudado de ideia e que, de fato, ia salvá-los.

Vi uma barbatana pouco acima da superfície à esquerda dela e voei.

Antes de eu sequer conseguir me aproximar, Tiger Lily foi puxada com força para baixo da água.

Havia três ou quatro delas. As sereias caçam em círculos, como os tubarões. Uma corrente circular ampla marcava onde elas circulavam abaixo. Tiger Lily emergiu uma vez, engasgou e desceu de novo.

Pousei no ninho flutuante, derrapando até parar com uma das minhas asas batendo na água. Ela ficou presa, e eu me agarrei a um ramo, meio submersa. Ao tocar na água, senti um redemoinho de pensamentos sob a superfície – os pensamentos turvos e metade peixe das sereias, iradas pela traição e, depois, mais claros e mais familiares, os de Tiger Lily. Mas era como se houvesse duas dela. Havia uma Tiger Lily que queria seguir Tic Tac para o mundo subaquático e não estava disposta a lutar contra as sereias. E havia uma Tiger Lily que eu conhecia desde quando ela era uma criança. Essa Tiger Lily se debatia com as duas mãos. Ela puxou a adaga da cintura e a brandiu em arco, chutando até subir à superfície. Um grito sobrenatural se ergueu de baixo d'água: uma das sereias, mortalmente ferida. Tiger Lily disparou até o ninho e o empurrou para mais longe, depois empurrou de novo. Ela o viu atingir a pedra nos pés de Peter enquanto ele se esticava para fora o máximo que conseguia. Em seguida, ela nadou na direção oposta. Era quase como um balé aquático – o modo como as sereias a circulavam, como elas desapareciam e ressurgiam na água turbulenta, de novo e de novo enquanto eu esvoaçava acima. O sangue de sereia flutuava na superfície da lagoa em profusão, iridescente e oleoso.

Mesmo assim, não acreditei que ela fosse ter a chance de cruzar até estar lá, se arrastando para a margem lamacenta e empurrando o corpo para a segurança nos arbustos secos. Ela vomitou água no chão, depois engatinhou mais para dentro do arbusto.

Eu agora conseguia ouvi-la, seus batimentos cardíacos, seus braços ao redor das pernas, tremendo. E virei a tempo de ver Peter guiando Wendy do ponto até onde eles haviam remado o ninho até a margem oposta. Observei até eles alcançarem a beira d'água e suas sombras subirem para o solo seco, desaparecendo nos arbustos.

Não sei como uma menina com pulmões em vez de guelras sobreviveu a um ataque como aquele. Até mesmo uma sereia velha e forte como Maeryn teria sido mais do que páreo para qualquer criatura terrestre – humana ou não. Mas eu nunca voltei a ver Maeryn depois daquela noite, e tenho quase certeza de que Tiger Lily deve tê-la matado.

Talvez o que diziam sempre fosse verdade. Talvez a segunda Tiger Lily que ouvi sob a água – aquela que lutava – fosse a menina que fora afogada num barril de caldo de peru mas de algum jeito saíra viva. Talvez ela não pudesse ser afogada.

Mais tarde, Wendy diria às pessoas do navio que eles haviam lutado contra piratas. Mas jamais diria que Tiger Lily os traíra nem que ela havia resgatado os dois. Porque isso significaria

fazer uma pergunta que ela não conseguia compreender: por que a menina nativa pode ter desejado sua morte. Isso não se encaixava em suas ideias de quem era mau e quem era bom, e o que era um final feliz e o que não era.

Escondida, Tiger Lily se levantou, trêmula, molhada e fria, e seguiu seu caminho em direção à ponte que atravessava o riacho dos crocodilos e em direção à sua casa.

Estava apenas pisando na primeira tábua de madeira rangente quando Reginald Smee a pegou, finalmente, com a guarda baixa.

Ele estivera esperando atrás de uma árvore, nem um pouco bem escondido. Mas, no fim das contas, não precisava estar. Antes que ela percebesse, as mãos dele estavam em seu pescoço. Ela não conseguia gritar por socorro.

Mesmo exausta como estava, seus reflexos eram rápidos. Ela e Reginald abalroaram um lado da ponte e depois o outro antes de ela encaixar os cotovelos entre os braços dele. Quando ela os empurrou para fora, soltando seu aperto no pescoço, também o jogou para a frente.

O corrimão da ponte rachou com o peso. Houve um momento em que parecia que o corrimão ia aguentar. E depois um rangido, e uma colisão afundada, o corrimão despencou atrás dele enquanto ele cambaleava.

Os crocodilos estavam preparados.

Tiger Lily se afastou da beira enquanto Reginald Smee caía para trás e chapinhava na água entre os crocodilos. Não houve uma luta de verdade. Nenhum grito nem agitação molhada. Apenas uma rixa entre os crocodilos e muitas mandíbulas estalando, depois o mergulho do animal triunfante subemergindo, e a superfície da água ficou lisa e silenciosa, como se nada tivesse acontecido.

Houve um farfalhar de passos se aproximando pela folhagem, e um segundo depois lá estava James Gancho. Ele absorveu a cena toda de uma vez, a boca aberta de surpresa.

Tiger Lily alcançou a adaga e a segurou diante do próprio corpo. Os dois se encararam; momentos se passaram.

— Ele veio por minha causa — disse ela finalmente.

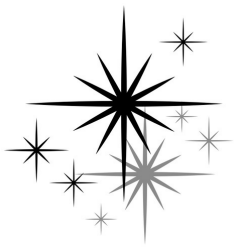
Gancho massageou a nuca, fazendo que sim com a cabeça.

— É — disse. Ele deu um minúsculo passo à frente e olhou para o local onde estivera o corrimão. — Idiota — sussurrou.

Ele odiava a desobediência de seus homens. Sempre o fazia se sentir vazio, como se, mais uma vez, o mundo tivesse provado que não havia ninguém em quem confiar. Ele chutou um pouco da terra da ponte, em repulsa. Soltou um suspiro, porque tinha vivido isso um milhão de vezes, e nunca se surpreendia.

— Bem, Peter está morto. Smee está morto. É comer ou ser comido, acho eu. — Ele meio que estava brincando, mas não havia nenhuma felicidade em seu humor. — Sinto muito — disse ele, e meneou um pouco a cabeça para Tiger Lily de maneira respeitosa, e, por um instante, dava para ver os bons modos que ele havia se esforçado tanto para conseguir. — É melhor eu ir antes que também seja comido.

Ele virou e saiu mancando em direção à floresta, massageando as costas doloridas.



CAPÍTULO 43

Como eu já contei, numa aldeia, as ideias arrebatam as pessoas como tornados e deixam muito pouco espaço para controvérsias no caminho. Foi tomada a decisão, entre os Comedores de Céu, de que os ingleses deveriam ir embora voluntariamente ou seriam perseguidos.

Os corvos haviam dominado a aldeia. Durante uma semana inteira eles invadiam as casas dos Comedores de Céu, se empoleiravam em suas lareiras e excretavam em suas colheitas. E, embora soubessem que aquilo devia ser um feito de Tiger Lily, também sabiam que os deuses estavam por trás dela. E, de qualquer maneira, havia uma diferença entre Tiger Lily e os ingleses. Tiger Lily, apesar de sua alteridade, pertencia a eles. Os ingleses não.

Teria sido chocante, para qualquer pessoa de fora da aldeia, ver a rapidez com que eles se voltaram contra os forasteiros. E foi tomada a decisão, entre os ingleses, de que ninguém ficaria para trás. Eles disseram que era por causa do clima inóspito e das obrigações em casa, mas todos sabiam que era o medo em relação a como a tribo agora olhava para eles, e por causa dos corvos.

Eles começaram a empacotar as coisas, e a aldeia mais uma vez ficou alvoroçada com suas idas e vindas. A partida iminente significava duas coisas para Tiger Lily: que sua tribo voltaria ao modo antigo, de observar o mundo ao redor em busca de sinais, e que Peter deixaria a ilha.

Ela não olhou para Phillip quando ele veio se despedir, estendendo suas condolências em relação a Tic Tac sem sequer parecer atravessar sua mente que ele tinha parte naquilo.

Todos saíram para vê-lo partir, se reunindo nos dois lados do caminho que levava para fora. Não vi quem jogou primeiro, mas, de algum lugar nas fileiras laterais, um objeto voou em direção a Phillip e o atingiu no ombro. Era uma das presilhas de Tic Tac. Depois veio um inhame. E uma espiga de milho. E logo ele estava com os braços ao redor da cabeça, correndo sob uma chuva de vegetais.

Tiger Lily escapou pelo outro lado da aldeia, sem ninguém notar.

A toca toda tinha sido virada de pernas para o ar. Tudo que os meninos iam levar havia sido colocado em sacos. O que não iam levar eles tinham deixado largado aqui e ali: tigelas de argila, brinquedos velhos, a bola que Tiger Lily resgatara da árvore. Ela encontrou Peter sozinho em seu quarto. Estava empacotando coisas numa caixa de madeira: seus desenhos, suas pequenas esculturas extravagantes nunca terminadas.

Ele virou e a viu, depois virou de novo para a arrumação. Ficou calado por vários instantes.

— Você soube que eu resgatei Wendy do afogamento? — perguntou finalmente.

— Soube — respondeu ela, concordando em fingir.

Ele continuou empacotando, como se nada no mundo estivesse errado.

— Você escapou. Estou feliz.

— É. Você vai embora? — perguntou ela.

— É engraçado como os meninos foram rápidos em dizer sim. — Ele enfiou uma escultura de sereia na caixa. — Nunca imaginei. Sou um idiota. — Ele virou e encontrou os olhos dela. — É, eu vou embora.

— Mas você me amou? — perguntou ela com ingenuidade.

Ele a encarou por muito tempo. Parecia muito mais velho, mais sério.

— Sinto muito por Tic Tac. — Não havia nenhum brilho em seus olhos. — Talvez eu só ame uma parte de você. Talvez não o suficiente. — Tiger Lily piscou para ele, e não entendeu como alguém poderia amar apenas uma parte. Seu coração insaciável não funcionava desse jeito. Ela virou para ir embora.

Ele olhou para os próprios dedos.

— Tiger Lily, eu te perdoo. De verdade. E você voltou por mim. — Ele parecia indeciso. — É só que… eu acho que tenho que ir embora.

— Não entendo — disse ela.

— Não faz sentido. Nem para mim — comentou Peter. Ele a analisou. Parecia estar pairando à beira da escolha. Ela sentia que, com uma palavra forte, poderia puxá-lo de volta.

Houve um longo instante entre eles que poderia ter tido um resultado diferente. De todas as vezes que vi os dois juntos, esta é a imagem que está mais gravada na minha alma. São os dois, misturados e separados em peças confusas, e sem entender de verdade o que estavam fazendo.

— Não vou esperar você mudar de ideia — disse ela finalmente, o queixo numa postura teimosa.

Ele mordeu o lábio, pensativo.

— Eu entendo. — E, para Tiger Lily, de repente, de maneira inexplicável, ele pareceu mais velho que ela, e mais sábio, e o pensamento de que aquilo não era justo a atingiu com força, porque ela havia sofrido, e ali estava ele, parecendo que sabia muito mais do que ela jamais saberia.

Ela não voltou para a aldeia. Andou até o que havia restado da cabana de pedra, que tinha a melhor vista do mar. E, apesar de dizer que não o faria, ela esperou por Peter.

Não conseguia identificar quem entrava ou saía do navio: as pessoas lá embaixo – carregando suas coisas a bordo, empacotando os últimos suprimentos e amostras e frutas e carnes secas – eram apenas pontinhos. Mesmo assim, ela sentia que o reconheceria apesar de tão distante. E, pelo que percebeu, ele não embarcou.

Ela estava em pé no penhasco, dois dias depois de eles terem conversado, quando viu o navio puxar a âncora.

Navios veleiros como esse eram de uma geração extinta. Até os navios a vapor estavam sendo substituídos por máquinas mais novas e mais rápidas. Carregavam as pessoas com mais agilidade, espalhando-as por todo o globo de modo que não havia mais nenhum lugar secreto e não descoberto. Tiger Lily não sabia que estava observando uma extinção.

O navio foi levado pelas correntes para longe do porto, ergueu as velas e ganhou velocidade, levando os ingleses consigo. Foi ficando cada vez menor e mais distante. Horas se passaram até virar apenas um ponto desaparecendo no horizonte.

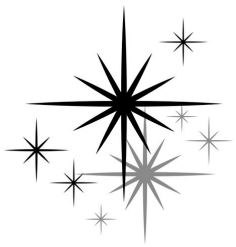
Tiger Lily voltou para dentro da casa, de onde ainda tinha vista para o oceano. Envolveu os braços ao redor do estômago e se manteve acordada. Não queria que ele a pegasse dormindo.

Peter não veio naquela, noite nem no dia seguinte, e ela continuou acordada. Não acreditava que ele poderia realmente ter ido embora, porque, para ela, deixar a pessoa que você ama era impossível.

Durante três dias, ela continuou analisando o horizonte, até mesmo falando com ele, como se um navio que tinha desaparecido pudesse ouvi-la.

— Me escolha.

E Peter realmente escolheu. Mas escolheu outra coisa.



CAPÍTULO 44

Esta é minha pequena participação. É a única coisa que consegui mudar numa vida humana.

Puxei Tiger Lily da beira do precipício.

Depois que Peter foi embora, ela deitou no colchão na casa vazia e se esqueceu de comer.

Ela ficava tentando, na própria cabeça, fazer alguém estar certo. Fazer Peter estar certo ou ela estar certa ou Tic Tac, porque esse era o único jeito pelo qual o mundo poderia voltar a ser um círculo. Mas todos eles estavam errados. Todos tinham quebrado uns aos outros. E esse erro era o que levava seu espírito para longe.

Quando ela se lembrou de beber, não conseguiu se levantar sem ficar tonta, e não conseguiu chegar até a água. Foi aí que ela começou a falar comigo. Ela estendeu a mão para mim e disse o nome que Peter me dera: Sininho. E sorriu. E me falou sobre crescer na aldeia, como se eu mesma não tivesse visto, falou como era ser uma pessoa que todos consideravam amaldiçoada por corvos, e como ela não se importava com o que eles pensavam, de qualquer maneira. Me contou como Seiva de Pinheiro tinha levado os corvos para assustar e afastar todos os ingleses, usando seus cantos de pássaros para invocá-los e mantê-los por perto, e eu não sabia se era verdade ou mentira, acho que ela também não sabia. Disse que se perguntava por que eu nunca voltei para casa, mas que não queria que eu fosse.

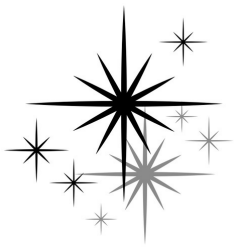
Talvez tenha sido o delírio que a fez conversar comigo desse jeito. Mas isso a manteve acordada, e acho que ficar acordada a manteve viva. Levei coisas que encontrei para ela comer e beber água – nozes e frutinhas minúsculas que eu sabia serem comestíveis –, e ela me deixou colocá-las à força entre seus lábios. E, em pouco tempo, alguém veio procurá-la e a rastreou até o alto do penhasco.

Era de manhã bem cedo quando Seiva de Pinheiro parou na entrada. Ele sentou na cama ao seu lado. Ela se deixou afundar no colo dele. Ela sentia suas pernas longas e esguias, sentia seu

cheiro familiar.

— Eu podia ter sido mais forte — disse ela. — Não fui o suficiente para manter algo tão importante.

— Tiger Lily, você é uma tola — disse ele e beijou sua testa. E, apesar do tamanho dele e do fato de um menino como ele não ter sido feito para aguentar nada nos ombros, ele colocou o peso dela nos ombros e a carregou para casa.



CAPÍTULO 45

Às vezes, penso que talvez sejamos apenas histórias. Como se pudéssemos ser apenas palavras numa página, pois somos apenas o que fizemos e o que vamos fazer. Sei que sou apenas uma fada, um pontinho minúsculo no mundo, mas então olho para as coisas que vi e fiz e me torno uma longa linha rabiscada de alguma coisa importante. Acredito que também é assim para Tiger Lily e para Peter, e até mesmo para Tic Tac e para meu pai e Belladonna, a fada com quem ele fugiu, e para Maeryn e talvez para todos os peixes no mar.

Sei que existem diferentes tipos de histórias com diferentes tipos de finais, mas não posso dizer que, para Tiger Lily, funcionou assim, com algum tipo de final que eu poderia definir. Ainda havia coisas pelas quais eu não esperava.

A primeira foi que Tiger Lily manteve a promessa de Tic Tac. Ela se casou com Gigante numa cerimônia na praça.

Foi como qualquer outro casamento que havia acontecido na aldeia, apesar de um xamã de outra aldeia ter de vir para realizar a cerimônia. Houve danças e alianças e promessas. Ela usou o vestido que Tic Tac havia feito, e Gigante pareceu rabugento e faminto ao mesmo tempo. Mas não encostou nela naquela noite. Era como se a chegada dos corvos finalmente tivesse instalado nele o medo que todos os outros sentiam há tanto tempo.

Outra coisa que eu não esperava era que, depois de duas semanas da noite de núpcias, Gigante estivesse morto.

Ele estava cochilando sozinho em casa, mas nunca acordou. As pessoas atribuíram isso à maldição de Tiger Lily. Porém, também cochichavam que ele havia recebido o que merecia. Tia Pés Grudentos sussurrava uma coisa diferente: dizia que vira Olho da Lua saindo da casa dele naquela tarde, com uma velha jarra de argila de Tic Tac. Mas Tia Pés Grudentos era conhecida por ser alarmista. E mesmo eu nunca soube com certeza.

As coisas ficaram tranquilas por muito tempo. Passávamos as horas do jeito que sempre fizemos, um dia gotejando até o outro, e a calmaria durava e durava. Cinquenta anos se passaram até que outro navio ancorou no litoral da Terra do Nunca. Mas o que são cinquenta anos quando ninguém está envelhecendo?

Era uma época em que nem mesmo os cantos mais remotos do globo continuavam remotos. As sereias haviam se retirado para as partes mais profundas do oceano, sortudas por serem capazes de ir para algum lugar onde jamais seriam encontradas. As fadas também se esconderam, nos pântanos mais densos da ilha e distantes da costa. A tribo não precisou fazer isso. Os visitantes nunca se aproximavam.

Mesmo assim, percebi uma visão curiosa certa manhã quando estava na praia, procurando apetrechos da melhor areia para colocar no cabelo: Tiger Lily numa canoa, remando para ir falar com eles. Ela ainda era curiosa. Phillip não havia matado sua inquietação por saber. E eles ofereceram para ela ir com eles, já que estava tão curiosa. Haveria navios voltando nesta direção dali a um ano, mais ou menos.

Certa vez, Seiva de Pinheiro disse que preferia morrer a ver Tiger Lily domesticada. Acho que Tiger Lily sentia a mesma coisa em relação a Peter, porque ela ficou para trás. Então foi assim que eu, Sininho, fui para a Inglaterra no lugar dela. Porque, como sempre, minha curiosidade superou meu medo.

Cheguei a Londres no início da primavera – passei a morar num arbusto perto das docas, onde poderia ficar de olho nas lagartixas e moscas, que eram pequenas e não intimidavam. Fiquei fascinada e admirada com as meninas, os vestidos, as luzes elétricas e as construções feitas de pedra. Também senti uma saudade imediata de casa, da floresta, do rio, até do meu pântano. Quis deixar Londres quase no mesmo instante em que cheguei.

Conforme os dias se passavam, desisti de ver Peter. Encontrei outras coisas para fazer. As semanas se passavam escorrendo, e eu ainda evitava o bairro sobre o qual Wendy havia falado, que eu encontrei nos mapas, mas não visitei.

Só quando estava perto do fim da minha estada, durante um inverno de um tipo de frio que eu nunca havia imaginado, e quando eu soube que um dos raros navios que navegavam até perto da Terra do Nunca estava programado para partir em dois dias, foi que encontrei o caminho até Finsbury Circus e a grande casa amarela. Fiquei ao mesmo tempo aliviada e abatida ao saber que ainda estava de pé, exatamente como Wendy a descrevera.

Naquela tarde, eu tinha visto neve pela primeira vez. Ela cobriu tudo e tornou tão silencioso, me deu uma sensação de calma, simplesmente uma paz e uma esperança no nascimento de novas coisas. Estava frio, e minhas asas se moviam com rigidez. Minha respiração soprava ao meu redor, mas ninguém em Londres prestava atenção a insetos. No segundo piso, havia uma sacada. Voei para cima sem ser notada e olhei pela janela.

Não havia ninguém em casa. Mas, espiando pelo vidro, não consegui imaginar nenhum lugar mais confortável e seguro, ou mais parecido com tudo que Peter sempre dissera que não queria. Era um cômodo cheio de livros, mas inequivocamente tinha o dedo de Peter. Suas esculturas estavam sobre diversas prateleiras, milagrosamente finalizadas. Havia um antigo arco feito à mão num canto. Uma planta sobre o peitoril – cultivada de uma muda que eu reconheci. Era uma planta com aparência selvagem e folhas grandes que crescia por toda a Terra do Nunca. Ela escalava pelo canto perto do vidro e parecia ter vida própria, estendendo os ramos tortuosamente em todas as direções. Me perguntei o que havia estimulado Peter a mantê-la. Como se ele pudesse manter a vida selvagem num vaso.

Porém, mesmo agora, sem ele aqui, era impossível pensar nele naquele local confortável, envelhecendo e respirando o ar entre quatro paredes. Cinquenta anos depois e eu ainda não o entendia.

Uma porta se abriu à esquerda, e eu perdi o fôlego, porque ele entrou. Eu estava congelada e imóvel, espiando para dentro, incapaz de me mexer, e é claro que ele não me veria, mas seus olhos pousaram imediatamente em mim. Um enorme sorriso se espalhou pelo seu rosto, e ele foi até a janela e a abriu, o ar quente escapando e me atingindo como tenho certeza que o ar frio entrou. Só que não era Peter. O nariz era diferente. Os dentes eram maiores. Não havia nada de selvagem nos olhos. Percebi meu erro.

Ele escancarou a janela.

— Você não pode ser real — disse ele.

Devia estar vinte anos mais velho; ou mais. Bati as asas, tentando cumprimentá-lo. Ele pareceu totalmente perturbado, as bochechas bem vermelhas, bufando de assombro. Ele estendeu a mão para mim, mas voei rápido para trás.

— Sarah, venha ver! — gritou ele por sobre o ombro. Ele virou para mim. — Você está procurando meu pai? — perguntou, meio que brincando.

Ele parecia estar falando retoricamente, e deve ter me considerado uma criatura burra. Estendeu a mão e deu um tapinha no alto da minha cabeça, com o toque delicado de Peter.

— Ele está caminhando no parque, pequenina. Entre para escapar do frio. Você é um tesouro! — Ele estendeu a mão de novo para me pegar, mas eu finalmente recuperei meu bom senso e voei para trás e para longe, e me precipitei por sobre a rua. Fugi antes que ele pudesse utilizar uma ferramenta mais eficaz para me capturar. Os ingleses, eu sabia, adoravam estudar as coisas até a morte.

Mais cedo, no caminho até a casa, eu tinha voado passando pelo parque – um grande trecho oval salpicado de puro branco sob mim. Encontrei Peter ali. Estava andando na direção contrária à da casa, e eu voei atrás dele. Eu teria reconhecido seus ombros de asa de galinha em qualquer lugar. Conhecia seu modo de andar animalesco, mesmo quando ele se movia devagar.

Eu nunca tinha visto Peter de casaco. De costas, ele estava grisalho. Voei até mais perto, para poder ver os poros da pele de seu pescoço, meu coração minúsculo na garganta, e de repente minha coragem me abandonou. Parece que minha curiosidade não tinha superado minha coragem, afinal. Às vezes, amar significa não aguentar ver o ser amado como ele é, quando não é o que você esperava dele. Virei e voltei para as docas, e esperei os dois dias para meu navio partir. Era a última vez que eu veria Peter.

Quando cheguei em casa, um ano havia se passado. E muita coisa havia mudado.

Para mim, o mais surpreendente era que Tiger Lily e Seiva de Pinheiro estavam para se casar.

Ela agora conversava comigo. Depois da casa de pedra, nunca mais parou. Ela me contou que eles estavam simplesmente andando até o rio um dia, se preparando para o nado de sempre, quando ela soube. Disse que pensou que havia diferentes maneiras de amar alguém e que ela costumava achar que algumas eram as mais importantes, mas agora tinha mudado de ideia.

Durante semanas, encarei isso como uma virada trágica dos fatos. Mas, quando tentei vê-lo através dos olhos de Tiger Lily, comecei a enxergar tudo de maneira diferente. Ela ria com ele, com mais frequência do que rira com Peter. O coração dela batia com vigor e firmeza perto dele, como se ele lhe desse força. Dava para ouvir que ela amava cada pedaço do rosto deformado dele, sem um grama de medo.

Algumas palavras significavam algo diferente para Tiger Lily do que jamais tinham significado; algumas sentenças esperaram anos para se desenvolverem completamente em sua mente. Muitas pessoas na aldeia queriam que ela fosse mais feminina, e Peter queria que ela fosse livre e corajosa, mas um pouco menos livre e corajosa do que ele. Mas Seiva de Pinheiro era seguro o suficiente para querer que ela fosse exatamente quem era. E, apesar de haver muitas pessoas que amavam Tiger Lily em sua tribo, e muitas pessoas que Tiger Lily amava, foi isso que restou para ela. Havia três pessoas que a amavam exatamente como ela era. Tic Tac. Seiva de Pinheiro. E eu.

O casamento dos dois me surpreende o tempo todo, porque está sempre mudando. Não se parece em nada com o amor que Tiger Lily tivera com Peter, mas é tão grande quanto ele do seu próprio jeito. Eles nadam juntos nos juncos, e ela se segura no pescoço de Seiva de Pinheiro e envolve as pernas nele, e ele nada como um golfinho. Na água, ele consegue carregá-la. Eles sentam diante da casa que Seiva de Pinheiro construiu e ele chama os pássaros para pousarem nos dedos dela, e ela dá aquela risada fácil. Às vezes, ela caminha pela floresta sem ele durante dias.

Mas, em casa, Seiva de Pinheiro fala sobre poemas e as inúmeras coisas em que pensa, e Tiger Lily sente como se a mente dele também fosse uma floresta e que ela está descobrindo um novo lugar.

As filhas dos dois são pequenas almas famintas e alegres, mas apenas uma delas é meio selvagem como a mãe. A outra é tão feminina quanto qualquer outra menina que já nasceu. Olho da Lua, que surpreendeu a todos vivendo tanto tempo quanto todos, também os surpreendeu se casando com um homem da Tribo dos Pântanos que conheceu numa reunião dos xamãs, depois que ela assumiu o papel de Tic Tac como curandeira.

Não sei quando Tiger Lily parou de envelhecer; não consigo identificar o momento. Mas sei que nunca a vi envelhecer visivelmente além dos dias em que estava com Peter. Gosto de pensar que ela parou de crescer no dia em que eles estavam no platô, admirando os cavalos. Às vezes, quase consigo me convencer de que, naquela noite na montanha, eu de fato ouvi seus ossos rangendo até pararem, sua pele fazer uma pausa, porque aquele dia simples foi a coisa mais importante que aconteceria a ela. Apenas uma tarde, quando nada de maravilhoso aconteceu, só que ela se sentia completamente feliz e completamente em casa. Mas, na verdade, nem eu conseguiria ouvir essas coisas.

Agora há dias em que ela está satisfeita e dias em que está inquieta. Mas nunca há um dia em que ela não enxergue Peter por toda parte. As coisas doem, e não doem, e doem de novo. Oitenta anos depois, ela ainda se sente surpresa por ele ter ido embora. E, em boa parte do tempo, ela está contente. Mas, assim como ela procura Tic Tac em tudo ao seu redor, também procura Peter na floresta, quando está fazendo a colheita, na lagoa, na toca que agora está abandonada. Ela sobe até o penhasco de tempos em tempos e fica em pé ali durante horas, continuando sua longa despedida. Não é por falta de lealdade ao marido. É só que certo dia ela teve quinze anos pela primeira vez, e Peter atravessou seu coração e deixou suas pegadas ali.

De minha parte, devo admitir que passo cada vez mais tempo pensando que eu devia ir para casa. Fico questionando se está na hora de voltar para minha própria família e estar em algum lugar ao qual eu pareça pertencer, mesmo que não seja perfeito. E continuo adiando. Estou sempre dizendo: quando a lua se puser mais trinta vezes, é nesse momento que vou voltar para o pântano. Mas continuo ficando.

Tem mais uma coisa que vou lhes dar. Mais um pedaço da história dos dois. Tiger Lily não me contou. Descobri por conta própria.

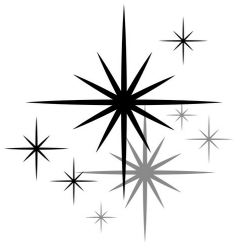
Eu disse que nunca mais vi Peter. Mas tive notícias dele ou, de certa maneira, falei com ele certa noite anos depois, enquanto perseguia uma mariposa que, de alguma forma, tinha conseguido se enfiar nas dobras da esteira de dormir de Tiger Lily. Foi aí que encontrei as últimas palavras que jamais receberia de Peter. O envelope estava coberto de selos, e amassado,

deformado pela água, enrugado e ondulado como o mar pelo qual inúmeros navios o carregaram. A carta havia sido dobrada e desdobrada tantas vezes que ficou macia como veludo. Ela havia conseguido mantê-la em segredo até de mim, que ouvia sua cabeça diariamente.

Não era surpresa o fato de ele ter aprendido a escrever corretamente. Mas aqui está uma parte do que dizia:

> Sabe que sempre achei você mais corajosa do que eu? Você já chegou a pensar que era por isso que eu tinha tanto medo? Não era por amar só uma parte de você. Mas me perguntava se você um dia conseguiria amar mais do que apenas uma parte de mim.
>
> Eu sabia que sentiria saudade de você. Mas o surpreendente é que você nunca me abandona. Nunca me esqueço de uma coisa: todo tipo de amor, ao que parece, é único. Não acontece duas vezes. E eu nunca esperei que alguém pudesse ter o coração partido e ainda amar com ele, tanto que nem parece quebrado. Sei que os jovens olham para mim e pensam que minha juventude está muito distante, mas ela está ao meu redor. E você está completamente ao meu redor. Tiger Lily, você acha que a magia existe se puder ser explicada? Eu posso explicar por que amei você, posso explicar a teoria da evolução, que me diz por que as sereias vivem na Terra do Nunca e em nenhum outro lugar. Mas ainda parece magia.
>
> Os meninos perdidos estavam todos no nosso casamento. Parece estranho para você que eles pudessem estar num casamento que não fosse entre eu e você? Para mim, parece. E eu sinto muito por isso e por muitas outras coisas, e ainda não mudaria nada.
>
> É tão tranquilo aqui. Mesmo com todos os trens, as ruas e as pessoas. Não se parece em nada com a selva. Os meninos cresceram. Tudo cresceu. Você acha que um dia vai crescer? Espero que não. Gosto de pensar que, mesmo que eu mude e desapareça, outras pessoas não o farão.
>
> Gosto de pensar que um dia, depois que eu morrer, pelo menos uma pequena partícula minha – de todas as partículas que vão se espalhar por toda parte – vai flutuar até a Terra do Nunca e vai ser parte de uma flor ou algo assim, como aquele poeta disse, aquele que seu Tic Tac adorava. Gosto de pensar que nada é para sempre e que todos conseguem ficar juntos mesmo quando parece que não, que tudo funciona mesmo quando todas as evidências parecem dizer o contrário, que você e eu sempre seremos jovens na floresta, e que verei você de novo em algum momento, mesmo que não seja com o tipo de olhos que conheço ou entendo. Eu não ficaria surpreso se esse fosse o jeito como as coisas acontecem, no fim das contas – que todas as coisas terminam felizes. Mesmo para você e Tic Tac. E para você e eu.
>
> Para sempre,
> Seu Peter

P.S.: Por favor, mande meu amor para a pequena. Ela sempre foi um insetinho muito divertido.



AGRADECIMENTOS

Obrigada a Sarah Landis, Kari Sutherland e Zareen Jaffrey por serem tão elegantemente inteligentes enquanto cultivavam este livro, a Melinda Weigel por dedicar a ele toda sua atenção cuidadosa, e a todo o pessoal da Harper por sempre me tratarem tão bem. Obrigada a Tara e Misha, que foram pioneiros para me encorajar a pensar em Tiger Lily e Peter; a Rosemary Stimola por sempre colocar as coisas importantes em primeiro lugar; a Liesa e James, Ben Cawood e Maria Bejarano por todo tipo de fundamentação e estímulo; a minha família por seu entusiasmo sem limites; e a Mark por sua fé em mim.



SOBRE A AUTORA



JODI LYNN ANDERSON é autora best-seller do New York Times. Mora com o marido, o filho e um cão melodramático em Asheville, Carolina do Norte, uma cidade que parece ter sido fundada por elfos.

Enquanto crescia, morou em uma infinidade de lugares ao redor do mundo, mas seu verdadeiro lar durante a infância foi uma cidade ao norte de Nova Jersey, onde passou muito tempo caminhando pela floresta com seu gato, olhando as nuvens e brincando de faz de conta.

Tiger Lily foi vencedor do ATLANTIC WIRE YA BOOK AWARD e selecionado para A SCHOOL LIBRARY JORNAL BEST BOOK e A SUMMER INDIE NEXT LIST.



Copyright © 2016 Jodi Lynn Anderson
Publicado em comum acordo com Jodi A Goldenbaum e Stimola Literary Studio, Inc., em conjunto com a agência ILA – International Literary Agency - http://www.ila-agency.co.uk/home

Título original em inglês: Tiger Lily

Coordenação editorial: GIOVANA BOMENTRE
Tradução: CLÁUDIA MELLO BELHASSOF
Preparação: AUDRYA OLIVEIRA
Revisão: MARIANE TORRES
Design de capa: DANI HASSE
Projeto gráfico: LUANA BOTELHO
Diagramação: DESENHO EDITORIAL
Diagramação para ebook: CALIL MELLO SERVIÇOS EDITORIAIS

ESSA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES, PERSONAGENS, LUGARES, ORGANIZAÇÕES E SITUAÇÕES SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DO AUTOR OU USADOS COMO FICÇÃO. QUALQUER SEMELHANÇA COM FATOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTES, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS. OS DIREITOS MORAIS DO AUTOR FORAM CONTEMPLADOS.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

AN545t Anderson, Jodi Lynn
Tiger Lily/ Jodi Lynn Anderson; Tradução: Cláudia Mello Belhassof. – São Paulo:
Editora Morro Branco, 2018. p. 320; 14x21cm.

ISBN: 978-85-92795-46-7

1. Literatura americana – Romance.
2. Ficção Young Adult. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título.

CDD 813

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À:



EDITORA MORRO BRANCO
Alameda Santos, 1357, 8º andar
01419-908 – São Paulo, SP – Brasil
Telefone (11) 3373-8168
www.editoramorrobranco.com.br
Produzido no Brasil

2019


MORROBRANCO
EDITORA